



.....

DOM HELDER:  
O ARTESÃO DA PAZ



*Mesa Diretora*  
Biênio 1999/2000

Senador Antonio Carlos Magalhães  
*Presidente*

Senador Geraldo Melo  
*1º Vice-Presidente*

Senador Ademir Andrade  
*2º Vice-Presidente*

Senador Ronaldo Cunha Lima  
*1º Secretário*

Senador Carlos Patrocínio  
*2º Secretário*

Senador Nabor Júnior  
*3º Secretário*

Senador Casildo Maldaner  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador Eduardo Suplicy

Senador Lúdio Coelho

Senador Jonas Pinheiro

Senadora Marluce Pinto

*Conselho Editorial*

Senador Lúcio Alcântara  
*Presidente*

Joaquim Campelo Marques  
*Vice-Presidente*

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....  
*Coleção Brasil 500 Anos*

# DOM HELDER: O ARTESÃO DA PAZ

*Raimundo Caramuru Barros e  
Lauro de Oliveira*  
Organizadores



*Brasília - 2000*

## BRASIL 500 ANOS

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do País.

### COLEÇÃO BRASIL 500 ANOS

*De Profecia e Inquisição* (esgotado) – Padre Antônio Vieira  
*O Brasil no Pensamento Brasileiro* (Volume I) – Djacir Meneses (organizador)  
*O Brasil no Pensamento Brasileiro* (Volume II) – Walter Costa Porto e Carlos Henrique Cardim (organizadores)  
*Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros* – Rubens Borba de Moraes e William Berrien  
*Catálogo de Exposição de História do Brasil* – Ramiz Galvão (organizador)  
*Textos Políticos da História do Brasil* (9 volumes) – Paulo Bonavides e Roberto Amaral (organizadores)  
*Galeria dos Brasileiros Ilustres* (Volumes I e II) – S. A. Sisson  
*Comunidade e Sociedade no Brasil* – Florestan Fernandes  
*Biblioteca Histórica Brasileira* – Rubens Borba de Moraes  
*Rio Branco e as Fronteiras do Brasil* – A. G. de Araújo Jorge  
*Um Paraíso Perdido (Ensaio Amazônico)* – Euclides da Cunha  
*Formação Histórica do Acre* (Volumes I e II) – Leandro Tocantins  
*Efêmerides Brasileiras* – Barão do Rio Branco  
*Amapá: a terra onde o Brasil começa*, 2ª edição – José Sarney e Pedro Costa  
*Na Planície Amazônica* – Raimundo Moraes  
*Por que construí Brasília* – Juscelino Kubitschek

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2000

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70168-970 – Brasília-DF

CEDIT@senado.gov.br.

<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

---

Dom Helder : o artesão da paz / Raimundo Caramuru Barros e Lauro de Oliveira, organizadores. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

390 p. : il., fots. – (Coleção Brasil 500 anos)

1. Sacerdote, biografia, Brasil. 2. Sacerdote, discursos, ensaios, conferências, Brasil. 3. Câmara, Helder, 1909-1999, discursos, ensaios, conferências. 1. Barros, Raimundo Caramuru, org. II. Oliveira, Lauro, org. III. Série.

CDD 922.281

---

---

*Sumário*

*PRÓLOGO*

FERTILIZANDO O DESERTO

por Lúcio Alcântara

*pág. 11*

*PRIMEIRA PARTE*

DOM HELDER: UTOPIA POR UM MUNDO MAIS FRATERNAL

por Raimundo Caramuru Barros

*pág. 13*

SÍNTESE BIOGRÁFICA

Quem foi Dom Helder Pessoa Câmara

*pág. 15*

PERFIL E TRAJETÓRIA DE DOM HELDER NO SÉCULO XX

*pág. 19*

*SEGUNDA PARTE*

DISCURSOS E PRONUNCIAMENTOS DE DOM HELDER

(1964 a 1991)

Selecionados por Lauro de Oliveira

*pág. 79*

APRESENTAÇÃO

*pág. 81*

Mensagem na Tomada de Posse como Arcebispo de Olinda e Recife

Recife – PE (12-4-64)

*pág. 85*

Inauguração do Seminário Regional do Nordeste

– Recife – PE (2-5-65)

*pág. 97*

Encerramento do Encontro do Nordeste

– Recife – PE (1, 2 e 3-7-65)

*pág. 107*

Encerramento do I Encontro das Federações dos

Trabalhadores Rurais – Carpina – PE (26-1-68)

*pág. 113*

Por ocasião da visita do Eminentíssimo Cardeal Maurice Roy –  
Presidente da Comissão Pontifícia Justiça e Paz – Recife – PE (3-3-68)

*pág. 121*

Encerramento do ciclo de conferência promovido pela *Folha de S.Paulo*  
em torno das conclusões da 2ª Conferência Geral de Episcopado

Latino-Americano – São Paulo (27-9-68)

*pág. 125*

Conferência Ecumênica sobre a Guerra do Vietnã – Kansas

City – U.S.A. (15-1-72)

*pág. 135*

Reunião dos colaboradores da Freckenhoster

Kreises – Alemanha (22-6-72)

*pág. 143*

Universidade de Leiden – Holanda (24-5-73)

*pág. 151*

Prêmio Popular da Paz – Frankfurt – Alemanha (11-2-74)

*pág. 159*

Universidade de Harvard – U.S.A., título de Doutor

*Honoris Causa* em Direito (13-6-74)

*pág. 165*

Palestra em Grenoble – França (8-3-75)

*pág. 173*

Instituto Vienense para o Desenvolvimento – Viena – Áustria (4-7-75)

*pág. 181*

Encontro sobre o “Conflito Social na América Latina e Compromisso  
Cristão” – CELAM – Lima – Peru (6 a 13-9-75)

*pág. 189*

41º Congresso Eucarístico Internacional – Filadélfia – U.S.A. (3-8-76)

*pág. 195*

Mosteiro de São Bento – Olinda – PE. 1.500 anos da morte de  
São Bento (21-3-80)

*pág. 205*

2º Congresso Nacional de Educadores Católicos – Panamá (2-10-80)

*pág. 211*

Estádio de Bérghamo em companhia de Madre  
Teresa, de Calcutá – Itália (19-10-80)

*pág. 219*

Paraninfo do Curso de Pedagogia da Universidade  
Federal de Pernambuco (23-1-81)

*pág. 223*

Catedral de Durbam – Encontro Noturno – Inglaterra (1º -4-81)

*pág. 229*

Paraninfo dos novos membros da Ordem dos Advogados do  
Brasil – Seção de Pernambuco (24-8-81)

*pág. 235*



Abertura do 10º Congresso da UCBC – Florianópolis – SC (28-10-81)  
*pág. 241*

Seminário sobre o “Solo Urbano”  
– Recife – PE (15-11-81)  
*pág. 251*

Paraninfo dos formandos em Engenharia da Universidade Federal de  
Minas Gerais – Belo Horizonte (11-12-81)  
*pág. 255*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, título de  
Doutor *Honoris Causa* (4-3-82)  
*pág. 261*

Prêmio “Artesãos da Paz” junto a Lech Walesa, da Polônia, conferido pelo  
SER-MI-G, Turim – Itália (18-4-82)  
*pág. 269*

Universidade de Santa Úrsula, diploma de Doutor  
*Honoris Causa* (21-5-82)  
*pág. 279*

Paraninfo dos doutorandos da Faculdade de Ciências Médicas FESP –  
UPE – PE (14-7-83)  
*pág. 287*

Simpósio *Crise: oportunidade de mudança* – Assembléia  
Legislativa do Rio Grande do Sul (19-8-83)  
*pág. 291*

Jubileu de ouro da Fundação do Seminário Brasileiro de  
Roma – Itália (15-3-84)  
*pág. 315*

Homenageado pela Ordem dos Advogados do Brasil – RJ (7-5-84)  
*pág. 327*

*Medalha Sobral Pinto*, conferida pela Pontifícia Universidade  
Católica de Belo Horizonte – MG (5-12-84)

*pág. 333*

Despedida como Arcebispo de Olinda e Recife – Igreja da Sé  
de Olinda – PE (15-7-85)

*pág. 339*

Doutor Honorário, agraciado pela Universidade Federal  
de Pernambuco (15-8-85)

*pág. 351*

Título de Cidadão Goiano, conferido pela Assembléia  
Legislativa de Goiás (28-8-85)

*pág. 359*

XIV Assembléia-Geral do Conselho Latino-Americano –  
Recife – PE (16-11-87)

*pág. 363*

“Quartas Culturais” – Rio de Janeiro (9-12-87)

*pág. 371*

Fórum Internacional de Criminologia Crítica – Belém – PA (5-8-90)

*pág. 377*

Ano 2000 sem miséria – Assembléia Legislativa  
de Pernambuco (3-12-91)

*pág. 383*

*ÍNDICE ONOMÁSTICO*

*pág. 387*



---

## *Prólogo*

### FERTILIZANDO O DESERTO

**T**odo livro tem sua história e cada um há de ter sua utilidade. Este que temos agora em mãos é muito especial. Aqui estão textos selecionados de um autor que, sem nunca ter exercido o poder político, fez-se autoridade moral de toda uma nação; sem ter sido artista ou esportista, foi conhecido, respeitado e amado pelo mundo afora, sobretudo nas áreas mais pobres e onde as desigualdades agrediam os mais elementares princípios de justiça. Muito mais que autor das páginas aqui impressas, Dom Helder Câmara – melhor dizendo, Padre Helder, como gostava de ser chamado – foi alguém que varou a História do Brasil neste século XX como muito poucos conseguiriam fazê-lo, abraçando a causa dos humildes, praticando o que de mais essencial o cristianismo propõe, apelando às consciências para a tarefa vital de construção de uma sociedade solidária. Sempre com firmeza, jamais com violência.

*Este livro também cumpre outro papel, o de permitir que a mensagem de Dom Helder, ainda tão atual, possa chegar*

*aos mais jovens, que não tiveram a ventura de conhecê-lo. Mas, também, propiciar aos seus contemporâneos – muitos dos quais se viram impedidos de ouvi-lo ou de lê-lo, por obra e graça da obtusidade autoritária – a oportunidade de refletir sobre candentes questões que permanecem à espera de solução. Nesse sentido, a presente publicação recupera um pouco do muito que se perdeu quando, imaginando-se com o poder de congelar idéias e impedir sua difusão, a longa e densa noite do autoritarismo que se abateu sobre o País decidiu fazer de Dom Helder uma espécie de morto-vivo: dele não se falar em hipótese nenhuma, na tola presunção de ser possível calar-lhe a voz e dobrar-lhe o espírito.*

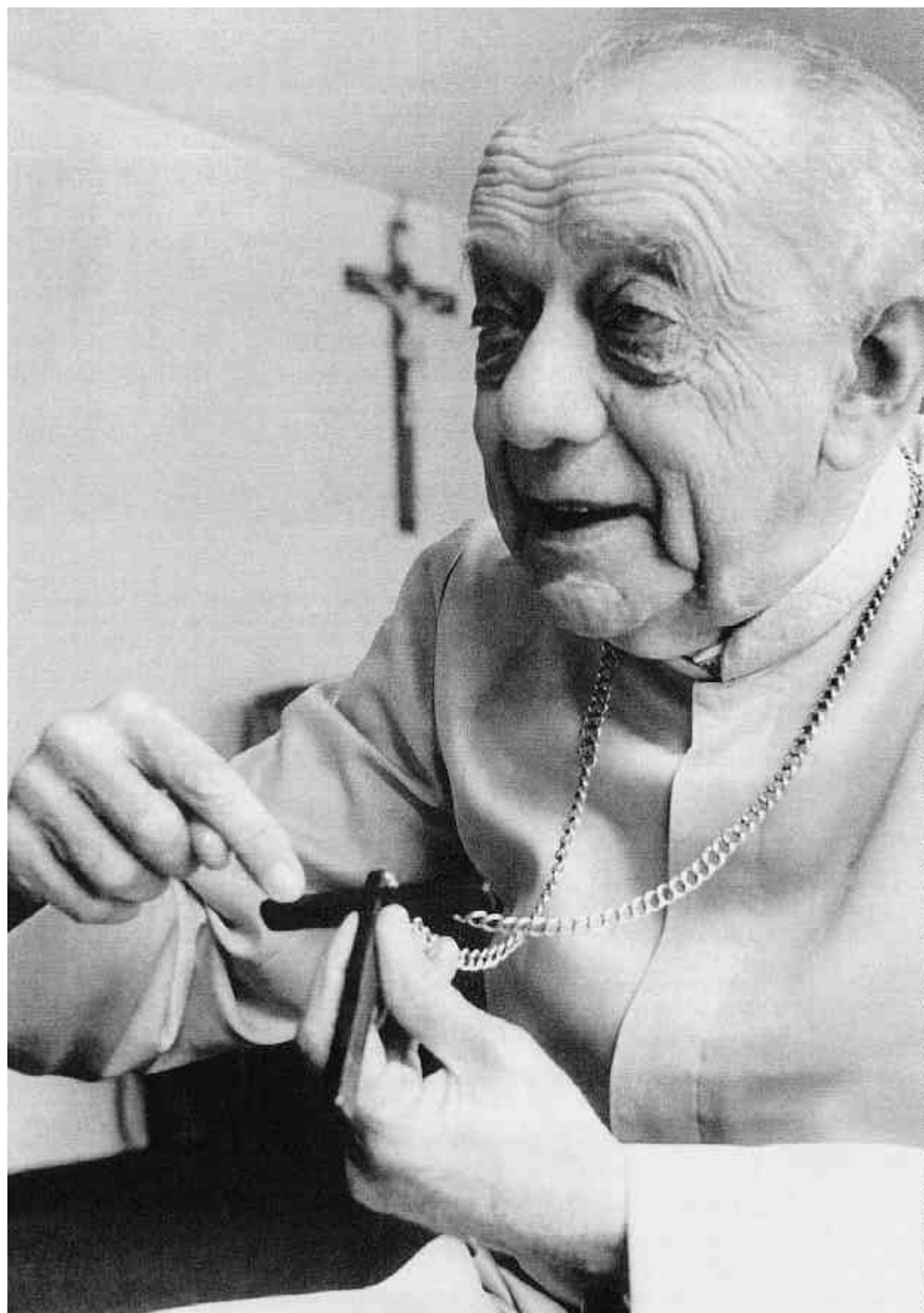
*Daquele corpo franzino, que se agigantava na pregação da fé e da justiça, daquela voz miúda, que se transmutava em possantes amplificadores na defesa da vida fraterna e da paz, ficaram o exemplo de dignidade pessoal, a lição de que há de ser perseverante na dura batalha pelo ideal em que se acredita e a certeza de que, mesmo na aridez do deserto, há espaço para semear e colher. Especialmente porque ele mesmo se encarregou de nos lembrar que, se “há quem tenha entranhas de posse”, também “há quem tenha essência de dádiva”.*

*Assim foi Dom Helder. Firme na opção de ultrapassar o assistencialismo e de clamar por justiça, não apenas apontou caminhos que levam a um mundo mais justo e humano, mas ensinou a melhor forma de percorrê-los: “É possível caminhar sozinho. Mas o bom viajor sabe que a grande caminhada é a vida e esta supõe companheiros. Feliz de quem se sente em perene caminhada e de quem vê no próximo um eventual e desejável companheiro.”*

*PRIMEIRA PARTE*

DOM HELDER: UTOPIA POR  
UM MUNDO MAIS FRATERNAL

*por Raimundo Caramuru Barros*



.....

*Síntese Biográfica*

QUEM FOI DOM HELDER PESSOA CÂMARA

**N***ascido em Fortaleza, Ceará, em 1909, ordenado sacerdote aos 22 anos, em 1931, o Pe. Helder Câmara exerceu os cinco primeiros anos de sua vida sacerdotal sob a orientação direta de Dom Manuel, então arcebispo na capital cearense, dedicando-se à causa da educação católica; dos círculos operários, com atuação especial junto aos jovens e domésticas, em uma cidade, que ensaiava os primeiros passos no caminho da industrialização; destacando-se também por uma presença combativa nos meios de comunicação social.*

*Transferido em 1936 para o Rio de Janeiro, então capital da República, Pe. Helder aproveitou seu cabedal de conhecimento em pedagogia e educação para dedicar-se ao ensino religioso em nível nacional. Criou então a revista catequética, e como assistente geral da Ação Católica criou a Revista do Assistente Eclesiástico. Em 1946, tornou-se Conselheiro da Nunciatura Apostólica no Rio de Janeiro. Como emissário do Núncio, acompanhou o processo do desenvolvimento regional do Brasil, sobretudo no Nordeste, no Vale do Rio Doce, no Vale do Paraíba,*



*e na Amazônia. Seu objetivo era antecipar as soluções pastorais cabíveis, face a esses novos desafios.*

*No início dos anos 50 dedicou-se no Rio de Janeiro aos problemas das favelas; acompanhou os movimentos migratórios do interior brasileiro para as grandes capitais, e aliou-se ao Ministério da Agricultura e à Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), para promover a Reforma Agrária e o Desenvolvimento Rural no Brasil, como a solução mais adequada para a favelização de capitais como Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Recife. Em 1952 conseguiu de Roma a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, da qual foi Secretário-Geral por três mandatos consecutivos. Sagrado bispo auxiliar do Rio de Janeiro em 1953, foi o principal organizador do Congresso Eucarístico Internacional, realizado nesta arquidiocese em 1955. Tirando proveito dessa experiência e de seu invejável talento enquanto comunicador, passou a organizar grandes celebrações populares da Semana Santa no estádio do Maracanã, com transmissão para todo o Brasil. Com o Bispo chileno Dom Manuel Larraín, ajudou a criar o Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), do qual foi mais tarde Vice-Presidente por duas vezes consecutivas.*

*Na segunda metade dos anos 50, Dom Helder lançou no Rio de Janeiro duas experiências: a experiência primeira de habitação popular no Brasil sob os auspícios da Cruzada São Sebastião e a primeira experiência brasileira de um banco Popular, ao criar o Banco da Providência. Nesta mesma época foi Membro do Conselho Nacional de Educação ao lado de Anísio Teixeira. Em 1956 articulou o movimento dos Bispos do Nordeste, que levaram Juscelino a criar a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Juntamente com D. Eugênio Sales e D. José Távora conseguiu que Jânio Quadros criasse o Movimento de Educação de Base (MEB), o primeiro movimento de alfabetização e educação popular em nível nacional, através do Rádio. Apoiou*

*decisivamente, secundado por D. Eugênio Sales e D. Fernando Gomes, junto ao Governo João Goulart, a criação dos Sindicatos Rurais, e da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG.*

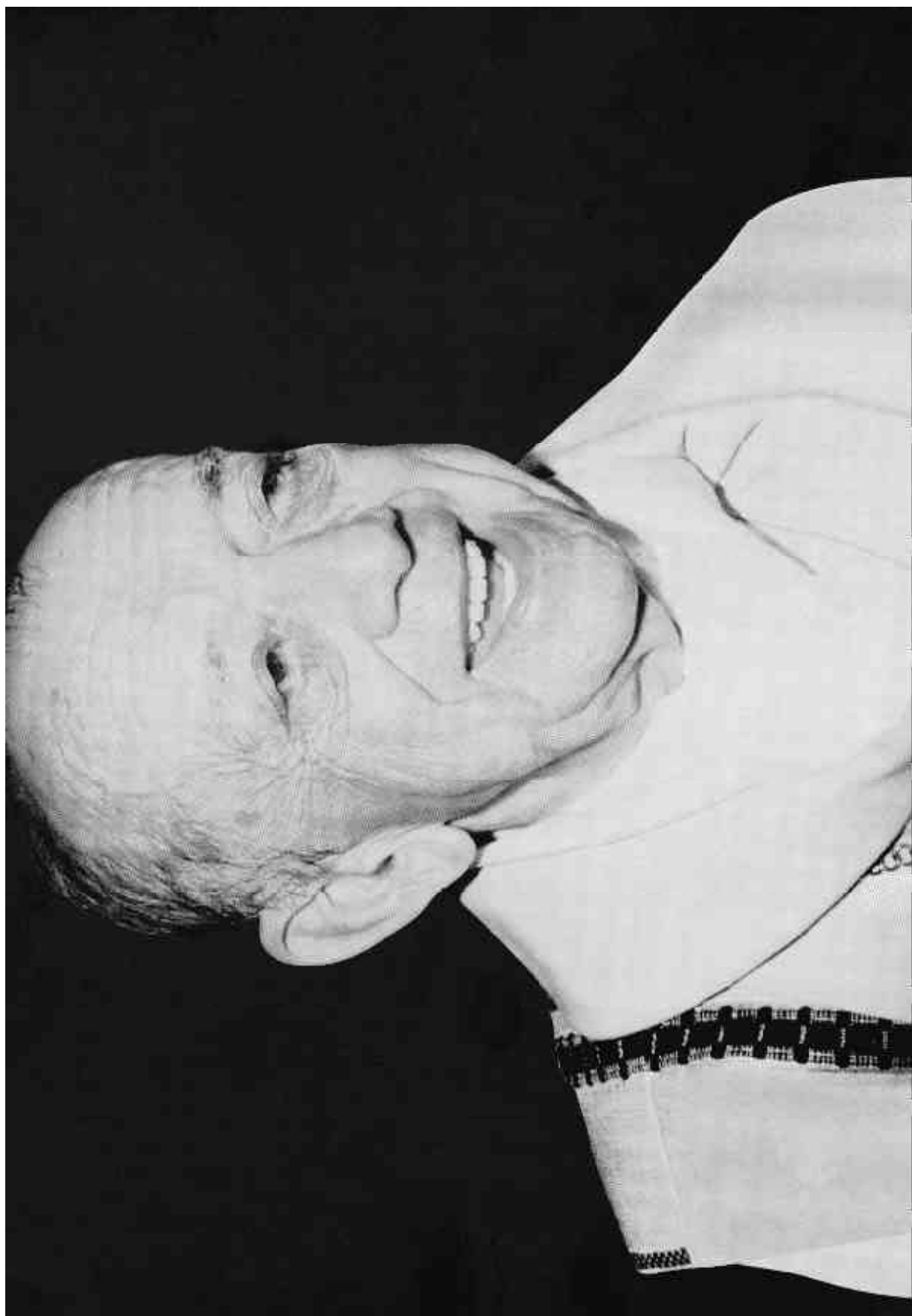
*Durante o Concílio Vaticano II foi considerado o mais hábil articulador dentro do Colégio dos Bispos em prol da renovação profética da Igreja preconizada pelo Papa João XXIII e mais tarde por Paulo VI. Após 28 anos no Rio de Janeiro, tomou posse como Arcebispo de Olinda/Recife no início de abril de 1964, onde dedicou-se durante seus últimos trinta e cinco anos, como arcebispo residencial e depois como arcebispo emérito, a implantar nesta Igreja arquidiocesana a linha renovadora do Concílio, que marcou a Igreja no século XX. Durante esse período dedicou-se também a pronunciar conferências em todo o mundo, em prol da causa dos dois terços da humanidade, que vivem na pobreza e na indigência.*

*Seus pronunciamentos de maior destaque, precedidos de um ensaio, que detalha os principais contornos de sua personalidade e carisma, são o objeto da presente publicação. Espera-se com esta iniciativa levar aos leitores o testemunho transparente e inspirador da figura de Dom Helder Câmara. Ao longo de noventa anos ele marcou a Igreja no Brasil, e constituiu-se em uma referência ímpar para todos os cidadãos deste País, bem como para aqueles que, ao redor do Planeta, distinguem-se pela sua fome e sede de justiça. Como testemunha destacada do Evangelho, em coerência com o ideal de pobreza, proclamado pelas bem-aventuranças do Sermão da Montanha e vivido em sua radicalidade por Francisco de Assis, Dom Helder tornou-se símbolo da Utopia por um Mundo mais Fraternal.*

*Brasília, 27 de agosto de 2000*

*RAIMUNDO CARAMURU BARROS*

*Ex-Assessor da Conferência Nacional dos Bispos  
do Brasil e do Conselho Episcopal Latino-Americano*



.....

*Perfil e trajetória de Dom Helder no século XX*

I – PREÂMBULO

**P**ara quem mergulhou mais profundamente no Brasil do século XX e acompanhou a trajetória de inserção da Igreja nessa realidade histórica para nela desenvolver sua missão evangelizadora, é fácil reconhecer o papel ímpar que a Sabedoria divina reservou ao cidadão, ao fiel e ao bispo Helder Pessoa Câmara, podendo facilmente concluir que sua personalidade privilegiada constitui de certo modo uma síntese do que de melhor o Espírito conseguiu plantar e fazer frutificar durante esse período em território brasileiro.

Os longos anos de vida, que o Altíssimo lhe concedeu, foram um presente extraordinário para alguém que teve sua origem no subdesenvolvido Nordeste, onde a esperança de vida na metade deste século não atingia os quarenta anos. Para demonstrar como esta vida caracterizada pela dedicação total a Deus e ao próximo marcou os rumos da Igreja do Brasil, é preciso seguir a sua trajetória e perscrutar nos acontecimentos que a pontilharam, os sinais dos tempos, que foram revelando progressivamente a missão especial, que a Providência do Pai confiou a este fiel, presbítero e bispo, cuja existência histórica abrange quase todo o século XX, e sua influência se projetará provavelmente no século XXI.

Acompanhar e descobrir todo o significado dessa sua trajetória, implica refazer com ele as seguintes etapas :

## 20 *Perfil e trajetória*

- Primeiros sinais de uma vida de fé em Cristo e na Igreja (1909–1945);
- Alargando horizontes na dimensão do século XX (1946-1951);
- Passos que marcaram a escalada ao Tabor e ao Getsêmani (1952–1962);
- O idílio conciliar e o caldeirão brasileiro (1962-1965);
- Igreja servidora e pobre e o interlúdio espartano (1966-1985);
- Pós-escrito a Dom Helder Câmara.

### II – PRIMEIROS SINAIS DE UMA VIDA DE FÉ EM CRISTO E NA IGREJA

Como primeira província do Império a promulgar a libertação dos escravos, o Ceará é denominado por oradores e poetas como a Terra da Luz. Situado logo abaixo da linha do Equador, e dotado de um firmamento claro, transparente e límpido na maior parte do ano, o Ceará, que viu nascer Helder Pessoa Câmara, é também denominado Terra do Sol.

Marcado na sua infância e adolescência pela Velha República, Helder Câmara viveu como seminarista maior e jovem sacerdote os estertores deste regime republicano, dominado pelas oligarquias de São Paulo e Minas Gerais; respirou o clima internacional favorável aos regimes totalitários, alguns deles fustigados vigorosamente pelos pronunciamentos do Papa Pio XI: nazismo de Hitler, fascismo de Mussolini, falangismo de Franco, imperialismo nipônico, bem como o surgimento e expansão do comunismo, a versão totalitária das esquerdas.

Ainda do longínquo Ceará tomara conhecimento, no início dos anos, 20 da insurreição dos tenentes do Forte de Copacabana, que lutavam pela construção de um Brasil moderno; saudou com espírito crítico a revolução cultural em curso, sinalizada e simbolizada pela Semana de Arte Moderna de 1922 e pela renovação do sistema educacional, liderada pela *Escola Nova* de Lourenço Filho e Anísio Teixeira; acompanhou a ascensão

de Vargas ao poder, a Constituinte de 1934 e a liquidação política da Aliança Libertadora Nacional (partido comunista).

Já no Rio de Janeiro presenciou a decretação e instalação do Estado Novo, a eliminação do movimento integralista de Plínio Salgado, e os momentos mais marcantes da primeira etapa da era Vargas: a criação do Conselho Nacional do Petróleo, a participação do Brasil na II Guerra Mundial, a implantação do Banco da Borracha para a Amazônia, o lançamento da siderúrgica de Volta Redonda e do desenvolvimento do Vale do Paraíba, a criação da Companhia Hidrelétrica do São Francisco e da Companhia Vale do Rio Doce.

Pôde também acompanhar a reformulação da política de combate às secas com a estruturação e dinamização do Departamento de Obras Contra as Secas (DNOCS), a reforma da Administração Federal e do Ministério das Relações Exteriores. Assistiu igualmente a derrubada do Estado Novo – considerado um anacronismo esdrúxulo após a vitória das Forças Aliadas ao término da II Guerra Mundial – e a deposição de Vargas *manu militari* em 1945.

Todos esses acontecimentos, Helder os acompanhou e viveu, antes de tudo como homem de fé e homem de Igreja. Nesta condição beneficiou-se da primavera eclesial, que tomou conta da Igreja no Brasil, quando esta libertou-se da camisa de força do padroado em que fora enquadrada pelo regime imperial da Casa de Bragança, e voltou-se para a evangelização das massas simples do interior brasileiro.

Este esforço de renovação iniciado nas duas primeiras décadas do regime republicano foi particularmente intenso, contando a Igreja no Brasil com apoio decisivo de Roma, sobretudo no que diz respeito à criação de novas circunscrições eclesiais, à formação do clero, e à promoção dos movimentos de espiritualidade, lançados pelo Papa Pio X. Essa renovação limitou-se quase exclusivamente à vida interna da Igreja. Não produziram resultados imediatos os apelos vibrantes do Pe. Júlio Maria (1850-1916), cobrando uma resposta pastoral aos ensinamentos de Leão XIII em prol de um engajamento mais decidido nas transformações modernizantes da sociedade.

Deixando seu estado natal, o Ceará, por conveniências políticas, e passando a residir no Rio de Janeiro, participou ativamente do notá-

## 22 Perfil e trajetória

vel esforço de renovação pastoral, empreendido pelo cardeal Dom Sebastião Leme. Ainda como jovem sacerdote este cardeal tomara consciência das limitações pastorais que afetavam a Igreja no Brasil, voltada quase exclusivamente para o afervoramento interno dos seus membros, enquanto seu impacto de fermento sobre o conjunto da sociedade tinha alcance extremamente reduzido. A carta pastoral, com que saudou a Igreja em Olinda – Recife, ao tomar posse em 1916 desta importante circunscrição eclesíastica, é uma verdadeira plataforma, em que formula sua visão de Igreja e seu programa pastoral.

A esse programa, que começou a aplicar na capital pernambucana, Dom Leme conferiu maior amplitude, quando de sua transferência, em 1921, para a arquidiocese do Rio de Janeiro como arcebispo coadjutor com direito à sucessão, a fim de reforçar a ação do Cardeal Arcoverde, cuja saúde comalida não lhe permitia mais exercer sozinho o pastoreio dessa Igreja particular, plantada na Capital da República.

No Rio de Janeiro, o novo arcebispo, sobretudo após a morte do Cardeal Arcoverde, assumiu progressivamente uma marcante liderança nacional sobre as demais arquidioceses e dioceses do país, e orientou sua ação através de uma dupla estratégia. A primeira delas contemplava a ação pastoral junto à massa dos fiéis, respeitando a religiosidade popular; aplicando as linhas estabelecidas pela Pastoral Coletiva de 1916 e atualizadas posteriormente pelo Concílio Plenário Brasileiro; renovando a prática da fé por um início de renovação litúrgica e de tímida participação do laicato; fomentando esta prática através de numerosas manifestação religiosas de massa.

A segunda estratégia dizia respeito à evangelização das elites, para, através delas, instaurar uma modificação de valores no conjunto da sociedade e uma reforma mais humanizante de suas estruturas. Esta estratégia correspondia a uma das linhas mais notáveis do Pontificado de Pio XI. O resultado desta iniciativa foi o surgimento de uma plêiade de intelectuais de alto valor, que se congregou em torno do Centro Dom Vital e utilizou a revista *A Ordem* como instrumento de veiculação de suas idéias e pontos de vista. Essa estratégia incluía também uma presença mais ativa junto ao operariado urbano, que constituía uma nova classe social em ascensão.

Durante os seus primeiros dez anos na arquidiocese do Rio de Janeiro (1936 a 1945) Pe. Helder – ou o *padrezinho* para os colaboradores

mais próximos – não apenas teve oportunidade de acompanhar de dentro o extraordinário esforço de renovação pastoral, liderado pelo Cardeal Leme, mas passou ao mesmo tempo por uma grande transformação interior e intelectual: pôde aprofundar sua espiritualidade franciscana, que o levou a ver Cristo na pessoa de cada pobre, e pôde dispor dos elementos, que o ajudaram a discernir com maior precisão as relações entre Igreja e sociedade civil, sobretudo a partir dos escritos de Jacques Maritain e dos intercâmbios com Alceu Amoroso Lima.

Após a morte de Dom Leme em 1942 e com a posse de Dom Jaime de Barros Câmara, escolhido como o novo cardeal – Arcebispo do Rio de Janeiro, houve uma divisão de tarefas com relação às duas estratégias estabelecidas anteriormente. O Cardeal Câmara assumiu mais diretamente a pastoral paroquial e o acompanhamento dos sacerdotes, e delegou a sacerdotes especialmente escolhidos as tarefas mais orientadas para a segunda estratégia, ou seja para a evangelização das elites e para o trabalho, que visava assegurar a presença da Igreja junto ao operariado urbano em formação. Satisfazendo um pedido de Pe. Helder, o novo arcebispo aceitou ao seu desejo de deixar o cargo, que ocupava no ministério da Educação, e assim dedicar-se inteiramente ao programa de catequese da arquidiocese e desempenhar a função de assistente geral da Ação Católica Brasileira, primeiramente em nível de arquidiocese e em seguida em nível nacional. Na atividade catequética secundou primeiramente mons. Tapajós (na intimidade cognominado o Tapa), talvez o maior especialista brasileiro em direito canônico neste século, e logo em seguida Monsenhor Álvaro Negromonte, a quem chamava carinhosamente de Mont Blanc. A *Revista Catequética*, editada por Pe. Helder, acompanha passo a passo esse período.

### III – ALARGANDO OS HORIZONTES NA DIMENSÃO DO SÉCULO XX

Ao longo dos anos 40, três acontecimentos foram de capital relevância para a trajetória de Pe. Helder e sua contribuição aos rumos da Igreja no Brasil. O primeiro foi sua amizade com o Pe. José Távora, um outro sacerdote nordestino, que Dom Leme havia trazido de Recife no início dos anos 40, para desenvolver a pastoral operária na arquidiocese do



## 24 Perfil e trajetória

Rio de Janeiro. Como os Círculos Operários do Pe. Leopoldo Brentano já estivessem atendendo os trabalhadores sindicalizados, Pe. Távora dedicou-se ao trabalho com aqueles que hoje seriam categorizados como excluídos, na sua maioria imigrantes recentes provenientes das áreas rurais do país, alojados nas periferias urbanas e nos morros favelizados.

Este trabalho iniciado por Pe. Távora levantou o problema das favelas e das migrações, bem como suas conexões com os desafios enfrentados pelas populações rurais. A amizade entre Helder e Távora teve um outro desdobramento, que deu origem ao segundo acontecimento, que, na realidade, havia constituído o grande sonho do Cardeal Leme nos últimos anos de vida deste insigne prelado: uma transformação nas estruturas e estratégias da Ação Católica Brasileira, adaptando-as às necessidades das tarefas de evangelização do país.

Este segundo acontecimento foi tornado possível pelo contato de Helder e Távora com o fundador da Juventude Operária Católica – JOC, o padre belga, altamente prestigiado por Pio XI, Joseph Cardijn. À primeira vista o segredo estava na pedagogia do *ver-julgar-agir*. Pouco a pouco, porém, tomou-se consciência de que muito mais do que uma opção pedagógica, a linha adotada por Cardijn implicava em uma opção teológico-pastoral, que aproximava o esforço de evangelização das suas fontes bíblicas e patrísticas e retomava toda a riqueza contida na teologia do Desígnio divino e na história da salvação. O novo enfoque foi debatido às claras durante a Semana de Ação Católica, às vésperas do IV Congresso Eucarístico Nacional, realizados ambos na arquidiocese de Porto Alegre, sob o patrocínio do jovem e recém-empossado arcebispo Dom Vicente Scherer, que sucedera, pouco tempo antes, ao venerado Dom João Becker. Em 1950 o episcopado adotava oficialmente a nova linha da Ação Católica Brasileira, que passou a ser mais conhecida como Ação Católica Especializada, pelo seu tratamento diferenciado dos diferentes meios sociais: agrário, estudantil secundarista, independente (profissional liberal), operário e universitário. A *Revista do Assistente Eclesiástico*, editada por Pe. Helder, veicula parte desse debate e de seu desfecho final.

O terceiro acontecimento foi a chegada ao Brasil em 1946 do novo Núncio Apostólico, que substituíra Dom Aloísio Masella, elevado pouco antes ao cardinalato pelo Papa Pio XII. Informado da visão, que Pe.

Helder tinha dos problemas nacionais, o novo Núncio o convidou para ser conselheiro da nunciatura no tocante a assuntos brasileiros. A partir deste momento, Pe. Helder passou a proporcionar à Nunciatura, com frequência semanal, um panorama completo das questões mais importantes em andamento no país e os desafios enfrentados pela Igreja com relação a esses temas.

Com relação a este terceiro acontecimento, três desdobramentos, ou tópicos, merecem especial atenção neste período de 1945 a 1952: o desenvolvimento regional, a reforma agrária, e a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A Constituição de 1946 consagrara, em seu texto, o princípio do desenvolvimento regional, – já iniciado por Getúlio durante o Estado Novo – e mesmo determinara, que pelo período de duas décadas uma percentagem do Orçamento da União fosse consagrado ao desenvolvimento da Amazônia e do Nordeste brasileiro. A fim de implementar esse dispositivo constitucional, foram elaborados projetos, realizadas reuniões e implantados empreendimentos de desenvolvimento de algumas importantes bacias hidrográficas brasileiras (vales do São Francisco, rio Doce, Paraíba, e bacia Amazônica). Pe. Helder foi encarregado pelo Núncio Apostólico de reunir os bispos, cujas dioceses estivessem situadas nas áreas de influência dessas bacias, para avaliar os impactos dessas transformações nas suas respectivas circunscrições eclesiais e traçar as medidas pastorais, que deviam ser implementadas para fazer face a essas novas situações.

O segundo tópico diz respeito à questão agrária. O contato direto com as favelas tinha mostrado claramente que o desafio dessas populações urbanas, que viviam abaixo da linha da pobreza, tinha como uma de suas causas diretas a estrutura fundiária obsoleta e as condições de vida das populações rurais, bem como o fenômeno cíclico das secas no caso do sertão nordestino. A Lei da Terra de 1850, ainda do tempo do Império, congelara a estrutura fundiária brasileira nos moldes do período colonial, dando direito de plena posse da terra aos privilegiados, que a haviam recebido em termos de concessão da coroa portuguesa, mas tornando muito difícil este acesso para a esmagadora maioria da população, que não havia sido agraciada com essas benesses outorgadas pelo Governo Central em Lisboa.

Dois novos fatores serviram de base para induzir uma maior tomada de consciência desse desafio. A Constituição de 1946 reconhecia

que a propriedade não era um direito absoluto, mas era dotada também de uma dimensão social, e permitia que a terra fosse desapropriada, pagando-se o preço justo; deixava, porém, a uma legislação complementar a definição do que seria esse preço justo.

O segundo fator decorreu de uma medida tomada pelo governo do Presidente americano Harry Truman. O Brasil, frustrado por ter recebido apenas migalhas e sucata, em recompensa da contribuição que dera à vitória das Forças Aliadas na II Guerra Mundial, propusera que os Estados Unidos criassem para a América Latina um plano análogo ao Plano Marshall, que fora concebido e lançado para a reconstrução da Europa devastada. Na prática o governo americano não atendeu a esta solicitação, mas ofereceu, como um prêmio de consolação, um programa, que ficou conhecido como Ponto IV. Uma parte importante deste programa era um apoio ao Brasil para a modernização de seu setor agropecuário, sobretudo em termos de programas de crédito e extensão rural. Para canalizar e implantar esta ajuda americana, o ministério da Agricultura criou o Serviço de Informação Agrícola – SIA, e logo em seguida a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR, um ancestral da Embrapa e da Embrater dos anos 70.

Em cooperação com esse esforço governamental, Pe. Helder lançou duas iniciativas. Organizou cursos para sacerdotes, que exerciam seu ministério no meio rural, para que se informassem adequadamente do que significava uma agricultura moderna, e ao mesmo tempo aprofundassem o papel da Igreja como um dos agentes da modernização da agricultura brasileira. A segunda iniciativa foi o lançamento de Semanas Ruralistas em cooperação com o SIA do ministério da Agricultura. A primeira dessas Semanas foi realizada como muito sucesso na diocese de Campanha, no sul de Minas. Ao constatar, que participavam da Semana apenas proprietários rurais, Pe. Helder, ao ajudar o bispo local, Dom Inocêncio Engelke, na redação de uma carta pastoral a ser lançada por ocasião do evento, introduziu no texto dessa carta uma afirmação de tonalidade profética, pois ainda válida nos dias de hoje: “Conosco, sem nós, ou contra nós, irá se fazer a reforma agrária.”

Assim, Pe. Helder, acompanhado por Pe. Eugênio Sales (Arquidiocese de Natal), Dom José Delgado (então bispo de Caicó) e Dom Fernando Gomes (bispo de Aracaju e mais tarde arcebispo de Goiânia), tornou-se historicamente um pioneiro da reforma fundiária e da promoção do homem

do campo no Brasil. Assessoravam-no, neste particular, dois grandes especialistas em questões fundiárias no Brasil, que ao mesmo tempo eram seus vizinhos no bairro de Botafogo: Manuel Diegues (professor da PUC e mais tarde chefe do Escritório da Unesco para a América Meridional) e Paulo de Assis Ribeiro (mais tarde o homem chave na formulação da Lei de Reforma Agrária do Governo Castelo Branco). Durante a segunda metade dos anos 40, Pe. Helder agia por missão especial do Núncio Apostólico, Dom Carlos Chiarlo, aproveitando sua função de assistente geral da Ação Católica Brasileira.

O desaparecimento do Cardeal Leme em 1942 e a morte de Dom José Gaspar, arcebispo de São Paulo, em um desastre aéreo, quando se dirigia para a posse de Dom Jaime Câmara, como novo Arcebispo do Rio de Janeiro, deixara um vácuo de liderança na Igreja no Brasil. Pe. Helder, sob as ordens do Núncio, começava a preencher este vácuo.

Do diálogo entre estes dois homens de Igreja, Carlos Chiarlo e Helder Câmara, surgiu a idéia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, como a maneira mais adequada de preencher este espaço, emergencialmente ocupado pelo franzino sacerdote cearense: Helder Câmara. Após alguns diálogos-chave com Mons. João Batista Montini, secretário substituto na Secretaria de Estado do Vaticano, foi criada e instalada no período de 14 a 17 de outubro de 1952 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e Mons. Helder Câmara tornou-se seu primeiro Secretário-Geral, posto que conservou ao longo de doze anos. A Igreja no Brasil começava a viver de maneira mais sistemática a colegialidade episcopal, que seria uma das marcas registradas do Concílio Vaticano II.

#### IV – PASSOS QUE MARCARAM A ESCALADA AO TABOR E AO GETSEMANI

O período 1952 a 1962 marca definitivamente a ascensão de Helder Câmara, não apenas ao episcopado, mas também ao papel de uma figura de destaque no panorama nacional, e paulatinamente no cenário internacional. Dez passos ou desdobramentos marcaram esta escalada rumo ao Monte Tabor e ao Getsemani: ascensão ao episcopado; Congresso Eucarístico Internacional; criação do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM); cooperação estreita com o Núncio Armando Lombardi no

## *28 Perfil e trajetória*

Brasil; criação da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB, e suas relações com a CNBB; novo estilo de cooperação Igreja-estado; a relação com as hierarquias do continente norte-americano; evangelização de massas e opção preferencial pelos pobres; estímulos e apoio no pontificado de João XXIII; impasse na Ação Católica Brasileira.

Pe. Helder entrara por mais de uma vez nas listas tríplices, que Dom Jaime Câmara submetia à Santa Sé, para a escolha de seus bispos auxiliares. Sua escolha, porém, foi preterida nestas oportunidades pela sua ligação com o integralismo de Plínio Salgado, em meados dos anos 30. Seu testemunho de vida e o papel de destaque, que começava a desempenhar na articulação da ação pastoral da Igreja no Brasil, quebraram finalmente as últimas resistências e o futuro secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, tornou-se também um membro do episcopado, como auxiliar de Dom Jaime Câmara, em março de 1952 e foi sagrado na igreja da Candelária aos 20 de abril do mesmo ano. Três anos depois, em abril de 1955, foi elevado a arcebispo auxiliar da arquidiocese do Rio.

Em viagem a Roma no final de 1952, Dom Jaime Câmara voltou ao Rio, com a informação de que esta arquidiocese tinha sido escolhida como sede do 36º Congresso Eucarístico Internacional, e na oportunidade confiou ao seu novo bispo auxiliar a tarefa de coordenação da Comissão organizadora do Evento, a quem competia encontrar solução viável para organizar a celebração de um Congresso dessa magnitude em uma cidade que se encontrava insuficientemente equipada para receber durante duas semanas mais de um milhão de pessoas, provenientes de todas as partes do mundo. Pouco depois essas dificuldades se agravaram ainda mais com o suicídio de Vargas em agosto de 1954, e com a profunda crise e instabilidade política em que mergulhou o país, em consequência desta tragédia. Um elemento positivo era o cenário natural, que a cidade oferecia para essa grandiosa celebração eucarística, e o espírito hospitaleiro e acolhedor do povo carioca, que, animado pelo espírito de fé, demonstrou extraordinária solidariedade e cooperação.

O Congresso foi reconhecido mundialmente como um sucesso, e Dom Helder experimentou, nesse momento, o ponto mais alto de sua popularidade entre as massas de todo o país. O segredo deste êxito foi sua profunda espiritualidade, baseada na entrega total nas mãos do Pai; sua pre-

sença invisível e inspiradora através de toda a estrutura organizadora do Congresso; sua capacidade especial de delegar responsabilidades e confiar na capacidade de ação dos leigos, desde moradores de favela até altos escalões das forças armadas, responsáveis em parte pela logística do evento.

Em dezembro de 1954, chegou a informação de que Roma havia convocado uma Conferência Geral não-Conciliar, integrada por representantes de todos os episcopados latino-americanos, a ser realizada no Rio de Janeiro, logo após o Congresso Eucarístico Internacional. A idéia original desta Conferência surgiu de Dom Manuel Larraín, bispo de Talca (Chile), provavelmente o bispo hispano-americano de maior visão e abertura ao longo do século XX. Conhecedor do sucesso obtido por Dom Helder na criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e de sua extrema habilidade como negociador e articulador, Dom Larraín juntou-se a Dom Helder para levar à frente a idéia junto à Secretaria de Estado do Vaticano, e mais especificamente junto a Mons. Montini.

Cerca de cem bispos participaram desta conferência durante dez dias. Dom Helder fez com que esses bispos estivessem hospedados no mesmo local já nos dias do Congresso Eucarístico, criando entre eles um clima de efetiva fraternidade. As reuniões foram realizadas na Igreja da Candelária. Ao final o arcebispo da cidade do México, Dom Dário Miranda, declarou, em nome dos demais participantes, que aquela conferência de duas semanas havia sido o mais significativo encontro na história da Igreja na América Latina até aquele momento. Decidiu-se, nesta oportunidade, a criação do Conselho Episcopal Latino-Americano – CELAM. Contrariamente ao voto da maioria, Pio XII escolheu como sede deste Conselho a cidade de Bogotá, na Colômbia, e não Roma, como havia sido originalmente indicado. Era o primeiro Conselho do gênero em toda a história moderna da Igreja. A primeira reunião plena do Celam, realizada na cidade do México em novembro de 1956, escolheu Dom Jaime de Barros Câmara, como seu primeiro presidente. Mais tarde Dom Helder foi eleito por duas vezes como segundo vice-presidente (1959 a 1960, e 1961 a 1963) e uma vez como primeiro vice-presidente (1964 a 1965).

Em 1954, Dom Carlos Chiarlo deixava a Nunciatura do Brasil e regressava para Roma. Seu substituto foi Dom Armando Lombardi, provavelmente o Núncio de maior envergadura e visão que o Brasil já teve

### 30 Perfil e trajetória

em todo o século XX, a tal ponto que Paulo VI pensava em nomeá-lo como Secretário de Estado após o término do Concílio Vaticano II.

Este núncio percorreu o Brasil inteiro, visitando pessoalmente quase todas as circunscrições eclesiais. Para os bispos era a visita de um irmão. Manteve a rotina, iniciada por Dom Carlos Chiarlo de reunir-se com Dom Helder todos os sábados para fazer um balanço da situação em termos de Igreja e de país. Neste tempo seus relatórios a Roma eram considerados como um dos melhores, que chegavam à Secretaria de Estado do Vaticano, provenientes de todo o mundo.

A criação da CNBB em 1952 inspirou a realização do I Congresso Nacional de Religiosos no Rio de Janeiro em fevereiro de 1954. Dom Helder dele participou como representante da CNBB. Com a participação de 300 religiosos e 1.300 religiosas decidiu-se criar a Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB. Na primeira década de funcionamento desta Conferência três aspectos merecem destaque.

O primeiro aspecto consistiu na sua organização como uma cooperativa dos religiosos, encarregada de realizar as compras de que necessitavam as ordens e congregações, que assim conseguiam significativos descontos, por comprar no atacado e quase sempre diretamente das fontes produtoras. Uma percentagem destes descontos permanecia com a CRB para o funcionamento da entidade.

O segundo aspecto foi o desafio da educação nos termos que vinha sendo debatido desde o início da República: o binômio escola pública *versus* escola privada, e o estatuto do ensino religioso nas escolas públicas. No final da década de 50 este tema ganhou atualidade com a discussão do projeto de lei sobre diretrizes e bases da educação, conduzido sob a liderança do Deputado Carlos Lacerda. A CRB, mais inclinada a defender os interesses das escolas privadas, tomou um posicionamento distinto da CNBB. Dom Helder, embora não fosse o bispo diretamente responsável pelos assuntos de Educação na CNBB, foi levado a promover um pronunciamento da Conferência dos Bispos a este respeito. Na verdade, o Secretário-Geral da CNBB era um exímio conhecedor dessas questões. Com efeito, era um especialista em educação, tendo chegado mesmo a ser diretor do departamento de educação no governo do Ceará em 1935, técnico do Ministério da Educação por muitos anos em duas oportunidades, e membro do Conselho

Federal de Educação. Nesta qualidade lidara, ao longo de toda sua carreira, com as questões educacionais de vital interesse para a Igreja.

O Núncio Lombardi foi levado a intervir para dirimir o conflito e, por ocasião das eleições para a nova diretoria da CRB, ordenou ao redentorista Pe. Tiago Cloin, em nome da obediência, que aceitasse a presidência da instituição, apesar de sua relutância, com a tarefa de promover uma efetiva cooperação entre CNBB e CRB no tocante à orientação e ação pastorais da Igreja no Brasil.

Essa cooperação pastoral constituiu o terceiro aspecto de destaque, que marcou a primeira década da CRB, e deixou três frutos principais, que se revelaram duradouros e altamente benéficos para a Igreja: a criação do Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social – CERIS; o Serviço de Cooperação Apostólica Internacional – SCAI, para o intercâmbio de missionários entre o Brasil e os demais países, ao qual, depois, agregou-se o CENFI (Centro de Formação Intercultural), uma instituição inicialmente autônoma, fundada pelo carismático Ivan Illich; o Instituto Nacional de Catequese.

Este último, sob a coordenação acadêmica do lazarista Pe. Hugo Paiva e da irmã ursulina Madre Tereza, foi a partir de 1958 o grande centro de referência da renovação catequética no Brasil, não apenas em termos pedagógicos, mas sobretudo no conteúdo da mensagem, baseada nas fontes bíblicas e patrísticas, em consonância com toda a linha pouco depois consagrada pelo Vaticano II. Neste particular havia uma convergência teológica entre a orientação do Instituto e a revolução pastoral, iniciada uma década antes, pela Ação Católica Especializada, e uma forte complementação pastoral entre as duas iniciativas renovadoras. Esta renovação catequética realizava um sonho do Pe. Helder dos anos 40, quando vice-diretor do ensino religioso na arquidiocese do Rio de Janeiro, e redator-chefe da *Revista Catequética*.

Ao longo dos anos 50 houve uma nítida evolução nas relações entre Igreja-Estado no Brasil. Passou-se da linha, traçada no início da República, de autonomia, respeito e simpatia mútua, e mesmo da linha mais atualizada, na formulação dada pelo Cardeal Leme, de cooperação estreita em questões vitais para a Igreja em termos de fé, moral e educação, para abranger também uma cooperação mais estreita em termos de justiça social



### 32 Perfil e trajetória

e cooperação para um desenvolvimento mais humano e mais consoante com os princípios evangélicos. Dom Helder, apoiado por uma plêiade de bispos e pelos Núncios Chiarlo e Lombardi, assumiu a liderança deste último desdobramento.

O desenvolvimento regional e a reforma agrária são dois aspectos já mencionados. Mas, na segunda metade dos anos 50 e início dos anos 60, três novos aspectos entraram na pauta da cooperação Igreja-Estado: o desenvolvimento do Nordeste brasileiro, o movimento de educação de base, e o sindicalismo rural. Juscelino Kubitschek assumira a Presidência da República em 31 de janeiro de 1956, após um período de incertezas e instabilidade política. Com o apoio do Núncio Lombardi, Dom Helder havia convocado um encontro dos bispos do Nordeste em Campina Grande, Paraíba, para os dias 21 a 26 de maio daquele mesmo ano, a fim de empreender uma análise em profundidade dos problemas sociais, econômicos e religiosos do Nordeste. O Secretário-Geral da CNBB não perdeu tempo e pediu a cooperação do Presidente da República para que os organismos do Governo Federal tivessem uma participação efetiva nos trabalhos do encontro. Essa participação envolvia cinco ministérios e cerca de 30 diretorias de instituições-chave do aparelho governamental.

Neste momento Dom Helder já havia aderido plenamente aos princípios de economia humana do dominicano francês Louis-Joseph Lebret, que visitou o Brasil pela primeira vez em 1947 e criara em 1952 o boletim *Equipes de Economia Humana*. Um outro francês, Jacques Maritain, lançara nos anos 30 e 40 as bases para o reconhecimento de uma autonomia relativa do político e do filosófico com relação ao espiritual, princípio mais tarde consagrado pelo Vaticano II na *Gaudium et Spes*, no sentido de que a Igreja não tem um modelo político único e exclusivo ou um sistema filosófico único e exclusivo.

Dando um passo à frente, Lebret chamou a atenção para um dos aspectos fundamentais com respeito à relatividade dessa autonomia, que precisava ser qualificada, pois ela só adquire autenticidade e legitimidade, na medida que esteja totalmente a serviço do ser humano como um todo e de todos os homens. Neste particular o dominicano francês batia de frente com os modelos econômicos, que se arrogavam uma autonomia absoluta sob o pretexto de que problemas econômicos exigem soluções econômicas.

Lebret rebatia demonstrando como soluções econômicas brilhantes podem ser desastrosas para milhões de seres humanos, que pagam seus custos, sem receber nenhum de seus benefícios. Em termos mais específicos chamava a atenção para o que já havia sido sobejamente demonstrado por Pareto, que a alocação ótima de recursos em termos de eficiência econômica pode ser catastrófica em termos de concentração de renda, e pode condenar a maioria esmagadora de uma sociedade à miséria e à morte por inanição. Paulo VI retomará essas idéias na *Populorum Progressio*. Na prática, o criador de *Economia e Humanismo* postulava que um modelo só é digno de ser considerado, na medida em que seja capaz de integrar, em um todo, o político, o econômico, o social, e mesmo o cultural. Fazer dessas dimensões do ser humano compartimentos estanques, conduzia fatalmente, segundo Lebret, a modelos desumanizantes.

Foi em consonância com este quadro de referência estabelecido por Lebret, que Dom Helder conduziu o Encontro de Campina Grande. O Presidente Kubitschek participou pessoalmente do último dia do evento e pronunciou o discurso de encerramento, no qual reconhecia que aquele encontro inaugurava um novo e frutuoso tipo de relacionamento e cooperação entre Igreja e Estado no Brasil, em que cada uma das duas instituições movia-se sem problemas nas suas esferas específicas a serviço de ser humano. É preciso reconhecer que o presidente foi sincero e autêntico com o desenvolvimento do Nordeste. Se o empreendimento não teve o sucesso, que dele esperavam seus protagonistas, deveu-se a dois óbices, difíceis de serem superados em um mandato de quatro anos. O primeiro foi de ordem técnico-burocrática e o segundo de natureza política. Para entendê-los é preciso evocar o contexto histórico.

Foi criada no período do pós-guerra a Comissão Mista Brasil Estados Unidos – CMBEU, para a definição de pontos de estrangulamento e áreas prioritárias de investimentos. Seu fruto mais imediato foi a criação, em 1952, durante o segundo mandato de Vargas, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (naquele tempo BNDE), que teria como papel administrar o Fundo de Reparcelamento Econômico, responsável pelos recursos necessários à implantação dos projetos propostos pela comissão. No ano seguinte um grupo misto composto por um organismo da ONU – ou seja, a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) –

### *34 Perfil e trajetória*

e o BNDE, revisaram o programa de investimentos para adequá-lo aos recursos disponíveis. O resultado deste trabalho serviu de base para o Conselho de Desenvolvimento – criado pelo recém-empossado Presidente Kubitschek – formular o Plano de Metas, adotado pelo seu governo no final de 1956.

Esses investimentos contemplavam maciçamente o Centro-Sul do país, onde, segundo a equipe técnica, o efeito multiplicador e taxa de retorno apresentariam resultados mais imediatos e de maior alcance no curto e médio prazos. Apesar do encontro realizado em Campina Grande no mês de maio daquele ano e das mais de vinte propostas dele decorrentes, o Nordeste estava praticamente fora do Plano de Metas. Somente a determinação e insistência do presidente e a devastadora seca de 1958-1959 fizeram com que essa região discriminada entrasse pela porta dos fundos. Kubitschek solicitou ao BNDE uma proposta de política governamental para o Nordeste. Um economista do banco, o paraibano Celso Furtado, foi destacado para atender ao pedido do presidente e elaborou um relatório, intitulado “Uma política para o desenvolvimento econômico do Nordeste”, que retomava todo o material elaborado em Campina Grande e concentrava o escopo da ação em três grandes programas: irrigação nos terrenos vizinhos aos açudes e à jusante das represas construídas nos últimos cem anos; colonização nos vales úmidos e nas florestas tropicais do Maranhão; melhor utilização das terras férteis da Zona da Mata, plantada quase exclusivamente com cana-de-açúcar. Um segundo encontro dos bispos do Nordeste, realizado em Natal em maio de 1959, com a participação do Presidente da República e do Núncio Apostólico, apreciou a proposta de Celso Furtado, mas enfatizou a necessidade de um plano econômico, que integrasse os aspectos sociais e humanos.

O segundo óbice enfrentado por Juscelino para levar adiante o programa governamental de desenvolvimento do Nordeste foi de natureza política. Um dos aspectos priorizados pela proposta de Celso Furtado consistia no melhor aproveitamento da faixa costeira úmida, mais conhecida como Zona da Mata, para produção de alimentos, em vez de ocupá-la apenas com plantações de cana-de-açúcar.

Essa medida, porém, contrariava os interesses da base econômica, que dava sustentação política às oligarquias estaduais. Além disso, as lideranças políticas nordestinas aceitavam um órgão para o planejamento

global e integrado da região como era a proposta da criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – Sudene, contanto que fossem preservados seus privilégios e a nova estrutura pudesse atender à sua clientela.

Em novembro de 1957, os bispos e prelados da Amazônia realizaram seu II Encontro em Belém. Dom Helder esperava que este evento reproduzisse para esta vasta região do norte do país os mesmos frutos obtidos para o Nordeste no Encontro de Campina Grande em 1956. Juscelino chegou a participar do evento e prometeu, na oportunidade, que desenvolveria para a Amazônia um programa análogo ao formulado para o Nordeste. A agenda, porém, dos bispos e prelados da Amazônia contemplava tão-somente temas internos à vida da Igreja, e a declaração final não deu o mínimo sinal de que a Igreja na região se engajaria na luta pelo desenvolvimento.

O segundo elemento que marcou a cooperação Igreja-Estado em prol do desenvolvimento foi a criação do Movimento de Educação de Base. O primeiro passo foi dado na Arquidiocese de Natal, Rio Grande do Norte, com Dom Eugênio Sales, que ajustou às necessidades dessa unidade da Federação a experiência de educação de adultos desenvolvida na Colômbia por Mons. Salcedo por meio de Escolas Radiofônicas. Implantada com sucesso na Arquidiocese de Natal, a experiência expandiu-se para outras circunscrições eclesiais através da Representação Nacional das Emissoras Católicas – RENECA, ligada à Secretaria de Ação Social da CNBB, naquele momento sob a responsabilidade de Dom Eugênio Sales.

A Diocese (mais tarde arquidiocese) de Aracaju, para onde havia sido recentemente transferido Dom José Távora, anteriormente bispo auxiliar no Rio de Janeiro, transformou-se em uma experiência piloto, além de Natal e mais outras três dioceses do Nordeste. Um encontro fortuito entre o novo arcebispo de Aracaju e o candidato à Presidência da República, Jânio Quadros, fez com que este, logo depois de tomar posse criasse por decreto o Movimento de Educação de Base, e assinasse um convênio com a CNBB, com duração de cinco anos para instalar 75.000 escolas radiofônicas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. A experiência foi posteriormente enriquecida com a proposta pedagógica do educador pernambucano Paulo Freire. O apoio dado pelo Secretário-Geral da CNBB a este projeto foi decisivo para o seu sucesso.

O terceiro elemento neste esforço de cooperação Igreja-Estado foi o processo de sindicalização rural. Embora os sindicatos rurais tivessem sido permitidos por lei desde 1944, ainda no início de 1963 existia no Brasil apenas um sindicato de trabalhadores rurais, oficialmente reconhecido, e cinco associações profissionais, que significavam um estágio prévio e necessário para atingir o status de sindicato.

Com o crescimento e expansão das Ligas Camponesas (oficialmente simples associações civis) em Pernambuco, a partir de 1955, e dada a crescente inspiração marxista assumida por essas agremiações de camponeses, o Serviço de Assistência Rural – SAR, da arquidiocese de Natal iniciou um trabalho de preparação de sindicatos rurais. Em Pernambuco, igualmente, berço das Ligas Camponesas, a arquidiocese de Recife criou em 1961 o Serviço de Orientação Rural de Pernambuco – SORPE, com o mesmo objetivo.

Em 1962 Dom Helder ficou impressionado com um texto de Francisco Julião, o principal líder das Ligas Camponesas, publicado no jornal *Novos Rumos*, órgão do Partido Comunista, e intitulado “ABC do Camponês”. O artigo colocava em linguagem direta, transparente, esteticamente bem escrita, e sobretudo ao alcance de um semi-analfabeto, o problema da terra e as condições do homem do campo nas grandes propriedades rurais. Juntamente com Dom Eugênio e Dom Fernando Gomes, Dom Helder foi ao Presidente João Goulart para persuadi-lo a abrir as portas, através do Ministro do Trabalho, para um esforço concentrado de sindicalização rural. O presidente acedeu e a partir deste momento houve uma corrida contra o tempo para fundação de sindicatos rurais, de federações estaduais, e no período de um ano houve *quorum* suficiente para criar a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais.

Em termos de Igreja, além do trabalho pioneiro, iniciado no Nordeste, foi organizada a Frente Agrária Goiana – FAGO (sob a liderança do arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes) e a Frente Agrária Gaúcha – FAG (sob a responsabilidade de Dom Edmundo Kunz, bispo auxiliar de Porto Alegre). O Movimento de Educação de Base – MEB, criou também um departamento especial, voltado para a educação sindical.

A relação entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e as hierarquias do continente norte-americano foi marcada, ao longo dos

anos 50 e início dos anos 60, por três momentos distintos. O primeiro resumiu-se a contatos e intercâmbios no início dos anos 50 com respeito a presença e atuação da Igreja na modernização da agricultura, correspondendo ao período do Programa Ponto IV do Presidente americano Harry Truman. O segundo prendeu-se às doações de alimentos, especialmente de leite em pó, efetuadas pelo Governo dos Estados Unidos, para reduzir seus estoques de excedentes agrícolas, comprados e armazenados por este Governo, de acordo com sua política de assistência a seus agricultores.

Este segundo momento teve seu início em 1954, quando a Conferência Nacional Católica de Bem-Estar (NCWC – National Catholic Welfare Conference), um departamento da Conferência Católica dos Estados Unidos (USCC – United States Catholic Conference), ofereceu alguns milhares de toneladas de alimentos, especialmente leite em pó, a serem entregues à Conferência dos Bispos em remessas regulares. Para recepcionar essas remessas e distribuí-las no Brasil, a CNBB criou a Cáritas Brasileira.

O terceiro momento teve início em 1957, quando Dom Helder teve a idéia de organizar encontros entre as hierarquias do Brasil, da América do Norte e da Europa, para coordenar o intercâmbio de pessoal, bem como a ajuda material entre essas igrejas. O encontro com representantes das hierarquias européias nunca chegou a se efetivar, pelas dificuldades óbvias do lado europeu. Mas o encontro com as hierarquias do continente norte-americano chegou a se concretizar, assumindo mesmo uma dimensão mais ampla para abranger a América Latina como um todo, cujas hierarquias já dispunham do CELAM, um Conselho Episcopal para todo este continente.

Este momento, porém, assumiu dois desdobramentos distintos. O primeiro, que não era para Dom Helder o de maior relevância, foi assumido pela Comissão Pontifícia para a América Latina e consubstanciava-se em ajuda financeira (cerca de um milhão de dólares por ano) e no envio de um número significativo de religiosos e religiosas para trabalhar como missionários na América Latina. Logo em seguida foram incluídos também leigos por intermédio do movimento “Voluntários do Papa”. Para levar à frente este trabalho foi criada uma secretaria especial permanente para a América Latina, sob a responsabilidade imediata do Arcebispo de Boston, Cardeal Cushing. Mais tarde esta secretaria passou a ser chamada de Bureau para a América Latina (Latin American Bureau – LAB). Esse tipo de iniciativa foi reforçado na

### *38 Perfil e trajetória*

época pelo lançamento da operação “Aliança para o Progresso”, que marcou, na Administração Kennedy, a política da Casa Branca para a América Latina.

O segundo desdobramento dessa cooperação das hierarquias da América do Norte e América Latina, isto é, aquele que mais se aproximava da proposta original de Dom Helder, foi a criação do Programa de Cooperação Católica Interamericana (CICOP – Catholic Inter-American Cooperation Program), que passou a ser financiado também pelo Bureau do Cardeal Cushing. Seu objetivo era de funcionar como um fórum de intercâmbio de idéias e experiências entre a Igreja nos Estados Unidos e Canadá, e a Igreja na América Latina, visando promover entre ambas um “maior entendimento, apreciação, respeito, interesse mútuo, e realizações conjuntas”. Mas o que Dom Helder na realidade queria era um instrumento capaz de criar uma consciência mais crítica e um movimento de opinião pública mais amplo entre os católicos americanos com respeito aos desafios do subdesenvolvimento, em que viviam dois terços da população mundial. Essa visão do então Secretário-Geral da CNBB tornou-se realidade no médio e longo prazo, quando os missionários e voluntários do Papa, ao regressar aos Estados Unidos e Canadá, após alguns anos de serviço de cooperação em países latino-americanos, puderam explicar às suas dioceses e congregações religiosas o drama deste continente, e a luta, que a Igreja nele sustentava, para melhorar as condições de vida dessa população, sem deixar de ressaltar a responsabilidade da política americana, apontada como uma das causas da miséria existente no continente irmão.

Para Dom Helder, porém, na segunda metade dos anos cinquenta e início dos anos sessenta não se limitaram apenas às suas atividades como Secretário-Geral da CNBB. Ao lado de todas essas iniciativas em âmbito nacional e internacional, encontrava tempo para desenvolver na arquidiocese do Rio de Janeiro duas atividades, que derivavam diretamente da experiência adquirida com o Congresso Eucarístico Internacional. Em primeiro lugar passou a utilizar de maneira sistemática os meios de comunicação social para o trabalho de evangelização, especialmente o rádio e a televisão, onde pôde colocar a serviço do Reino suas qualidades excepcionais de comunicador, que passaram a ser unanimemente reconhecidas pelos especialistas desta área. De certo modo ressuscitava os dotes, que

havia herdado de seu progenitor (um servidor público, que se dedicava também ao jornalismo), e que havia exercido com tanto sucesso nos primeiros anos de sacerdócio, na arquidiocese de Fortaleza, na primeira metade dos anos trinta.

O Congresso Eucarístico Internacional levou igualmente Dom Helder a restaurar uma das linhas pastorais, enfatizadas pelo Cardeal Leme: a evangelização por meio de grandes movimentos de massa, como demonstrações de fé. Na Semana Santa de 1958, foi levada a cabo uma grande celebração do Domingo de Ramos no estádio do Maracanã, congregando cerca de 200.000 pessoas. Nesta celebração, Cristo, entrando triunfalmente em Jerusalém, aparecia representado na figura de um mendigo. Na Semana Santa de 1959, uma celebração análoga no Maracanã focalizava a Sexta-Feira Santa e era transmitida pela televisão e pelo rádio, formando uma cadeia de cerca de 300 emissoras. O texto da celebração chegava a todo o país como uma matéria especial da revista *Manchete*.

Três empreendimentos desenvolvidos neste período, na arquidiocese do Rio de Janeiro, demonstram sua capacidade de realização, e seu amor aos menos favorecidos. Na realidade estava enfrentando três desafios de grande envergadura, para os quais nenhum governo até aquele momento tinha manifestado a coragem de procurar uma solução efetiva. Essas iniciativas foram uma conseqüência prática da interpelação, que lhe fizera o então arcebispo de Lyon (França), Cardeal Gerlier, ao término do Congresso Eucarístico Internacional, chamando-lhe a atenção para a incoerência entre a grandeza sublime da celebração promovida pela arquidiocese do Rio, para prestar homenagem a Cristo presente na eucaristia, e o descaso para com o mesmo Cristo presente nas pessoas de mais de um milhão de favelados, vivendo abaixo da linha da pobreza.

O primeiro desafio a ser enfrentado foi o da habitação popular. Com este objetivo criou a Cruzada São Sebastião, que mereceu do Papa João XXIII o seguinte comentário: um nome pouco feliz, para uma iniciativa de tamanho valor evangélico. Se os resultados do empreendimento foram limitados, o seu maior mérito foi começar a dar respostas concretas a um problema, que assumia proporções de uma verdadeira tragédia social.

O segundo desafio consistiu em buscar soluções criativas para atender às necessidades imediatas das populações marginalizadas, entre ou-



#### 40 Perfil e trajetória

tras, um sistema de crédito para empréstimos de pequena monta. A resposta foi a criação do Banco da Providência, que no início dos anos 60 lançava uma primeira experiência do que hoje se caracteriza como um Banco do Povo.

O terceiro desafio apresentava contornos quase impossíveis: reabilitar marginais, que a sociedade e as autoridades competentes consideravam irrecuperáveis. Neste particular valeu-lhe a amizade com o sacerdote francês, mais conhecido como “Abbé Pierre”, que fundara na França “Os trapeiros de Emaús”. O amigo francês ajudou Helder Câmara a criar algo de semelhante no Rio, e mandou-lhe para assumir a direção da obra um físico nuclear, que para deixar o país precisou de uma licença especial do governo francês. Em poucos anos o “Emaús” carioca afirmou-se e passou a ser considerado como uma das experiências mais bem-sucedidas em termos de recuperação de marginais, avaliados anteriormente como caso perdido.

A eleição do Cardeal Roncalli, patriarca de Veneza, para a sucessão de Pedro, em 1959, abriu novos horizontes ao trabalho da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Além da convocação e realização do Concílio Vaticano II, o pontificado de João XXIII exerceu uma influência de maior envergadura sobre a Igreja no Brasil em três oportunidades de maior destaque: publicação da encíclica *Mater et Magistra*, da encíclica *Pacem in Terris* e solicitação para que cada Igreja da América Latina elaborasse um Plano de Pastoral, com objetivo de enfrentar as fortes e rápidas mudanças experimentadas pelo continente.

No contexto brasileiro este período representou um momento forte na vida nacional: o processo cultural demonstrava uma extraordinária capacidade criativa e inovadora em todos os ramos da arte; Juscelino concluía seu mandato com o Plano de Metas quase totalmente realizado e recusara se dobrar às exigências do Fundo Monetário Internacional – FMI; Brasília tinha sido inaugurada; a Sudene havia sido criada para responder aos desafios do Nordeste; o Brasil lançara a Operação Pan-Americana e a Administração John Kennedy respondera com a Aliança para o Progresso; o Governo Jânio Quadros com duração de alguns meses buscara implantar uma política julgada conservadora no tocante aos negócios domésticos, e uma política mais à esquerda nos posicionamentos assumidos no cenário internacional; a Presidência de João Goulart levava o Brasil a um impasse,

na medida que a oposição negou-se a apoiar suas reformas de base, e o Presidente recusou-se a exercer apenas um mandato tampão, marcando passo à espera das eleições de um novo Presidente da República.

Neste contexto, as encíclicas *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris* foram de grande valia para iluminar os caminhos do desenvolvimento nacional, o posicionamento da Igreja em face das reformas de base, e para lançar os fundamentos sólidos de um diálogo construtivo entre correntes ideológicas, que iriam preparar o período pós-guerra fria, que João XXIII de certo modo antevia. Essas orientações do magistério pontifício foram oportunas no momento em que o Brasil experimentava um ressurgimento de uma nova onda de *macartismo* (expressão derivada do nome do Senador americano Joseph Raymond McCarthy), que havia tomado conta do cenário político dos Estados Unidos no início dos anos 50, e que culminara com a condenação à morte e subsequente execução do casal Júlio e Ethel Rosenberg, por suposta entrega aos soviéticos de segredos da bomba atômica. Ambas as encíclicas foram amplamente estudadas pela CNBB, e sua Comissão Central emitiu oportunamente pronunciamentos incisivos sobre sua aplicação ao contexto atravessado pelo país.

Atendendo à insistente e repetida solicitação de Roma e à cobrança do Núncio Apostólico Armando Lombardi, a CNBB elaborou um Plano de Emergência para atender às necessidades mais prementes de renovação pastoral, e ao mesmo tempo criou os instrumentos necessários à sua execução, introduzindo definitivamente na vida da Igreja no Brasil o planejamento pastoral. O Plano de Emergência focalizava a renovação paroquial, a renovação do ministério sacerdotal, a renovação das escolas católicas, e uma ação mais ampla e renovada da Igreja na esfera social.

O clima de fortes conflitos ideológicos, que dominou inicialmente os meios intelectuais e universitários, mas que progressivamente estendeu-se às demais camadas da classe média, e chegou mesmo a atingir as lideranças empresariais e sindicais, penetrou profundamente nas Forças Armadas e não deixou incólume os meios eclesiais. Uma tomada de consciência mais nacionalista de setores importantes da vida nacional; o triunfo da revolução castrista em Cuba, e sua intenção de estender o movimento revolucionário a outros países da América Latina, bem como sua integração progressiva ao bloco soviético; o acirramento da guerra fria, que culminou com

## 42 Perfil e trajetória

a tentativa de implantação de mísseis soviéticos na ilha de Fidel Castro; as campanhas de informação e contra-informação conduzidas em meio ao fogo cruzado com que se engalfinhavam no Brasil correntes ideológicas antagônicas; a decisão dos Estados Unidos de boicotar e inviabilizar o governo Goulart; os estratagemas utilizados pelas forças pró-americanas para cooptar o setor moderado, conhecidamente majoritário, dentro das Forças Armadas; todos esses fatores, entre outros, criaram no final dos anos 50, mas sobretudo a partir de 1960, um impasse na Ação Católica Brasileira, especialmente na Juventude Universitária Católica, que, por meio de seus militantes e dirigentes, assegurava uma ativa participação na União Nacional de Estudantes – UNE.

Este impasse girava em grande parte em função da natureza do mandato. Ao considerar a Ação Católica como um movimento de leigos, mandatado pela hierarquia, a conclusão lógica era de que esta não deveria se perfilar com nenhuma das ideologias em disputa. De outro lado, as grandes questões nacionais, que exigiam uma resposta e uma solução não podiam ater-se muitas vezes a uma determinada ideologia. No acirramento dos ânimos a tendência de cada grupo era rotular os demais como pertencentes a uma ideologia (no caso capitalista ou comunista), na medida em que as propostas defendidas pelos outros contrariassem os pontos de vista e interesses de seu respectivo grupo.

Nesse contexto o impasse não foi propriamente da Ação Católica Brasileira, mas da Igreja no seu conjunto, no tocante a todo o seu trabalho de transformação social. Para grupos, fanatizados pelas correntes ideológicas, que erigiam a economia de mercado *stricto sensu* como a única aceitável para o Brasil, a dedicação da Igreja pelos pobres, sua pregação incansável por justiça social, que exigia necessariamente reformas estruturais no país, faziam com que Dom Helder e mais alguns outros bispos de liderança nacional fossem irremediavelmente enquadrados como comunistas. Estes grupos não se contentavam apenas em pensar desta maneira, mas iniciaram um trabalho sistemático para solapar a imagem de Dom Helder, tanto em termos do conjunto da sociedade, bem como junto à grande parte do episcopado, que naquele momento não dispunha de informações objetivas sobre o que estava realmente acontecendo.

No caso de Dom Helder o ponto crucial fora uma entrevista, que ele concedera à rede de televisão americana NBC. A fundação americana *National Education Foundation* promovera uma série de entrevistas, cada uma de cinco minutos, com personalidades de destaque na América Latina, solicitando que apresentassem seus pontos de vista sobre a *Aliança para o Progresso*, a espinha dorsal da política dos Estados Unidos para a América Latina, formulada pelo Governo de John Kennedy. A entrevista com Dom Helder foi ao ar na cadeia nacional da NBC em janeiro de 1963. Ele abria a entrevista com a seguinte afirmação: “A Aliança para o Progresso está morta, mas eu desejo sua ressurreição.” E em seguida apontava as quatro causas de sua morte: as elites latino-americanas falam muito de reformas de base, mas chamam de comunistas aqueles que resolvem implantá-las de verdade; a instrumentalização deste Programa para proveito próprio da classe política, devido à sua natureza estritamente governamental; a complexidade dos procedimentos burocráticos nas duas extremidades do processo; o reduzido volume de recursos alocados efetivamente ao desenvolvimento, pois proporção substancial desses recursos era destinada à defesa militar do mundo livre. A conclusão arrematava dizendo que continuar a investir na América Latina sem exigir as reformas de base era como jogar dinheiro no mar. O vídeo desta entrevista não foi mostrado no Brasil, mas seu conteúdo foi veiculado pela imprensa. A partir deste momento, grande parte das elites brasileiras começaram a se afastar e negar sua cooperação às iniciativas de Dom Helder.

Um exemplo ilustrativo desse contexto é a interpelação, que foi dirigida ao Secretário-Geral da CNBB e Arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, em meados de 1963, por Dona Ondina, proprietária do então prestigioso diário carioca *Correio da Manhã*, quando, ao visitá-lo no Palácio São Joaquim, apostrofou-o nos seguintes termos: *Dom Helder, ainda está em tempo. Junte-se a nós; gostamos do senhor e muito o admiramos. Acabe com esta mania de denunciar injustiças sociais em favor dos pobres. Caso contrário, vão acabar com o senhor.* Neste momento, porém, Dom Helder já estava mergulhado em pleno Concílio Vaticano II. Sua figura nestas circunstâncias assemelhava-se à de Inácio de Antioquia, entregue inteiramente nas mãos do Pai, marchando conscientemente de Antioquia a Roma, para dar testemunho do Senhor, aos ser jogado às feras para lhes servir de pasto no anfiteatro romano.

## V – O IDÍLIO CONCILIAR E O CALDEIRÃO BRASILEIRO

O Concílio Vaticano II foi aberto no dia 11 de outubro de 1962. A homilia de João XXIII, pronunciada na oportunidade, foi inspiradora e programática: um apelo à criatividade e ao otimismo, para deixar o evangelho jorrar sobre a segunda metade do século XX em toda sua simplicidade, limpidez e força original. Ao longo das quatro sessões conciliares, Dom Helder alimentou diariamente seu círculo mais íntimo de auxiliares e amigos (denominado família mecejanense), que haviam permanecido no Rio, com informações e reflexões sobre o dia-a-dia conciliar. É interessante observar que ele jamais se pronunciou formalmente nas sessões realizadas na Basílica de São Pedro. Sua presença articuladora, porém, se fez sentir ao longo das quatro sessões como nos meses que permeavam uma e outra sessão. Quatro aspectos desta atuação podem dar uma medida aproximada de sua significativa contribuição aos trabalhos conciliares: sua capacidade aglutinadora; sua proposta programática e elaboração de documentos, capazes de conferir maior abertura aos debates conciliares; *Gaudium et Spes*; sua opção por uma Igreja servidora e pobre.

Esta capacidade aglutinadora manifestou-se em primeiro lugar no trabalho, que desenvolveu juntamente com o Presidente do CELAM, Dom Manuel Larraín, visando uma mais estreita articulação e cooperação entre os padres conciliares da América Latina, cuja esmagadora maioria acolheu favoravelmente a proposta do papa de realizar um Concílio voltado para renovação da Igreja em vista dos desafios do mundo moderno.

Mas provavelmente seu mais notável desempenho neste particular foi atrair para uma reunião semanal na sexta-feira à tarde na *domus Mariae*, onde estava hospedado o episcopado brasileiro, um grupo seletivo de padres conciliares, que além de uma visão relativamente comum, ocupavam papel de destaque nos seus respectivos episcopados.

Já no final da segunda sessão, este grupo contava com representantes da França, Camarões, Tanzânia, Alemanha, Países Baixos, Japão, Índia, Canadá, Zaire (Congo), Chile, Austrália, Inglaterra, Rodésia (Zimbabwe), Equador, Filipinas, Espanha, Estados Unidos, Itália, além de um representante do Celam. Este grupo foi responsável pela preparação e amadurecimento de diversas questões-chave, emanadas do Concílio, e fun-

cionava como uma matriz geradora e promotora de idéias capazes de conduzir a uma renovação da Igreja.

Sua proposta programática, ele a veiculou em uma carta aberta, que dirigiu a todos os padres conciliares, ao final da primeira sessão do Vaticano II, sob o título “Intercâmbio de idéias com nossos irmãos no episcopado”. Sete tópicos estruturam o documento: maior efetividade à colegialidade episcopal através da organização de bispos em níveis nacional e continental, para dar suporte ao sucessor de Pedro nas suas funções de magistério e governo da Igreja; promoção de um diálogo mais sério e sistemático entre o mundo subdesenvolvido, majoritariamente não cristão, e o mundo desenvolvido, majoritariamente cristão, sobre as questões de um desenvolvimento com justiça; uma reformulação mais radical da catequese e evangelização, levando em conta os problemas reais das populações em estado de subdesenvolvimento; relações de verdadeira comunhão, diálogo, serviço e testemunho entre o bispo e seu clero; superação do clericalismo, para que os leigos possam participar na vida da Igreja como adultos na fé; busca permanente de uma Igreja servidora e pobre; sugestões para uma celebração de encerramento do Concílio, que seja mais viva, mais significativa e mais vital do que fora a cerimônia de abertura. Olhando com um certo recuo, verifica-se que esta carta do final da primeira sessão era profética e todas as linhas nela propostas fizeram o seu caminho, tanto nos textos conciliares, como na tomada de consciência, e nas medidas tomadas posteriormente para implementar o Concílio.

Nos intervalos entre a primeira e segunda sessão, bem como entre a segunda e terceira sessões conciliares, Dom Helder consagrava a maior parte de suas manhãs a trabalhos relativos ao Concílio. Para que pudesse dedicar-se com tranqüilidade a essas tarefas, as Irmãs Ursulinas colocaram uma sala à sua disposição na Rua Farani, bairro de Botafogo. Com certa freqüência Dom Helder reunia neste local alguns assessores escolhidos.

Desse período surgiram dois documentos. O primeiro tinha como título “A mão de um filho em uma ferida sagrada”, em que abordava uma certa convivência da administração da Igreja, e mesmo do Vaticano, com as finanças do mundo capitalista, e com a exploração dos países subdesenvolvidos. Compara esta situação à dos Estados Pontifícios no século XIX, achando ser talvez necessário uma intervenção da Providência, para

libertar a Igreja dessas amarras. Este documento nunca foi divulgado por ser considerado uma questão muito delicada. Acontecimentos posteriores, bastante dolorosos, conferiram-lhe também um caráter profético.

Um segundo documento dizia respeito ao papel a ser exercido no Concílio pelos teólogos, observadores, ouvintes e pelo pessoal dos meios de comunicação social. Sua proposta sugere que sua seleção fosse ampliada para incluir mais representantes do Terceiro Mundo, e que sua participação fosse mais efetiva.

Quem acompanhou de perto os trabalhos conciliares reconhece que Dom Helder foi o grande animador na elaboração da *Gaudium et Spes*. A idéia já se encontrava na sua proposta programática ao final da primeira sessão conciliar, quando começou inicialmente a ser chamado de esquema sobre a Igreja no mundo.

Ao longo da primeira sessão, Dom Helder entrou em contato com o cardeal Suenens, primaz da Bélgica e um dos quatro moderadores do Concílio. Ambos estavam insatisfeitos com o caráter fechado com que os debates conciliares abordavam a Igreja. No dia 1º de dezembro de 1962, o Cardeal Suenens conseguiu reunir no Colégio Belga cerca de 50 representantes dos diferentes continentes. Entre os participantes estavam dois cardeais italianos, Montini de Milão e Lercaro de Bolonha, bem como dois cardeais de língua francesa, Léger do Canadá e Liénart de Lille, França. O objetivo era suscitar um intercâmbio de pontos de vista, a partir de uma apresentação da Federação de Institutos Católicos de Pesquisa Social e Sócio-Religiosa (FERES) sobre a situação socioeconômica do Terceiro Mundo.

Nos dias 4, 5 e 6 deste mesmo mês e ano, foram produzidas no plenário da Basílica de São Pedro as três intervenções que conferiram um rumo decisivo aos trabalhos conciliares. No dia 4, foi a vez do Cardeal Suenens, que ao responder à questão fundamental: “Igreja de Cristo, o que dizes de ti mesma?”, postula que o Concílio não se limite às questões relativas à natureza interna da Igreja, mas aborde igualmente os desafios de suas relações para com a sociedade. No dia 5, o Cardeal Montini intervém para apoiar o ponto de vista de Suenens, sugerindo que se explicite mais as relações entre a Igreja de hoje e o mistério de Cristo. Em sua intervenção do dia 6 de dezembro, o Cardeal Lercaro dá o seu apoio às intervenções de Suenens

e Montini, mas chama atenção para o fato de que o mundo ou a sociedade nos dias de hoje são compostos de dois terços da humanidade que vivem abaixo da linha da pobreza. Mais tarde, já na terceira sessão conciliar, Dom Helder conseguiu que o dominicano Louis-Joseph Lebreton fosse nomeado perito do Concílio, para conferir a este documento conciliar o peso de sua competência e experiência.

Desde o início do Concílio, um grupo de bispos começou a se reunir para aprofundar o tema da pobreza na Igreja, com o objetivo de buscar inserir essa perspectiva de uma Igreja comprometida com os pobres em todos os documentos conciliares. O grupo era animado pelo sacerdote francês, Paul Gauthier, antigo professor no Seminário de Dijon, mas que levava agora uma vida de eremita e operário, nos arredores da cidade de Nazaré, em Israel. Presidia o grupo o cardeal Gerlier de Lyon.

Inicialmente Dom Helder não aderiu ao grupo, achando que ele poderia limitar-se a uma concepção romântica de pobreza, desligada de um engajamento de erradicar a pobreza no mundo e de um compromisso de levar a Igreja a viver com maior autenticidade e coerência a pobreza evangélica. Além das reuniões periódicas do grupo, Paul Gauthier organizava também, durante a semana no período noturno, encontros com bispos específicos ou com pequenos grupos de dois ou três bispos. Foi nesses pequenos encontros que Dom Helder entendeu melhor os objetivos e a perspectiva de trabalho do grupo e resolveu aderir, atraindo pouco a pouco uma plêiade de outros bispos latino-americanos. Ao final do Concílio, este grupo – reunido na catacumba de São Calixto (um papa, que muito sofreu por causa de seu amor e dedicação aos pobres) – firmou o Pacto das Catacumbas, comprometendo-se a viver com coerência uma vida de pobreza evangélica e de dedicação ao serviço dos pobres.

A partir de dezembro de 1963, quando o episcopado brasileiro regressou da segunda sessão conciliar, a situação nacional do Brasil havia se agravado perigosamente. Como João Goulart não tinha aceito a alternativa de apenas guardar o posto e esperar as novas eleições, e a crise econômica começava a se fazer sentir, as posições começaram a se radicalizar, prenunciando um desfecho de extrema violência.

Neste momento, Dom Jaime de Barros Câmara chama Dom Helder, e depois de fazê-lo ler o texto dos Atos dos Apóstolos, em que Paulo e Barnabé, por divergências pastorais, resolvem se separar e seguir



caminhos diversos, comunica-lhe que havia solicitado ao Nuncio Apostólico, que pedisse a Santa Sé para transferi-lo para uma arquidiocese, em que ele pudesse fazer sua própria experiência como arcebispo de uma circunscrição eclesiástica. Em março de 1964, Roma transfere Dom Helder para a Arquidiocese de São Luís, no Maranhão, como sucessor de Dom José Delgado, que havia ido para a Arquidiocese de Fortaleza. Antes, porém, que a nomeação seja publicada, falece o Arcebispo de Olinda-Recife, Dom Carlos Coelho, vítima de um acidente cirúrgico. O Nuncio Lombardi telefona imediatamente a Roma e sugere que Dom Helder seja transferido para a arquidiocese, que acabava de ficar vacante com o falecimento de Dom Carlos Coelho. Roma aceita a sugestão e Dom Helder é imediatamente transferido da Arquidiocese de São Luís (sem que tenha chegado a tomar posse) para a Arquidiocese de Olinda-Recife.

Em 31 de março deste mesmo ano, os militares intervêm. João Goulart, para salvar o país de um banho de sangue, não resiste, dissuade todos os seus aliados de levar à frente qualquer movimento neste sentido, e logo em seguida exila-se no Uruguai. Na primeira quinzena de abril, Dom Helder toma posse como arcebispo metropolitano de Olinda-Recife e, nesta qualidade, torna-se um dos sucessores de Dom Sebastião Leme, que também em 1916 havia sido transferido da sua função de bispo auxiliar do Rio de Janeiro para ser o pastor desta mesma circunscrição eclesiástica de Olinda-Recife, onde permaneceu até 1921.

O discurso de posse de Helder na sua nova arquidiocese é uma pérola em termos estéticos, redigido em linguagem acessível ao povo mais simples, claro e incisivo em termos da nova situação nacional, mas antes de tudo é uma mensagem programática, que retoma em grande parte elementos importantes da carta aberta (de cunho eminentemente profético) que ele havia dirigido aos padres conciliares durante a primeira sessão do Vaticano II.

Pouco tempo depois da posse de Dom Helder em Recife, morre no Rio de Janeiro, vítima de um enfarte cardíaco, o Nuncio Apostólico Armando Lombardi. Em uma visão retrospectiva pode-se asseverar que foi até hoje o representante da Santa Sé que logrou encarnar-se mais plenamente e com mais efetivo sucesso no contexto brasileiro, tornando-se capaz de entender adequadamente o povo deste país, bem como os seus líderes, nas suas peculiaridades, limitações e potencialidades dinâmicas.

Na mente dos que o conheceram durante a década em que atuou no Brasil, permanece sua imagem de homem de Deus, animado pelo sopro do Espírito, assim como a do pastor, que estimula, renova, liberta e abre perspectivas. Em um desfecho, surpreendente, esse Núncio veio a falecer em território brasileiro, em meio ao torvelinho de uma crise tempestuosa, que certamente apressou seu desenlace fatal. Sua função de decano do corpo diplomático, acreditado junto ao governo do Brasil, colocava-o na linha de frente e em uma posição extremamente delicada naquelas circunstâncias; mas o Núncio Lombardi soube enfrentar galhardamente a situação com seu experimentado tirocínio no exercício do bom senso e do diálogo, aliado à clarividência e fortaleza evangélicas, mesmo que esse embate tenha lhe custado o sacrifício supremo de sua vida. Dom Helder sentiu sua morte, como se tivesse perdido um irmão.

## VI – IGREJA SERVIDORA E POBRE E INTERLÚDIO ESPARTANO (1966-1985)

Não há como não evocar a Grécia clássica, ao analisar sistemas democráticos de governo. Apesar de suas falhas e limitações inegáveis, o modelo representado por Atenas, que atingiu seu apogeu nos tempos de Solon e Péricles, permaneceu como o paradigma de uma sociedade fundamentalmente civilista, voltada para a mais alta expressão do espírito humano na filosofia, nas ciências, nas artes e na educação. De outro lado, sua rival Esparta, governada *manu militari*, distinguiu-se pela ordem hierárquica rígida e pela disciplina estrita de seu paradigma societário, embora não tenha legado à humanidade maior contribuição cultural. Em 1964, o Brasil confrontou-se com a escolha entre os dois modelos, e, momentaneamente, apesar de certa hesitação, optou pelo paradigma espartano.

Para entender, porém, a opção espartana durante as duas décadas que se seguiram aos eventos de 1964, bem como os cinco governos militares, que se sucederam no Palácio do Planalto, em Brasília, é necessário levar em conta a doutrina da Segurança Nacional desenvolvida naquela época pela Escola Superior de Guerra – ESG, como versão final do *movimento dos tenentes*, iniciado na segunda década do século.

Originalmente, parece que o conceito de *Segurança Nacional* tenha sido derivado do conceito análogo de *Defesa Nacional*, desenvolvido

pelas forças armadas francesas, que até a II Guerra Mundial haviam exercido uma certa influência sobre oficiais do exército brasileiro. Dentro da concepção e contexto da *guerra fria* adotou-se no Brasil o conceito de *Segurança Nacional*. Partindo-se dos objetivos nacionais permanentes e correntes, chega-se aos conceitos de *poder nacional*, *estratégia nacional* e finalmente *desenvolvimento nacional*. Assim, *Segurança e Desenvolvimento* constituem-se no binômio-chave, que representava a ideologia e o projeto de sociedade, elaborado pela Escola Superior de Guerra – ESG, com a participação de militares e civis (sendo estes últimos responsáveis, sobretudo, pelos aspectos do desenvolvimento econômico).

Embora sob alguns aspectos apresentasse semelhanças com congêneres estrangeiras, a ideologia da ESG caracterizava-se por três traços originais. Em primeiro lugar destacava-se a importância atribuída à *Segurança Interna* e, conseqüentemente, à guerra subversiva e à guerrilha. Nesse particular, os militares brasileiros foram pioneiros e anteciparam-se aos debates internacionais sobre o tema, que se desenrolaram no cenário mundial, a partir do sucesso da revolução cubana e da tragédia americana no Vietnã.

Em segundo lugar colocava-se a opção de um alinhamento de princípio com o bloco ocidental sob a hegemonia de Washington, embora houvesse um leque aberto de matizes quanto à natureza dos laços, que deveriam envolver os países participantes do bloco e à conciliação desse alinhamento com os interesses nacionais.

Em terceiro lugar vinha o papel do Estado como um dos elementos distintivos. Os militares brasileiros propunham um Estado forte, centralizado, administrado através de um planejamento racional, voltado para a consecução dos objetivos nacionais. O poder do Estado, sobretudo na área econômica, torna-se o instrumento responsável pela coordenação de todos os setores da vida nacional e pela sua integração coerente. Em 1964, ao assumir o poder, os militares estavam unidos em torno de dois pontos fundamentais: Segurança Nacional e a necessidade de um programa de purificação ideológica e ética, capaz de afastar definitivamente do cenário político os elementos considerados *corruptos e subversivos*. O desenrolar dos acontecimentos demonstrou, porém, existirem nas forças armadas três grupos com posicionamentos nitidamente distintos, apesar dos elementos comuns.

O primeiro posicionamento era assumido pelo grupo conhecido pelo nome coletivo de *Sorbonne*, que constituía o pivô ideológico da ESG. Este grupo ocupou o poder na presidência do General Castelo Branco e voltou mais tarde ao comando das decisões nas presidências de Geisel e Figueiredo. Propugnava o alinhamento com os Estados Unidos e uma maior integração com o sistema capitalista internacional; manutenção das instituições democráticas, embora controladas de muito perto por um Executivo forte e capaz de impor suas opções políticas, quando necessário; repressão moderada aos opositores, preferivelmente através de coerção política.

O segundo posicionamento dentro das forças armadas cabia ao grupo denominado de *linha dura*. Os militares a ele pertencente defendiam uma repressão mais radical para eliminar qualquer oposição ao regime, acompanhando, porém, esta repressão de uma intensa atividade de relações públicas para ressaltar suas realizações e seus altos propósitos, a fim de neutralizar e mesmo superar os eventuais efeitos negativos do processo de purificação ideológica. Buscavam uma maior independência política de Washington, mas acentuavam ainda mais a integração ao capitalismo internacional. Assim, davam prioridade total ao crescimento econômico com relativa estabilidade de preços, deixando, contudo, que seus custos caíssem pesadamente sobre as classes trabalhadoras, especialmente sobre os segmentos de menor poder aquisitivo. Sustentavam sua permanência no poder por tempo indeterminado, até que pudessem passá-lo aos civis sem nenhum risco. Esse grupo ocupou o poder parcialmente no governo Costa e Silva, e plenamente no governo Garrastazu Médici.

O terceiro posicionamento constituía a bandeira daqueles que dentro das Forças Armadas integravam o grupo formado pelos *nacionalistas autoritários*. Perfilavam-se com a *linha dura* em matéria de repressão e na determinação de conservar o poder sem prazo determinado, e, por isso, com ela participaram do poder durante o governo Costa e Silva. Distanciavam-se, no entanto, dessa última em matéria de política internacional e de tratamento do capital estrangeiro, assumindo uma posição nitidamente nacionalista. Ao mesmo tempo discordavam das prioridades econômicas dos dois grupos anteriores, colocando maior ênfase na distribuição de renda para corrigir tanto os desequilíbrios regionais, como os desequilíbrios sociais, visando favorecer as classes de mais baixa renda. O expoente máximo dessa

tendência foi o General Afonso de Albuquerque Lima, que ocupou o Ministério do Interior durante o governo Costa e Silva. Embora contasse com grande apoio de oficiais mais jovens, que não haviam ainda atingido a patente de coronel, esse grupo tinha menor penetração nos escalões superiores das Forças Armadas.

O interlúdio espartano, que se estendeu por duas décadas, foi marcado por duas grandes etapas. A primeira foi caracterizada pela montagem do regime de governo do poder militar, e teve seu apogeu durante a presidência do General Garrastazu Médici. A segunda etapa teve início no governo do General Geisel e completou-se ao longo da presidência do General Figueiredo, e pode ser caracterizado como o duro caminho de regresso a uma democracia civil.

Castelo Branco, que assumiu a presidência em abril de 1964, dedicou-se a aplicar o conjunto de medidas para superar a inflação e assegurar a estabilidade econômica por meio do Programa de Ação Econômica de Governo – PAEG; elaborou e fez aprovar uma nova Constituição, bem como a Lei de Segurança Nacional, que tornou-se a pedra angular do regime; deu ao país a Lei de Imprensa e a Lei de Reforma Agrária; criou o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS; reestruturou o serviço público, premiou prioritariamente a competência profissional, consolidou a posição dos técnicos, concedeu-lhes remuneração condigna, e dotou-os na prática de um real poder a serviço do regime; elaborou um plano decenal de desenvolvimento; criou um novo sistema partidário com apenas dois partidos políticos: a Aliança Renovadora Nacional, ou ARENA, que tornou-se o partido do governo, e o Movimento Democrático Brasileiro, ou MDB, que faria o papel de oposição.

O Ato Institucional nº 1 tivera como objetivo legitimar a tomada do poder pelos militares. Mas Castelo Branco, com base neste Ato Institucional, deixou que se desencadeasse, desde os primeiros dias de seu governo, um processo de repressão em larga escala, atingindo civis e militares, e a partir de um certo momento perdeu completamente o controle deste processo.

Desta maneira viu desgastada sua base política dentro das Forças Armadas, que o obrigaram a editar o Ato Institucional nº 2, que dissolveu os partidos políticos anteriores a 1964, ampliou os poderes dos Tribu-

nais Militares, e deixou a porta aberta para futuros atos complementares. Logo em seguida foi também forçado a baixar o Ato Institucional nº 3, que estabeleceu as eleições indiretas para governadores dos Estados, e nomeação dos prefeitos das capitais dos Estados e de outras cidades, consideradas como relevantes para a segurança nacional. Acima de tudo, porém, teve que aceitar, contra sua vontade, o General Costa e Silva, como seu sucessor.

O General Costa e Silva não pertencia propriamente ao grupo da *linha dura*, mas para viabilizar suas ambições presidenciais, tornou-se o seu representante e porta-voz no cenário nacional. Assim, ao assumir a Presidência da República em 1967 contava com o apoio de todas as tendências que, tendo derrubado o governo João Goulart, opunham-se agora ao grupo da ESG, detentor do poder no governo Castelo Branco.

Na área econômica o governo Costa e Silva pôde beneficiar-se da estabilidade de preços promovida com eficiência, dentro do receituário liberal, pelo governo anterior. A capacidade ociosa no parque industrial, resultante das medidas de estabilidade, aplicadas nos três primeiros anos do governo militar, permitiu uma imediata retomada do crescimento da economia, sem necessidade de maiores investimentos. Além disso o programa econômico desse período deixou algumas marcas duradouras. Entre as mais significativas pode-se apontar: o sistema de indexação para tentar corrigir as distorções decorrentes da espiral inflacionária, embora servisse ao mesmo tempo para retroalimentá-la; a rápida expansão das cadernetas de poupança e diversos outros mecanismos destinados a captar os recursos superavitários daqueles que deles dispunham, a fim de canalizá-los em seguida para investimentos produtivos; infra-estrutura, crédito e incentivos para dar suporte à agricultura voltada para a exportação; apoio à indústria de equipamentos pesados.

Na política externa Costa e Silva imprimiu algumas mudanças nos rumos que haviam sido traçados pelo seu predecessor: retirou o apoio brasileiro à criação da Força Inter-Americana de Paz; recusou-se a assinar o Tratado de não-Proliferação Nuclear; juntou-se aos demais países latino-americanos para reclamar dos Estados Unidos concessões tarifárias; relegou a um plano insignificante a *Aliança para o Progresso*, assumiu um papel de liderança na organização do Grupo não alinhado dos 77; tomou medidas para ampliar o comércio com a União Soviética; suscitou uma acalorada

controvérsia comercial com os americanos em torno das restrições, que estes tentaram impor às importações do café solúvel brasileiro.

O grande fracasso deste governo verificou-se, porém, na área sócio-política, negando ao presidente qualquer chance de imprimir uma fisionomia humana ao regime, conforme havia prometido ao tomar posse. Em lugar das passeatas de mulheres, que haviam enchido as ruas e avenidas das capitais brasileiras no início de 1964, buscando mobilizar a opinião pública contra o governo de João Goulart, agora eram os estudantes – acompanhados muitas vezes de seus educadores e pais – que desfilavam pelas mesmas ruas e avenidas em protesto contra o governo, que depusera o último Presidente constitucionalmente empossado. A repressão com que o governo respondeu aos protestos tornou-se combustível jogado na fogueira, pois ela atingia agora não apenas classes trabalhadoras, políticos, e demais líderes suspeitos de conivência com o governo João Goulart, mas também parcelas jovens das elites, e, de tabela, agredia também suas famílias.

A constatação de que a volta ao processo democrático esvanecia-se como um barco que afasta-se progressivamente da “costa” e adentra-se por um oceano desconhecido, levou os movimentos de esquerda a optarem pela violência como instrumento de oposição e desestabilização do regime. Esta opção pela violência era um erro histórico, mesmo em termos estratégicos e táticos, e sua adoção só pode ser explicada ou por imaturidade ou por um sentimento de desespero de causa. Naquele momento, em nenhum país do mundo estavam os militares tão bem preparados para enfrentar um movimento de guerrilha, como no Brasil. A ESG o havia estudado profunda e amplamente e era pioneira no assunto. Ademais, a guerrilha e a violência tocavam exatamente na tecla em torno da qual todos os militares dos três grupos estavam de acordo e firmemente unidos e solidários, ou seja o combate sem trégua à subversão.

Em face dos protestos e da onda de violência, que se alastrou pelo país, as Forças Armadas impuseram ao governo o Ato Institucional nº 5, que, segundo consta, arrancou acalorados protestos do Vice-Presidente, Pedro Aleixo, e foi assinado a contragosto pelo Presidente Costa e Silva. Editado em dezembro de 1968, este Ato concedia total e arbitrário poder ao Presidente da República para garantir por todos os meios a estabilidade política e social. Muitos analistas políticos o consideram um golpe dentro

do golpe, marcando uma ruptura com tentativas anteriores de manter alguma forma de “democracia controlada” e manifestando em toda a sua transparência e plenitude a fisionomia autoritária do regime.

Seu resultado imediato foi uma onda ainda mais ampla de cassações e a intensificação da repressão e da tortura, que eram freqüentemente conduzidas e aplicadas por homens sem nenhum preparo e formação para distinguir o que era verdadeira subversão e sem a mínima noção dos princípios mais elementares de direitos humanos. Sua única preocupação era conduzir uma ação policlesca eficaz.

Para muitos militares envolvidos nesse processo, essa era a oportunidade de demonstrar sua lealdade e zelo pelo regime, e desta maneira ganhar créditos para sua promoção. Para alguns, como se pode inferir do depoimento de algumas vítimas, essa era também a oportunidade para descarregar recalques mais profundos e taras de personalidade.

Para o regime, a posição da Igreja tornou-se um caso especial, para qual mostrou-se inteiramente despreparado. Dada a grande mobilização da opinião pública ao longo de 63 e 64 sobre a iminência de um golpe comunista, e dado o trabalho hábil e sutil que os movimentos financiados pelo capital estrangeiro (para fomentar essa mobilização) haviam efetuado junto a membros do episcopado, houve inicialmente, por parte da Igreja, um voto de confiança no novo governo, apesar das prisões arbitrárias de líderes cristãos e de leigos ligados a instituições eclesiais, terem levantado alguma inquietações e mesmo levado alguns bispos a empreenderem gestões junto às novas autoridades.

À medida, porém, que o regime começou a manifestar mais ostensivamente sua verdadeira fisionomia, três questões fundamentais passaram a gerar conflitos, que foram se avolumando ao longo do tempo. Inicialmente colocou-se apenas a problemática dos direitos humanos violados pela arbitrariedade e violência do aparato repressor. Mas logo em seguida houve uma tomada de consciência da injustiça social embutida nos programas de desenvolvimento econômico. Acima de tudo, porém, começaram a confrontar-se duas concepções inteiramente distintas das relações entre Igreja e Estado.

Se a questão dos direitos humanos sensibilizava sobretudo os bispos mais intelectualizados e dotados de uma visão nacional e internacio-



nal mais ampla, a questão da justiça social tocava muito de perto os membros do episcopado, que na sua atividade pastoral de cada dia testemunhavam e escutavam “os clamores do povo”.

Em torno dos problemas derivados das relações entre Igreja e Estado e dos direitos da Igreja em definir os caminhos da evangelização, todo o episcopado (incluindo aqueles considerados como de tendência mais conservadora) estava unido e testemunhava uma solidariedade inquebrantável, que desconcertou o regime e resistiu a suas manobras.

Na realidade, a posição da Igreja apontava para o calcanhar de Aquiles do sistema político, que se institucionalizara. Com efeito, seu modelo de Estado identificava-se com o Estado Leviatã, concebido pelo filósofo britânico Thomas Hobbes no início do século XVII, para evitar que a sociedade fosse levada à anarquia para a qual seria fatalmente arrastada devido ao visceral egoísmo do ser humano.

No Brasil, a situação não era completamente inédita. O Estado Novo fora também um Estado forte e autoritário. Tinha o suporte militar, e correspondia ao modelo idealizado pelos tenentes, que se rebelaram contra a Velha República, por considerá-la irremediavelmente dominada pelas oligarquias provinciais, descomprometidas com os interesses mais altos da nação. Algumas diferenças são porém dignas de nota. Em primeiro lugar o Estado Novo era encabeçado por um político civil com envergadura de estadista, voltado ao mesmo tempo para a implantação de um vasto programa social, impregnado, é verdade, do populismo, que o movimento de março de 1964 buscava eliminar.

A segunda diferença situava-se nas relações cordiais entre o representante supremo desse Estado, ou seja, Getúlio Vargas, e a pessoa de Dom Sebastião Leme, que, além de outras altas qualidades, desempenhara um papel de destaque a serviço da sociedade na transição entre a Velha República e o novo regime, que se instalara em 1930.

Uma terceira diferença provinha da consciência social da Igreja, vigente naquela época, quando a instituição eclesial testemunhava sua solidariedade para com os segmentos menos favorecidos da sociedade, desenvolvendo uma ação predominantemente assistencialista, que complementava de certo modo a ação paternalista do Estado.

No final de 1968 estava como que latente no subconsciente da Igreja no Brasil, especialmente de sua hierarquia, a lembrança da experiência, que vivera no período da Colônia e do Império, quando o controle de um Estado regalista, quase a sufocou e matou de inanição. Mais forte, porém, do que as lições de um passado remoto e doloroso, impunha-se à consciência eclesial a experiência viva, que a vinha marcando nas últimas décadas. A vivência e aplicação sistemática do método do *ver-julgar-agir* e um maior aprofundamento do mistério eclesial e das exigências evangélicas em face dos desafios da sociedade humana, preconizados pelo Vaticano II, levaram vastos segmentos da comunidade eclesial a um processo de maior encarnação na realidade brasileira, principalmente a uma presença mais efetiva junto às populações mais desfavorecidas.

As encíclicas papais *Rerum Novarum*, *Quadragesimo Anno*, *Mater et Magistra*, *Pacem in Terris*, mais recentemente, *Populorum Progressio* encorajava-a a tomar essa orientação e indicava-lhe os caminhos a seguir. O Concílio Vaticano II consagrara definitivamente em termos teológico-pastorais essa tomada de consciência; e a Conferência do Episcopado Latino-Americano, realizada em Medellín, Colômbia, em agosto de 1968, a transformara em diretrizes para a ação, adaptadas às condições peculiares da América Latina.

Essa vivência da Igreja e essa consciência renovada e atualizada de sua missão, ao mesmo tempo transcendental e encarnada, não podia deixar de chocar-se com alguns aspectos do corpo doutrinário que a ESG havia desenvolvido até meados dos anos 60, e mesmo com a ideologia subjacente à ação dos militares que personificavam a *linha dura* ou os *nacionalistas autoritários*.

Confirmando a expectativa, conflitos, os houve. Foram inúmeros, de todos os feitios e capazes de satisfazer todos os gostos, chegando quase a esgotar a pauta das alternativas possíveis. Abrangeram praticamente todas as regiões do país e envolveram leigos, clérigos e bispos: manobras de intimidação; censura no acesso aos meios de comunicação social; acintes de todo o gênero; intensas campanhas de difamação sem conceder às vítimas a mínima chance de defesa; invasão de instituições ligadas à Igreja, bem como de residências paroquiais e mesmo episcopais; tentativas de cooptação pela oferta de honrarias e condecorações, que foram coerentemente recusadas;

interpretações malévolas das dimensões sociais do evangelho; prisões e torturas; processos esdrúxulos, que se arrastaram por meses e às vezes por anos; deportações sumárias de estrangeiros, que trabalhavam nos quadros da Igreja, e, finalmente, seqüestros, execuções sumárias e assassinatos.

A freqüência desses fatos acelerou-se a partir de 1968 e alcançou o seu clímax durante o governo Médici. Sua persistência, embora de forma menos ostensiva e mais atenuada, prolongou-se através dos demais governos militares que se sucederam. A partir do Ato Institucional nº 5, a Igreja tornou-se *a única voz daqueles que não tinham voz* dentro do regime autoritário.

Segundo analistas políticos, Emílio Garrastazu Médici não ambicionava a Presidência e só a aceitou sob forte pressão. Os mesmos analistas observam que, na realidade, não governou, mas apenas presidiu, deixando que Delfim Neto se encarregasse da economia, Orlando Geisel das Forças Armadas (com a missão de restituir-lhes a unidade perdida), e que Mário Andreazza tivesse rédea solta para tocar as iniciativas de maior envergadura do regime. O aparelho de repressão, por sua vez, recebia carta branca para agir de acordo com seu beneplácito. Na realidade, Médici caracterizou-se pela delegação de responsabilidade, que conferia aos seus ministros e assessores imediatos, intervindo apenas para dirimir a questão, quando dois ministros entravam em conflito com respeito à determinada política ou iniciativa.

Médici governou com a *linha dura*. Os *nacionalistas autoritários* não participaram de seu governo, mas suas teses foram levadas em consideração através de iniciativas que, sem atacar em profundidade os desafios da distribuição de renda e os problemas derivados da internacionalização acelerada da economia, apresentavam uma certa resposta, embora em termos extremamente diluídos.

Entre essas iniciativas estão o Programa de Integração Social – PIS, o Programa de Integração Nacional – PIN, e o Proterra, voltado para a redistribuição de terra e estímulo à agroindústria do Norte e Nordeste. Com exceção da Zona Franca de Manaus, ligada ao PIN, todas essas iniciativas resultaram em quase completo fracasso.

Apesar de sua forte tendência à concentração de renda, a economia brasileira logrou durante o governo Médici seus mais altos e sustentados índices de crescimento econômico. Este desempenho da econo-

mia permitiu que a política externa brasileira continuasse seu curso de independência e pragmatismo. Apesar dessa política independente, o governo americano de Richard Nixon olhava com simpatia a determinação brasileira em acelerar seu desenvolvimento econômico, mas sobretudo a atitude acolhedora e amiga do governo brasileiro com relação aos interesses de empresas norte-americanas e sua oposição frontal aos socialismo marxista, maoísta e castrista. Em dezembro de 1971, Médici visitou os Estados Unidos e ouviu de Nixon nessa oportunidade a afirmação que provocou um certo mal-estar em algumas chancelarias latino-americanas: “Para onde for o Brasil, irá também o resto do continente latino-americano”.

Assim como aconteceu com Castelo Branco, e Costa e Silva, Médici não conseguiu fazer o seu sucessor, e foi forçado a aceitar que o General Orlando Geisel, impusesse a candidatura de seu irmão mais novo, Ernesto. Na realidade, Ernesto Geisel foi o militar mais bem preparado para assumir o cargo de Chefe do Executivo da nação, pela sua larga experiência na administração civil e no trato com profissionais, dotados de reconhecida competência técnica. Essas qualidades, aliás, se refletiram na escolha de seu ministério, que o apoiou a desenvolver as quatro estratégias fundamentais de seu governo, ou seja:

- Garantia do apoio da maioria das Forças Armadas, buscando ao mesmo tempo reduzir a influência da *linha dura* e restaurar o profissionalismo como papel principal do corpo militar;
- Controlar o aparelho da repressão e não deixar passar a imagem de um governo fraco e amolecido incapaz de ser respeitado pela determinação militar;
- Manter o crescimento econômico com a estabilidade de preços;
- Abrir caminhos à restauração do processo democrático.

Às duas primeiras estratégias, Ernesto Geisel as conduziu com maestria e total eficácia. No tocante à terceira, foi surpreendido pela crise do petróleo e pelos impactos, que esta produziu sobre a economia mundial e logrou apenas minimizar seus aspectos negativos para a economia brasileira. Neste particular conseguiu apenas adiar uma crise, que explodiria no governo de seu sucessor, e debilitaria consideravelmente o desempenho econômico-financeiro por quase duas décadas.

A quarta estratégia foi provavelmente a mais bem sucedida, produzindo a médio prazo resultados surpreendentes, superando de muito as expectativas iniciais. Com a descompressão política iniciada por Geisel, quatro instituições da sociedade civil passaram a se movimentar mais ativamente e a influir mais efetivamente no processo: Igreja, Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, Associação Brasileira de Imprensa – ABI, empresariado. A primeira delas e comparativamente a mais visível e atuante foi a Igreja.

Após o Concílio Vaticano II, Dom Helder consagrou-se a implantar na Arquidiocese de Olinda–Recife a visão de Igreja e as diretrizes mestras, consagradas pela assembléia conciliar de todo o episcopado em comunhão estreita com o sucessor de Pedro. Para ele era a ocasião de colocar em prática as propostas que havia apresentado em carta aberta a todos os irmãos no episcopado em novembro de 1962, e que no essencial haviam sido assumidas e registradas nos documentos conciliares.

Tendo deixado o Secretariado-Geral da CNBB, assumiu pelo período de um mandato a Secretaria de Promoção Social da Conferência dos Bispos. Neste posto, porém, a repressão militar o deixara de mãos inteiramente atadas. No cenário nacional, os meios de comunicação social estavam proibidos de mencionar seu nome, sob qualquer que fosse o pretexto. A elite carioca, e mesmo a elite nacional, que o idolatrara na segunda metade dos anos cinquenta, passou a renegá-lo a partir da entrevista, que gravara para a cadeia de televisão americana – NBC, no início dos anos sessenta, emitindo pontos de vista considerados por ela como inaceitáveis. Mas na sua arquidiocese, fizeram com que desabasse sobre ele todo o peso da repressão. Não conseguindo atingi-lo diretamente, seja por inépcia, seja “pelo medo da multidão” (como acontecera com o Mestre), descarregaram sobre seus colaboradores mais íntimos toda a força policialesca do aparelho repressor, que não recuou diante de execuções sumárias.

Restou-lhe o espaço internacional, onde tornava-se cada vez mais conhecido e admirado, tanto pelo conteúdo de sua mensagem, como pela sua coerência de vida, inteiramente pautada no evangelho. Organizações internacionais de prestígio levantaram sua candidatura para o Prêmio Nobel da Paz. No momento decisivo faltou-lhe o apoio da Secretaria de Estado do Vaticano. O governo brasileiro orgulhou-se de ter impedido que

o seu nome entrasse nas listas para o cardinalato, e chegou mesmo a lograr que o governo central da Igreja lhe dirigisse, embora privadamente, uma moção de censura. Encontrando-se pouco tempo depois com o seu amigo o Cardeal Benelli, recém-nomeado Patriarca de Florença, este confessou-lhe que havia cometido um ato de fraqueza ao ter conservado neutralidade neste episódio e não ter intervindo em sua defesa como Secretário Substituto da Secretaria de Estado do Vaticano, por encontrar-se em um momento delicado, quando estava sendo discutida sua nomeação como Patriarca de Florença.

Durante todo esse período, Dom Helder, além de sua arquidiocese, conservou sua influência direta sobre os irmãos no episcopado, pertencentes ao regional do Nordeste II, sediado em Recife. Ainda nos anos 60 os bispos deste regional publicaram um documento vigoroso de crítica ao regime, denominado “Ouvi os clamores do meu povo”.

No cenário nacional, ele conservou-se, porém, como um marco de referência, e uma fonte de inspiração para muitos outros bispos, especialmente para aqueles que, juntamente com ele, haviam firmado o Pacto das Catacumbas, comprometendo-se a viver integralmente o ideal de uma Igreja servidora e pobre. Enquanto a sociedade brasileira mergulhava em um período de extrema violência, considerada a única maneira de resolver problemas políticos, sociais e econômicos, Dom Helder levava à frente sua pregação de não-violência, como atitude mais genuinamente evangélica. Nos momentos em que se sentia mais isolado, e mesmo abandonado, e em que sua causa em favor dos pobres parecia mais irremediavelmente perdida, ele não se cansava de apelar para o ideal das minorias abraâmicas, capazes de esperar contra toda a esperança.

No início dos anos 70 a CNBB consolidara-se como um órgão representativo da maioria esmagadora do episcopado, e nas dioceses, as pastorais populares e as Comunidades Eclesiais de Base permitiam à Igreja lograr um maior grau de encarnação na realidade, uma participação mais efetiva do povo, e uma mais vigorosa capacidade de atuar como fermento em movimentos sociais suscitados pela própria sociedade civil.

Na primeira etapa do governo Geisel, as relações entre Igreja e Estado experimentaram uma significativa distensão. De um lado a instituição eclesial procurara dar um voto de confiança no novo governo, que assu-

## 62 Perfil e trajetória

mira prometendo pôr fim às torturas e iniciar a abertura do regime e do processo de redemocratização. O desejo de Geisel e Golbery de reatar um certo diálogo com a sociedade civil deveria passar necessariamente por um diálogo com a Igreja, que foi inicialmente facilitado pela intermediação do cientista político, Antônio Cândido Mendes, amigo de Golbery e com trânsito fácil junto à CNBB.

Desde o início dos anos 70, a Igreja concentrara seus esforços em quatro setores específicos: direitos humanos, avaliação crítica do modelo econômico, agravamento do problema agrário, sobrevivência e respeito aos direitos das populações indígenas.

Em 1973, aproveitando o décimo aniversário da Encíclica *Pacem in Terris* do Papa João XXIII e o jubileu de prata da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, a CNBB lançou uma campanha de informação e esclarecimento sobre o tema central comum a esses dois documentos. A censura imposta pela Lei de Imprensa impediu, porém, uma maior repercussão desta campanha. A Igreja passou então a criar e utilizar mais amplamente seus próprios canais de comunicação através de todo o país, bem como instituições abertas ao tema em todo o mundo.

Sua estratégia consistia em estabelecer contatos com outras Igrejas e outras instituições nos mais diferentes países para desencadear um processo de discussão e aprofundamento do tema, devendo culminar com um encontro internacional a ser realizado em 1978. A coordenação do projeto ficou a cargo de Dom Cândido Padim, bispo de Bauru (SP), a partir do Brasil, e de Francisco Withaker Ferreira, atuando em Paris. O projeto estendeu-se finalmente até julho de 1979, quando o Encontro Internacional teve lugar em João Pessoa (PB). O movimento chegou a contar com 1500 membros (líderes religiosos, intelectuais, jovens e organizações de cunho social) em cerca de 90 países.

Quando os militares assumiram o poder em 1964, o Governo do General Castelo Branco fizera aprovar o Estatuto da Terra, elaborado sob a liderança de Paulo de Assis Ribeiro, um tecnocrata competente, que havia anteriormente prestado eventual assessoria a Dom Helder Câmara, quando este era Secretário-Geral da CNBB. Mas a estrutura fundiária perversa, que a política colonial de Lisboa havia introduzido no Brasil, e que fora agravada pela Lei da Terra de 1850, permanecia intocada, e ao que tudo fazia crer, intocável.

Em 1971, Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Felix, em um documento intitulado *Uma Igreja da Amazônia em Conflito com o Latifúndio e a Marginalização Social*, examina a situação de sua diocese, focalizando sobretudo o problema da terra. Em 1973, os bispos do Centro-Oeste, sob a liderança do nordestino Dom Fernando Gomes, arcebispo de Goiânia, ampliam, em um pronunciamento, o alerta levantado por Dom Pedro Casaldáliga e publicam o documento *Marginalização de um Povo: o Grito das Igrejas*. Na realidade este pronunciamento fazia eco ao documento anteriormente lançado pelos bispos do Nordeste: *Ouvi os clamores do meu Povo*.

Em 1975 a Comissão *Justiça e Paz* de São Paulo elabora sua crítica e lança seu fundamentado manifesto *S. Paulo 75: Crescimento e Pobreza*, e o episcopado da região acompanha este manifesto com a declaração: *Não oprimas teu Irmão*. A essa altura tornava-se mais uma vez evidente a ligação estreita entre problema agrário e o caos das periferias urbanas e do desenvolvimento urbano no seu conjunto. Aliás, a questão não era nova, apenas assumira dimensões desproporcionais. Ela estivera na raiz mesma de uma etapa importante de renovação da Igreja na segunda metade dos anos 40. Ela motivara a articulação nacional iniciada por Dom Helder, que culminou com a criação da CNBB. Ela inspirara Dom Eugênio a lançar o *Movimento de Natal*, em 1949.

Em 1975, a Comissão Justiça e Paz e a CNBB realizaram uma conferência nacional sobre o desafio agrário brasileiro, na cidade de Goiânia, e resolveram criar a Comissão de Pastoral da Terra – CPT, com o objetivo de avaliar programas de reforma agrária, tomar conhecimento de casos de injustiças e denunciá-los, encorajar grupos diocesanos a organizar assistência jurídica às vítimas de injustiças, lançar campanhas de informação aos agricultores e aos agentes de pastoral.

Os direitos das nações indígenas constituíram o quarto setor específico priorizado pela Igreja. Aliás, seu envolvimento com os remanescentes dessas populações, que na sua maioria sobrevivem na bacia amazônica, jamais havia cessado. O trabalho de evangelização e aculturação dessas nações fora confiado quase exclusivamente às ordens e congregações religiosas, que destacaram para esse empreendimento missionários estrangeiros, motivando nos anos 30 a interpelação que Getúlio dirigira ao Núncio Apostólico Aloísio Mazella sobre as razões que levaram a Igreja a entregar inteira-



mente nas mãos de súditos do Eixo (alemães e italianos) as prelaças da Amazônia.

Até o início dos anos 60 poucos desses missionários recebiam formação adequada em lingüística e estavam devidamente familiarizados com os avanços da antropologia moderna. A implantação do modelo econômico, baseado exclusivamente no crescimento econômico e na estabilidade de preços, bem como os grandes projetos lançados pelo Governo na região amazônica, aceleraram as agressões aos direitos das nações indígenas e a ocupação de suas terras por fazendeiros e outros aventureiros menos escrupulosos.

Essa tomada de consciência levou à criação em 1972 do Conselho Indigenista Missionário, com o objetivo de coordenar e mesmo reformular o tipo de presença e atuação da Igreja junto às populações indígenas. Este Conselho, que estruturou-se melhor em 1974, adquiriu laços mais estreitos com a CNBB em 1977.

O diálogo entre a Igreja e o Governo não eliminou as tensões que esses quatro setores criavam permanentemente entre estes dois interlocutores, nem impediram que o aparelho repressor e o terrorismo de direita prosseguissem nas suas tentativas de intimidar a Igreja. Mas serviram para conter essas tensões dentro de certos limites.

O clímax, porém, dessas tensões, foi o *Pacote de Abril* de 1977, que ao fechar o Congresso Nacional, embora temporariamente, parecia lançar uma pá de cal sobre as perspectivas de uma efetiva abertura do regime. Quando as medidas de abril de 1977 reduziram de dois terços para maioria absoluta a votação necessária à adoção de uma emenda constitucional e assim ensejaram uma emenda que abolia a indissolubilidade do vínculo matrimonial e deixavam as portas abertas para uma lei do divórcio, a tensão atingiu seu grau de efervescência máxima, levantando os protestos mesmo dos bispos menos sensíveis aos problemas dos direitos humanos e às injustiças sociais agravadas pelo modelo econômico. Ainda em 1977 a Assembléia-Geral da CNBB aprova por maioria esmagadora (203 a 3) o documento *Exigências Cristãs de uma Ordem Política*, apontando o fracasso do regime militar em atender as exigências evangélicas de uma ordem política digna desse nome. É preciso notar que esses desdobramentos fazem justiça plena à

luta que Dom Helder empreendera ao longo de sua vida, para encarnar e aculturar a Igreja na realidade brasileira, tornando-a cada vez mais uma Igreja servidora e pobre.

Antes de deixar o governo, Ernesto Geisel sancionou a nova Lei de Segurança Nacional, deixando ainda nas mãos do Executivo Nacional uma proporção significativa de poderes arbitrários. Revogou o Ato Institucional nº 5. Restaurou o *habeas corpus*. Acabou com a censura. Permitiu que grande parte dos exilados políticos pudesse regressar ao Brasil. De outro lado, o aparelho repressor, embora menos ativo e menos eficiente, permanecia quase intacto.

A sucessão de Geisel constituiu uma experiência menos traumática do que as anteriores vividas pelo regime militar, pois, o Presidente, que saía, preparara habilmente o processo sucessório, eliminando sistematicamente os focos, que pudessem eventualmente oferecer resistência dentro das forças armadas a seu candidato: o General João Batista Figueiredo, que assumiu a Presidência aos 15 de março de 1979, para exercer um mandato, estendido para seis anos, graças a uma medida política de seu antecessor. Sua missão era clara: dar continuidade às políticas de Geisel e levar a cabo o processo de abertura.

De saída, o novo Presidente deparou-se com uma situação econômica em deterioração. O segundo choque dos preços do petróleo já em 1979, acompanhado de uma recessão econômica mundial, abatia-se sobre o Brasil em um momento crítico, quando o país ainda não se havia recuperado satisfatoriamente de um choque semelhante em 1973.

Já em 1982, Figueiredo teve que reconhecer publicamente que o país estava à beira da insolvência e que vinha entabulando negociações com o Fundo Monetário Internacional já há algum tempo. Com efeito, a moratória anunciada pelo México em meados deste mesmo ano despertara mais agudamente a comunidade financeira internacional para o alto risco incorrido pelos seus empréstimos a países da América Latina, levando-a a cancelar qualquer novo empréstimo em futuro imediato para países deste continente. Apesar de todos os esforços o governo tornara-se incapaz de controlar a economia, e a reduzida melhoria nas condições sociais, eventualmente observada em algumas áreas do país ao longo dos anos 70, evaporou-

se de imediato. Seu único benefício foi o favorecimento, que proporcionou ao processo de abertura política.

Com efeito, na área política, da mesma forma que na área econômica, o governo perdeu pouco a pouco o controle do processo de abertura ou de descompressão. Além da deterioração das condições econômicas, três outros contratempores contribuíram, dentro de certa medida, para esse desfecho: a morte inesperada de Petrônio Portella, Ministro da Justiça e coordenador político do governo, que estava sendo preparado para ser o primeiro Presidente civil, na sucessão de Figueiredo; a renúncia de Golbery do Couto e Silva, o principal arquiteto do processo de abertura, que deixou o governo na metade do mandato de Figueiredo; o estado de saúde do próprio Presidente.

Neste período surgira um novo ator no cenário político: o Partido dos Trabalhadores. Golbery favoreceu sua criação para dividir ainda mais as correntes oposicionistas. Seus fundadores fazem remontar a idéia germinal deste Partido ao Congresso da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria – CNTI, realizada Rio de Janeiro em 1979, na esteira das greves, que abalaram o ABC paulista no biênio 78-79 e constituíram a matriz do *novo sindicalismo*. Nesta oportunidade Lula lançara no plenário do Congresso o desafio: “O que nós precisamos é a criação de um Partido dos Trabalhadores. Por que atuar através de intermediários, quando os trabalhadores podem assumir seu papel, agindo sob sua própria responsabilidade?”

A Igreja nos grandes centros urbanos, especialmente na área metropolitana de São Paulo, hipotecou solidariedade aos movimentos de greve, buscando dar assistência aos trabalhadores que não podiam contar com os recursos do imposto sindical nem dispunham de um sólido fundo de greve para arrostar os dias difíceis de paralisação de suas jornadas de trabalho. Ao mesmo tempo proporcionou-lhes local para reuniões e debates, enquanto as Comunidades Eclesiais de Base ofereciam aos leigos cristãos engajados na luta sindical um quadro propício a uma reflexão evangélica sobre a situação.

No cenário nacional a Igreja nos anos oitenta continuou priorizando na sua presença e atuação na sociedade os quatro setores selecionados já nos anos setenta. Em 1979 a CNBB lançou o documento “Subsídios para uma Po-

lítica Social”, apresentando uma ampla análise do modelo socioeconômico vigente e a necessidade de buscar uma nova abordagem capaz de assegurar maior justiça social na distribuição dos benefícios gerados por toda a sociedade. Os conflitos de terra, que haviam se ampliado sobretudo na região amazônica, constituíram provavelmente o maior fator de tensões entre Igreja e Estado durante esse período, agravadas pelo assassinato de sacerdotes e leigos, engajados na ação pastoral das dioceses, localizadas nessa região. Os processos contra sacerdotes estrangeiros, que buscavam defender as vítimas da violência desencadeada pelo grileiros de terras, e a legislação adotada pelo governo impondo severas restrições à admissão de missionários estrangeiros no Brasil, não contribuíram certamente para reduzir as tensões, que foram curiosamente aliviadas durante os rápidos períodos de afastamento de Figueiredo, durante os quais Aureliano Chaves tornou-se o Presidente em exercício.

Figueiredo esperava poder deixar o debate e negociações sobre o processo sucessório para 1984. Mas a crise econômica que se abatera sobre o Brasil não permitiu que se adiasse as discussões sobre o prosseguimento da abertura e o futuro do país. A partir desse momento a situação passou a escapar completamente das mãos do Presidente e adquiriu sua dinâmica própria. Os observadores apontam três fatores como os principais responsáveis por esse desenlace: a tentação do continuísmo; a mobilização popular da campanha pelas *diretas-já*; e a desestabilização do partido do governo, provocada pela candidatura de Paulo Salim Maluf.

Mesmo dentro do quadro de referência de uma eleição indireta, a decisão veio finalmente a 15 de janeiro de 1985. Os 480 votos da Aliança Democrática (oposição) garantiram a Tancredo Neves uma vitória significativa, enquanto o partido governista, depauperado e irreconhecível, assegurava com muito esforço 180 votos para Paulo Salim Maluf. Nos três primeiros meses de 1985 encerava-se o interlúdio espartano no processo político brasileiro.

Quase concomitantemente Dom Helder completava a idade limite de sua permanência como arcebispo de uma circunscrição eclesiástica, devendo passar à condição de arcebispo emérito. Chegado o momento não hesitou e submeteu à Santa Sé seu pedido de resignação. A Providência reservava-lhe ainda uma última surpresa: não conseguiu fazer o seu sucessor.

Em coerência com toda a sua vida aceita humildemente, e com o sorriso de sempre estampado em sua face, a decisão de Roma. Retira-se à sacristia de uma igreja, cujos cômodos já lhe serviam de residência nos últimos anos de seu ministério arquiépiscopal à frente da Arquidiocese de Olinda – Recife, para dedicar-se completamente à oração e à contemplação, e viver inteiramente sua entrega nas mãos do Pai.

Já quase nos umbrais do século XXI, torna-se evidente que a Igreja no Brasil apresenta uma fisionomia bem distinta daquela que aparentava no início do século XX. Neste ano de 1999, quando Dom Helder completa noventa anos de idade, cinqüenta e oito de ministério sacerdotal, e quarenta e sete de ministério episcopal, o mínimo que se pode dizer é que a Sabedoria divina serviu-se dele como um instrumento de escol para plasmar a atual fisionomia da Igreja no Brasil, que de acordo com suas aspirações, deveria ser cada vez mais uma Igreja servidora e pobre.

## VII – PÓS-ESCRITO A DOM HELDER CÂMARA

Ao mergulhar nesses noventa anos de Dom Helder, que se estendem sobre noventa e um por cento do século XX, é-se levado espontaneamente a levantar algumas perguntas: Qual foi o segredo desta sua vida ao mesmo tempo eletrizante, densa de sentido, e fecunda em resultados para as gerações presentes? Em que aspectos ela pode servir de inspiração para as gerações atuais face às novas realidades que se abrem para o século XXI?

Sem sombra de dúvida, pode-se dizer que sua força era antes de tudo interior e residia em sua profunda espiritualidade, que emprestava às suas notáveis qualidades humanas uma dimensão sobrenatural, que as engrandecia exponencialmente. A doação total a Deus e ao próximo, vivida na simplicidade, no espírito das bem-aventuranças e sobretudo da pobreza evangélica, a exemplo de Francisco de Assis, cujo ideal de vida em Cristo e a serviço da Igreja escolhera como modelo, constituía sua marca registrada. As duas horas de vigília, que ocupavam diariamente as suas madrugadas, eram para ele um momento privilegiado de comunhão íntima e direta com o Pai, em Cristo Jesus, pela ação do Espírito, para poder encontrá-lo ainda mais profundamente na celebração eucarística e no contato diuturno com os irmãos ao longo do seu dia, quase sempre preenchido por uma agenda carregada, que não lhe dava tréguas.

Já no exercício do ministério episcopal, seus encontros com Paulo VI e João XXIII foram marcados por um forte clima espiritual. Duas reflexões, que lhe foram dirigidas por esses dois sucessores de Pedro, sensibilizaram-no profundamente. João Batista Montini, futuro Paulo VI, ao ser transferido do posto de Secretário Substituto da Secretaria de Estado da Santa Sé para tornar-se arcebispo de Milão, confidenciou-lhe: “Há momentos na vida que é preciso morrer totalmente em Cristo, para ressuscitar com Ele para uma vida nova.” Esta reflexão, tão genuinamente paulina, já prenunciava o futuro Paulo VI. De forma análoga, em um de seus encontros com João XXIII, o papa, que convocou o Concílio Vaticano II, recomendava-lhe em um tom essencialmente joanino: “É preciso permanecer sempre no Amor, para permanecer em Deus.” Dom Helder comentava que nos seus momentos difíceis esses dois conselhos eram meditados intensamente para poder encontrar uma atitude evangélica face aos embates da vida.

Esta sua espiritualidade faz lembrar a figura de quatro bispos, que fazem parte do quadro seletivo de padres da Igreja. Inácio de Antioquia, ao enfatizar até quase a exaustão o valor da unidade e da comunhão na Igreja, escrevia aos cristãos de Roma, onde seria martirizado em um dos circos da cidade: “Sou o trigo de Deus, e hei de ser moído pelos dentes das feras, a fim de ser apresentado como pão imaculado de Cristo.”

Basílio de Cesaréia, depois de refletir profundamente sobre a experiência dos anacoretas no sul do Egito, optou por estabelecer em sua diocese a vida de comunidade, como modelo de vida contemplativa para que nela se pudesse exercer mais explicitamente a caridade.

Agostinho de Hipona, que vivendo no mosteiro, que fundara perto de sua catedral, fez inscrever no seu refeitório em letras garrafais: “Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele.” Embaixo apusera ainda a seguinte inscrição: “Neste recinto é proibido falar da vida alheia.”

João Crisóstomo afirmava na sua homilia sobre Mateus, pronunciada em sua Igreja Catedral: “Queres honrar o corpo de Cristo? Não o desprezes quando nu; não o honres aqui com vestes de seda e abandones o aflito fora no frio e na nudez. Pois aquele que disse: *Isto é o meu corpo* (Mt. 26,26) e confirmou com o ato a palavra, é o mesmo que falou: *Tu me viste*

*faminto e não me alimentaste* (Mt. 25,35); e: *O que não fizeste a um desses mais pequeninos, não fizestes a mim* (Mt. 25,45)... Que proveito haveria se a mesa de Cristo está coberta de taças de ouro e ele próprio morre de fome? Sacia primeiro o faminto e, depois, do que sobrar, adorna a sua mesa. Fazes um cálice de ouro e não dás um copo de água? Que necessidade há de cobrir a mesa com véus tecidos de ouro, se não lhe concederes a coberta necessária?... Por conseguinte, enquanto adornas a casa de Deus, não desprezes o irmão aflito, pois ele é mais precioso do que o templo.”

Foi esta profunda e sólida espiritualidade, que animou sobrenaturalmente quatro de suas maiores qualidades humanas: sua atitude de misericórdia e compaixão – no sentido etimológico dessas expressões – para com os irmãos, especialmente para com os mais necessitados; sua extraordinária capacidade de articulação, que aglutinava as pessoas e as empolgava para engajar-se juntas em vista de objetivos mais elevados e comuns; suas qualidades invulgares como comunicador, sem sucumbir à tentação do vedetismo, seja através dos meios de comunicação social, seja em grandes concentrações de massa; a amplitude de sua visão, que espontaneamente o levava a encarar sempre os problemas, os riscos e as oportunidades em sua dimensão não apenas nacional, mas também continental e mundial, em uma época, em que ainda não se falava de globalização.

Foi ainda esta profunda e sólida espiritualidade que o levou a aprofundar no contexto brasileiro quatro aspectos fundamentais da vida e da missão da Igreja: a colegialidade episcopal e a comunhão de todos os membros; as relações Igreja e Estado; o testemunho de uma Igreja servidora e pobre; a evangelização inculturada.

O exercício efetivo da colegialidade episcopal foi uma das intuições pioneiras de Dom Helder. No caso brasileiro havia uma exigência prática deste exercício. Em um país de dimensões continentais, muitos desafios não poderiam ser enfrentados isoladamente por dioceses agindo individualmente. Era preciso que o episcopado no seu conjunto pudesse assumi-los e dar-lhes uma resposta solidária. Durante década e meia, Dom Helder dedicou-se a essa tarefa quase hercúlea, quando se leva em conta a situação, a partir da qual deu início a esse empreendimento. Quando se acompanha sua silhueta cruzando o Brasil de norte a sul e de leste a oeste, é instrutivo evocar mais uma vez a figura de Agostinho de Hipona.

O autor das “Confissões” antes de se tornar bispo era extremamente avesso a viagens. Vivendo em Tagaste, sua terra natal, em um mosteiro que fundara com alguns companheiros mais íntimos, somente para não ter de enfrentar a viagem até a capital daquela província romana no norte da África, recusou-se a atender o pedido de um de seus melhores amigos, que, encontrando-se no leito de morte em Cartago, solicitava urgentemente a sua presença. Uma vez, porém, que assumiu a diocese de Hipona, como sucessor de Valério, de quem fora previamente bispo auxiliar, não se cansava mais de percorrer toda a província em longas e extenuantes cavalgadas para articular a colegialidade das dezenas de bispos, que exerciam seu ministério episcopal naquela região.

A comunhão eclesial de todos os membros do povo de Deus constituía o princípio mestre do governo de Dom Helder na arquidiocese de Olinda–Recife, chegando mesmo a debruçar-se com profunda atitude de humildade diante daqueles que, por um ou outro motivo, manifestavam-se infensos à sua pessoa.

As relações entre Igreja e Estado foram um dos aspectos que mais exigiram a sua clarividência e o seu tato como homem de Igreja, ao acompanhar *pari passu* sua evolução no cenário nacional. Nos cinco primeiros anos de seu ministério sacerdotal, com todas as boas intenções de combater o comunismo e com o estímulo e apoio de Dom Manuel, o bispo a quem devia obediência, pertenceu aos quadros do integralismo, engajou-se em campanha política, e chegou por insistência mais uma vez de seu bispo a exercer por quase um ano o cargo de diretor do ensino em todo o Estado do Ceará. Ao experimentar na pele o que significavam os compromissos políticos que este cargo implicava, renunciou a esta função, e com a anuência mais uma vez de seu bispo transferiu-se para a arquidiocese do Rio de Janeiro. Esta experiência, segundo seu depoimento, vacinou-o para todo o resto de sua vida.

No Rio absorveu completamente a linha estabelecida pelo Cardeal Leme de uma cooperação amistosa com o governo, que implicava intransigência nas questões de fé, moral, e nos direitos da Igreja de exercer livremente sua missão evangelizadora e educadora, mas que também se traduzia em uma atitude respeitosa e neutra no tocante ao modelo político e socioeconômico adotado.



Ainda, segundo Dom Leme, a transformação das estruturas da sociedade seria alcançada pelas elites, na medida em que estas se convertessem e passassem a viver coerentemente sua fé.

A convivência com Alceu Amoroso Lima e com outros líderes influentes do Centro Dom Vital, levaram-no às teses de Maritain, mais tarde consagradas pelo Vaticano II, quanto à autonomia relativa da sociedade civil e do Estado com relação à Igreja. Finalmente o Padre Lebret abriu-lhe os olhos para a necessidade de promover o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens, tese mais tarde adotada por Paulo VI na *Populorum Progressio*. A transformação da sociedade deve ser feita também pelo próprio povo assumindo suas responsabilidades. Essa perspectiva tocou fundo na sua espiritualidade franciscana de fraternidade e solidariedade, que deveria ajudar mesmo as camadas mais marginalizadas a serem os protagonistas de seu próprio desenvolvimento.

Conseqüentemente a missão da Igreja devia consistir também em cooperar com todos aqueles que se dispõem a trabalhar nesta perspectiva para a elevação das populações marginalizadas, levando-as a assumir suas responsabilidades. A Igreja passava assim do simples assistencialismo para ajudar a sociedade no seu conjunto a desempenhar o seu papel de sujeito do desenvolvimento e a construir um Estado capaz de respeitar e mesmo de fomentar este direito fundamental. Esta perspectiva ia de encontro a toda a tradição brasileira de quase quinhentos anos, herdada da Colônia, do Império e da Velha República, em que o Brasil se constituiu em um país, que foi sempre Estado, sem jamais ter sido nação. Em um contexto mundial, dominado pela guerra fria entre dois blocos hegemônicos, não foi difícil taxar essa posição de subversiva e de traição ao bloco ocidental, no qual o Brasil estava integrado.

Numa visão bíblica esta perspectiva correspondia a uma missão profética da Igreja, na linha dos profetas do Antigo e do Novo Testamento, em que a esposa de Cristo sem estar atrelada com exclusividade a nenhum modelo ou projeto de sociedade, tem por missão denunciar as injustiças e apontar as exigências evangélicas, que devem ser levadas em conta na superação de estruturas, que oprimem milhões de seres humanos. O entendimento dessa dimensão da Igreja por parte de personalidades com visão de estadista, a exemplo de Juscelino Kubitschek, levaram a uma coo-

peração muito fecunda entre Igreja e Estado em prol do desenvolvimento. Durante o interlúdio espartano, essa falta de visão levou irremediavelmente ao conflito e à tensão, sobretudo nos períodos em que o grupo militar da *linha dura* controlava o poder e o aparelho repressor.

Neste pós-escrito a Dom Helder Câmara, vale a pena interrogar-se sobre as relações Igreja-Estado após a volta do país ao regime de uma democracia civil.

Ao final do interlúdio espartano, o *Brasil mais desenvolvido* (especialmente na região Centro-Sul) experimentou um significativo surto de crescimento econômico com melhoria considerável de sua infra-estrutura em termos de transportes, energia e comunicações, e com uma mudança estrutural de seu setor industrial mais progressista, que viu ampliar-se o parque de sua indústria de base e de bens de capital, chegando mesmo a celebrar o início promissor de uma indústria de ponta.

Em contrapartida, o *Brasil menos desenvolvido* (tanto em termos geográficos como em termos sociais), estagnou, e, em alguns aspectos, regrediu, à espera de que com o *crescimento do bolo* lhe fossem concedidas algumas migalhas no decorrer da festa, em momento ainda indeterminado. Mas a festa acabou abruptamente em um momento crítico da história: os desequilíbrios regionais se acentuavam; o modelo de estrutura agrária perversa se expandia para as áreas de nova fronteira econômica, desencadeando desproporcional onda de violência; as periferias das grandes cidades cada vez mais inchadas, escapavam ao controle dos planejadores urbanos e das instituições governamentais responsáveis; as populações indígenas eram cada vez mais dizimadas e despojadas de seus direitos; a exploração desordenada da mata atlântica e da bacia amazônica começava a levantar um fundado questionamento sobre os acertos da política de ocupação do solo.

O processo político de participação popular, congelado em 1964, hibernava à espera de uma mudança de estação, que lhe permitisse desfrutar de uma primavera de distensão, descompressão e abertura. Os dois partidos políticos oficialmente reconhecidos haviam permanecido duas décadas bem arrumados nas prateleiras do Congresso Nacional. Esses dois partidos, porém, gerados em laboratório, regularmente podados e artisticamente miniaturizados como dois *bonsais*, revelavam-se incapazes de produ-

zir um verdadeiro fruto político, servindo apenas como peça decorativa que emprestava ao regime em extinção um certo toque de democracia.

Nesse contexto, a questão pode ser formulada em termos mais precisos: o que mudou nos últimos quinze anos? Qual é a situação atual dos quatro setores que a Igreja havia definido como prioritários na década de 70? Os direitos humanos continuam a ser sistematicamente desrespeitados pela enxurrada de violência que apenas mudou de endereço ao sair de certos círculos militares restritos, e penetrar e ocupar as ruas das cidades, as estradas, o meio rural e a imensa *hinterlândia* de todo o país. A estrutura agrária perversa continua na maioria de seu arcabouço inteiramente intacta. Apesar de toda a movimentação do Estado, as melhorias introduzidas são pontuais e rarefeitas, e estão longe de ser uma resposta cabal ao desafio de uma verdadeira modernização fundiária no Brasil. Apesar de alguns avanços na demarcação das terras indígenas, os direitos dessas populações autóctones são diária, sistemática e impunemente desrespeitados.

O processo político retomou o seu curso civil, e este é um elemento positivo, mas o processo eleitoral é preponderantemente controlado pelo poder econômico, que com industriosa habilidade aproveita da pletora de partidos, do tecido muitas vezes espúrio das coligações, da compra de votos, do tráfico de influência, do vazamento de informações privilegiadas, dos sistemas bem articulados de corrupção, dos grupos de interesse com seus *lobbies* bem montados e estrategicamente posicionados, fazendo com que a representatividade política seja inteiramente distorcida e viezada. A dança das cadeiras entre os partidos, por simples questão de vantagens pessoais ou dos grupos, desmonta qualquer tentativa de fazer dos partidos verdadeiros esteios do modelo de democracia representativa.

O modelo econômico é apenas uma variação sobre o tema daquele introduzido no final dos anos 60, com tendência para uma maior internacionalização ou globalização, gerando taxas crescentes de desemprego, dotado de uma frágil estabilidade, que depende crucialmente da conjuntura e dos humores internacionais. A despeito de todo o discurso oficial, a sorte dos excluídos do processo decisório e dos benefícios gerados pela sociedade, denota uma crescente deterioração.

Algumas diferenças importantes, porém, se fazem notar ao longo destes últimos quinze anos. Durante o interlúdio espartano as responsa-

bilidades pelos desafios econômicos, sociais e políticos não resolvidos e dos acintos aos direitos humanos estavam claramente definidas. Hoje, essa responsabilidade é mais difusa, privando a Igreja de um interlocutor bem identificado. A força do regime em vigor entre 1964 e 1985 era o poder militar, que assumira o governo do país. A força do regime atual é mais sutil, utiliza-se de processos aparentemente democráticos, mas na prática é autoritário e não aceita uma oposição discordante, ou alternativas, que divirjam da posição oficial. Os partidos políticos, embora atuantes, não estão efetivamente comprometidos com um modelo de sociedade, claramente definido, com exceção do modelo adotado pelos detentores do poder real.

Há um compartilhamento do modelo com os países que integram o Mercosul ou a ele se associaram. Esta integração, porém, é ainda muito frágil e dela participam praticamente as elites políticas e o poder econômico e financeiro, com exclusão das demais forças da sociedade organizada. O fenômeno da globalização até o momento reforça o modelo concentrador de renda, embora na sua lógica devesse promover uma maior expansão do mercado, aumentando o poder aquisitivo da população marginalizada, praticamente alijada dessa economia de livre competição.

Ao mesmo tempo a globalização tende a um nivelamento e homogeneização cultural, que desfibra e emascula a identidade nacional, e ao mesmo tempo fomenta a intensificação e ampliação do pluralismo religioso, que solapa um dos esteios da consciência, unidade e identidade nacionais.

Neste particular seria muito útil um diálogo mais sistemático, de um lado entre a Igreja e as forças armadas, e de outro lado entre a Igreja e o profissionais encarregados de subsidiar a formulação da política externa brasileira e coordenar sua implementação. Ambos os grupos no seu conjunto enfatizam a identidade nacional e colocam a consecução dos interesses vitais do país como prioridade absoluta no seu âmbito de atuação. Esse diálogo sistemático precisaria se estender às lideranças do Congresso Nacional e do Judiciário.

Um fenômeno promissor é o surgimento vigoroso em quantidade e qualidade de organizações não-governamentais, que demonstram uma vitalidade, que provém das bases da sociedade e procura se organizar para conferir maior eficiência à sua atuação. A Agenda 21, que objetiva, promover a partir da base um desenvolvimento sustentável, que incorpora não apenas a preservação da natureza, mas também a implantação de uma

sociedade socialmente mais justa e solidária, precisaria passar a receber uma maior atenção e presença da Igreja.

O diálogo Igreja-Sociedade, que foi de fundamental importância no processo de abertura democrática no final dos anos 70 e início dos anos 80, abrangendo sobretudo a OAB e a ABI, não pode mais se confinar ao diálogo com o Estado, nem muito menos privilegiar com exclusividade o Poder Executivo. Esse diálogo pluralista e diversificado, isento de qualquer fisiologismo político, ou fanatismo ideológico, torna-se um elemento importante da evangelização, para que o fermento do Evangelho possa levedar as transformações sociais e a mudança dos valores, que se operam na sociedade.

Esses diálogos para produzirem os frutos, que deles se esperam, precisam levar em conta o terceiro aspecto da vida e missão da Igreja, enfatizados por Dom Helder. Seu posicionamento em todos esses diálogos deve assumir a postura de testemunho de uma Igreja servidora e pobre, superando a postura triunfalista, denunciada por João XXIII. De forma análoga esses diálogos devem inserir-se no processo integrado de uma evangelização inculturada, que é o quarto aspecto que se destaca no trabalho pastoral desenvolvido por Dom Helder.

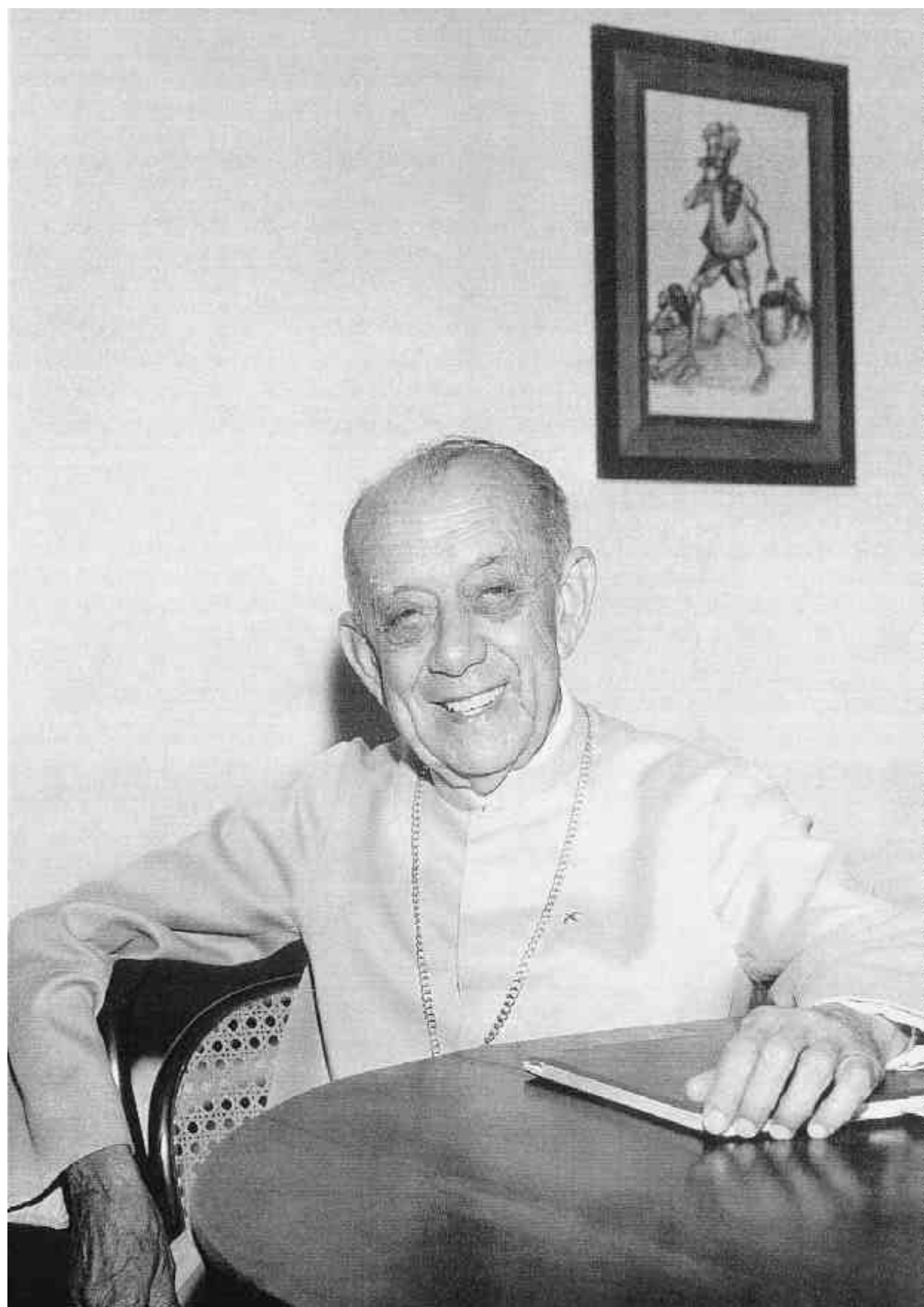
Neste particular é preciso reconhecer, que apesar da consciência de brasilidade, partilhada por toda a nação, e do sentido de destino comum, que tornam solidários todos os que se reconhecem cidadãos brasileiros ou participam por opção da construção da nacionalidade, o Brasil se caracteriza por uma certa diversidade cultural, seja do ponto de vista social, seja econômico e regional. É missão da Igreja inserir-se efetivamente nesses diversos contextos regionais e culturais.

Ao mesmo tempo a solidariedade entre as dioceses deve conduzir cada uma delas à ajuda mútua, fruto da co-responsabilidade que seus legítimos pastores devem exercer sobre o conjunto da Igreja, em perfeita comunhão com o sucessor de Pedro, centro fundamental de referência da unidade, catolicidade, santidade e apostolicidade da Igreja de Cristo. Esta perspectiva coloca-se em um processo de continuidade da ação pastoral, que precisa ser hoje multiplicada e ampliada, e que foi gerada há 50 anos pelo ex- Assistente-Geral da Ação Católica Brasileira e Primeiro Secretário-Geral da CNBB, quando este acompanhou nos seus primórdios o processo de regionalização do de-

desenvolvimento brasileiro, promovendo um posicionamento e uma ação conjunta do episcopado da respectiva região sobre as conseqüências pastorais desse desenvolvimento para suas respectivas áreas. Amazônia, Nordeste e Centro Sul são três regiões que necessitam de uma ação concertada da Igreja.

Nesses quatros setores da vida da Igreja – colegialidade e comunhão, relações entre Igreja e Estado, testemunho de uma Igreja servidora e pobre, evangelização inculturada – a atuação daquele, que criou as condições para a fundação da CNBB e foi seu primeiro Secretário-Geral durante doze anos, pode oferecer subsídios e inspiração para a Igreja no Brasil no alvorecer do século XXI. Mas antes de tudo é preciso reconhecer, que o mais importante legado, que deixa para as gerações futuras é o seu testemunho espiritual, vivido dentro das exigências do Evangelho e em consonância com a recomendação, que recebeu de João XXIII: “É preciso permanecer sempre no Amor, para permanecer em Deus.”

RAIMUNDO CARAMURU BARROS



*SEGUNDA PARTE*

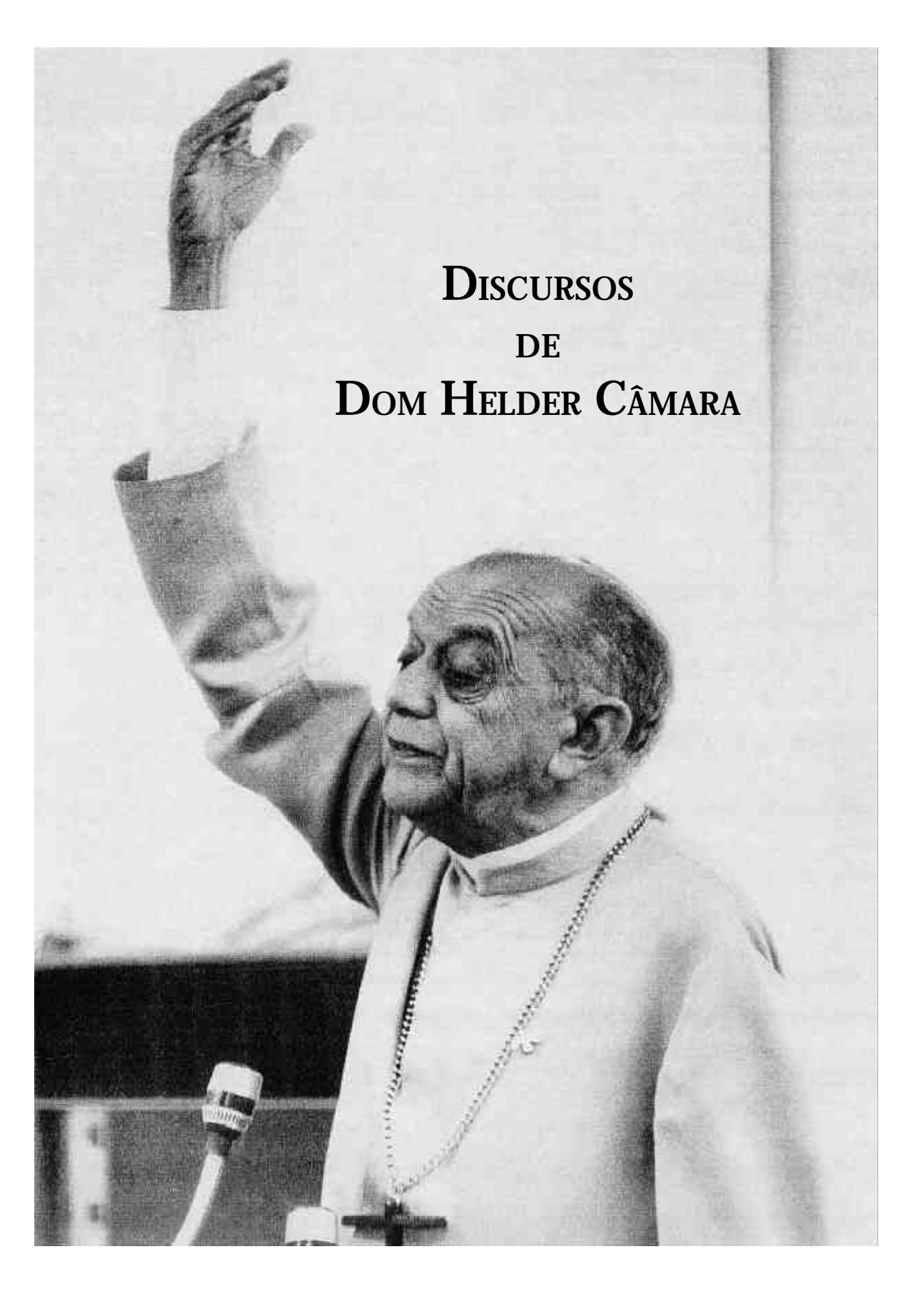
DISCURSOS E PRONUNCIAMENTOS DE  
DOM HELDER CÂMARA (1964 a 1991)\*

*Selecionados por Lauro de Oliveira*

---

\* Os discursos e pronunciamentos constantes deste livro foram cedidos pelo Centro de Documentação Helder Câmara – CEDHOC, das Obras de Frei Francisco, que reúne o acervo bibliográfico de Dom Helder.



A black and white photograph of Dom Helder Câmara, a Brazilian cardinal, speaking at a podium. He is wearing a white cassock and a pectoral cross. His right hand is raised in a gesture of blessing or emphasis. The background is a plain, light-colored wall.

**DISCURSOS**  
**DE**  
**DOM HELDER CÂMARA**

---

## *Apresentação*

**A** iniciativa do Senado Federal de editar um livro sobre Dom Helder Câmara oferece oportunidade para se conhecer melhor seu pensamento e sua pregação, no Brasil e no exterior. Dom Helder, como poucos, soube conciliar em sua vida de homem, de sacerdote e de bispo, ação e contemplação. Dormia, em geral, muito pouco e de 2 às 4 da madrugada realizava uma vigília onde, conforme costumava dizer, reconquistava sua unidade interior. Era nesse período que fazia suas meditações, escrevia seus poemas, redigia seus discursos e atualizava a correspondência, sempre escrevendo a mão, com sua letra inconfundível.

*Seus discursos foram muitos – mais de 600 –, pronunciados no País e ao redor do mundo. Convites para receber títulos de Doutor honoris causa e de cidadania, para presidir ou encerrar reuniões e seminários, paraninfar formandos de várias universidades tomaram parte preciosa do seu tempo durante o período em que ocupou o Arcebispado de Olinda e Recife, de 1964 a 1985.*

*A leitura dos discursos revela que os temas muitas vezes se repetem, o que, longe de se tornarem enfadonhos, ressaltam sua importância e a preocupação profética de Dom Helder. Ele denunciou problemas graves e convocou lideranças e o povo em geral para a luta comum pela justiça e harmonia sociais.*

*Logo se verá o leitmotiv de suas pregações e pronunciamentos:*

- *escândalo de 2/3 da humanidade passando fome;*
- *denúncia do fosso entre países pobres e países ricos;*
- *apelo ao desenvolvimento social com justiça na medida do homem e de todos os homens;*
- *denúncia de desemprego no Brasil e no exterior;*
- *luta contra todas as formas de preconceitos: raciais, étnicos e religiosos;*
- *apelo à cidadania; o pobre assumindo seu papel de sujeito da história;*
- *tomada de consciência dos pecados sociais;*
- *mutirão com o povo e não pelo povo;*
- *não violência ativa como meio de solucionar os conflitos sociais;*
- *condenação à guerra como solução dos conflitos internacionais;*
- *condenação de todas as formas de exclusão social.*

*Quantos lerem este livro, não importa a posição social que ocupem, estão convocados para dar continuidade à luta em que Dom Helder empenhou toda sua alma, sua inteligência e seu espírito.*

*Os problemas aí estão – os denunciados por Dom Helder – agravados, com o passar do tempo – e outros que surgiram, realçando ainda mais a injustiça e exclusão sociais.*

*Recife, dezembro de 1999.*

*LAURO DE OLIVEIRA\**

---

\* Membro da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife (1981–1985) e membro colaborador de Dom Helder, nas Obras de Frei Francisco.



.....

*Mensagem na Tomada de Posse como  
Arcebispo de Olinda e Recife*

I – SAUDAÇÃO FRATERNA

1 – *Tudo foi tão rápido*

**P**artiu, inesperadamente, nosso querido Dom Carlos Coelho; a Providência me trouxe pela mão para Olinda e Recife; o Papa Paulo VI, profundo conhecedor da situação da América Latina e do Brasil, resolveu que deveria ser ocupado, sem perda de tempo, este posto-chave do Nordeste brasileiro; a posse foi marcada para o Domingo do Bom Pastor.

É uma graça divina descobrir os sinais dos tempos, estar à altura dos acontecimentos, corresponder de cheio aos planos de Deus.

2 – *Procuraremos aprofundar, juntos, o que está acontecendo*

Troquemos as primeiras impressões sobre o espírito que me anima ao iniciar meu pastoreio. Conversemos, um instante, sobre as primeiras propostas, as primeiras sugestões.

Chegando aqui em 1916, também vindo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme escreveu uma Pastoral que nasceu clássica. Que diria, no Nordeste brasileiro 1964, o grande Dom Leme? Que me sopra, do céu, o nosso Dom Carlos? Que me inspira o Espírito Santo, que me traz para aqui?

3 – *Quem sou eu e a quem estou falando ou desejando falar*

Um nordestino falando a nordestinos, com os olhos postos no Brasil, na América Latina e no Mundo. Uma criatura humana que se consi-

dera irmão de fraqueza e de pecado dos homens de todas as raças e de todos os cantos do mundo. Um cristão se dirigindo a cristãos, mas de coração aberto, ecumenicamente, para os homens de todos os credos e de todas as ideologias. Um Bispo da Igreja Católica que, à imitação de Cristo, não vem ser servido, mas servir.

Católicos ou não-católicos, crentes ou descrentes, escutem todos minha saudação fraterna: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

## II – CONVERSA CLARA FAZ BONS AMIGOS

### 1 – *O bispo é de todos*

Ninguém se escandalize quando me vir freqüentando criaturas tidas como indignas e pecadoras. Quem não é pecador? Quem pode jogar a primeira pedra? Nosso Senhor, acusado de andar com publicanos e almoçar com pecadores, respondeu que justamente os doentes é que precisam de médico.

Ninguém se espante me vendo com criaturas tidas como envolventes e perigosas, da esquerda ou da direita, da situação ou da oposição, anti-reformistas ou reformistas, anti-revolucionárias ou revolucionárias, tidas como de boa-fé ou de má-fé.

Ninguém pretenda prender-me a um grupo, ligar-me a um partido, tendo como amigos os seus amigos e querendo que eu adote as suas inimizades.

Minha porta e meu coração estarão abertos a todos, absolutamente a todos. Cristo morreu por todos os homens: a ninguém devo excluir do diálogo fraterno.

### 2 – *Venho cuidar dos pobres?*

Claro que, amando a todos, devo ter, a exemplo de Cristo, um amor especial pelos pobres. No julgamento final, nós todos seremos julgados pelo tratamento que tivermos dado a Cristo, *a Cristo*, na pessoa dos que têm fome, têm sede, andam sujos, machucados e oprimidos...

Continuando atividades a que já se entrega nossa Arquidiocese, cuidaremos dos pobres, velando sobretudo pela pobreza envergonhada e tentando evitar que da pobreza se resvale para a miséria. A pobreza pode e às

vezes deve ser um dom generosamente aceito ou até espontaneamente oferecido ao Pai. A miséria é revoltante ou aviltante: fere a imagem de Deus, que é cada homem; viola o direito e o dever do ser humano ao aperfeiçoamento integral.

É evidente que estão, de modo especial, em nossas cogitações, os mocambos e as crianças abandonadas.

Quem estiver sofrendo, no corpo ou na alma; quem, pobre ou rico, estiver desesperado, terá lugar especial no coração do bispo.

Mas não venho ajudar ninguém a se enganar, pensando que basta um pouco de generosidade e de assistência social. Sem dúvida, há misérias gritantes diante das quais não temos o direito de ficar indiferentes. Muitas vezes, o jeito é dar um atendimento imediato. Mas, não vamos pensar que o problema se restringe a algumas pequenas reformas, e não confundamos a bela e indispensável noção de ordem, fim de todo progresso humano, com contrafações suas, responsáveis pela manutenção de estruturas que todos reconhecem não podem ser mantidas.

### *3 – Recife, cidadela na luta pelo desenvolvimento*

Se quisermos ir à raiz dos nossos males sociais, teremos que ajudar o País a romper o círculo vicioso do subdesenvolvimento e da miséria. Há quem se scandalize quando se afirma que este é o nosso problema social número um. Há quem pense em demagogia quando se fala em criaturas que se acham em situação que nem chega a ser humana.

Um dia, os bispos do Nordeste pediram aos técnicos do Governo que se unissem, tentando pôr em comum as minguadas verbas e os raros especialistas que se dispersavam em miúdas iniciativas isoladas. Foi uma atitude pioneira que ajudou a fazer surgir a Sudene, que, esperamos, mereça ter sempre o nosso apoio, como instrumento destinado a romper o desequilíbrio criminoso entre áreas altamente progressistas e áreas estagnadas. Por intermédio da Sudene, não só está sendo possível, em termos perfeitamente compatíveis com a dignidade nacional, a colaboração do capital estrangeiro, mas, o que ainda mais alegre, está se dando o início de investimento do sul na área nordestina.

Mas, desenvolvimento não se faz de cima para baixo, não pode ser imposto. Não tenhamos medo das idéias certas, mesmo que andem



muito exploradas: desenvolvimento supõe despertar de consciência, despertar de sentido público, despertar de cultura, autopromoção, planificação técnica...

A Igreja não se marginaliza da história. Ela vive no coração da história por meio de seus leigos livres, adultos e responsáveis.

Cristo deu à hierarquia uma missão específica de evangelização. Mas, de modo algum, afastou a comunidade cristã da grande aventura do desenvolvimento. Pelo contrário, o laicato cristão deve assumir suas responsabilidades na primeira linha. Nossa confiança é grande para com os cristãos que se comprometem com o real e aí dão testemunho de Cristo. Temos que assumir, hoje, a planificação técnica, com toda a complexidade que ela envolve. Para evitar o risco de uma tecnocracia de cúpula, é necessário que toda a comunidade nordestina se torne consciente e responsável, e assuma o desenvolvimento planejado da região. É urgente ajudar a formação de quadros, em todos os níveis. E podemos confiar, tranquilamente, na riqueza humana do nordestino, que saberá encontrar o modelo de seu desenvolvimento, dentro do solo e do clima em que Deus o situou. Ajude-mos a fazer, sempre mais, do Nordeste uma comunidade em desenvolvimento, aberta para o Brasil e para o mundo

#### 4 – *Convite a um raciocínio*

Quem estiver se espantando com o rumo desta mensagem, quem estiver se afligindo com as idéias e a linguagem do bispo, me acompanhe neste raciocínio.

Deus fez a inteligência voltada para a verdade. Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro. A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele. Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.

Tenhamos serenidade de espírito e coragem cristã para salvar idéias justas, encarnadas em expressões que, no momento, soam quase como palavras proibidas e feias. Cultura popular; conscientização; politização; autopromoção talvez sejam nomes a serem provisoriamente esquecidos e até trocados. Mas, não podemos largar bandeiras certas pelo fato de terem andado em mãos erradas. Como temer movimentos que só interessam à

autêntica democracia e só se podem realizar em regimes que respeitam a liberdade!?... Como temer movimentos que são de essência profundamente cristã!?...

Seria escandaloso e imperdoável que as massas fossem abandonadas pela Igreja em sua hora mais dura, o que daria a impressão de desinteresse em ajudá-las a atingir um nível de dignidade humana e cristã, elevando-se à categoria de povo.

#### *5 – Valores humanos e cristãos a desenvolver*

Nós todos acreditamos que todos os homens são filhos do mesmo Pai que está no céu. Quem tem o mesmo Pai é irmão. Vamos nos tratar de verdade como irmãos!

Nós todos acreditamos que Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e o encarregou de dominar a natureza e completar a criação. Vamos fazer o possível e o impossível para que no Nordeste todo trabalho seja trabalho em que a criatura sinta que está ajudando o Criador a construir o mundo!

Nós todos acreditamos que a liberdade é um dom divino a salvar a qualquer preço. Vamos libertar, no alto e profundo sentido da palavra, todas as criaturas humanas que vivem em torno de nós.

Nós todos acreditamos que o ideal a atingir é o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens. Temos, diante dos olhos, nos nossos dias, exemplos da indiferença religiosa e até do ateísmo a que estão chegando países altamente desenvolvidos. Não é para esquecer o nosso Deus, que nos vamos desenvolver. Quanto mais avançarmos no progresso material, mais precisaremos de uma fé esclarecida e firme, capaz de iluminar, por dentro, a construção do novo Nordeste.

Por enquanto, tudo isso é vago. Mas nós vamos viver juntos; *nós vamos viver juntos*, com a graça de Deus. E iremos examinando, por dentro, cada uma dessas afirmações. Iremos estudando a maneira de transformá-las em realidade, sem que isso importe – nunca é demais repetilo – em engajamento da Igreja a qualquer pessoa, partido ou movimento de caráter político ou econômico.

A Igreja não quer dominar a marcha dos acontecimentos. Quer servir aos homens, ajudando-os em sua libertação. E ela estará aí para dizer

que essa libertação, que *começa no tempo*, só poderá ter seu acabamento completo quando o Filho de Deus voltar, no fim dos tempos, que é o verdadeiro começo.

### III – RESPONSABILIDADE GRAVE DOS CRISTÃOS NORDESTINOS

#### 1 – *O Brasil e o mundo inteiro olham o Nordeste*

Já repararam como o Nordeste se transformou em tema nacional e em centro de atenções internacionais? Quase sempre, porém, dentro e fora do País, são distorcidas as imagens que apresentam de nós.

O Nordeste virou clichê, virou *slogan*. Mas clichê que precisamos tornar objetivo; *slogan* que precisamos corrigir.

O Nordeste não aceita a profissionalização da miséria e não pode, e não deve aceitar ser tido como a região explosiva, por excelência, da América Latina.

Unamo-nos em torno da decisão de fazer do Nordeste a antecipação do Brasil de amanhã, a prefiguração da nova América Latina e da face nova do Terceiro Mundo.

Unamo-nos, pois! Desenvolvimento autêntico não pode ser trabalho de um grupo ou de uma classe! Ou a região inteira, com todos os seus grupos, se desenvolve ou haverá arremedo e distorção de desenvolvimento.

Esta é a razão pela qual não me contento de pedir a patrões e trabalhadores, a ricos e pobres, à esquerda e à direita, a crentes e não-crentes, que concordem numa simples trégua. Necessário é que se abra, confiante e largo, um diálogo crescente. É grave diante de Deus e diante da história negar-se à reconstrução do mundo.

#### 2 – *A parte cristã do Terceiro Mundo*

Além do mais, integrados no Brasil e na América Latina, carregamos a responsabilidade de ser a porção cristã, o continente cristão do Terceiro Mundo.

É evidente que nem por sombra nos julgamos por isso maiores ou melhores do que nossos irmãos da Ásia e da África. Mas somos mais responsáveis.

É preciso que o Cristianismo nos inspire a mística de servir, de tal modo que na medida em que nos desenvolvamos não nos tornemos egoístas e prepotentes.

O aviso tem razão de ser. Tenhamos a coragem de ter presente que, enquanto nos muros de nossas cidades se lêem frases contra imperialismos estrangeiros, em cidades como as capitais do Paraguai e da Bolívia se lêem *slogans* contra o imperialismo brasileiro.

Da parte da América Latina cristã, a fraternidade real dentro do continente, o intercâmbio fraterno com o Terceiro Mundo, o diálogo de irmãos com o mundo desenvolvido serão o testemunho de Cristo mais fácil de ser entendido por nossos irmãos africanos e asiáticos.

### *3 – Cristo que é Zé, Antônio, Severino*

Aceleremos, sem perda de tempo, como obra cristã e de evangelização, o esforço do desenvolvimento. De nada adiantará venerarmos belas imagens de Cristo, digo mais, nem bastará que paremos diante do pobre e nele reconheçamos a face desfigurada do Salvador, se não identificarmos o Cristo na criatura humana a ser arrancada do subdesenvolvimento.

Por estranho que a alguns pareça, afirmo que, no Nordeste, Cristo se chama Zé, Antônio, Severino... *Ecce Homo*: eis o Cristo, eis o Homem! Ele é o homem que precisa de justiça, que tem direito à justiça, que merece justiça.

Para conseguirmos que os oprimidos não se entreguem a violências estereis e destruidoras, é preciso superar a aparência de concórdia que consiste na impossibilidade de diálogo.

Longe de indignar-se vendo os trabalhadores se apoiarem em associações, o patrão, honestamente, lealmente, haverá de reconhecer que, sem seus irmãos operários, o trabalhador, só por exceção, consegue ser escutado e atendido. Mas as associações, por sua vez, se enfraquecem moralmente quando esquecem limites justos. É preciso que não se passe do abuso da força dos patrões para o abuso da força dos trabalhadores. Diálogo supõe respeito mútuo e um mínimo de confiança e boa-vontade.

4 – *Missa sobre o Nordeste, o Brasil e o Mundo*

Peçamos a Cristo, o verdadeiro Sacerdote a quem o padre representa, que celebre o Santo Sacrifício da Missa sobre o Mundo e, de modo especial, sobre o Brasil, e, de modo particular, sobre o Nordeste.

O Papa João XXIII achava que estamos vivendo o primeiro dia da criação. Diante dos nossos olhos pasmos, o homem desagrega o átomo, joga estrelas no céu, prepara-se para os primeiros desembarques nos astros em cavalgada.

Que, depois de tanta maravilha que anda realizando, a humanidade não se divida em blocos, não se arme como nunca, não brinque com forças que amanhã poderão arrasar a terra. Que, ao invés de tanto medo e de tanto sobressalto, o homem saiba que, nos momentos mais difíceis, na escuridão mais escura, na noite mais noite, há o começo de uma luz... Que o homem, meu irmão de grandeza e de miséria, reencontre a esperança!

Quanto ao Brasil, síntese do mundo, cresce e se desenvolve, apesar de tudo e de todos.

O Brasil oferece, hoje, a quem tem grandeza d'alma, razão de ser para, em uma vida, viver mil vidas. O Brasil que, dentro das próprias fronteiras, possui áreas desenvolvidas e áreas em desenvolvimento (ou aberta e escandalosamente subdesenvolvidas e até áreas não-ocupadas) pode e deve ensinar ao mundo o mais importante diálogo do século: entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento.

Em nosso País todos entendem e proclamam a inadiabilidade das reformas de base. Havia, da parte de muitos, desconfiança em relação aos executantes das reformas e, sobretudo, medo da infiltração comunista. Agora que a situação mudou, não temos tempo a perder. Que venham sem demora as esperadas reformas. Que venham justas e equilibradas, mas sem de modo algum darem a impressão de mistificação.

Que venham as reformas sem necessidade de coação, e sobretudo sem choques e sem rancores. Que o povo brasileiro seja sempre incapaz de ódio e saiba que este, sim, é o grande pecado, o pecado máximo, o desamor, pois Deus é Caridade, Deus é Amor!

E quanto ao Nordeste que, por meio de esmagamentos e esperanças, começa a emergir para o desenvolvimento, que ele dê a todo Brasil o exemplo de paz dinâmica baseada na justiça, de verdade na caridade, de diálogo e entendimento fraterno, para além de divisões que podem arrastar o País à guerra civil e ao caos.

Que do Nordeste parta para todo o Brasil o exemplo de rápida recuperação da crise política de que estamos saindo. Sem prejuízo das medidas de segurança nacional e da posição de alerta em relação ao comunismo, não acusemos de comunistas os que simplesmente têm fome e sede de justiça social e de desenvolvimento.

Que o Nordeste ajude o Brasil a não fraudar as esperanças do povo. Provemos que a democracia é capaz de ir à raiz de nossos males.

#### IV – CONCLUSÃO GERAL

##### 1 – *Hora de Concílio*

É responsabilidade grave viver nos dias do Concílio Ecumênico Vaticano II.

O Papa João XXIII, ao abri-lo, dele quis fazer um concílio diferente. Declarou abertamente que não se tratava de concílio para lançar condenações – e acrescentou, sorrindo, que os erros a condenar, já estavam mais que condenados.

O concílio deveria reformar a Igreja, divina em sua origem, mas confiada a homens frágeis e pecadores. No pensamento do Papa João, na medida em que a Igreja se renovar, se reformar, facilitará a união com as famílias cristãs e atrairá inúmeros homens de boa-vontade. Pensa, sente e age nesta mesmíssima direção o Papa Paulo VI.

Aos padres, religiosos e leigos da Arquidiocese proponho essa linha do concílio. Ao invés de querer reformar os outros, tratemos, em primeiro lugar e com seriedade, da nossa própria conversão.

A diferença que há entre o fariseu e o santo é sobretudo esta: o fariseu é largo consigo e estreito com os outros; quer obrigar todo mundo a ir para o céu à força. O santo só é exigente consigo; com os pecadores, é largo como a bondade divina, sem limites como a misericórdia do Pai.

2 – *Hora de colegialidade*

O Concílio Ecumênico – podemos, sem imprudência, anunciar – vai ser marcado, de modo especial, pela decisão de levar à prática uma verdade antiga como o Evangelho: a colegialidade dos bispos, sob o primado do Papa.

Com a graça divina, viveremos da melhor maneira a colegialidade: seremos um com o nosso querido auxiliar Dom José Lamartine; um com os queridos sufragâneos da Província de Olinda e Recife; um com o Secretariado Regional do Nordeste; um com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; um com o Conselho Episcopal Latino-Americano; um com os bispos do mundo inteiro; um com o Santo Padre, garantia e fecho da colegialidade. Guardem esta palavra, este cartão de visita: Arcebispo de Olinda e Recife e Bispo da Santa Igreja.

Mas em nossa Arquidiocese, a Colegialidade Episcopal se completará pelo presbitério, comunidade entre o bispo e seus sacerdotes diocesanos, em união sincera e sobrenatural com os sacerdotes do clero religioso. Que os meus padres saibam que, com a graça divina, chegaremos a uma fraternidade total e a um clima de co-responsabilidade, confiança, diálogo adulto e serviço.

É fácil adivinhar o que representa o seminário para quem fala assim sobre o clero: padres e seminaristas terão o melhor de nosso tempo.

Quanto às religiosas, avanço, desde já, que elas são simplesmente indispensáveis aos nossos planos de apostolado. Respeitando, em absoluto, o espírito de cada ordem ou congregação, parece evidente que, sobretudo áreas em pleno desenvolvimento como o Nordeste brasileiro estão maduras para adotar a promoção apostólica das religiosas, tal como a propaga o grande Cardeal Suenens.

Várias vezes, como transbordamento de convicção profunda, aludimos aos leigos. Acrescentemos, de uma vez por todas, que não só sabemos que o leigo tem, na Igreja, missão própria e insubstituível, mas que sobretudo a ele cabe dar testemunho cristão nas tarefas de civilização. Ajuntemos ainda que respeitaremos a liberdade de opção: diversidade de opinião e posições diferentes, em questões abertas, revelam espírito criador e desejo de autenticidade. Não vemos aí quebra de fidelidade, mas desejo

de, por mil maneiras, viver o sentido da encarnação redentora. Esperamos apenas que, ao adotarem ângulos diversos em campos livres, todos salvem o respeito mútuo e a caridade. Mais ainda: que todos sejam capazes de encontro em verdades mais altas que a todos congracem. E que o esforço de união seja uma constante da querida ação católica, de quem podemos exigir mais, de vez que é nossa por motivos particulares.

Todos – clero, religiosos e leigos – formamos, em Cristo, a comunidade da Igreja, comunidade que desejamos aberta, acolhedora, sedenta de diálogo sincero.

### *3 – Hora de Ecumenismo em sentido amplo*

Ainda é o concílio quem nos está alargando, sempre mais, o coração.

Sempre teremos, ao menos espiritualmente, presentes, em nossas reuniões, em nossos estudos e em nossas preces, não só pessoas que pertençam a outras religiões, mas que até imaginem não possuir religião nenhuma. Confesso mesmo carinho especial pelos que, sem fé, tateiam na sombra, sobretudo quando se trata de ateus de nome e cristãos de atos.

E a quantos constituem o que se convencionou chamar o Mundo, quero aqui repetir as palavras verdadeiramente inspiradas de Paulo VI, no Discurso inaugural da 2ª Sessão do Concílio Vaticano II:

“Que o Mundo saiba: a Igreja olha para ele com profunda compreensão, com admiração sincera, com o leal propósito, não de o conquistar, mas de o servir; não de o desprezar, mas de o valorizar; não de o condenar, mas de o confortar e salvar.”

### *4 – Palavras ao povo fiel*

As pessoas piedosas que me escutam, talvez estejam imaginando que o bispo pensou mais nas ovelhas distantes do que nas noventa e nove que não largam o aprisco. Mas não foi exatamente o que o Bom Pastor ensinou a fazer?

Claro que haverá tempo para as queridas ovelhas sempre fiéis. Nosso trabalho junto a elas se inspirará na transfiguração do Senhor, titular da nossa Arquidiocese: somos um com Cristo, desde o nosso batismo – ao



invés de Cristo andar apagado e desaparecido em nós, é preciso que em nós se transfigure, como no Monte Tabor.

Nossa Senhora, Patrona de Olinda e Recife, acompanhará feliz a glorificação de seu Filho em nós e por meio de nós.

## V – PRECE FINAL

Lembram-se do espetáculo impressionante da morte do Papa João XXIII? Parece-me que uma grande, uma enorme lição, entre outras, decorre da cena inesquecível: quando católicos e não católicos, crentes e descrentes – homens de todas as raças, todos os credos e todas as ideologias – acompanharam, aflitos, a agonia do Papa e choraram sua morte como se chora a morte de um Pai, ficou implícita a indicação do povo: Prelado, Bispo deve ser bom como o Papa João.

Peçam ao Pai Celeste, de quem nos vem toda graça e toda luz, que esta seja a marca do novo Arcebispo: *que ele lembre o Papa João XXIII*. Será uma excelente maneira de lembrar o próprio Cristo, o Bom Pastor!

.....

*Inauguração que vale um símbolo*

I – REALISMO DA IGREJA CONTINUADORA DO CRISTO

**A** Santa Sé desejou e, praticamente, construiu o Seminário Regional do Nordeste, que V. Ex<sup>a</sup>, Rev<sup>ma</sup>, em nome do Santo Padre, o Papa Paulo VI, na manhã de hoje, ofertou ao Pai no Santo Sacrifício e vai, solenemente, declarar inaugurado, dentro de poucos instantes.

Nossa maneira de corresponder à solicitude do Sumo Pontífice consiste em dizer o sinal imenso que descobrimos nesta instituição o programa de vida e de trabalho que o Seminário Regional nos inspira.

Sem dúvida, aqui, como em qualquer parte do mundo, o Seminário é uma instituição destinada a formar sacerdotes e, aqui, como em todos os recantos da terra, a missão essencial do padre é o anúncio da mensagem da Salvação. Mas a Igreja, continuadora do Cristo, tem o senso do real: sabe descobrir o que lhe cabe especificamente fazer, agora, aqui, nas circunstâncias de tempo e de lugar em que se acha. Ora, o Seminário Regional se abre em 1965 e no Recife. Para quem tem olhos de ver, isto significa: o Seminário se abre no coração do Nordeste brasileiro e quando já se inicia a década do desenvolvimento.

Ocorre que desenvolvimento é uma grande e bela noção, até hoje muito mutilada em sua essência e muito sacrificada em suas implica-

ções. Quando muito se tem completado o desenvolvimento econômico pelo desenvolvimento social. Quando muito se parte do desenvolvimento de uma região para a expansão global de um país.

O Seminário Regional nasce com a incumbência de dar-nos sobre a idéia do desenvolvimento toda a sua larga significação humana e de acrescentar-lhe a dimensão nova que o sobrenatural traz aos limites humanos.

O Seminário Regional, dentro da idéia exclusiva de serviço e confiante em Deus, que se serve de instrumentos humildes, nasce atento a uma circunstância que lhe parece providencial: a América Latina tem posição singular no embate entre o Mundo desenvolvido e o Mundo em desenvolvimento. Acontece que o Brasil dentro da América Latina, o Nordeste dentro do Brasil, o Recife dentro do Nordeste – e quem sabe, o Seminário Regional dentro do Recife – têm missão a cumprir, serviço a prestar.

Entender esta problemática é compreender o acerto com que Roma praticamente exigiu este Seminário, maneira discreta e segura de estar presente ao desenvolvimento, o mais universal, o mais importante e o mais urgente problema enfrentado pela humanidade nos nossos dias.

## II – INDEVIDA E FALHA A DIVISÃO ENTRE EVANGELIZAÇÃO E HUMANIZAÇÃO

Esta Casa preparará sacerdotes para evangelizar. Mas não se evangelizam seres abstratos, intemporais e residentes no vácuo. Evangelizam-se criaturas humanas, concretíssimas, inseridas no espaço e no tempo.

Ora, quando os nossos seminaristas chegam a igrejas e capelas e falam sobre a graça divina, isto é, sobre a presença em nós da Santíssima Trindade, o que nos faz participar da própria vida divina, como poderão esquecer que a vida divina é anunciada a auditórios que em boas duas terças partes vivem em condições subumanas!?... Quando anunciam o Pai Celeste, de quem todos somos filhos – o que, a nós todos, nos torna irmãos –, estão anunciando uma ilusão que a vida despedaçará, de maneira terrível.

Fácilimo multiplicar exemplos deste gênero. Insistir em pairar numa linha de pura evangelização espiritual, seria dar, a outro prazo, a idéia de que a

religião é teoria desligada da vida e sem força para atingi-la e modificá-la no que tem de absurdo e errado. Seria, inclusive, dar aparência de razão a quem sustenta que religião, a grande alienada e grande alienadora, é ópio para o povo.

Em nome do Cristo, fazendo evangelização, em regiões como a nossa, chegamos, de cheio, à humanização. Os limites entre os dois campos são puramente teóricos, o que não importa em esquecer, que, teologicamente, a tarefa de evangelização não se confunde com a de humanização.

E os bispos nordestinos – com o nosso clero, nossas religiosas e nossos leigos – nos vemos em pleno esforço pelo desenvolvimento. Seria farisaísmo nosso não nos interessar pelo desenvolvimento econômico. E, um dia, pedimos aos técnicos do Governo que se pusessem de acordo e chegassem a uma planificação global para a Região, ponto de partida indispensável para romper a barreira do subdesenvolvimento.

Logo sentimos que a nós nos cabia a missão de ajudar a preparar o povo para o desenvolvimento, evitando que o desenvolvimento caísse do alto, descesse, feito, de uma cúpula, impingindo nossa tecnocracia.

E começamos a promover o Movimento de Educação de Base, tirando partido do rádio transistorizado, que nos permite chegar mesmo aos pequenos recantos não-atingidos pela eletrificação, para dar, às massas em condições subumanas, a base para sua realização humana e cristã. Mais importante, então, do que a simples alfabetização é, para nós, colocar as criaturas de pé, abrir-lhes os olhos, despertar-lhes a consciência. Se nos omitíssemos – e a expressão já nos lembra o pecado de omissão – sem nós ou contra nós, amanhã, os olhos se abririam, a consciência despertaria, as criaturas se poriam de pé. Apenas guardariam a impressão de terem sido abandonadas pela Igreja, que lhes pareceria, então, como dizem as anticlericais, acumpliciada com a burguesia.

E os bispos nordestinos nos vimos na contingência de estimular a sindicalização rural, única maneira prática de os trabalhadores rurais poderem falar em direitos diante de senhores, muitas vezes, transplantados da Idade Média para o século XXI, que já começamos a viver.

Estaremos fora de nossa missão ou esquecidos do anúncio de mistério da autêntica salvação, que estamos celebrando nesses dias pascais? De modo algum. Sabemos que a nós, bispos, cabe, em assuntos temporais, a reflexão teológica que ilumine a ação dos leigos que têm, aí, missão espe-

cífica e insubstituível. Sabemos que a nós cabe estimular os técnicos, cuja vocação e competência devemos respeitar. (E como não saudar aqui os *développeurs*, cuja tarefa, no que tem de nobreza e responsabilidade, é analisada pelo Mestre em desenvolvimento que é o Pe. Lebret?...)

Longe de nós o pensamento de parar no desenvolvimento econômico. Começamos por aí porque o Pai não nos entregou puros espíritos. E se somos obrigados a não deixar simplesmente aos leigos um trabalho que normalmente seria de presença cristã no temporal, é que sentimos, diante da cegueira, da frieza e prepotência de alguns senhores, necessidade de prestar cobertura moral a um trabalho de elementar defesa de direitos humanos. E se até a bispos da Santa Igreja, entregues à missão cristianíssima de defender pessoas humanas esmagadas, se tem a audácia de chamar comunistas, o que ocorreria a nossos padres e, sobretudo, a nossos leigos, se os abandonássemos a própria sorte!?...

Mas, se começamos, quase sempre, pela necessidade prática de ajudar o desenvolvimento econômico, nossas convicções religiosas e nosso amor às criaturas nos leva a querer chegar muito além do econômico e até do simplesmente social. Nosso lema de desenvolvimento é a palavra de Cristo: “Venho para que tenham vida e vida em abundância.” Só descansaremos quando o Nordeste passar do subdesenvolvimento, em que ainda se acha, à vida plena que só é atingida quando a graça divina completa e transcende os limites do homem e nos torna participantes da natureza de Deus.

E é apaixonante trabalhar no Nordeste 1965. Afirmar que ele ainda se encontra no subdesenvolvimento não é esquecer que, em 1964, quando o Brasil reverteu 3% no seu Produto Bruto Nacional, o Nordeste, por força das soluções regionais em execução, cresceu 6%, o que prova a capacidade de reagir da região.

Afirmar que queremos levar o Nordeste ao desenvolvimento pleno que supõe o coroamento do desenvolvimento sobrenatural, não é esquecer a bela arrancada religiosa de que é sintoma este próprio Seminário.

### III – MISSÃO NÃO SE ESCOLHE, SE RECEBE

Já é hora de esclarecer e aprofundar a seqüência aparentemente triunfalista: missão do Recife, dentro do Nordeste; do Nordeste, dentro do

Brasil; do Brasil, dentro da América Latina; da América Latina, dentro do Mundo.

Quando os latino-americanos comparamos os nossos problemas com os dos países africanos e asiáticos que estão emergindo do colonialismo, temos a surpresa de descobrir numerosos pontos de contato no tocante às dificuldades a enfrentar: estamos maduros para entender a distância entre independência política e independência econômica; estamos maduros para entender as diversas e, por vezes, sutis modalidades de neocolonialismo.

Se a luta imediata pela vida colocou e provavelmente colocará ainda em concorrência e embate os nossos continentes, dia virá em que acabaremos descobrindo razões profundas para transformar em realidade o Terceiro Mundo.

Se isto é verdade, não é menos exato que, espiritualmente, a América Latina está ligada aos países de abundância, porque, realidade que faz tremer, é cristã ou de origem cristã a parte próspera do mundo, isto é, os 20% da humanidade que se beneficiam dos 80% da produção mundial.

Se a Providência permite que nosso Continente pertença, ao mesmo tempo, ao Terceiro Mundo e aos países de abundância – ao Terceiro Mundo, pelas dificuldades materiais; aos países prósperos, pelas origens cristãs – quem sabe, Deus nos reserve missão especial entre os dois mundos em luta?

Sem esquecer, de modo algum, jovens e admiráveis comunidades cristãs da África e da Ásia, os latino-americanos carregamos a responsabilidade de ser, como conjunto, a porção cristã do Terceiro Mundo.

E é triste pensar que nossos irmãos da África e da Ásia guardam, quase sempre, a impressão de que o Cristianismo é a religião dos brancos, isto é, dos opressores: daqueles que, ontem, claramente dominavam e, quase sempre, exploravam; daqueles que, até hoje, não se decidiram a ajudar a não ser em termos de migalhas – (nunca mais de 1% sobre o Produto Bruto Nacional respectivo); daqueles que – por ambição, por vaidade, por não crerem no amor ou na ilusão de melhor defenderem a liberdade e a dignidade humana – prosseguem na corrida armamentista que torna vão qualquer programa de ajuda para o desenvolvimento; daqueles

que, através de preços vis, impostos aos produtos nativos, continuam a arrancar muito mais do que a ajuda que trazem...

Responsabilidade tremenda a dos cristãos da América Latina – em face dos nossos irmãos cristãos dos países de abundância, cabe-nos a caridade de tentar ajudá-los a arrancar-se do egoísmo; do excesso de conforto e instalação no efêmero; do materialismo prático, do perigo de escandalizar nossos irmãos não-cristãos dando-lhes noção errada sobre Cristo e sua doutrina...

Em face de nós mesmos, cabe-nos lutar pelo desenvolvimento, mas de olhos abertos: para salvar do fascínio marxista, de tão grande força, especialmente para os trabalhadores e os universitários; para tentar aproveitar as lições que a ética do desenvolvimento procura, desesperadamente, lembrar aos países de abundância... Cabe-nos experimentar uma dimensão nova do desenvolvimento – a dimensão cristã – em condições de arrancarmos da situação subumana da miséria sem cair no inumanismo do superconforto e superfluxo. Temos de aprender e ensinar que plenitude do bem não é sinônimo de proliferação de bens.

O Brasil carrega, na própria carne, as contradições do mundo: nosso País tem, dentro das próprias fronteiras, o Sul, desenvolvido, e todo o restante – o Norte, o Centro-Oeste e o Nordeste – em desenvolvimento.

No dia em que conseguimos convencer o Brasil desenvolvido que nada mais inteligente lhe cabe fazer do que levar ao desenvolvimento o Brasil subdesenvolvido – porque, então e só então, poderá dispor do Mercado interno, vital para as suas produções – os brasileiros teremos experiência e força moral para interferir no diálogo entre o Mundo desenvolvido e o Mundo em desenvolvimento.

Por que não haveremos, como povo, de dar o exemplo de proclamar o direito ao desenvolvimento, com o correlato dever de enfrentar o subdesenvolvimento, menos em termos de ajuda e de favor do que em termos de justiça!?

Por que não haveremos, como povo, de dar o exemplo de viver o desenvolvimento como passagem de toda a população nacional e cada uma das frações que a compõem, de uma fase menos humana para uma fase mais humana?...

Claro que não pararemos no vago. Fase menos humana é expressão que abrange todas as carências que afetam a humanidade: das carências materiais às carências morais e espirituais. Fase menos humana é expressão que se estende a qualquer tipo de estruturas opressivas: quer se trate de abusos do poder ou abuso da posse; de corrupção administrativa; de exploração por trabalhadores; de injustiça nas transações; do jogo de especuladores...

Fase mais humana é sinônimo de obtenção do mínimo vital em alimento, saúde, habitação, vestimenta, educação, condições de trabalho, atendimento espiritual... Fase mais humana é, também e especialmente, a crença no Pai Celeste, a fé em Cristo, o exercício da caridade.

Por que não haveremos, como povo, de dar o exemplo de enfrentar, firme e decididamente, o desenvolvimento econômico, completando-o com o social e abrindo perspectivas para a expansão divinizante que só a graça divina poderá realizar?...

#### IV – PAPEL DO SEMINÁRIO REGIONAL DO NORDESTE

A esta altura, é fácil compreender e aceitar que o Seminário Regional do Nordeste se destine a formar padres para o desenvolvimento, entendido este em seu sentido pleno.

Nesta Casa, serão estudados problemas ligados à filosofia e à teologia do desenvolvimento. Exemplos típicos:

– em que medida é possível aplicar aos povos ricos o que a Bíblia e os padres da Igreja dizem sobre os indivíduos ricos?

– pode-se falar em “direito ao desenvolvimento”, no sentido próprio da expressão?

– qual o alcance exato do direito de propriedade em São Tomás de Aquino, na Patrística, no Magistério?

– que princípios éticos opor ao desenvolvimento?

– como marcar a presença cristã na elaboração de uma civilização do desenvolvimento solidário?

Nesta Casa, velhos temas teológicos e filosóficos serão reexaminados, ao lado de novos, em clima ecumênico e em clima de Vaticano II, e à luz da experiência do Terceiro Mundo. Exemplos típicos:



- revisão do princípio de subsidiariedade, de ressonâncias diversas, conforme a região à que se aplique;
- estudo das tentativas de um novo Socialismo;
- clero e laicato no Mundo em desenvolvimento e no Mundo desenvolvido;
- a automação e suas implicações humanas.

Enquanto o Seminário Regional do Nordeste estiver tentando ficar à altura da responsabilidade histórica que Deus lhe confia, o povo de Deus, residente nesta região, buscará sensibilizar as forças vivas do Nordeste para quem, em conjunto, ajudem esta porção do Terceiro Mundo a de fato arrancar-se do subdesenvolvimento. O povo de Deus, residente nesta região, buscará promover o inadiável diálogo entre Brasil e Brasil, entre Brasil desenvolvido e Brasil em desenvolvimento. O povo de Deus, residente nesta região, em articulações hoje mais simples do que no passado – de seminários a seminários, de universidades a universidades, de institutos a institutos, de jornais, rádios, televisões – buscará ajudar o inadiável diálogo do mundo com o mundo, do mundo desenvolvido com o mundo em desenvolvimento.

Utopia? Deus não nos obriga a êxitos. O sucesso, quase sempre, independente de nós. A nós cabe o testemunho, o esforço, a tentativa de diálogo.

Excelência Reverendíssima: a Santa Sé, há anos, pensando nestes e em outros problemas ligados ao nosso Continente, criou a CAL – Pontifícia Comissão para a América Latina, da qual, desde a criação, Vossa Excelência é seguramente a alma, o coração.

Quem sabe, Excelência, o Santo Padre julgará, um dia, conveniente alargar a CAL, transformando-a em Pontifícia Comissão para o Terceiro Mundo, com a incumbência clara de favorecer o entrosamento fraterno entre a humanidade inteira?...

## V – TRÊS PENSAMENTOS FINAIS

Três circunstâncias ainda precisam ser lembradas para que se tenha um quadro das realidades essenciais ligadas à inauguração de hoje:

– o fato de Deus ter permitido que o Seminário surja em pleno clima de Concílio Ecumênico Vaticano II;

– o fato de a Providência ter preferido que o Seminário se inaugure ainda por acabar;

– o fato de a inauguração ocorrer na Dominga do Bom Pastor.

Permitam rápidos comentários a respeito. Quanto ao surgimento do Seminário nos dias do Vaticano II, consintam em simples evocações que são para ação de graças ao Pai:

– graças por haver o Seminário Regional nascido sob o signo de João XXIII e Paulo VI, Dom Carlos Coelho, Dom Armando Lombardi, Dom Sebastião Baggio;

– graças pela colaboração generosa de uma hierarquia irmã que exige nem mesmo ser citada;

– graças por quantos tornaram possível esta inauguração: arquitetos e engenheiro, mestres e contra-mestres, fornecedores, operários...

– graças, de modo particular, pela dedicação insuperável da CAL, tão bem representada, aqui, neste momento.

Quanto à inauguração, quando mais da metade da obra está para ser concluída:

– Aguardem este símbolo: Seminário inacabado; em funcionamento; mas ainda em construção. Guardem este *slogan*: o Seminário Regional crescerá com o Nordeste. Material e espiritualmente crescerão juntos, como irmãos. Assim esperamos, nesta Casa de imponente aparência, manter fidelidade íntegra à Igreja servidora e pobre.

E quanto ao Bom Pastor é figura que transcende a todos os séculos, mas em cada época se realiza conforme as exigências do tempo. Guardem esta imagem final: sabem que ovelha o Cristo traz aos ombros ao cruzar os caminhos de hoje? É questão de abrir os olhos e ver: o Bom Pastor, aos ombros, traz o Mundo subdesenvolvido.

---

Discurso proferido na inauguração do Seminário Regional do Nordeste, em Recife, no dia 2-5-1965.



---

## *Encontro do Nordeste*

### *1 – Intenção destas palavras*

**A**o encerrar-se o Encontro do Nordeste, temos que temperar a alegria em face do que vimos e ouvimos aqui, com a coragem de uma rápida revisão de vida, que nos ponha a todos em face de responsabilidades históricas que, um dia, nos serão cobradas, com inclemência.

Já se disse que é preciso conquistar pelo amor o direito difícil de dar. Igualmente, é preciso conquistar pelo amor o direito difícil de dizer a verdade.

Ao trazer uma palavra a cada entidade ou grupo aqui presente, move-me apenas o amor a Deus e aos homens. Não há a mais leve sombra de pretensão magisterial. Não há o mais leve intuito de ferir.

### *2 – Facilmente, nos enganamos a nós mesmos*

Foi para todos nós um contentamento ser convocados para este encontro por uma federação das indústrias e por duas universidades. E o encontro, dificilmente, poderia ser mais objetivo, mais técnico e mais seguro, além de demonstrar que já existe, no Nordeste, um bom início de mentalidade desenvolvimentista.

Mas aí de nós, criaturas humanas, que tão facilmente nos enganamos a nós mesmos. Quase que já é hora de um Cervantes rir de nossa mania de reuniões.

*3 – Palavra fraterna aos empresários*

Amigos empresários, o grave começará quando o encontro terminar. O grave são os 100 bilhões que o art. 18 já assegura ao Nordeste, em 1966. Em última análise, serão – só por esta via – 300 bilhões, dado que aos 100 de que abre mão, condicionalmente, o Governo Federal, se somarão mais 100 que o Banco do Nordeste assegurará, caso surja mesmo a contrapartida de 100 bilhões. É hora, sem dúvida, de reexaminar a viabilidade plena da quota da contrapartida. Mas o que parece evidente é que 1966 já põe em cheque a capacidade empresarial.

Não vamos permitir que, por inépcia nossa, voltem os 100 bilhões. Quem sabe, um bom caminho, entre outros, para evitar este fracasso, será abrir mão de economias fechadas, de clãs, para integrar o maior número possível de participantes no processo de desenvolvimento.

Amigos empresários da agroindústria do açúcar, que devemos esperar ainda, se, há 2 anos e meio, o próprio GEA já sugeriu planos em que a técnica traz apoio ao bom-senso? Por que, mesmo com sacrifícios substanciais, não tomar a iniciativa de assegurar aos trabalhadores rurais um nível de vida que eles voltam a pensar que só mesmo com violência poderão obter?

De qualquer maneira, há uma consideração gravíssima a fazer, movido apenas pela preocupação social.

Agora, que o Grupo de Trabalho do Açúcar entregou seu relatório ao Governo, antes de mais nada, cabe-nos pedir urgência para as soluções a adotar – sejam quais forem – pois setembro está à vista. E Deus nos livre que cheguemos até lá sem uma clara e firme política do Governo em relação ao açúcar nordestino. Peça-se, com todo respeito, que a solução seja viável, pois, para tocar em exemplo que nos é caríssimo: exultamos vendo a determinação do Poder Público de iniciar a reforma agrária por Pernambuco.

Mas é ser amigo e patriota informar que o IBRA, apesar da competência e devotamento invulgares de seus dirigentes nacionais e locais, está correndo o risco de comprometer, terrivelmente, uma das reformas de que o País mais necessita. Por falta de verbas adequadas e de quadros, impossíveis de

improvisar, que será da reforma agrária, se, amanhã, o Ibra, já às voltas com Caxangá, tiver, como terá inevitavelmente, que encampar novas usinas?

*4 – Palavra fraterna às universidades*

E vós, universidades que aqui estais, ajudai-nos sempre mais a ajudar-vos a exercer a missão decisiva que cabe à universidade num país em desenvolvimento.

Atirai-vos, corajosamente, às pesquisas que ajudem as Unidades Federadas do Nordeste no esforço ingente que estão tentando de conhecer-se; que ajudem a Sudene na Planificação Regional.

Atirai-vos, decididamente, ao afã de formar técnicos de nível superior e assegurai colaboração à inaudível formação de quadros técnicos de nível médio.

Ajudemos a firmar esta linha de pensamento:

– o desenvolvimento promete bem-estar, fartura e prosperidade; ao mesmo tempo, destrói certezas, seguranças e convicções íntimas arraigadas.

Por essa razão, nós, os apóstolos do desenvolvimento, precisamos de uma sabedoria à altura de nossa ciência.

Necessitamos de sábios e não só de técnicos – de filósofos e até teólogos do desenvolvimento, de poetas, artistas e dramaturgos do desenvolvimento.

É um erro pensar que desenvolvimento é responsabilidade apenas de técnicos ou administradores. Desenvolvimento concerne à totalidade dos valores humanos e, portanto, requer a mobilização de todas as energias humanas.

Sem uma sabedoria à altura de nossa ciência, o progresso material produzirá, não o desenvolvimento, mas a desumanização dos homens que ainda podem consolar-se com sonhos de um futuro melhor, mas que amanhã não terão o consolo nem dessa ilusão.

Atirai-vos, sobretudo, a infundir, nas jovens gerações, a mística do desenvolvimento. Universidades norte-americanas e europeias estão tendo chama suficiente para suscitar, em jovens norte-americanos e europeus, a decisão corajosa de largar pátria, língua, família e amigos para ajudar o desenvolvimento de nossas comunidades.

*5 – Palavra fraterna a dois grupos quase ausentes*

E isto nos faz pensar que os estudantes, como os trabalhadores, estiveram quase ausentes de nosso encontro. Qual será a razão última desta presença rarefeita ou desta presença silenciosa, quando as portas estavam largamente abertas e todos éramos convidados a vir e a falar?

Estarão descrentes ou se sentem sem possibilidade de falar?

Seria grave para o processo do desenvolvimento brasileiro a ausência ou o silêncio dos estudantes e dos trabalhadores.

A circunstância de o comunismo ter feito investidas graves nestes dois mundos, não nos autoriza a manter um clima que desencoraje e desalente trabalhadores e estudantes.

Estamos em um continente onde mais de 50% da população tem menos de 20 anos de idade. Estamos em um País onde ainda é luxo atingir o ensino superior. Não podemos prescindir da colaboração dos jovens na luta pelo desenvolvimento. Ai da causa que não tem em seu favor a juventude.

Vamos propiciar aos jovens de hoje a glória de que se revestiram os jovens abolicionistas de ontem. Quem tem ouvidos de ouvir, ainda escuta, no querido Teatro Santa Isabel, ecos das aclamações prestadas a jovens que se chamavam, entre outros, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Castro Alves...

E quanto aos trabalhadores, já é mais do que hora de deixar que eles mesmos assumam, plenamente, os respectivos sindicatos. É inadiável que isto aconteça inclusive no meio rural.

Somos democratas. Repelimos o comunismo. Por isto mesmo, porque acreditamos nos processos da democracia, não vamos permitir a farsa que só interessa ao reacionarismo aproveitador, sem coragem de abrir mão do que abusivamente retém, de identificar como comunista e subversivo todo aquele que, mesmo infenso ao comunismo, tem fome e sede de justiça social.

*6 – Palavra fraterna à Sudene*

Como deixar de aludir à Sudene, cujo 3º Plano Diretor, pelo que representa como repercussão direta em nossa vida de povo, é uma das razões de ser de nosso Encontro? Diremos que ela é vital para nós.

Daí afligir-nos a circunstâncias de vê-la sem condições objetivas de reter seus próprios técnicos, atraídos, muito humanamente, pela empresa privada que lhes pode oferecer salários adequados.

Daí afligir-nos ver surgir no Congresso – ao que se diz, não sem interesse de técnicos da área governamental – a luta que redundaria na liquidação prática do art. 18 do 2º Plano Diretor da Sudene, exatamente o artigo que carrega investimentos para o Nordeste.

Veja-se como é possível falar em batalha interna, em incompreensão de casa. Veja-se como é preciso estar alerta ao surgimento de medidas capazes de anular toda a nossa ânsia de desenvolvimento, deixando a Sudene sem possibilidade real de atuar.

#### *7 – Palavra fraterna aos líderes espirituais*

Católicos, Evangélicos, Judeus – entre outros –, temos líderes espirituais neste Encontro. Que nós, líderes espirituais do Nordeste, tenhamos sempre mais presente que Deus não nos confiou apenas almas, e sim, criaturas humanas, compostas de alma e corpo. Enquanto raros líderes se lançarem à batalha do desenvolvimento – não invadindo a missão dos técnicos, mas marcando uma presença cristã e estimulando os esforços em prol da promoção humana – enquanto apenas uns poucos nos aliarmos às demais forças vivas da Região, estes raros, estes poucos serão facilmente marcados, inclusive pelo próprio comunismo que, em região como a nossa, há de preferir o “quanto pior, melhor”, caldo ideal para a fermentação de desesperos.

Se nós todos, sem esquecer a vida eterna, exigirmos condições humanas para a vida terrena; se nós todos, decididamente, ultrapassarmos a linha do mero assistencialismo e promoção humana e social, então, ficará patente que soou, de fato, a hora de mudarem as estruturas.

#### *8 – Palavra fraterna ao Nordeste*

Dirigindo-nos, agora, globalmente, ao Nordeste que aqui se apresenta unido e lúcido, seja-nos lícito lembrar:

– quando, de 12 a 15 do mês corrente, no Simpósio de São Paulo, procurarmos convencer os empresários do Sul de que a atitude mais inteligente que têm a adotar é investir no Nordeste, não vamos parar em nós...



Amanhã, quando, com a ajuda fraterna, vinda do País ou do estrangeiro, rompermos a barreira do subdesenvolvimento, repitamos, sem perda de tempo, em relação ao Norte, o gesto fraterno que agora exigimos em nosso favor.

E não vamos parar em um egoísmo menos estreito, mas ainda insuportável: não vamos parar nem mesmo no Brasil. Claro que temos obrigações especiais para com a nossa Pátria. Mas não seremos brasileiros autênticos na medida em que formos mesquinhos.

Está voltando do Golfo de Guiné a Missão Econômica, enviada à África pelo Governo brasileiro. Regressa feliz, de contratos assinados e convicta de que há interesses comuns que nos ligam à jovem África. Não deixemos que o comunismo russo ou chinês passe a liderar, por incapacidade ou egoísmo do mundo democrático, o 3º Mundo, que de maneira alguma é invenção comunista ou tem ligações inevitáveis com Moscou ou Pequim.

#### *9 – Palavra filial a Deus*

Nós todos, neste Encontro, acreditamos em Deus. Mesmo quem anda afastado da prática religiosa ou até se considera ateu, no íntimo mais íntimo, guarda crença em um Ser Supremo.

Ergamos a este Pai Comum o pensamento neste instante. Peçamos a Ele que o nosso egoísmo, o nosso comodismo e a nossa inércia não consiga pôr em risco o desenvolvimento do Nordeste. Está preparado o foguete de 3 estágios. Já começou a contagem de trás para diante: 10, 9, 8, 7, 6... Que quanto antes dispare e entre em órbita, a serviço do Brasil e do Mundo, o Nordeste brasileiro.

.....  
*Conversa clara faz bons amigos*

I – O QUE ME TROUXE AQUI

**C**omo perder a oportunidade de participar do I Encontro das Federações dos Trabalhadores Rurais do Nordeste, se é no nosso meio rural que se consumam injustiças sociais que clamam aos céus e diante das quais seria imperdoável guardar um silêncio cômodo, desviar os olhos e continuar a caminhada?

Bem que eu tive quem me alertasse, avisando meio sério, meio rindo, que Federação como as vossas não são autênticas, não representam os trabalhadores e estão comprometidas com organizações estrangeiras que parecem amigas, mas só fazem o jogo do país a que pertencem.

Bem que eu tive quem me alertasse, avisando meio sério, meio rindo, que eu também estava sem força moral, de vez que não aceitei o desafio para dizer o que fizeram com o dinheiro dos bispos da Alemanha os 10 bispos do Nordeste acusados de fazer agiotagem com o dinheiro recebido.

Conversa clara faz bons amigos. A meus amigos trabalhadores darei espontaneamente uma palavra sobre este tão explorado caso dos bispos. Minha intenção será provar que há pessoas interessadas em queimar os bispos junto ao povo, quando justamente os bispos são uma das últimas vozes ainda com força para defender a justiça, pisada por poderosos que têm tudo nas mãos.

Estão perdendo tempo porque a Igreja não se cala e continuará defendendo os trabalhadores contra os inimigos de fora e os inimigos de dentro da própria classe trabalhadora.

## II – ESTÃO QUERENDO CALAR AS VOZES QUE DEFENDEM O POVO

Isto de dizer pelos jornais e pelo rádio nomes de bispos acusados de emprestar quantias colossais a 10% ao mês é o começo do começo. Outros escândalos serão espalhados aos quatro ventos por uma publicidade dirigida e cara.

Alemão não é nenhum ingênuo. Quando os bispos alemães oferecem ajuda, para obras sociais ou diretamente pastorais, exigem projetos concretos e asseguram quotas por etapas. Eles mesmos, discretamente, controlam o trabalho feito. E não há meio de largar a 2ª quota se a 1ª não estiver plenamente justificada. E acontece o mesmo entre a 2ª e a 3ª e, de etapa em etapa, até o fim. Aqui está, pois, um primeiro dado que os acusadores timbram em não ver: os primeiros interessados, os doadores, os bispos alemães, declaram-se satisfeitos e consideram cumpridos os compromissos assumidos pelos bispos brasileiros.

Quem, também, pode falar é o povo de cada sede diocesana. O povo não é cego e vê que as obras se fazem. O próprio Governo reconhece que dinheiro em mãos da Igreja é aplicado com seriedade e chega ao destino previsto.

Se houve, aqui e ali, sem prejuízo para as obras, aplicação de dinheiro a pretexto enganoso de participação nos lucros, vamos deixar de farisaísmos: quem de nós não tenta proteger o dinheiro para que ele não se derreta em nossas mãos? É curioso observar donde partem as pedradas: quase sempre de quem está longe de ter direito de jogar a 1ª pedra.

Só os ingênuos não descobrem o jogo de afastar o povo de seus pastores, justamente na hora em que os bispos partem para exigir as reformas de base e para protestar contra absurdos cometidos por quem pensa que está acima da lei e espera que todos se acovardem diante de suas ameaças de vice-reis e semideuses.

### III – CORAGEM DIANTE DOS PERIGOS

#### *A. Perigos de dentro*

Antes de solidarizar-me com os trabalhadores que estão pagando com a vida a audácia de defender direitos fundamentais do homem – e estes são perigos de fora – permiti que vos ajude a abrir os olhos para os perigos de dentro.

Deixo-vos, especialmente, três alertas: contra pelegos, contra advogados desonestos, contra ajudas perigosas, vindas do estrangeiro.

Pelego, nós, sabemos, é o traidor da classe trabalhadora, que aceita ser nomeado como interventor ao ser afastado, como subversivo e comunista, um companheiro cujo crime é ter fome e sede de justiça, é ter idéias na cabeça, não ter medo de falar.

Temos de nos unir para levar o Governo a entender que assim como não se pode ter confiança num espião, não se pode confiar num traidor. Se para subir, o operário foi desleal consigo e com a classe trabalhadora, que confiança pode merecer?

O Governo exige folha corrida para que o operário possa participar de eleições sindicais. O Governo sabe que, sobretudo no interior, a Polícia não tem meios de resistir ao ricoço local, manda-chuva, todo-poderoso, que controla, direta ou indiretamente, a política, a polícia, o juiz de direito e os jurados. O Governo sabe que exigir folha corrida para eleições sindicais é entregar os sindicatos aos pelegos. Bem sei que se pode dizer que, se a exigência de folha não for feita, os eleitos serão subversivos e comunistas.

Afastai de vosso caminho tanto os comunistas, como os pelegos. É ilusão pensar que os segundos são melhores do que os primeiros.

Manter sindicatos e cooperativas, manter federações de trabalhadores em mãos de pelegos é aviltar os instrumentos destinados a realizar a promoção humana e social dos trabalhadores; é jogar os trabalhadores autênticos na radicalização e na violência.

Permiti que vos alerte para um segundo cancro que nos rói por dentro. Os trabalhadores precisam dos advogados. Mas devem repelir, como traidores, advogados de sindicatos trabalhadores que recebem dinheiro dos patrões para fazer os trabalhadores aceitarem acordos

injustos e imorais. Se os trabalhadores abrirem os olhos, acabarão descobrindo que, ao lado de advogados honestos e dignos, há rúbulas se enriquecendo à custa de lágrimas, suor e sangue dos trabalhadores. Não me cabe ir mais longe. Mas, com a responsabilidade de Pastor, trairia a minha gente se não denunciasses exploradores vestidos de advogados, recebendo das duas partes, endossando contratos que são injustiças que atraem a maldição de Deus.

Terceiro alerta para perigos internos é o ponto mais delicado e mais difícil. Há organizações estrangeiras que aparentemente ajudam sem nada exigir. Ajudam simplesmente pelo desejo de ajudar. Possibilitam uma ajuda financeira sem a qual quase nada poderíamos fazer.

Sem desejo de ofender ninguém, permiti que vos mostre como isto de ter dinheiro fácil enfraquece nossa luta. Amacia. Só prezamos o que é conquistado com sacrifício.

Um dos males que estão na origem de nossa organização trabalhista é o fato de a legislação do trabalho ter sido doada, feita, de cima para baixo. Foi oferta do Governo e não conquista dos trabalhadores.

Agradecei o dinheiro fácil. As facilidades que ele cria são enganosas. Quebram o nosso ímpeto, nossa vontade de lutar.

Depois, é natural. Quem dá o dinheiro, mesmo que não pense e que não queira, influencia.

Se o dinheiro vem da Rússia, instintivamente quem recebe o dinheiro pensa e leva a pensar, através de esquemas russos. Se o dinheiro vem dos USA, instintivamente quem recebe o dinheiro pensa e leva a pensar através de esquemas norte-americanos.

Acontece que as grandes potências gostam é delas mesmas. Agora mesmo, estamos vendo, mais uma vez, como o egoísmo norte-americano parece com o russo.

Ficai alertas, mesmo se as ajudas forem propostas em nome de sindicatos livres. A intenção pode ser de liberdade sindical. Na prática, as ajudas criarão clima de peleguismo e estabelecerão vínculos invisíveis e inconscientes para com o país protetor.

### *B. Perigos de fora*

A urgência de livrar-nos dos perigos de dentro vem da gravidade dos perigos de fora a serem enfrentados pela classe trabalhadora.

Também aqui deixarei três alertas: contra os que exploram a Justiça do Trabalho, que acaba deixando a impressão de acobertar injustiças, em lugar de condená-las; contra os que exploram a polícia, que acaba dando a impressão de conivência diante de crimes, que permanecem impunes; contra os que exploram a democracia, que acaba dando a impressão de incapacidade e falta de coragem.

Como pode uma Junta de Conciliação e Arbitragem, diante de dívidas, líquidas de patrões quanto a minguados salários dos trabalhadores, começar aceitando reduções de pagamento e acabar permitindo que o pagamento ao ser feito nem chegue à metade do que os trabalhadores tinham a receber?

Se há uma Justiça que deva ser rápida é a do Trabalho, pois o trabalhador não tem resistência para esperar que a justiça lhe seja feita: não tem casa, não tem alimento, não tem saúde, não tem reserva para esperar nem dois dias sem ganhar salário. No entanto, quando o trabalhador bota questão na justiça, perca a esperança de ver resultado antes de dois anos. Dois anos é prazo ideal: há casos em que a questão se arrasta muito mais. Daí a crueldade com que o patrão, certo de perder na justiça, desafia o trabalhador a procurar o Juiz. Mesmo que, no fim, tenha de pagar, o dinheiro na mão dele rendeu e vai chegar desvalorizado na mão do trabalhador, se ele ainda estiver vivo para receber.

Na hora em que a causa vai para Brasília, fica o trabalhador entregue à própria sorte, pois luxo de mandar advogado acompanhar a questão no Sul só para patrão.

Ou o Governo descobre meio de fazer justiça segura e rápida ao trabalhador, ou se despedaça aos olhos dos trabalhadores, uma das últimas esperanças legais. O Governo precisa, também, descobrir a maneira de o delegado ficar a salvo da influência todo-poderosa dos senhores. É preciso acabar, com urgência e de uma vez por todas, com isto de os trabalhadores irem a uma delegacia dar parte de crime de espancamento e de morte e de encontrarem o delegado sem querer ouvir a queixa, para não se meter em complicações com os grandes. É preciso que a autoridade, ao dar ordem de prisão a um poderoso, disponha de meios de intimidar, em lugar de ser intimidada. Se o delegado tiver de esperar reforço para poder ser obedecido, quando o reforço chegar, não encontra mais nem rastro do criminoso.

Qualquer vida humana tem valor que dinheiro nenhum pode pagar. E a vida de um trabalhador vale tanto quanto a de um patrão.

Se Deus nos livre, fosse assassinado um patrão, um arrepio de horror cobriria o Nordeste todo e se estenderia a todo o Brasil. As providências mais graves seriam tomadas sem perda de tempo. Morre um trabalhador? É sangrado como um animal? Anunciam-se providências que chegam tarde. E no mais, é pedir a Deus que haja ao menos licença para a missa em sufrágio e desagravo do morto. Mas quem morreu, morreu. E a viúva e os órfãos que se arranjam!

É preciso que, do mesmo modo e com igual horror, o País estremeça sabendo que trabalhadores rurais continuam sendo espancados e assassinados no Nordeste. Sem falar nos que somem para sempre.

Para felicidade dos que precisavam ver o caso abafado, surgiu, na hora, o chamado escândalo dos bispos e é claro que é mais fácil mostrar valentia contra bispos do que contra potentados.

Tudo isto está precisando de providências que atinjam a raiz do mal e ponham paradeiro a tanta injustiça e tanta provocação.

Enquanto reforma agrária for lei só no papel, enquanto se multiplicarem órgãos oficiais para aplicá-la e com isto se pensar que tudo está resolvido, o mal-estar irá aumentando e ninguém terá força para evitar que o absurdo aconteça.

Quando me lembro que o Nordeste é área prioritária para reforma agrária; quando vejo um esquema como o do Geran ser esvaziado, a ponto de o órgão poder passar, meses e meses, sem ninguém na direção; quando sinto que as investidas contra o Estatuto da Terra anunciam que, qualquer dia destes, ele será esvaziado como o Geran, aflijo-me, sem ter o que responder aos jovens que desesperam da democracia e dos métodos de não-violência, e partem para a violência e a radicalização.

#### IV – A QUE CONCLUSÕES CHEGAR?

Trabalhadores rurais do Nordeste, compreendo que a vossa própria tentação de descrença seja muito grande. Como livrar, na prática, de

pelegos, os vossos sindicatos e as vossas federações? Como livrar-nos de advogados que vendem os vossos direitos, fingindo-se de amigos e impondo-vos soluções que são uma verdadeira ignomínia? Como agradecer, amavelmente, ajudas estrangeiras que parecem inocentes, mas não são, e como enfrentar, sem dinheiro, paradas difíceis, encontrando tanto mais entusiasmo, quanto mais as dificuldades aumentarem? Como obter que o Governo reveja, em profundidade, a Justiça do Trabalho, dando-lhe possibilidade efetiva de chegar a tempo de acudir os injustiçados? Como obter que o Governo reforce a autoridade moral da polícia, dando-lhe meios para que ela não se desacredite e desmoralize diante do povo? Como obter que o Governo se decida a levar à prática a Reforma Agrária, ponto de partida para as demais reformas de base?

A quem estranhar a insistência com que falo em Reforma Agrária, lembro que Deus me confiou uma Diocese de todo incluída em área, declarada pelo Governo, prioritária para a Reforma Agrária.

Domingo próximo, se Deus quiser, estarei no Cabo, na antiga Usina José Rufino, para participar da alegria das 320 famílias a quem o Governador Nilo Coelho vai entregar o título de propriedade de lotes, até hoje de posse da CRC. Veremos 320 famílias promovidas pelo acesso à terra, acompanhado de um mínimo de incentivo técnico-financeiro e de um máximo de estímulo pela esperança de terra própria. D'agora em diante, confirmarão a mudança da condição de párias para um início de ingresso na classe média.

Deus permita que cenas semelhantes se repitam, em breve, em Caxangá, e em todo o Nordeste, e em todo o Brasil.

Como ajudar-vos para que vossos ideais se concretizem? O que está em minhas mãos eu vos trago: não lutareis sozinhos. Enquanto acreditardes na não-violência, na força das idéias, no poder da justiça, no valor da democracia, sabeí que não estareis sozinhos. A Igreja estará sempre mais a vosso lado, tendo à frente os seus pastores. Quanto mais investirem contra nós, mais sentiremos que está tendo resultado nessa luta em vosso favor.

Enfrentai sem ódio, mas com decisão, os perigos internos e externos que ameaçam a classe trabalhadora. Quem nos obriga a estar do



*120 Discursos de Dom Helder Câmara*

vosso lado, convosco, para vencer ou para perder, para triunfar ou para sofrer, quem nos incita e encoraja é o amigo nº 1 dos trabalhadores: NOS-SO SENHOR JESUS CRISTO!

-

.....  
*Nova inquisição ou tentativa de  
justiça para milhões?*

I – DENÚNCIA QUE É PROPAGANDA

Q

uando surgiram as primeiras notícias sobre a Comissão de Justiça e Paz, um dos mais destacados órgãos da imprensa do País, tristemente célebre por seu desencontro com a História, comentou que se armava, no Recife, um novo Tribunal da Inquisição.

Verão as pessoas de boa vontade que surge, agora e aqui, radar sensibilíssimo, capaz de localizar as injustiças mais gritantes que se verificarem na Região. Verão, os que têm olhos de ver e almas não-toldadas por preconceitos, que se instala um dispositivo de defesa dos direitos fundamentais do homem, tão solenemente proclamados há 20 anos pela ONU e ainda hoje tão esquecidos e pisados em 2/3 do nosso Continente. Minhas palavras adquirirão ressonância dramática quando, hoje e aqui, começarem a repercutir, nesta sala, vozes que clamam por justiça em termos de bradar aos céus.

II – COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ OU DE  
DESENVOLVIMENTO E JUSTIÇA?

*1 – Justiça e Paz no Nordeste 1968-1975*

Entra pelos olhos que Justiça e Paz em Londres, em Paris, em Montreal, não têm as mesmas características e os mesmos aspectos de Justiça e Paz no Nordeste Brasileiro 1968-1975.

Vivemos, aqui, uma hora de transição. Velhas estruturas econômico-sociais teimam em sobreviver: exacerbam-se e, no instinto de auto-defesa, cometem arbitrariedades e chegam a absurdos difíceis de acreditar.

Quando o século XXI já desponta, aqui ainda respiramos Idade-Média e ainda nos defrontamos com o semifeudalismo de veste nova, mas de alma idêntica e de arrogância igual.

### *2 – Desconfiança em face da Justiça oficial?*

Não faltarão maliciosos e despeitados para acusar-nos de negar validade e confiança à Justiça oficial. Não se trata, de modo algum, de desrespeito ou desconfiança. Trata-se de ajuda e colaboração. Pelo fato de termos juízes e tribunais, não ficamos, nós mesmos, livres de responsabilidade pessoal para com a justiça, sobretudo quando os tempos são dias ásperos de mudança e a área em que vivemos é das mais sensíveis e traumatizadas do País e do Continente.

### *3 – Prova de confiança nos processos de não-violência*

A Comissão que, hoje, se instala nesta Casa é demonstração patente de que confiamos nos processos democráticos. Quando muitos de nossos melhores jovens, em toda a América Latina, partem para a radicalização e a violência, queremos tentar uma demonstração clara e insofismável da validade da pressão legítima e democrática. Rigorosamente dentro da lei e dentro da não-violência, procuraremos enfrentar injustiças venham de onde vierem, mesmo de todo-poderosos, capazes de fazer a terra desaparecer debaixo dos pés e o ar rarefazer-se, e os amigos sumirem, e testemunhas se intimidarem, e fecharem-se, perigosamente, veículos de comunicação social.

Pretendemos que esta sala seja caixa de ressonância, sirva de eco a quem não pode falar, aos sem vez e sem voz. Se fracassar a Comissão que hoje se inaugura – se faltar clima para o seu trabalho construtivo e humano de amor e de paz – os responsáveis pelo fracasso responderão, amanhã, pelo crédito ainda mais largo e perigoso que se abrirá no País e no Continente, para a radicalização e a violência.

### *4 – Maneira de agir*

Permita o grupo seletivo que aqui representa a legião das pessoas de boa vontade, amantes da Justiça e da Paz, permita-me apresentar alguns

exemplos concretos da maneira pela qual pretende agir a Comissão da qual sou apenas animador espiritual.

Em nossa Região, há manifestações mais gritantes e escandalosas da falta de justiça: umas após outras repercutirão aqui.

Que haja despejos é tristeza mais ou menos inevitável. Quando, porém, houver áreas inteiras despejadas de modo desumano e sem salvaguarda dos direitos fundamentais da criatura humana, nesta Casa haverá sinal de alerta e tudo que a lei e a decência nos permitirem será tentado. Vamos conclamar advogados honrados e dignos para que cada um assuma, cada ano, gratuitamente, pelo menos dois casos de clientes sem voz e sem vez, clientes que serão tratados no nível dos que mais podem pagar, pois serão clientes da Justiça, clientes de Deus.

Que as indústrias antigas se modernizem, se compreende e se aplaude; que ao se modernizarem, se vejam na contingência de despedir trabalhadores, ainda se chega a entender. Mas que despeçam trabalhadores de maneira fraudulenta e desleal e desumana, isto repercutirá dentro desta Casa e, se for preciso, dentro da Região e do País.

Citamos exemplos típicos. Chegaremos possivelmente e até provavelmente a estudar maneiras práticas e eficazes de salvaguardar, mais plenamente, a confiança e o respeito que merecer e deve merecer a Justiça do Trabalho. Agiremos sempre com lealdade, às claras, construtivamente, movidos, não pelo ódio, mas pelo amor.

### III – TALVEZ SEJA PREFERÍVEL, PARA CASOS ESPECIAIS, COMISSÃO ESPECIAL

Eminentíssimo Cardeal Roy,

Vossa Eminência carrega a responsabilidade de ser o Presidente da Comissão Pontifícia Justiça e Paz, desejada, durante o Concílio Ecumênico Vaticano II, pelos bispos do mundo inteiro e criada, corajosa e alegremente, por Paulo VI, o Peregrino da Paz.

Permita, Eminência, que trabalhadores da Zona Canavieira, em volta do Recife, clamem por justiça diante de quem é, de certo modo, em nossa cidade e em nossa Casa, a presença do Papa da *Populorum Progressio*.

Na hora em que nossa Comissão receber estes depoimentos dramáticos é que propriamente ganhará existência jurídica.

Tudo é muito especial ainda, neste querido Nordeste em desenvolvimento. Vamos ter de assumir graves riscos, embora conservando-nos rigorosamente dentro da lei. Vamos ter de ser ousados. Talvez seja melhor não usar o nome de Comissão Justiça e Paz. Talvez seja preferível chamar nossa Comissão de Desenvolvimento e Justiça. Desenvolvimento é o novo nome da Paz. As duas Comissões serão irmãs. E Vossa Eminência, com sua presença, é o melhor dos augúrios divinos para as nossas lutas pela promoção da Justiça e da Paz.

---

Discurso proferido quando da visita do Eminentíssimo Cardeal Maurice Roy, Presidente da Comissão Pontifícia Justiça e Paz, no Recife, em 3-3-68.

.....  
*“Ou todos, ou nenhum”*

## I – FASE NOVA QUE SE ABRE

**A** 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Medellín (Colômbia), de 26 de agosto a 6 de setembro corrente, não podia ser mais oficial: convocada e aberta, pessoalmente, por Paulo VI; presidida por 3 Legados Pontifícios, que agiam “em nome e com a autoridade” do Papa; integrada por bispos e sacerdotes, ou oficialmente eleitos pelas Conferências Episcopais de toda a América Latina, ou nomeados, pessoalmente, pelo Santo Padre; auxiliada por especialistas, eclesiásticos e leigos; assistida por representantes oficiais de hierarquias dos demais continentes e por observadores de várias denominações evangélicas; seguida pela imprensa escrita e falada do mundo inteiro.

A Conferência tinha o encargo de traçar diretrizes para a ação da Igreja em face das mudanças profundas e rápidas enfrentadas pela América Latina e chegou – como tentarei provar-vos – a posições tão claras e corajosas, que já não será possível, honestamente, chamar de subversivos e comunistas apenas alguns bispos de nosso País e pedir contra eles, simultaneamente, a atenção do Santo Padre e dos militares. Se exigir, com urgência, reformas das estruturas latino-americanas é “subversão e comunismo”, a acusação passará a cobrir de cheio os bispos da América Latina. Ou todos, ou nenhum.

## II – IRREVERSÍVEL A TOMADA DE POSIÇÃO DOS BISPOS LATINO-AMERICANOS

### *1 – Denúncia aberta e corajosa da situação de nossos países*

Os 16 Capítulos das Conclusões de Medellín apresentam uma denúncia corajosa da situação dos países latino-americanos:

– o documento sobre JUSTIÇA alude a uma condição de miséria coletiva – “que constitui injustiça que clama aos céus”; refere-se à “frustração universal de legítimas aspirações, que cria o clima de angústia coletiva que já estamos vivendo”; lembra “verdadeiros pecados cuja cristalização aparece evidente nas estruturas injustas que caracterizam a situação da América Latina”; afirma que muitos de nossos trabalhadores experimentam uma situação de dependência “ante os sistemas e instituições econômicas inumanas, situação que para muitos deles significa escravidão não apenas física, mas profissional, cultural, cívica e espiritual”;

– o documento sobre PAZ se baseia na análise de tensões que criam perigo para a paz: não vacila em usar a expressão de “colonialismo interno”, de vez que pequenos grupos de latino-americanos mantêm a própria riqueza sobre a miséria de milhões de concidadãos; denuncia o neocolonialismo externo, aludindo à distorção crescente do comércio internacional, à fuga de capitais econômicos e humanos, à evasão de impostos e fuga de lucros e dividendos, ao endividamento progressivo, a monopólios internacionais e ao imperialismo internacional do dinheiro;

– o documento sobre FAMÍLIA E DEMOGRAFIA refere-se aos “círculos viciosos do subdesenvolvimento” e à marginalização de inúmeras famílias, impedindo-as de exercer a tríplice missão de formadora de pessoas, de educadora na fé e promotora do desenvolvimento;

– o documento sobre JUVENTUDE recorda que os jovens rejeitam “uma sociedade de consumo que massifica e desumaniza o homem”;

– o documento sobre EDUCAÇÃO bate-se por um trabalho educativo “capaz de libertar nossos homens das servidões culturais, sociais, econômicas e políticas que se opõem ao nosso desenvolvimento”;

– o documento sobre PASTORAL DAS MASSAS pensa na superação do semifatalismo e na formação do homem como co-criador e responsável, com Deus, de seu destino;

– o documento sobre PASTORAL DAS ELITES pensa em uma pastoral que oriente os grupos econômicos sociais “para um compromisso no plano das estruturas socioeconômicas, que conduza às necessárias reformas das mesmas”;

– o documento sobre CATEQUESE lembra que “a América Latina vive, hoje, um momento histórico que a catequese não pode ignorar: o processo de transformação social, exigida pela atual situação de necessidade e injustiça em que se encontram marginalizados grandes setores da sociedade”;

– o documento sobre SACERDOTES proclama que “o mundo latino-americano encontra-se empenhado em um gigantesco esforço, para acelerar o processo de desenvolvimento no Continente”. E acrescenta: “Nesta tarefa cabe ao sacerdote um papel específico e indispensável”;

– o documento sobre RELIGIOSOS ensina que os religiosos “não se podem alhear aos problemas dos homens que vivem a seu lado”. “Assim, nas circunstâncias concretas da América Latina devem dar provas de especial disponibilidade”;

– o documento sobre FORMAÇÃO DO CLERO salienta que o sacerdote, posto a serviço do povo como Cristo, deve aceitar sem limitações as exigências e as conseqüências de servir aos irmãos, e, em primeiro lugar, a de saber assumir as realidades e o sentido do povo em suas situações e em sua mentalidade;

– o documento sobre POBREZA NA IGREJA insiste em dizer que “o episcopado latino-americano não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais que mantêm a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza, que, em muitos casos, chega a ser miséria desumana”;

– o documento sobre COLEGIALIDADE se abre dizendo: “Em nosso Continente, milhões de homens se encontram marginalizados da sociedade e impedidos de alcançar a plena dimensão de seu destino”;

– o documento sobre MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL denuncia que “muitos destes meios estão vinculados a grupos econô-



micos e políticos, nacionais e estrangeiros, interessados na preservação do *status quo social*".

### *2 – Grandes linhas das inadiáveis reformas de estruturas*

Os adversários das reformas de estruturas costumavam dizer que a Igreja falava em reformas de maneira vaga e perigosa, sem traçar o mais leve rumo a ser seguido.

Em Medellín, houve o cuidado de indicar grandes linhas das reformas de estruturas a empreender.

Veja-se, por exemplo, o caso da reforma das empresas. Comentam as Conclusões: "No mundo de hoje, a produção encontra sua expressão concreta na empresa, tanto industrial como rural. Constitui ela a base fundamental e dinâmica do processo econômico global."

Acontece que, segundo os bispos latino-americanos, "o sistema empresarial latino-americano corresponde a uma concepção errada sobre o direito de propriedade dos meios de produção e sobre a finalidade mesmo da economia". Explicam os bispos: "A empresa, em uma economia verdadeiramente humana, não se identifica com os donos do capital, porque é, fundamentalmente, uma comunidade de pessoas e unidade de trabalho que necessita de capital para a produção de bens." Continuam os bispos: "Uma pessoa ou um grupo de pessoas não podem ser propriedade de um indivíduo, de uma sociedade ou do Estado." Tomam posição as Conclusões de Medellín e afirmam: "O sistema liberal capitalista e a tentação do marxismo parecem que esgotam, no nosso Continente, as possibilidades de transformar as estruturas econômicas." Ora, "ambos os sistemas atentam contra a dignidade humana, porque um tem, como pressuposto, a primazia do capital, seu poder, sua discriminatória utilização em função do lucro; o outro, embora ideologicamente defenda um humanismo e vislumbre melhor o homem coletivo, na prática se transforma em nova concentração totalitária do poder do Estado". "Devemos denunciar que a América Latina se encontra fechada entre essas duas opções e permanece dependente dos centros de poder que canalizam sua economia."

E vem o apelo dos bispos: "Fazemos, por isso, um chamado urgente aos empresários, às suas organizações e às autoridades políticas, para que modifiquem, radicalmente, a valorização, as atitudes e as medidas com respeito à finalidade, organização e funcionamento das empresas."

“Esta transformação será fundamental para o desencadeamento do verdadeiro processo de desenvolvimento e integração latino-americana. Muitos de nossos trabalhadores... experimentam uma situação de dependência ante os sistemas e instituições econômicas inumanas, situação que para muitos deles – como lembramos – significa escravidão não apenas física, mas profissional, cultural, cívica e espiritual.”

Concluem os bispos: “Com a lucidez que surge do conhecimento do homem e de suas aspirações, devemos reafirmar que nem o montante dos capitais, nem a implantação das mais modernas técnicas de produção, nem os planos econômicos serão eficazes para os trabalhadores a serviço do homem se eles não tiverem a unidade necessária de direção e não estiverem incorporados, com todo o empenho de seu ser humano, mediante a ativa participação de todos na gestão da empresa, seguindo formas estabelecidas com acerto, assim como nos níveis da macroeconomia, decisivos no âmbito nacional e internacional.”

O que tentam fazer com a empresa, as Conclusões de Medellín também o experimentam quanto às demais estruturas, inclusive a agrária e a política.

Mas sabem muito bem os bispos que estruturas não se mudam pelo toque mágico de belas declarações. Sem medo de falar em “conscientização”, expressão profundamente humana e cristã que, em abril de 1964, ia-se tornando palavra proibida e imoral, dizem os bispos, em alto e bom som: “A tarefa de conscientizar e educar socialmente deverá ser parte integrante dos Planos de Pastoral do Conjunto, em seus diversos níveis.”

### *3 – Condições de uma verdadeira paz social*

Nesta decisão dos bispos de promover conscientização, não faltará quem descubra intuito de provocação e perigo para a paz social. Vale a pena ler, na íntegra, o que dizem as Conclusões sobre as condições de uma verdadeira paz:

- a) “A paz é, antes de mais nada, obra de justiça (G.S. 73); ela supõe e exige a instauração de uma ordem justa (P.T. 167; P.P. 76) na qual todos os homens possam realizar-se como homens, na qual sua dignidade seja respeitada, suas legíti-

mas aspirações satisfeitas, seu acesso à verdade reconhecido e sua liberdade pessoal garantida. Uma ordem na qual os homens não sejam objeto mas sim agentes de sua própria vitória. Portanto, onde existem injustiça, desigualdade entre os homens e as nações, atenta-se contra a paz (Mensagem de Paulo VI, em 1<sup>o</sup>-1-1968).

A paz na América Latina não é, portanto, a simples ausência de violências e de derramamento de sangue. A opressão exercida pelos grupos de poder pode dar a impressão de que a paz e a ordem estão sendo mantidas, mas, na realidade, não se trata senão do 'germe contínuo e inevitável de rebeliões e guerras' (Mensagem de Paulo VI, em 1<sup>o</sup>-1-1968).

Não se consegue a paz senão criando uma ordem nova na que 'comporte uma justiça mais perfeita entre os homens' (P.P. 76). Nesse sentido, o desenvolvimento integral do homem, a passagem de condições menos humanas para condições mais humanas é o nome novo da paz.

- b) A paz é, em segundo lugar, uma tarefa permanente (G.S. 78): A comunidade humana realiza-se no tempo e está sujeita a um movimento que implica constantemente em mudanças de estrutura, transformações de atitudes, conversão de corações.

A 'tranqüilidade da ordem', segundo a definição agostiniana da paz, não é, portanto, passividade nem conformismo. Não é, também, algo que se adquira de uma vez por todas, é o resultado de um contínuo esforço de adaptação às novas circunstâncias, às exigências e desafios de uma história em transformação. Uma paz estática e aparente deve ser alcançada com o emprego da força; uma paz autêntica implica luta, capacidade inventiva, conquista permanente (Cf. Paulo VI, Mensagem de Natal, 1967).

A paz não se encontra, ela se constrói. O cristão é um artesão da paz (Mt. 5,9). Esta tarefa, dada a situação descrita acima, reveste-se de um caráter especial, em nosso Conti-

nente; para ela, o povo de Deus na América Latina, seguindo o exemplo de Cristo, deverá enfrentar com audácia e valentia o egoísmo, a injustiça pessoal e a coletiva.

- c) A paz é, finalmente, fruto do amor (G.S. 78), expressão de uma real fraternidade entre os homens. Fraternidade apontada por Cristo, príncipe da paz, ao reconciliar todos os homens com o Pai. A solidariedade humana não pode ser realizada senão em Cristo, que dá a paz que o mundo não pode dar. (Cf. Jn. 14,27). O amor é a alma da justiça. O cristão que trabalha pela justiça social deve cultivar sempre a paz e o amor em seu coração.

A paz com Deus é o fundamento último da paz interior e da paz social. Da mesma forma, onde a paz social não existe; onde há injustas desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais, rejeita-se a paz do Senhor; mais ainda, rejeita-se o próprio Senhor (Mt. 25, 31-46).”

#### 4 – *Atitude em face da violência*

Interrogação que andarás no espírito de muitos é saber se o Santo Padre em Bogotá, proclamando a violência “anticristã” e “antievangélica”, não encorajou, sem querer, os mantenedores das presentes estruturas injustas, absurdas e ultrapassadas.

De modo algum. É fora de dúvida que Paulo VI proclamou a violência de antievangélica e anticristã. Os bispos, no entanto, lembram que o Papa não pensou apenas na eventual violência que, amanhã, possa rebentar da parte dos oprimidos, mas pensa também na violência já instalada, da parte dos opressores. Dizem, textualmente, as Conclusões de Medellín: “Se o cristão acredita na fecundidade da paz como meio de chegar à justiça, acredita, também, que a justiça é condição indispensável para a paz. Não deixa de ver que a América Latina se acha, em muitas partes, em face de uma situação de injustiça que pode ser chamada de violência institucionalizada, porque as atuais estruturas violam os direitos fundamentais, situação que exige transformações globais, audaciosas, urgentes e profundamente inovadoras. Não é de se es-

tranhar, portanto, que nasça na América Latina, a ‘tentação de violência’ (P.P. 30). Não se deve abusar da paciência de um povo que suporta durante anos uma condição que dificilmente os que têm maior consciência dos direitos humanos suportariam.”

Os bispos chegam a proclamar que muitas vezes os privilegiados “exercem pressão sobre os governantes, impedindo as mudanças necessárias”. E acrescentam: “Em algumas ocasiões esta resistência chega a adotar formas drásticas com destruição de vidas e de bens.” Vem o apelo: “Fazemos, portanto, um apelo urgente a fim de que a posição pacífica da Igreja não seja invocada para oposição, passiva ou ativa, às transformações profundas que são necessárias. Se alguns mantêm zelosamente seus privilégios e sobretudo se os defendem com o emprego de meios violentos, tornam-se responsáveis perante a história de provocar ‘as revoluções explosivas do desespero’ (Discurso de Paulo VI em Bogotá). De sua atitude depende, em grande parte, o futuro pacífico dos países da América Latina.”

Os bispos dirigiram-se, também, é claro, aos que se julgam obrigados a optar pela violência. Com Paulo VI, reconheceram que sua atitude “tem freqüentemente sua última motivação em nobres impulsos de justiça e de solidariedade”.

Os bispos reafirmaram o ensino da *Populorum Progressio*: que a insurreição armada pode ser legítima no caso “de tirania evidente e prolongada, que atinja gravemente os direitos fundamentais da pessoa e danifique perigosamente o bem comum” (P.P. 91).

Os bispos lembraram que esta tirania “pode não vir de uma pessoa e sim das estruturas evidentemente injustas”.

Mas recordaram que “se considerarmos o conjunto das circunstâncias de nossos países, se levarmos em conta as preferências dos cristãos pela paz, o grande custo da guerra civil, sua lógica de violência, os males cruciais que provoca, o perigo de atrair a intervenção estrangeira por mais ilegítima que seja, a dificuldade de construir um regime de justiça e de liberdade, através de um processo de violência, esperamos que o dinamismo do povo conscientizado ponha-se a serviço da justiça e da paz”.

Claro que para os bispos latino-americanos só se concebe, na América Latina, ação não-violenta que nada tenha de passividade e covardia, mas seja ação positiva, corajosa, de inconformismo em face das estruturas que tornam impossível a paz.

### III – APELO FRATERNAL A SÃO PAULO

À primeira vista, poderá parecer inglório e incrível que as Conclusões da 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano estejam sendo reduzidas a uma aparente defesa pessoal da posição de alguns cristãos: leigos, sacerdotes e bispos. A intenção profunda tem muito mais alcance.

Temos pela frente a missão nada fácil de revolver estruturas inumanas e ultrapassadas, e de firmar estruturas realmente humanas e sob medida para a nossa realidade.

Ora, em esforço tão grave e tão inadiável, o Brasil e a própria América Latina não podem prescindir da colaboração de São Paulo. E São Paulo – perdoai-me a confiança do aviso fraterno – apesar da posição de vanguarda de muitos de seus jovens estudantes e trabalhadores, apesar da posição de inteligência e de audácia de muitos de seus intelectuais e de alguns de seus homens de empresa, São Paulo está correndo o risco de transformar-se em reduto do reacionarismo, em cidadela do egoísmo e de defesa de interesses pessoais contra o bem comum.

É compreensível a tentação de dizer que regiões como o Nordeste podem entrar na aventura da mudança de estruturas por nada ter a perder. É compreensível a tentação de convocar São Paulo para o que parece defesa da própria sorte, do próprio destino da própria grandeza.

Paulistas, meus amigos e meus irmãos: é triste não entender os sinais dos tempos e agarrar-se, inutilmente, a um passado sem consistência e incapaz de suportar o embate do presente e do futuro. Imaginai, senhores de escravos, pretendendo defender, no Brasil, a escravidão, em fins de 1887, ou em abril de 1888, quando o 13 de maio já era visível a olho nu...

Quando o episcopado de todo um Continente, com apoio indiscutível do Papa, toma posição aberta pelas reformas de estruturas e proclama

como necessárias à paz social as mudanças socioeconômicas e político-culturais da América Latina, é hora de converter-se de Saulo em Paulo; de deixar-se derubar do cavalo pela luz incandescente de Deus; de erguer-se, de uma aparente derrota, transformado no homem novo que vai ajudar a construir um novo mundo.

---

Palestra de encerramento do ciclo de conferências promovidas pela *Folha de S. Paulo* em torno das Conclusões da 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em São Paulo, a 27-9-68, por Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife.

.....

*Se queres a paz, trabalha pela Justiça*

I – SE QUERES A PAZ, PREPARA A GUERRA?

**S**e a lógica valesse, o velho *slogan* “Se queres a paz, prepara a guerra” já estaria desacreditado e superado.

A partir do momento em que ficou provado que a guerra nuclear e a guerra bioquímica podem liquidar a vida na face da Terra, criaturas inteligentes deveriam abandonar, para sempre, o apelo à guerra.

No entanto, os povos poderosos e fortes, para tentar obter um pouco de tranqüilidade, entram de cheio na corrida armamentista.

Acontece, nós sabemos, que a corrida armamentista é pesadamente cara.

Os povos poderosos e fortes, ao fabricar armamentos sempre mais modernos, ou fabricam armas para si e para vender, diminuindo a carga financeira, ou guardam para si o que há de mais arrasador e passam adiante, como parte essencial da ajuda ao desenvolvimento, o armamento superado. Nas duas hipóteses, os países poderosos levam a corrida armamentista a povos que nem se arrancaram da miséria. Nas duas hipóteses, a tentação de insuflar guerras é irresistível, pois se alguma guerra não rebentar – claro que fora e longe do próprio país – haverá o perigo de o medo da guerra se desmoralizar, parecendo ilusório e histórico.



A corrida armamentista encampa a corrida espacial, emprestando-lhe motivos estratégicos. O que poderia ser aventura maravilhosa, para cumprir a ordem de Deus de dominar a natureza e completar a Criação, fica prostituído com a preocupação de espionagem, com a instalação de estações espaciais para lançamentos de foguetes, com bombas nucleares, e, sobretudo, com ganância até no domínio das estrelas.

Unamo-nos irmãos católicos, protestantes, ortodoxos e judeus e tentemos obter a colaboração de todos os que crêem em Deus e ainda dos humanistas ateus (pois, na medida em que amam o homem, amam sem saber e, talvez, até sem querer, o Criador e Pai, o que fez o homem à própria imagem e semelhança); unamo-nos para fazer ver, medir e sentir a loucura de continuar preparando guerras, que são e serão, sempre mais, sinônimo de suicídio coletivo, para toda a humanidade.

Não será campanha fácil. Os fabricantes de armamentos e de guerras têm interesses colossais em jogo. Eles não crêem que as indústrias de guerra se possam transformar em indústrias de paz, pois, apesar de toda a habilidade incrível da publicidade, que é peça fundamental da economia de consumo, as máquinas produzem tanto e com tal rapidez que a superprodução – segundo eles – será inevitável.

Sempre segundo os industriais da guerra e segundo a publicidade paga por eles, a superprodução trará, como conseqüências inevitáveis, o desemprego em massa, a crise social, o caos.

A guerra é, assim, apresentada como instrumento de paz social, como incentivadora do progresso técnico, como criadora de empregos e do bem-estar para muitos.

Não nos deixemos iludir por estes sofismas e não nos deixemos intimidar por ameaças. Não vacilemos, pelo amor da paz, de utilizar, se preciso, os nossos púlpitos, para denunciar a guerra como sendo sempre mais absurda e imoral.

## II – MISÉRIA: GRAVE COMO A GUERRA NUCLEAR E A GUERRA BIOQUÍMICA

Mas é indispensável que a nossa luta pacífica pela abolição total das guerras leve em conta um dado que, apesar de entrar pelos olhos e ser

facilmente comprovável, não se tornou ainda evidente para todos: convençamo-nos de vez que a miséria já apresenta conseqüências trágicas, como as que pretendemos, a todo custo, evitar, tentando afastar a guerra nuclear e a guerra bioquímica.

A miséria precisa ser incorporada, por nós, às guerras, como sendo a mais hipócrita, a mais traiçoeira e a mais mortífera de todas elas.

A juventude brasileira canta:

- a guerra mata muito,
- a fome mata mais.

E não apenas mata: como as guerras nuclear e bioquímica, criam terríveis deformações físicas, psíquicas e morais. Acontece que a miséria só faz crescer no Mundo.

Quem não sabe que, no final da 1ª década do desenvolvimento, os países ricos estavam mais ricos e os países pobres, mais pobres? Quem não sabe que a distância entre países ricos e países pobres aumenta sempre mais?

Não nos deixemos iludir pelo crescimento do Produto Bruto Nacional de alguns países subdesenvolvidos. Não nos deixemos impressionar pelo crescimento econômico, por vezes, estonteante, que certos países pobres conseguem apresentar.

Há uma pergunta simples e que esclarece tudo: perguntemos a serviço efetivo em que percentagem da população estão os resultados maravilhosos. Veremos que costumam estar a serviço de 2 ou 3% da população.

Todos sabemos que nenhum país se arranca da miséria sem pesados sacrifícios. Mas por que fazer com que estes sacrifícios pesem, principalmente, sobre os já oprimidos?

Mesmo quando, com sinceridade, governos de países pobres tentam o esforço de fazer o povo participar dos benefícios e serviços, que o crescimento econômico de grupos privilegiados vai tornando possível, não esqueçamos de que, para atingirmos o desenvolvimento autêntico, do homem todo e de todos os homens, é inútil e ilusório pensar que a criatura humana se contente em receber, paternalisticamente, migalhas que sobram do festim dos privilegiados. A única maneira de participar dos benefícios e serviços, sem a sensação intolerável de estar recebendo esmolas, é participar da criatividade e das opções.

Sustentar que o desenvolvimento se tornou de tal modo técnico, que é utopia pensar em levar o povo a participar da criatividade e das opções; sustentar que o desenvolvimento, hoje, exige estados de exceção, governos fortes, ditaduras, é descrer da criatura humana e não contar com os prodígios da promoção humana, da educação libertadora, quando elas não são temidas e combatidas, e, sobretudo, quando elas não são desvirtuadas por movimentos que parecem movimentos de conscientização, mas começam por temer até o verbo, profundamente humano, que é conscientizar.

Cuidado com a ilusão perigosa de imaginar que os males a que estamos aludindo são tristes monopólios dos países pobres.

Não há país nenhum no mundo que não tenha suas áreas-problemas, suas zonas subdesenvolvidas e a presença, a seu modo, da pobreza, da miséria.

Tomemos o exemplo do país mais rico do mundo. Os USA falam em excedentes de produção agrícola e enviam leite, trigo e óleo para o mundo inteiro. Haverá, de fato, excedente de produção? Faltará mesmo quem precise, aqui, de leite, do trigo, do óleo que o vosso país envia ao mundo inteiro ou é possível, também aqui, por absurdo que pareça, escrever uma Geografia da fome nos USA?

O que se passa é que enviar o aparente excesso de produção alimentícia ao mundo inteiro é duas vezes ótimo para os USA: ótimo porque evita, internamente, a baixa de preço e conseqüente desarticulação do mercado interno; é ótimo, também, pela ajuda à criação de um neocolonialismo, levando a esquecer, com ajudas, prejuízos graves como conseqüências das injustiças na política internacional do comércio.

### III – SEM JUSTIÇA, A PAZ NÃO PASSARÁ DE PALAVRA SONORA

Percamos, de vez, o medo de parecer abandonar o terreno religioso e de invadir o terreno político e a área técnica.

Percamos, de vez, o medo de parecer meter-nos em problemas internos de países estrangeiros.

Reivindiquemos, juntos, o direito e o dever de defender a criatura humana, a pessoa humana, o bem comum. Se isto é política, não é política

partidária, é defesa do homem, nosso irmão; é defesa da justiça, sem a qual a paz não passa de palavra sonora. Reivindicuemos, juntos, o direito de tratar dos problemas internos de todo e qualquer país, na medida em que estes problemas só na aparência são internos, pois, de fato, acabam tendo consequências para outros países, e, não raro, repercussão para o mundo todo.

Judeus, ortodoxos, protestantes, católicos tentemos unir-nos a todos os que sonham, de verdade, com um Mundo mais justo e mais humano, para denunciar, pensando na paz:

- dentro dos países subdesenvolvidos, o colonialismo interno, a riqueza de pessoas ou grupos do país, mantida à custa da miséria de concidadãos;
- dentro dos países ricos, a permanência incrível de zonas carentes, de áreas subdesenvolvidas, onde se amarguram e se revoltam os proletários dos países de abundância;
- nas relações entre países ricos e países pobres, injustiças gravíssimas, em relação às quais deixo, como fecho desta confiante palestra de irmão, algumas interrogações, confiando-as ao vosso sentido humano e ao vosso espírito religioso:
  - será engano pensar que estamos diante de superpotências capitalistas e de superpotências socialistas que, segundo os interesses, tanto sabem explorar os respectivos antagonismos, como sabem caminhar juntas, esquecendo barreiras que pareciam insuperáveis?
  - será engano sentir no ar, uma próxima e gigantesca reunião dos grandes, da direita e da esquerda, para uma nova divisão de zonas de influência, sempre à custa dos países pobres e, desta vez, atingindo os problemas espaciais, isto é, incluindo na divisão as próprias estrelas?
  - será engano pressentir que a 3ª Assembléia das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, que se realizará, como sabemos, no início do corrente ano, em Santiago do Chile, corre o risco de levar os países subdesenvolvidos a uma frustração ainda maior do que as criadas pelas assembleias de Genebra e Nova Déli?

– será engano pensar que quando os pequenos se guerreiam e se devoram, há sempre grandes por detrás, disputando, à custa do dilaceramento dos pequenos, a expansão dos respectivos impérios?

– será engano achar que os impérios dividem os pequenos, insuflando países, com sintomas de melhoria econômica, a assumirem odiosas subgerências regionais ou continentais, poupando prevenções e ódios contra a metrópole?

Impossível continuar alargando, sem fim, a lista de interrogações. Não pode faltar a mais grave e mais importante:

– estamos todos nós, que nos preocupamos com a justiça, como condição de paz, devidamente alertas para o fenómeno das macroempresas plurinacionais? Estamos todos acompanhando como tendem a formar complexos, sempre mais vastos e mais poderosos? Estamos percebendo como se aliam, facilmente, ao poder político, ao poder técnico e ao poder militar, envolvendo inclusive, não raro, grupos religiosos, a pretexto de ajudas para obras sociais? Estamos notando que os velhos trustes internacionais, com nome e roupagem novas, estão devorando a chamada iniciativa privada, tornando-se mais fortes que os governos mais fortes e do que os próprios militares, assumindo, efetivamente, o controle do mundo? Estamos vendo, sobretudo, como buscam dominar as fontes de matéria-prima, para controlarem, a bel-prazer, os preços do mercado internacional?

#### IV – CONCLAMEMOS E ESTIMULEMOS AS MINORIAS ABRAÂMICAS

Deus é Pai e não abandona o homem, mesmo quando ele se deixa levar pelo egoísmo e injustiças terríveis. Deus é amor e se o ódio tivesse a última palavra seria o fracasso de Deus.

O Espírito de Deus faz surgir, dentro de todos os países, de todas as raças, de todas as religiões, de todos os grupos humanos, minorias

dispostas a qualquer sacrifício para ajudar a construção de um mundo mais respirável, mais justo e mais humano.

Estas minorias – que eu chamo abraâmicas, porque esperam contra toda esperança, como Abraão – estimuladas pelos grupos religiosos, poderão realizar duas missões fundamentais para a paz e que somente elas poderão desempenhar.

Quem não sabe que, em todos os países, as estatísticas e os dados fornecidos pelos serviços oficiais de informações, oferecem apenas e propositadamente uma parte da realidade? As minorias abraâmicas podem e devem ser estimuladas a completar, corajosamente, a realidade.

Será difamar o país? Será trabalhar contra ele? Ao contrário: será ajudar os vários países a perceber que só a verdade nos liberta. Ajudá-los a não confundir mero crescimento econômico de grupos privilegiados com o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens.

Este outro lado da realidade não costuma ser devidamente focalizado pelos meios de comunicação social, porque os meios de comunicação social costumam ser controlados pelo poderio econômico, representado, hoje, sobretudo pelas macroempresas plurinacionais. Os jornalistas, da imprensa escrita e falada, são os primeiros a saber, que, salvo raríssimas exceções, a liberdade do jornalista termina onde começam os interesses da empresa.

Quando enfrentaremos a ira dos poderosos; quando nos decidiremos a perder prestígio e favores; quando aceitaremos ver torcidas nossas intenções; quando aceitaremos até riscos maiores para ajudar as minorias abraâmicas e denunciar injustiças, em plano interno e em plano externo, e, sem cuja superação, a paz será simplesmente uma bela palavra vazia?

---

Palestra realizada em Kansas City (USA), a 15-1-72, durante a Conferência Ecumênica sobre a guerra no Vietnã, patrocinada por Organizações Protestantes, Ortodoxas, Católicas e Judias, dos USA e do Exterior.



.....

## *Minorias abraâmicas e estruturas da Igreja*

### I – O IDEAL NO TOCANTE A ESTRUTURAS

#### *1 – Impossível viver fora de toda e qualquer estrutura*

**E**

em uma cidade qualquer do mundo, eu era hóspede do bispo diocesano, quando fui convidado para um contato com um grupo local de Igreja subterrânea, que, dias antes, por 48 horas, ocupara a Catedral. O bispo achou conveniente que eu aceitasse o convite.

Reunião aberta, rasgada, sem sombra de convencionalismo, de meias-palavras, de preconceitos. A principal investida era contra as estruturas da Igreja. Estavam na fase aguda de repelir toda e qualquer estrutura, julgando inclusive que este era o preço de a Igreja ter força moral para bater-se pela mudança das estruturas de opressão dos nossos tempos.

Deixei margem ampla para desabafo total. Estávamos em uma sala transbordante. No palco, uma mesa, com os seis líderes mais exaltados. Ao ter que falar, comecei contando os líderes que se achavam comigo, em volta da mesa. Comentei, amável: em menos de um mês, um movimento, deflagrado apenas na capital e ainda sem atingi-la em todos os bairros, já apresentava ali, diante de todos nós, uma semente de estrutura – o grupo que enchia a sala e a meia dúzia de líderes. Que se daria, quando o movimento atingisse todos os bairros da capital e todas as cidades do país, e todos os países do continente? Tentei, então, mostrar que é impossível viver fora de toda e qualquer estrutura. O problema, então, não é pretender viver



no vácuo, fora e acima de estruturas. O problema é, periodicamente, o homem ter coragem e serenidade para tentar desfazer-se da sobrecarga, que se foi agregando à estrutura primitiva. Talvez haja peças apodrecidas a substituir. Quem sabe, estrutura a mudar de todo, desde que o homem saiba e admita que não é humano, que escape inteiramente de uma estrutura razoável e funcional.

Ponderei, ainda, que entendia a colocação deles: se a Igreja não tiver coragem de tocar nas próprias estruturas, lhe faltará força moral de criticar estruturas da sociedade. Mas, apressava-me em pedir que, pelo amor de Deus, não se afogassem apenas em problemas internos da Igreja, enquanto lá fora nos desafiam os verdadeiros, grandes e urgentes problemas da humanidade. Avisei, inclusive, que se girássemos apenas em torno de miúdas querelas internas, os jovens dariam de ombros e partiriam. E nos entendemos em torno da necessidade, como lembrava, no Concílio Ecumênico Vaticano II, o grande Cardeal Suenens, de enfrentar, simultaneamente, problemas *ad intra* e problemas *ad extra* da Igreja. E há sinais de sobrecarga perigosa nas estruturas eclesiais.

## *2 – Sintomas de estruturas pesadas*

### *2.1 – Grandes textos, quase inaplicados*

Um dos sinais alarmantes de que é tempo de uma raspagem em regra no limo que se foi juntando no casco da barca de Pedro – barca de Cristo, com Pedro ao leme – é ver grandes e admiráveis textos, proclamados solenemente pela Igreja, ficarem praticamente sem aplicação. Quantas Dioceses levam realmente à prática as grandes lições do Vaticano II ou de encíclicas como *Pacem in Terris*, *Mater et Magistra*, *Populorum Progressio*?

O que é mais grave é que se tem a impressão de sabotagem ao Concílio Vaticano II, partindo de onde pareceria absurdo que ela pudesse surgir.

### *2.2 – Escândalo antievangélico*

Temos sintoma ainda mais alarmante: o escândalo antievangélico e profundamente constrangedor de ser cristã, ao menos de origem, a minoria

de menos de 20% da humanidade que retêm, egoisticamente, nas mãos, mais de 80% dos recursos da Terra. Aí sim: como teremos força moral para abrir a boca, a não ser para um sincero ato de contrição, com medidas concretas de profunda e rápida conversão?...

## II – OLHAR SOBRE ALGUMAS ESTRUTURAS ECLESIAÍSTICAS

### *1 – Paróquia*

Chega a ser cruel recomeçar o processo da paróquia para concluir que, nos termos em que tradicionalmente se realiza, ela tem os dias contados. Como esquecer que o Concílio de Trento estabelece que a paróquia deve ter tamanho tal que o pároco possa conhecer pessoalmente todos os seus habitantes? Já que o próprio Concílio de Trento anteviu e desejou as Comunidades de Base, deixemos em paz a paróquia e vejamos, de modo positivo, como as Comunidades de Base corrigem, quando bem realizadas, o que se foi tornando inaceitável na estrutura paroquial.

A Comunidade de Base tem dimensão humana, o que permite que todos conheçam a todos. Os problemas não são casos de moral, extraídos de livros, mas acontecimentos reais, que saltam da vida.

Na Comunidade de Base, para que o diálogo seja efetivo e válido, todos aprendem a falar e a calar, a falar e a ouvir, a alegrar-se vendo o próprio pensamento enriquecer-se com os pontos de vista e até com as discordâncias dos irmãos. Não há monopólios da verdade e do Espírito Santo. O padre participa dos estudos, mas não necessariamente dando a última palavra ou trazendo a contribuição mais válida: ele aprendeu que não há lugar, nos nossos tempos, para autoridades absolutas, mas sim e apenas para autoridades dialogantes.

Na Comunidade de Base, os irmãos se apóiam mutuamente, cada um guardando a própria liberdade e o grupo renunciando, expressamente, a exercer pressões sobre os seus.

Na Comunidade de Base, estão superadas discussões acadêmicas sobre sentido horizontal e sentido vertical, humanização e evangelização, evangelização e sacramentalização. Não são termos que se excluem, mas atividades que se completam e mutuamente se enriquecem, como na Mis-

sa, a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística são o mesmo Cristo, recebido de duas maneiras.

Na Comunidade de Base, em geral, todos trabalham ou procuram trabalho, inclusive o padre que, à imitação de São Paulo, não quer ser pesado a ninguém e se sustenta com o trabalho de suas próprias mãos. Daí, as atividades da Comunidade de Base se concentrarem nos períodos da noite e sobretudo nos fins de semana.

O grande espanto para quem não conta com as surpresas de Deus e a ação permanente do Espírito Santo é indagar: quando não há padres nem para as paróquias, como sonhar ter padres para as Comunidades de Base? O engano está no clericalismo que não imagina e, sobretudo, não admite atividades eclesiais sem o padre, ou ao menos um diácono, ou, em última análise, uma religiosa. Jamais um leigo.

Nas Comunidades de Base move-se livremente o Povo de Deus – leigos, religiosos, padres e bispos – Povo de Deus, que cresce em volta do Altar. Os leigos anunciam a Palavra de Deus. Preparam e, quando preciso, promovem o batizado, cerimônia viva, comunitária, de alegre recepção de mais um membro na família. Os leigos promovem atos penitenciais: evidentemente não dão absolvição, mas nada os impede de levar o povo a pedir o perdão de Deus. Os leigos preparam os noivos e, quando preciso, são os representantes da Igreja e transmissores das bênçãos de Deus. Os leigos visitam os doentes e lhes levam, quando preciso, a unção dos enfermos.

Acabaram-se, então, os limites entre o sacerdócio comum dos fiéis e o ministério próprio dos padres? O padre, que entende os sinais dos tempos e sinais de Deus, logo percebe que está havendo um reajuste tornado necessário pelo avanço desmedido do clericalismo. Em lugar de sentir-se frustrado e reabrir, ingloriamente, a discussão dos Apóstolos para saber quem é o maior, alegra-se em ver divididas, com irmãos leigos, tarefas que jamais poderá realizar sozinho. Descobre maneiras antigas e novas de servir, ajudado pela floração de novos carismas, de novos ministérios. O papel principal do padre, além de realizar a Eucaristia, em nome do Espírito Santo, consiste em ser o animador das Comunidades de Base, colaborador qualificado da formação dos leigos, membro ativo do Presbitério, que deve ser o apoio, a inspiração, o conselho do bispo.

Vê-se, então, que é possível, com um número bem menor de sacerdotes, desde que haja efetiva confiança nos leigos, realizar um trabalho profundo e vasto à altura das necessidades dos nossos tempos.

### *2 – Diocese*

Ao contemplarmos as estruturas eclesiais, em nível diocesano, adotamos o mesmo método de ver dioceses já renovadas ou em pleno trabalho de renovação.

Quando o bispo abre mão de títulos pomposos, de roupas vistosas e de residências senhoriais, e isto corresponde a uma atitude interior de despojamento e de pobreza, ele está em condições de entender as Comunidades de Base.

Quando o bispo vê a Igreja muito mais como mistério e como Corpo Místico de Cristo, do que como sociedade perfeita, preocupada com direitos e privilégios; quando o bispo troca, feliz, a mentalidade jurídica por uma atitude pastoral, ele pode entender padres que confiam, efetivamente, nos leigos e dividem com eles a responsabilidade de anunciar a Palavra de Deus.

Quando o bispo ama, de fato, o diálogo e o adota como meio de contato com todos – com seus padres, suas religiosas e seus leigos; com intelectuais e com trabalhadores, com adultos e com jovens – algo de importante e profundo está mudando nas estruturas diocesanas.

Quando o bispo se acostuma a ouvir a Palavra do Senhor, não somente nas Escrituras, mas nos acontecimentos de cada dia, ele está preparado para assumir, em nome do Cristo, as injustiças que esmagam mais de 2/3 dos homens nos dias de hoje.

Quando o bispo procura viver e fazer viver a Constituição Pastoral do Vaticano II sobre presença da Igreja no mundo de hoje, ele não admite que pretendam trancar a Igreja na sacristia, reduzir a religião somente a culto e evangelizar de modo desencarnado, transformando a Mensagem do Cristo em ópio para o povo.

### *3 – Conferência Episcopal*

Bispos e Dioceses em plena forma, claro que existem. Será razoável querer esperar milagres de compreensão e de atitude profética por parte de Conferências Episcopais inteiras? Não, sobretudo se é grande o número de bispos que congregam.

Também, quem disse que são as maiorias que decidem os acontecimentos e conduzem a história?

O possível e o desejável da parte de Conferências Episcopais:

– é obter unanimidade em face do Credo, da primeira à última verdade, ali proclamada, o que é fácilimo;

– em face de questões abertas, tentar obter que cada bispo ou grupo de bispo tenha clima para manifestar seu pensamento inteiro, havendo respeito mútuo e efetivo em face das várias posições assumidas e salvando-se, ao máximo, o afeto fraterno.

Quando uma Conferência Episcopal atinge este ponto de amadurecimento e vive a variedade na unidade, saiba que atingiu a posição ideal – lastimável seria que ela fosse dominada por um grupo que impusesse aos outros suas posições, mesmo que se tratasse de grupo que se julgasse aberto e afinado com o Vaticano II.

#### *4 – Cúria Romana*

Cúria Romana ideal seria a que deixasse de existir? Não. Há lugar para um órgão centralizador de informações, de trocas de experiências, de apoio mútuo em horas difíceis.

É mistério, provação, humilhação notar que, na Cúria Romana, pessoas a quem não temos o direito de julgar e de cuja sinceridade não nos cabe duvidar, dão a impressão dolorosa de não entender o espírito do Vaticano II, de temer o Concílio e, na prática, não raro, sabotá-lo.

Como levá-las a entender que o esforço missionário, encorajado por Roma, conduzido com extrema dedicação e até heroísmo, foi terrível nos seus efeitos por importar em colonialismo espiritual, pelo desprezo pelos valores culturais locais e pela imposição dos modelos europeus e romanos!... Como levá-las a entender que o esforço vocacional, conduzido pelas Sagradas Congregações – e que praticamente impunha ou aconselhava ao máximo, além do Seminário maior e o Seminário menor, ainda o Seminário de férias e o pré-Seminário – já não responde aos tempos de hoje! Cortados os excessos do clericalismo, admitidos os novos Ministérios, refeita a imagem do padre para hoje e amanhã, não faltarão vocações para o sacerdócio ministerial na Igreja do Cristo.

Para não estar insistindo em aspectos negativos – quando há aspectos positivos em Roma e figuras admiráveis assessorando o Santo Padre – como evitar o pessimismo em certos setores da Cúria que, na prática, dão a impressão de perder a esperança, julgando que, a continuar, o que lhes parece, a presente derrocada, os adversários de Cristo cantarão funerais à sua Igreja?...

### III – AS MINORIAS ABRAÂMICAS A SERVIÇO DA MUDANÇA DE ESTRUTURAS ECLESIAÍSTICAS

#### *1 – Minorias abraâmicas e paróquias*

As minorias abraâmicas sentem, pressentem que o segredo para a mudança das estruturas da igreja está em Comunidade de Base, que tentam concretizar os grandes textos e as belas conclusões do Vaticano II.

Na medida em que, radicados em humildade autêntica (sem se julgarem maiores, nem melhores do que irmãos que pensam e agem de modo diferente) e em caridade evangélica (sair da caridade é sair de Deus) forem obtendo meios e modos de suscitar e animar Comunidades de Base sem chocar-se com os párocos, nem com os bispos, estão preparando a mudança das estruturas paroquiais.

#### *2 – Minorias abraâmicas e Diocese*

Quando, em uma Diocese, sem deslealdades, sem atitudes excusas, vão surgindo Comunidades de Base, com liberdade evangélica de viver os ensinamentos do evangelho e os ensinamentos da vida, já está em marcha a mudança das estruturas diocesanas.

Mas é fundamental – as minorias abraâmicas não o podem esquecer – ajudar o bispo a salvar-se do isolamento, da bajulação, de intrigas, do pseudodiálogo, da prudência da carne; ajudá-lo a ser, sempre mais, um com seu Presbitério, um com todo o Povo de Deus, aberto a todos os grandes problemas humanos, homem de fé, de esperança e de amor...

#### *3 – Minorias abraâmicas e Conferência dos Bispos*

Em cada país, é urgente obter uma minoria abraâmica de bispos, que tente viver e fazer viver o clima de unidade no Credo, respeito

mútuo em face de posições diversas no tocante a questões abertas e salvaguarda plena do afeto colegial.

Claro que seria ideal obter – salvo o respeito a posições divergentes – que a minoria abraâmica de bispos assumisse a posição profética de lembrar que a Igreja do Cristo não pode servir de suporte a estruturas de opressão, e encorajasse tentativas pacíficas, mas corajosas, de educação libertadora e de promoção humana.

#### *4 – Minorias abraâmicas e Cúria Romana*

Quem conhece a Cúria Romana sabe que já existe, dentro dela, uma esplêndida minoria abraâmica. Sem julgar-se mais lúcida, nem mais corajosa, nem mais cristã, aceitaria qualquer sacrifício para ajudar o Papa e os bispos do mundo inteiro a concretizar os grandes e belos ensinamentos da igreja. Falta apenas quem se decida a articular a minoria, sem o mais leve espírito de grupo fechado ou de complô.

Um dos cuidados mais importantes e urgentes da minoria abraâmica da Cúria Romana é dar o máximo de apoio à Pontifícia Comissão Justiça e Paz, que não pode, de modo algum, transformar-se em uma frustração a mais, sobretudo para os jovens e para os homens de boa vontade...

#### IV – APRENDER, PROVAVELMENTE, MUITO MAIS DO QUE ENSINAR

Estamos todos começando, ensaiando, tentando. É ridículo alguém chegar dizendo ou pensando ter, no bolso, soluções. Todos tateamos na sombra. Claro que o Espírito de Deus vela sobre a Igreja do Cristo. E sopra onde quer. Tenhamos a humildade de reconhecer que todos temos o que aprender e o que ensinar.

Abri o coração. Falei fraternalmente. Falem agora, contando o que o Espírito do Senhor anda soprando aqui.

---

Palestra proferida na reunião dos Colaboradores da Freckenhoster Kreises, na cidade de Munique (Alemanha), em 22-6-72.

.....

*Mensagem fraterna a uma universidade viva*

I – NÃO DEVE SER FÁCIL ESPANTAR UM HOLANDÊS

**D**eve ser difícil escandalizar uma universidade holandesa, pois, por aqui, não deve ser grande o risco de universidade-museus, de universidade-múmias.

Claro que há valores perenes, que atravessam os milênios, apenas, de vez em quando, mudamos de roupa. Mas a história disparou de tal maneira; o saber se renova com tanta rapidez que – sabeis muito bem – as universidades, sem esquecer o passado, inspirando-se nele, precisam estar muito mais voltadas para o presente e para o futuro. As universidades, sem esquecer os livros, as bibliotecas, precisam, constantemente, debruçar-se sobre a vida, que não pára e é nova cada manhã.

Estudantes e professores da Universidade de Leiden: já que tivestes a amabilidade de receber-me em vossa Casa e até de consentir em escutar-me, permiti que pense alto, em vossa presença, trazendo-vos alertas fraternos de quem está mergulhado em área humana onde rebentam vários dos mais graves problemas dos nossos tempos. Trago-vos indagações e apelos não para terem resposta imediata. Mas, em nome dos sem-vez e sem-voz, a que represento aqui, ousou pedir-vos que não deixeis cair no vácuo os problemas que levanto aqui.

É evidente que não tenho a ingenuidade de imaginar que eles já não vos tenham ocorrido. Grifarei a urgência de enfrentá-los.



Dai ao mundo o exemplo de universidade que nada tenha de Torre de Marfim. Provai que é possível manter alto nível de pensamento, sem temer o tumulto da vida e o encontro com as massas.

## II – PRECONCEITOS A ESVAZIAR

### *1 – Pânico ante o esgotamento dos recursos naturais*

Só uma universidade do nível da vossa pode abrir os olhos para o equívoco do pânico ante o esgotamento dos recursos naturais.

Até quando os homens não crerão no homem? Até quando não levaremos a sério que o homem participa do Poder Criador e tem a missão de dominar a Natureza e completar a Criação?

Quando pessimistas já andavam aflitos, fazendo previsões para saber até quando durariam as reservas de petróleo e quantas quedas d'água ainda restariam para aproveitamento da energia elétrica, veio a surpresa estonteante da descoberta da energia nuclear. Não seria o caso de os olhos se abrirem de vez, e de se desmoralizarem, para sempre, profetas agourentos, sem imaginação criadora?

Quem é capaz de arrancar-se da atração da Terra, de ingressar na atração da Lua, de arrancar-se da atração da Lua e de voltar são e salvo à atração da Terra, merece ou não um crédito de confiança?

É matemática, é inapelável a extinção, na Terra, da água potável? Quem não sente que, amanhã, se tornará acessível e barato dessalinizar água marítima e bombardear nuvens comandando as chuvas?

É líquido, é demonstrável que a Terra será incapaz de alimentar a população do mundo, se ela continuar a desdobrar-se, a crescer, como se vem desdobrando e crescendo? Merece consideração à parte o problema da chamada explosão demográfica. Veremos em que sentido é cabível, conveniente e até necessária a paternidade responsável. Mas como causam pena os economistas que, parecendo objetivos, se prendem aos números, sem levar em conta a imaginação criadora do homem, que descobre maneiras científicas de pescar, em profundidade que pareciam inacessíveis; de pescar, na certa, conduzidos pelo radar e de promover explosão demográfica entre os peixes!?

Como causam pena os puros economistas, com seus cálculos científicos sobre produção da Terra, incapazes de incluir, em suas colunas exatas, como a técnica pode arrancar dezenas de vezes mais de um mesmo hectare de terra? Como causam pena os economistas que não incluem, em suas estatísticas, o que parece ficção quando se lida com o homem, que arranca do petróleo o que bem quer e, amanhã, arrancará inclusive alimentos, quem sabe, das próprias pedras!?!...

## *2 – Como enfrentar a chamada explosão demográfica*

Vossa universidade tem condições de dar uma palavra serena ante o debate apaixonado da planificação familiar.

Há os que para ficar nos limites dos métodos naturais, evitando, em absoluto, tudo o que for antinatural. Mas, o que é natureza, o que é natural? Natural é tudo o que nasce, e antinatural é qualquer tentativa de corrigir a espontaneidade estabelecida pela natureza? Cortar unhas, cortar cabelo, será agir contra a natureza? A partir desta observação simplíssima, quanto ao direito evidente de o homem aparar as próprias garras e regular o tamanho dos próprios cabelos, é fácil descobrir que a vida do homem, cumprindo ordem do Criador e Pai, é luta constante com a natureza, para dominá-la e orientá-la.

Se o homem, participando do poder criador de Deus, vence as alturas, vence o som, desagrega o átomo, parte para as viagens espaciais, evidentemente, tem o direito e o dever de usar a inteligência na hora de lançar ao mundo novos seres humanos. Daí, a expressão paternidade responsável. Mas como é da maior importância valorizar a mulher dentro do matrimônio, não admitindo o preconceito de o homem ser tudo e a mulher, simplesmente, a servidora do lar, é preferível falar em procriação responsável, que lembra a gravidade dos dois e não apenas do pai.

Entra pelos olhos que se mais de 3/4 da humanidade vive em situação precária, com largas faixas em condição subumana, sente-se a necessidade e a urgência de alertar, para a procriação responsável, as massas dos países fornecedores de matérias-primas. De que adianta a luta imensa contra a mortalidade infantil, se se trata apenas de arrancar da morte para condenar a uma subvida? Temos de encontrar caminhos humanos, psicológicos e válidos para levar as famílias a ter apenas os filhos aos quais tenham condições de

assegurar um nível humano de vida. As várias denominações religiosas e o serviço social, público ou privado, terão aqui um campo esplêndido de ação.

Feitas estas ressalvas, seja-nos lícito pedir vosso apoio moral para a clara e urgente distinção entre a necessidade de procriação responsável e campanhas teleguiadas, deflagradas com amplo poderio econômico, em nome da política do desenvolvimento. Estas últimas, por meio da onipotência persuasiva dos meios de comunicação social, difundem, ao máximo, a idéia de que o desenvolvimento dos países pobres se torna impossível sem uma planificação familiar maciça. Vai se firmando, na opinião pública, a convicção de que o grande obstáculo para o desenvolvimento é o fato de os pobres procriarem como ratos e como coelhos, e que a grande contribuição para que as massas subdesenvolvidas se desprendam da miséria e da fome é uma distribuição, a granel, de pílulas anticoncepcionais ou de aparelhos que tornam a procriação impossível.

Neste sentido, desejo lembrar que existem estudos sérios e científicos, realizados por especialistas de alto nível, que chegam a afirmar que existe uma íntima relação entre a excessiva fertilidade e o consumo insuficiente de proteínas. Essas pesquisas indicam que, a longo prazo, por intermédio de poucas gerações, a melhoria da dieta alimentar contribui para conter a explosão demográfica.

Desta tribuna privilegiada, peço, mais uma vez, a atenção de organizações científicas, instituições religiosas, técnicos e voluntários, para a distinção entre dois aspectos igualmente fundamentais, relativos ao controle da natalidade:

- a promoção da procriação responsável, por meio de campanhas de nível local;
- as campanhas teleguiadas promovidas pelos centros econômicos de poder.

Muitas pessoas de boa-fé estão sendo envolvidas por este hábil despistamento que leva a ver o controle de natalidade como panacéia capaz de levar automaticamente ao desenvolvimento, e que leva a esquecer o ponto crucial da batalha do desenvolvimento: as injustiças graves cometidas na política internacional do comércio.

Qualquer país industrializado pode, facilmente, apurar a procedência de minha denúncia: basta que promova, de modo objetivo, o paralelo entre as ajudas prestadas aos países subdesenvolvidos e os lucros por eles obtidos, à custa do agravamento da miséria dos países pobres.

E isto nos leva à necessidade de rever o próprio conceito de desenvolvimento.

*3 – Já é mais do que hora de rever o conceito de desenvolvimento*

É duro ter que rever conceito que amamos, um ideal pelo qual trabalhamos, uma bandeira que desfraldamos com amor.

Quem não vibrou com o ideal de desenvolvimento do homem todo e de todos os homens? Quem não tentou esforços no sentido de todos os países se arrancarem do subdesenvolvimento e da pobreza, passando a usufruir do bem-estar dos países ricos?

Multiplicaram-se, de tal maneira, os equívocos em torno do desenvolvimento, que está chegando a hora de examinar, corajosamente, se o melhor não será adotar nova bandeira e tentar uma linguagem que evite, ao menos, as mais graves confusões.

Alguns exemplos típicos, entre muitos outros:

- o ideal para os países pobres não pode ser arrancar-se da presente situação de miséria para integrar-se na sociedade de consumo, em cuja engrenagem estão apanhados os países ricos. Não é ideal lançar populações inteiras na sofreguidão de ter e parecer ter, que leva a comprar o que se quer e o que não se quer, o que é útil e o que será perfeitamente inútil;
- o ideal não pode ser correr atrás de um desenvolvimento dentro de estruturas e impelidos por um sistema em que, necessariamente, as rendas se concentrem em mãos sempre mais restritas, restando apenas o consolo enganoso, provocador e irônico de ver crescer o Produto Bruto Nacional, sem nenhum sentido efetivo para a massa que se subproletarizará, que ficará ainda mais pobre, enquanto uma parte mínima da população se tornará sempre mais rica.

Já estamos na 3ª ou 4ª revolução industrial e o preço do enriquecimento astronômico de alguns continua sendo pesadamente pago pelos famintos, pelos pequenos, pelos humildes, como ocorreu quando da utilização em larga escala da máquina a vapor.

A intuição dos pobres, aguçada pelo sofrimento, lhes diz que a indústria das guerras continua a ampliar-se assustadoramente, apesar de ninguém ignorar que, nos nossos dias, guerra poderá, facilmente, ser sinônimo de suicídio coletivo da humanidade. Os pobres sentem, pressentem que os pequenos são levados a lutar, impedidos pelos grandes que, da retaguarda, ficam alimentando a destruição para dela usufruírem o máximo.

Os pobres sentem e pressentem que as estruturas de opressão pesam cada vez mais sobre eles e se perguntam – ao verem multiplicar – se os conglomerados gigantescos, as macroempresas, multinacionais – se engenhos tão maravilhosos terão que ser rebentados, destruídos ou se haveria meios de ficarem a serviço de todos e não apenas de grupos privilegiados, cuja riqueza está cimentada em sangue, suor e lágrimas de mais de 3/4 da humanidade.

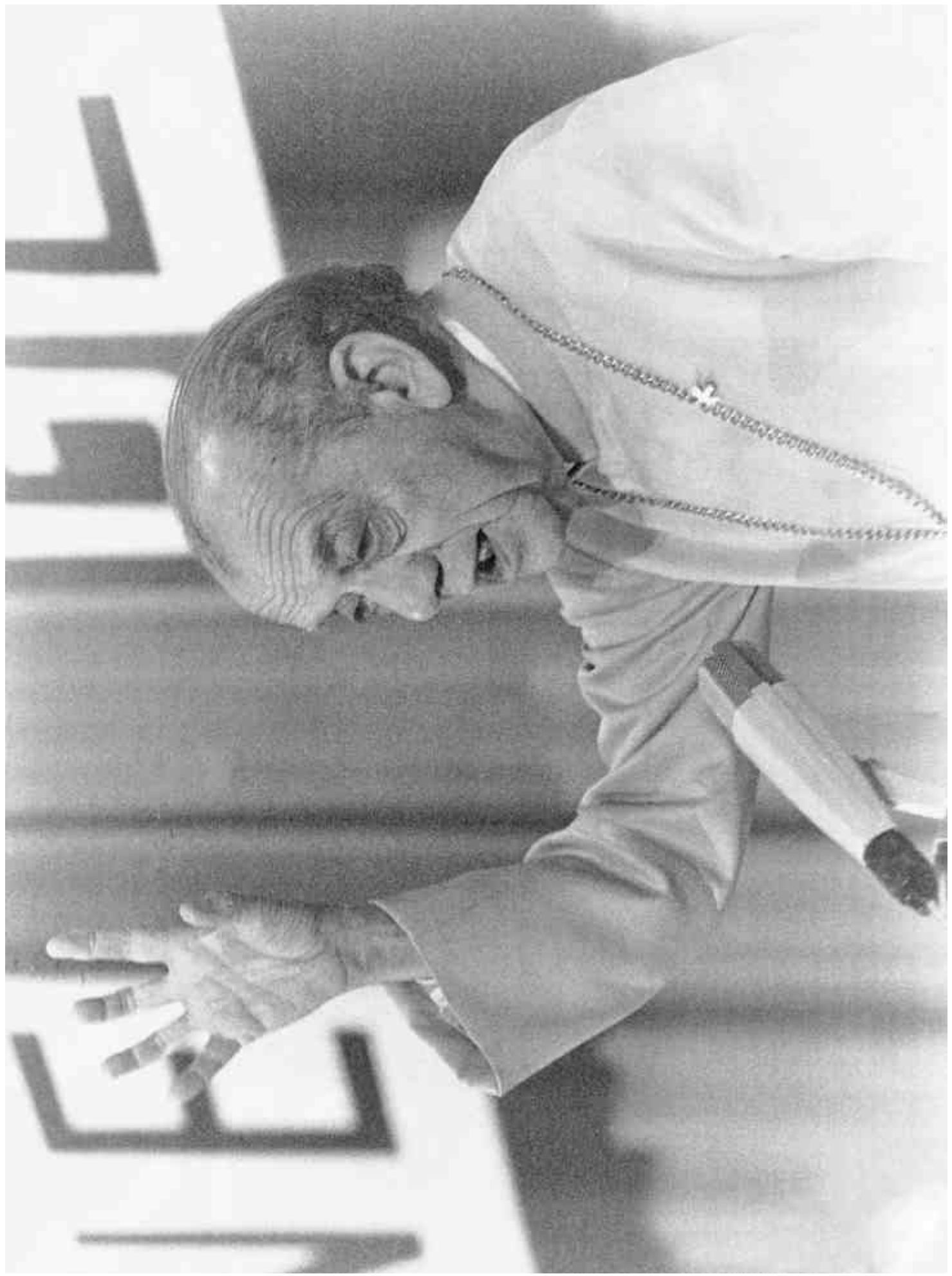
Não perguntamos por perguntar, mas para provocar, para obter o apoio moral de minorias abraâmicas que, dentro de instituições como a vossa, esperam contra toda esperança e estão decididas a quaisquer sacrifícios para ajudar a construir um mundo mais justo e mais humano.

### III – EM SÍNTESE, O QUE ESPERAMOS DE VÓS?

Dentro da sociedade em que vivemos, continua sendo privilégio especialíssimo, nível universitário. Das minorias abraâmicas de estudantes e professores de instituições como a vossa temos o direito de esperar:

- que utilizem o melhor de seu tempo, energia e inteligência, em descobrir maneiras pacíficas, mas válidas, de abrir brechas nas estruturas de escravidão, que pesam, sempre mais, sobre a maioria esmagadora da população do mundo;
- que ajudem a denunciar a exploração de realidades válidas, apresentadas, unilateralmente, a serviço da ganância e do lucro;
- denunciem o pânico ante o esgotamento dos recursos naturais, como falta de confiança no homem, como co-Criador, e demonstrem, cientificamente – quando houver alusão a

- desgaste e poluição – que a poluição das poluições é a miséria, inconcebível no século XXI, que se inicia;
- batam-se pela procriação racional e responsável, mas moralizem a exploração da explosão demográfica, como escapatória para tentar fazer esquecer que a verdadeira fonte de agravação acelerada da miséria dos países subdesenvolvidos se acha nas injustiças graves cometidas pelos países ricos na política internacional do comércio;
  - ajudem-nos a substituir o conceito infelizmente gasto e desacreditado de desenvolvimento pela idéia nova e generosa de libertação. Precisamos, com urgência, aprofundar uma economia libertadora, uma educação libertadora, uma filosofia libertadora, uma teologia da libertação...



---

---

.....

*Humanizar o homem*

I – SITUAÇÃO HUMILHANTE PARA AS RELIGIÕES E  
PARA O HUMANISMO ATEU

**A** simples expressão *humanismo*, no sentido de necessidade de esforço para tornar o homem humano, importa em humilhação para a espécie humana. Então, o homem tende a desumanizar-se? A animalizar-se? A coisificar-se? A robotizar-se?

A responsabilidade maior cabe, no caso, aos educadores: pais e mestres, pastores de todas as religiões, escritores, pensadores, inclusive os humanistas ateus.

As religiões são particularmente atingidas, pois toda religião está convicta de ter recebido uma mensagem de Deus, senão para fazer o homem participar da natureza divina, ao menos para torná-lo mais humano. Os humanistas ateus nem podem rir das religiões, pois andam às voltas com o mesmo encargo, aparentemente redundante, na realidade tão difícil, de ajudar o homem a ser homem.

Como só a verdade nos libertará, nós, cristãos, devemos ter a coragem de confessar que se todas as religiões – e, inclusive, o humanismo ateu – têm razão de sobra para andarem humilhadas, ante o insucesso de nossa missão humanizadora, o triste recorde de humilhação cabe ao Cristianismo. De fato, ao considerarmos o plano mundial e, em plano continental, ao considerarmos a América Latina a parte cristã do mundo pobre, consta-



tamos que, ao menos de nome de origem, e cristã, a minoria mínima que explora seus concidadãos, deixando-os em situação subumana.

## II – TRÊS AFIRMAÇÕES, ENTRE OUTRAS, FÁCEIS DE COMPROVAR

Quem se espantar e se escandalizar com esta colocação inicial, considere, entre outras, estas três afirmações, fáceis de comprovar:

- tanto nos países pobres, como nos próprios países ricos, há uma desigualdade de rendas, que permite a pequenos grupos – oligopólios – dominar a Terra;
- há uma distância cada vez maior entre países e até entre mundos. Fala-se, com razão, em países industrializados e em países fornecedores de matérias-primas. Quem não sabe que os preços são fixados nos países industrializados, mesmo hoje, quando existem os grandes conglomerados, aparentemente democráticos, porque chegam a ter milhares e até, por vezes, mais de um milhão de acionistas, o que não impede que sejam manobrados por pequenos grupos, sempre mais hábeis em ocultar-se? Quem não sabe que o abismo entre países e entre mundos em nada diminuiu, mesmo com as aparentes multinacionais, que mais merecem o nome de transnacionais?
- 3ª afirmação, fácil de comprovar: as religiões recebem ajudas para manter-se e expandir-se. Para evitar que estas ajudas se diluam em face da inflação, precisam aplicá-las, onde rendam bem, com rapidez e segurança. E é assim que as religiões, encarregadas de libertar o homem das estruturas de opressão caem, elas mesmas, na engrenagem, chegando, por vezes, ao absurdo de ter bancos próprios.

## III – APARÊNCIAS SOMBRIAS

### *1 – Exploração crescente das guerras*

Aparentemente, o homem se torna sempre mais desumano, sem que se veja solução para a perda vertiginosa de sentido humano. Haja vista o que sucede com as guerras.

A guerra foi sempre absurda e sem sentido. Por que concluir que tem razão quem vence, quem domina, quem esmaga?

Acontece que as guerras se tornam sempre mais covardes e mortíferas. Bombas comandadas eletronicamente à distância atingem, com precisão matemática e de modo arrasador, os alvos prefixados: depósitos de armas, fontes de energia, mas também populações civis, desarmadas, só para difundir o pânico e forçar a derrota. Sabe-se que com as armas químicas e bacteriológicas (biológicas) e com as armas nucleares o homem tem nas mãos poder para fazer desaparecer a vida da face da Terra. Países sempre mais numerosos possuem este poder suicida. Como esta destruição total da civilização humana pode surgir de equívocos, ridículos telefones vermelhos estão instalados entre superpotências, que brincam com o destino humano e parecem de todo esquecidas do espetáculo aterrador de Nuremberg.

É simplesmente absurda a venda de armas caríssimas feitas a países que não dispõem de recursos nem para arrancar da miséria e da fome a maior parte de seu povo.

E, hoje, quem não sabe que, quando os pequenos se guerreiam e se exterminam, os grandes estão na retaguarda testando armas e demonstrando poder, capaz de ampliar sua área de influência e de domínio?

## *2 – Exploração crescente da paz*

Tudo o que foi aqui afirmado é verdade. No entanto, falta dizer que mais sangrenta do que a própria guerra bioquímica e a própria guerra nuclear – que, em rigor, são ainda apenas ameaças – é a guerra da miséria e da fome, consequência da ganância desesperada da sociedade chamada de consumo e que mais merece o nome de sociedade do desperdício.

Quem não sabe que as matérias-primas têm preços cada vez mais baixos e os produtos industrializados preços cada vez mais altos, dado que na hora da fixação dos preços funcionam, absolutos, os pólos de decisão, evidentemente situados sempre nos países ricos? Quando os países pobres se queixam das injustiças gravíssimas da política internacional do comércio, os países ricos respondem, de maneira inverídica, que compram as matérias-primas por generosidade, pois os sintéticos permitem prescindir, de todo, das produções do mundo pobre. São conhecidas as necessidades

graves dos USA, o país mais rico e poderoso da hora atual, para manter seu ritmo de expansão e seu império.

Não se sabe ao certo como irá acabar a chamada crise do petróleo. Tratar-se-á de experiência autêntica de países fornecedores de matéria-prima, de tentar valer produto vital para os países industrializados, viciados em tratar os países subdesenvolvidos como escravos e satélites? Ou ainda uma vez é jogo e provocação dos grandes, que acabarão levando a melhor?

De qualquer modo, a última palavra não será sempre do egoísmo, da espreteza, da ganância, do ódio, da força armada...

#### IV – CREIO NA HUMANIZAÇÃO DOS HOMENS!

Até que ponto o prêmio que a vossa generosidade me entrega dirige-se a um ingênuo visionário de uma paz impossível ou a um sonhador que entrevê e antevê uma paz sólida e próxima, baseada na justiça e no amor?...

Creio na humanização dos homens!

Até hoje, é verdade, minorias continuam decidindo guerras sempre mais mortíferas e covardes. Até hoje, minorias continuam explorando uma paz enganosa – como os pântanos! –, paz baseada na apatia e no fatalismo de mais de 2/3 da humanidade, cujo sangue alimenta a sociedade do desperdício... Claro que, de modo algum, seria solução transformar os oprimidos de hoje em opressores de amanhã.

Mas vibro vendo multiplicar-se dentro de todos os países, de todas as raças, de todas as religiões, de todos os grupos humanos minorias com fome e sede de justiça. Mais ainda: minorias que estão aprendendo a despertar toda uma larga parte sã da maioria, que, até hoje, por displicência e comodismo, vem aceitando lucros cujo preço é o esmagamento de povos inteiros, mantidos em condição subumana.

As minorias sedentas de justiça, suscitadas pelo Espírito de Deus, empolgarão milhares, milhões de pessoas de boa vontade, que acabarão repelindo as minorias desumanas, que decidem as guerras e fabricam aparências de paz.

Se me perguntardes em que se firma a minha crença na humanização dos homens – crença que parece ingênua e impraticável –,

direi que muito mais ingênuo e impraticável, e incomparavelmente mais audacioso, é o sonho, ou, melhor, o plano, ou, melhor ainda, o desígnio do Pai de divinizar o homem.

O homem, criado à imagem e semelhança de Deus, é destinado a participar da vida divina, da natureza divina, do poder de Deus, dominando a Natureza, completando a Criação, iniciada pelo Pai; completando a libertação, começada pelo Filho; completando a humanização do mundo, trabalho a realizar, em conjunto, com o Espírito de Deus.

Delírio? Utopia? O impossível dos impossíveis se tornou realidade: o Filho de Deus se encarnou, se fez Homem, se fez nosso Irmão. Depois deste prodígio, que mais nos pode espantar? O Pai, preparando a divinização do homem, certamente nos ajudará no trabalho urgente e inadiável da humanização do homem.



.....

*Força do Direito ou direito da força!?*...

I – HONRARIA OU ZOMBARIA?

*D*

entro de nós moram, juntos, um otimista e um pessimista. Quando o pessimista que mora em mim – e, quase sempre, anda dormindo – soube que vossa Universidade, grande entre as grandes do vosso país e do mundo, ia conceder-me um doutorado *honoris causa* em Direito, riu, a mais não poder. Interpelou-me, perguntando se eu não descobria a pilhéria, a zombaria de um doutoramento em Direito, quando, sempre mais, direito é palavra oca, retumbante, mas vazia em um mundo sempre mais dominado pela força, pela violência, pela fraude, pela injustiça, pela ganância, em uma palavra, pelo egoísmo.

Pareceu-me que a melhor maneira de agradecer vossa fineza seria ter a coragem de ouvir toda a catilinária, que o pessimista derramou contra o Direito, para que, no fim, os 300 de Gedeão – as minorias abraâmicas, semeadas pelo Espírito de Deus no mundo inteiro – se firmem, ainda mais, na decisão de gastar a vida para que a força do direito vença o pretensão direito da força.

II – BANIDO O DIREITO NO MUNDO DE HOJE?

Eis, em síntese, o que disse o pessimista, a respeito do que lhe parecia a derrota definitiva e o banimento do Direito, no mundo de hoje. Entre risadas sarcásticas, eis as perguntas que ele fez:

- É em Direito Constitucional o seu doutoramento? Sua cegueira não lhe permite ver como se multiplicam as Constituições que são rasgadas ou viram papel sem valor? Quem ignora que há governos que se proclamam acima e fora da lei, oniscientes, onipotentes, infalíveis, divinos?
- O doutoramento é em Direito Civil? Mas quem não sabe que os Códigos Cíveis estão servindo para defender os privilégios de minorias que exploram racismos e chegam ao cúmulo de criar áreas de pobreza nos países ricos e grupos ricos nos países de miséria? Quem não sabe que os Códigos Cíveis estão facilitando o aumento progressivo e rápido dos oprimidos, que vão sendo varridos para seus guetos, sem trabalho, sem saúde, sem instrução, sem diversões e, não raro, sem Deus?
- O doutoramento é um Direito Penal? Direito Penal que estabelece ou restaura a pena de morte, como se os homens fossem os senhores da vida? Direito Penal que mantém, na madrugada do século XXI, prisões, que são jaulas em que ficam detidos filhos de Deus, como tigres e panteras, em uma confissão de fracasso da psicologia e da pedagogia?... Direito Penal, à margem do qual persiste, no mundo, terrorismo como resposta ao terrorismo ou ao que convém chamar de terrorismo? Direito Penal, que não desaparece, não some, não se suicida, vendo que persistem no mundo torturar à altura das mais abjetas práticas das mais vis inquisições?
- Será em Direito Internacional o doutorado? Pobre Direito Internacional, que não soube evitar que as injustiças da política internacional do comércio levem o nosso século no balanço tremendo de mais de 2/3 da humanidade em situação de miséria e de fome, e em condição subhumana!... Triste Direito Internacional, que se reconhece importante ante as manobras habilíssimas das macroempresas, multinacionais que parecem destinadas a ser os impérios de amanhã, para além dos sistemas ideológicos e das atuais superpotências de direita ou de esquerda!...

O pessimista que reside em mim – e, como disse, quase sempre anda desaparecido ou mudo, ou dormindo –, ouvindo falar no meu doutoramento em Direito, não parava, com suas perguntas irônicas, maliciosas, perversas...

– É em Direito Agrário ou já em Direito Espacial? Enquanto o homem já se está arrancando da Terra e partindo para as estrelas, continua, vergonhoso, o balanço mundial da situação da Reforma Agrária: continuam latifundiários vivendo à custa da miséria de infelizes párias. Onde a moderna tecnologia consegue maravilhas da terra, com um número sempre mais reduzido de trabalhadores rurais, os que sobram no campo vão viver uma subvida em favelas tristes, em torno, praticamente, de todas as grandes cidades.

Quanto ao Direito Espacial, que poderia começar apaixonante, é incrível que se inicie para julgar, nas alturas, a mesma ganância, as mesmas divisões, os mesmos choques que tornaram a terra desumana e irrespirável. Se ao menos os astronautas – que realizam, como ninguém, a ordem divina de dominar a Natureza e completar a Criação – pudessem ensinar-nos que temos razões para apreender, para descobrir, para viver, para voar, para ser livres!

A gargalhada mais cruel, a zombaria mais forte, foi quando o pessimista perguntou se o meu doutorado era em Direito do Homem. Desafiou-me a apontar um só dos direitos do homem que não esteja pisado, desmoralizado, coberto de ridículo...

No texto, lá estão as quatro liberdades fundamentais, pleiteadas pelo vosso Presidente Roosevelt, em sua Mensagem de 6 de janeiro de 1941, ao Congresso dos USA:

- liberdade de palavra e de expressão;
- liberdade, para toda pessoa humana, de rezar a Deus, da maneira que lhe convém;
- o direito de ficar ao abrigo da necessidade;
- o direito de viver no abrigo do medo.



As quatro liberdades fundamentais, salvas tão brilhantemente no papel, soam como zombaria, como escárnio para a maioria absoluta da humanidade.

Se descermos a qualquer dos direitos particulares, teremos a mesma tristeza que nos causa o belo e humaníssimo direito ao trabalho: nos países produtores de matéria-prima, o fantasma é o do subtrabalho, conduzindo a uma subvida; nos países industrializados, começa a agravar-se o fantasma do desemprego, fruto da aplicação egoística da automação ou da ganância das multinacionais que exportam fábricas inteiras para os países de investimentos, onde os salários são baixos e a contestação impossível...

O pessimista pôs a nu a ingenuidade de rever os trinta direitos fundamentais ou a de lhes ajuntar novos direitos, sem que as Nações Unidas se decidam – e elas jamais a isto se decidirão – a transformar a mera “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, em “Mandamento”, acompanhado de sanções adequadas para os contraventores.

E concluiu o pessimista: se o Direito acaba sempre tendo que apelar para a força, por que não fechar, de vez, as Escolas de Direito e abrir, sempre mais, e aprimorar as Escolas de Guerra?...

### III – ATO DE FÉ NA FORÇA DO DIREITO

Apesar do que exista de verdade em todas as perguntas do pessimista, permiti que eu recorde as razões principais que justificam nosso ato de fé na força do Direito.

Creio em um Criador e Pai, que quis o homem como co-Criador e lhe deu inteligência e imaginação criadora para dominar o Universo e completar a Criação. O Criador e Pai, para ajudar o homem, quis que o seu próprio Filho, se fizesse homem e envia, constantemente, o seu Espírito que fecunda a mente humana, como fecundou as águas no início da Criação.

Permiti que eu lance, daqui, uma sugestão de pesquisa, que, quem sabe, será apanhada, será aceita por alguma universidade ou algum instituto do Oeste ou do Leste, do Norte ou do Sul. As pesquisas se multiplicam, sempre mais. Muitas, de indiscutível valor científico e de autêntico valor humano. Mas não faltam pesquisas bizarras.

É verdade ou não que dentro de todos os países – de todas as raças, de todas as religiões e de todos os grupos humanos – há minorias que, com a maior sinceridade e até com sacrifícios, se for preciso, desejam ajudar a construir um mundo mais respirável, mais justo, mais humano? Se a Universidade de Harvard, com todo o rigor científico, examinasse os seus vários quadros – de alunos, de professores, de pesquisadores, de técnicos – teria a surpresa de verificar que não há um só de seus quadros sem estas minorias decididas a lutar, de modo pacífico, mas válido, por um mundo onde a justiça e o amor abram caminho para uma paz autêntica e duradoura. E se Harvard partisse para outras universidades, ou para quaisquer outras instituições ou grupos humanos, nem vacilo em adiantar que daria base científica ao que, de modo empírico, vejo, ouço, sinto, toco, viajando através do mundo.

Harvard, se quisesse, comprovaria, também, o que se sabe de modo empírico: que minorias, decididas, se acomodam, não desejam complicações, mas são capazes de ver despertar a própria consciência crítica e o fundo de boa vontade, que o egoísmo consegue afastar, mas não matar.

O que ando procurando entre os jovens são as novas lideranças de amanhã, capazes de unir, sem de modo algum unificar, estas minorias famintas e sedentas de justiça. Ando procurando os jovens que irão descobrir o segredo de entrosar, de articular, em torno de objetivos prioritários, as minorias diversas, mas todas tendo o denominador comum, de desejar, sem violência, mas com decisão, a mudança das estruturas que oprimem mais de 2/3 da humanidade.

As minorias guardarão o próprio nome, os próprios líderes, os próprios objetivos específicos. Não se transformarão em novo partido político ou em nova seita religiosa. Mas serão águas impetuosas, sopradas pelo Espírito de Deus.

É triste sinal dos tempos que sejamos obrigados a lembrar que não têm direito de partir para pesquisar, como as sugeridas, aqui, universidades que se autonegando e autodestruindo, baixassem à vileza de utilizar os resultados das pesquisas para depurações, como infelizmente ocorre, não só em ditaduras da direita e da esquerda, mas até em pseudodemocracias, tornadas vesgas por obsessões como a do anticomunismo.

#### IV – ALERTAS PARA OS DEFENSORES DO DIREITO

Há alertas importantes para as minorias que se decidem a defender o Direito. Recordemos alguns, dos mais urgentes e atuais:

- Cuidado com a alegação de “problemas internos”, que não podem ser discutidos no estrangeiro, sob pena de acusação de distorção da imagem do país e traição.

Deixemos bem claro que não há mais problemas que se encerrem nos limites de um país. O Rádio e a TV levam, ao mundo inteiro, tudo o que acontece de importância, mesmo na ilha mais longínqua ou no país menos desenvolvido.

E como falar em “problemas internos” na era das macroempresas, multinacionais? Registre-se, aliás, o farisaísmo existente neste domínio. Quando Soljenitsyn denuncia injustiças e atrocidades cometidas pela Rússia é, com razão, saudado como herói, no Ocidente. Mas, ai de Soljenitsyn, se tivesse nascido do lado de cá e tivesse a audácia de denunciar as injustiças do nosso lado, nada menores do que as cometidas pela Rússia e pela China, apenas mais sofisticadas...

- Cuidado com a alegação justa, mas deturpadíssima, de “segurança nacional”. Claro que é direito e dever do governo garantir a segurança nacional. Mas, em alguns países, em nome de segurança nacional, se cometem arbitrariedades e atrocidades dignas dos piores dias de Hitler e de Stalin.
- Cuidado com os fabricantes de armas e fabricantes de guerra.

As guerras se tornam sempre mais covardes e absurdas. Depois do equívoco monstruoso que foi a guerra do Vietnã, até quando deixaremos que nossa melhor juventude parta para o dilema tremendo de matar ou morrer, com a hipótese de regresso em pleno arrazamento, inclusive com fuga para as drogas!?!...

Até quando, deixaremos de optar pela clara possibilidade de assegurar a abolição da miséria na Terra inteira, como ponto decisivo de partida para uma autêntica promoção humana, para ficar assistindo a uma corrida armamentista que, sem segredo para ninguém, pode levar à liquidação da vida na face da Terra?!...

Que esperamos ainda para incluir, oficialmente, a miséria como a mais sangrenta das guerras, quando as estatísticas demonstram que a miséria deforma e mata mais do que a guerra nuclear e a guerra bioquímica?

- Cuidado com os que aderem, com entusiasmo, à inadiabilidade da total descolonização política do mundo, sem a coragem de reconhecer, aberta e claramente, que sem independência econômica quase nada significa a mera independência política...
- Cuidado com escapatórias conscientes ou não, como a da explosão demográfica. Alguns, com a melhor das intenções, partem de um mal real, como o crescimento vertiginoso da população em certas áreas, e acabam, praticamente, reduzindo a este item a responsabilidade do subdesenvolvimento e da miséria. Não permitamos que a explosão demográfica leve a esquecer as tremendas injustiças na política internacional do comércio, raiz do mal que, consciente ou inconscientemente, muitos procuram esquecer ou deixar em segundo ou terceiro plano...
- Cuidado muito especial – e aqui penso, sobretudo, na juventude admirável do mundo de hoje –, alerta muito sério para evitar que, após o entusiasmo, a dedicação sem limites, o engajamento dos tempos universitários, venha a fase de instalação na vida, da acomodação, de aburguesamento, de morte do ideal.

## V – COMPROMISSO PESSOAL

Gestos como o de vossa universidade me comprometem, cada vez mais, com a luta pacífica pela justiça, com a defesa decidida e corajosa dos Direitos do Homem.

O Doutorado com que me honrais me leva a pedir a Deus que, a esta altura da vida, eu não traia a confiança dos jovens e me gaste, até o fim, a serviço do homem, como o meio mais seguro de dar glória ao Senhor e Pai.

Deus permita que o símbolo de minha vida seja a vela que se queima, que se gasta, que se consome, enquanto há cera a queimar. Quando

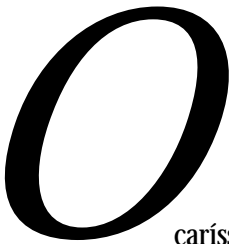
mais nada restar para ser consumido, que minha chama ainda, um instante, teime em permanecer viva e de pé, para tombar depois, feliz, na convicção de que, um dia, talvez mais rapidamente do que imaginamos, a força do direito vencerá o pretense direito da força!...

.....

*Os computadores e a crescente  
responsabilidade humana*

I – POR QUE FALAR SOBRE COMPUTADORES, EM GRENOBLE?

*1 – Pagamento de velha e querida dívida*



caríssimo Pe. Lebret me pedia sempre que visitasse vários recantos da França, para que eu conhecesse melhor a alma francesa.

Recordo-me bem que, entre outras cidades, ele insistia em Toulouse e em Grenoble. Venho pagar uma velha e querida dívida para convosco.

*2 – Assunto que se impôs*

Entre os inúmeros assuntos a debater, fraternalmente, convosco destacou-se, com força de imposição: conversar convosco sobre computadores e a crescente responsabilidade humana.

A razão da escolha é facilíma de entender:

– Computadores de Grenoble, em conexão com computadores de Hanover (Alemanha) e a Cleveland (USA), elaboraram os dados do 2º Relatório do Clube de Roma, publicado em novembro de 1974.

Ora, quem não sabe que os computadores se ligam, hoje, de modo muito direto e especial, aos grandes problemas da humanidade?

E que melhor homenagem poderei prestar a Grenoble, do que aproveitar a passagem rápida em vosso meio para debruçar-me, um instante convosco, sobre alguns dos maiores dramas humanos da hora que passa?

O 2º Relatório do Clube de Roma torna claro que ou seremos capazes de chegar a visões globais dos problemas humanos e a corajosas tentativas globais de soluções, ou marcharemos para o suicídio coletivo da humanidade.

Se escaparmos do suicídio coletivo através da guerra, seremos devorados pelas conseqüências da maneira de agir da sociedade, por nós chamada, eufemisticamente, de sociedade de consumo: de fato, se trata de sociedade do desperdício...

## II – GRENOBLE E A URGENTE SÍNTESE DOS CLUBES DE ROMA E DE DAKAR

### *1 – Estará o homem invadindo, abusivamente, domínios privados de Deus?*

O computador desorienta as pessoas simples:

- como fazer o trabalho de um número, sempre maior, de homens?
- como devorar montanhas de dados?
- como realizar, em tempo recorde, cálculos que o homem, sozinho, não poderia realizar, durante a vida inteira?

Os mais simples dos simples chegam a perguntar: não se trata de artifício do Diabo? Se o computador é mesmo criação do homem, até quando o homem será capaz de dominá-lo? Por enquanto, o computador só responde de acordo com os dados recebidos do próprio homem: mas, não haverá o risco de, um dia, o computador rir do homem, e passar a agir sozinho?

Jamais o homem esteve exercendo tão plenamente a ordem recebida de Deus, de dominar a natureza e completar a Criação. Para isto, como sabemos, Deus faz o homem participar da natureza divina e de seu poder criador.

E não há domínios privativos de Deus. Quanto mais longe o homem conseguir avançar, mais glória estará dando ao Senhor e Pai!...

### *2 – Primitivo e egoísta, como na idade da pedra*

Na hora de tirar proveito de descobertas tão maravilhosas, dá-se a surpresa: avançadíssimo na linha da inteligência e da imaginação criadora, o homem continua primitivo e egoísta como na idade da pedra.

Claro que há exceções, sempre mais numerosas. Mas o grave é que o primitivismo do açambarcamento, o mandonismo e o paternalismo de quem lida com escravos subsistem no século dos computadores, e se firmam, além do plano individual, através de países ricos e de superempresas multinacionais.

E, quando se passa para o plano dos países e das superempresas surgem estruturas, nada fáceis de romper.

Onde e como descobrir o segredo de obter que o homem, como indivíduo e como comunidade, chegue à perfeita harmonia entre o avanço da inteligência e da imaginação criadora, e seu primitivíssimo agir de troglodita?!..

### *3 – Grenoble e a soma dos Clubes de Roma e de Dakar*

Sonho para Grenoble, o papel de incentivar os grandes centros de computadores a realizar a soma, a tentar a síntese dos dados colhidos por gente séria e honesta como a do Clube de Roma, com a de gente séria e honesta como a do Clube de Dakar, em fase de organização.

Seria uma lástima que os dois campos se radicalizassem: o Clube de Roma entregando a seus computadores dados que são a palavra atualizada do mundo desenvolvido, traduzindo a perspectiva e os ângulos dos antigos colonizadores, dos atuais senhores do mundo, querendo ou sem querer, dominadores, opressores, saciados e ricos; o Clube de Dakar entregando a seus computadores a outra face dos dados, indispensáveis, mas correndo o risco de exageros e ressentimentos.

Permiti que vos encoraje a este papel de animadores das grandes somas, de encorajadores das grandes sínteses, lembrando alguns dos numerosos dados, cuja ausência, salvo engano, está tornando unilaterais, parciais mesmo, documentos honestos e de alto gabarito como o 2º Relatório do Clube de Roma.

## III – DADOS TÍPICOS QUE CLAMAM PELA HORA DA SÍNTESE

### *1 – Pedacos do 3º Mundo, dentro dos países ricos*

Qual é o país rico que não tem, dentro das próprias fronteiras, pedacos do Terceiro Mundo? E note-se que não se trata apenas de trabalhadores estrangeiros ou de imigrantes em busca de trabalho ou de liberdade...



Não faltam, hoje, pessoas numerosas do próprio país, que – em consequência da automação ou de transferências de fábricas para paraísos de investimentos – vão ficando sem trabalho, vão se proletarizando e virando, de certo modo, estrangeiros, dentro da própria casa... Os computadores sabem disso?

### *2 – Urgência de superação de complexos de dominação*

É curioso como há pessoas e países que, mesmo oficialmente abolida a escravidão e reconhecida a independência política de povos do 3º Mundo, mantêm complexos de dominação.

No momento, as duas mais graves manifestações do espírito de dominação, salvo engano, são:

- o progresso, em toda parte e sempre, é pesadamente pago pelos pequenos;
- os preços das matérias-primas, duramente trabalhadas pelo 3º Mundo, continuam sendo, unilateralmente, fixados nos grandes pólos de decisão do mundo.

E aí dos países produtores de matérias-primas que tiverem a audácia de rebelar-se contra a canga, o cabresto e a espora... Aí dos países produtores de matérias-primas que ousarem aprender a lição dos cartéis: serão apontados como perturbadores da ordem social e ameaçadores da paz mundial... Então, para salvar a paz do mundo, surgirão até ridículas ameaças de guerra contra os rebeldes...

Seria importante que os computadores levassem em conta estes e outros complexos de dominação.

### *3 – Graves equívocos em torno do comunismo*

Enquanto as superpotências comunistas comprometem a esperança de um socialismo humano; enquanto as superpotências comunistas se constituem na pior contrapropaganda de um socialismo que respeite, efetivamente, a pessoa humana, a acusação de comunismo continua a ser explorada, cinicamente, pela extrema direita.

Os computadores não tem meios de registrar dados, talvez qualitativos, mas com grave repercussão para a marcha da liberdade e justiça para todos?

#### *4 – Necessidade de boa consciência*

A necessidade de ter a consciência em paz leva os países ricos a numerosas explicações quanto à distância sempre maior, entre países pobres e países ricos. Convém lembrar algumas das principais:

- inconscientemente, fica a impressão de que tudo, afinal, se reduz a um problema de raça: os ricos são brancos, e os pobres são pretos, amarelos ou morenos...
- não falta quem pense que, se os países pobres usassem a cabeça, superassem a preguiça e conseguissem ser honestos, venceriam a miséria e seriam ricos também...
- a mais recente tentativa de levar a esquecer o âmago do problema – as injustiças incríveis na política internacional do comércio – a mais nova *trouvaille* é a explosão demográfica: alarmismo em torno de um dado real, levando muitos a crer que aí, exatamente aí, se acha o monstro que devora todas as tentativas de ajudas aos países pobres...

Ajudas! Como fazer entender que elas são necessárias com a condição, exatamente, de não se pensar que o 1% ou 2% ou 5% sobre o Produto Bruto Nacional em favor dos países pobres fazer esquecer que a riqueza dos países industrializados tem como preço o exaurimento dos países pobres!?

É urgente dar aos computadores a palavra exata sobre ajudas oficiais e privadas...

#### *5 – Estruturas vistas por dentro*

Fala-se tanto em estruturas, na necessidade e urgência de remover estruturas injustas, em favor de grupos privilegiados, sempre mais restritos.

Que estruturas são estas?

Viver, de todo, fora de estruturas, é ilusão para a criatura humana.

A partir de que instante as estruturas se tornam opressivas e clamam por mudança? Quais mais pesadas estruturas do momento? Está errado pensar que o complexo industrial-militar está na raiz das estruturas mais opressivas dos nossos tempos? Como continuar preparando

guerras se as superpotências já dispõem de um potencial dez vezes maior que o necessário para liquidar a espécie humana? Como continuar fabricando guerras, se o jeito é vender parte delas a países que não dispõem nem do essencial para assegurar um nível humano a seus moradores? Como lançar o 3º Mundo em uma ridícula corrida armamentista?

Como expor-se ao risco de acabar insuflando guerra, pela necessidade de vender armas, se possível, aos dois inimigos em luta?

É fantasia descobrir no complexo industrial-militar a inspiração e o modelo para complexos mais largos e mais esmagadores, como as multinacionais?

É impossível, pacífica, mas corajosamente, abrir uma brecha nestas estruturas de opressão?

Não me cansarei de dizer que me parece sopro de Deus encontrar em toda parte – dentro dos países ricos e dentro dos países pobres, dentro de todas as raças, e de todas as religiões –, grupos que não aceitam o mundo que aí está e como está; não admitem que se marche, sem reação, para o extermínio da vida humana, ou através de guerras que podem, facilmente, varrer a vida da face da terra, ou através do exaurimento das matérias-primas através de uma sociedade do desperdício...

Perdoai a insistência da interrogação: que dados recebem os computadores sobre estruturas de opressão e, especialmente, sobre anseios de libertação? Não vale dizer que o computador lida apenas com o que é mensurável. O computador para servir, efetivamente, ao homem, terá que atingir à área do qualitativo, do imponderável...

### *6 – Planificação e ditadura*

Claro que perguntas tão numerosas levantadas aqui não são para serem respondidas por nós. Meu desejo é recordar que vossos especialistas, recebendo as informações e as estatísticas dos países ricos, com a marca dos países ricos, prestarão um grande serviço à humanidade completando-as e enriquecendo-as com indagações vindas dos países pobres, e que levarão vossos computadores a rever e a reaprofundar suas respostas.

Permiti que acrescenta ainda algumas indagações, importantes para nós, que, mesmo com sacrifício, sonhamos com a justiça e o amor, como caminhos para a paz.

É verdade que planificação exclui consulta ao povo, participação do povo, e exige governo centralizado e forte, servido por técnicos, que sejam *um* com os ditadores?

As multinacionais, no 3º Mundo, não vacilam em ajudar, de todos os modos possíveis e imagináveis, a manter ditaduras que as recebam, compreendam e apoiem. Também não vacilam em agir, como for possível e necessário, para impedir a posse de governos que lhes venham criar problemas... Na hipótese de governos contrários às multinacionais já estarem no poder, vale tudo para derrubá-los... É evidente que tudo se cobre com os títulos intocáveis de segurança nacional, paz mundial, e, nos países cristãos, salvaguarda dos princípios cristãos da nacionalidade.

Atenção não se tem o direito de enganar os computadores ou de levar-lhes indicações parciais e mutiladas.

#### IV – A FRANÇA E AS REVOLUÇÕES

Nos tempos modernos, raras revoluções têm a responsabilidade da Revolução Francesa.

Para os comunistas contam, apenas, a Revolução Russa de 1917 e a Revolução Chinesa, de 1949.

Para os tecnocratas e a tecnoestrutura, contam, apenas, a Revolução Industrial conseqüente da eletricidade (em conseqüência à da máquina a vapor), e, depois, a da eletrônica, a da energia nuclear, e a da cibernética...

Lembra à França, Grenoble, a necessidade de completar, aprofundar e atualizar – sem terror – A Revolução Francesa, para além de pseudorevoluções, a serviço de classes, de grupos ou de porções da humanidade...

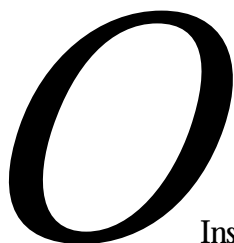
Que a tua melhor juventude, Grenoble, ensine a teus computadores a não só proclamar, mas a fazer viver o trio que não envelhece, e é sempre novo, porque eterno: Liberdade, Igualdade, Fraternidade!



.....

## *Justiça Social e Desenvolvimento*

### I – ANTES DE PODER FALAR EM DESENVOLVIMENTO...



Instituto Vienense para o Desenvolvimento, do qual me honro de ser membro, me dá a oportunidade de palestrar, fraternalmente, convosco e me sugere o tema “Justiça Social e Desenvolvimento”.

O tema é ótimo, porque permite deixar bem claro que antes de podermos falar em desenvolvimento, temos que falar em libertação, em promoção humana...

Fala-se tanto em desenvolvimento. Multiplicam-se reuniões, conferências, congressos sobre desenvolvimento, mas a impressão dolorosa é que a opressão no mundo só faz aumentar. O mais terrível é que, não raro, o que é feito em nome do desenvolvimento, serve de cobertura para esmagamentos ainda maiores.

Que Deus nos ajude a ver claro nesta hora de bruma e cerração. Que Deus nos dê a coragem necessária para pôr a nu se haverá ou não condições de desenvolvimento do homem todo e de todos os homens, ou, se, ao contrário, desenvolvimento deverá ser entendido como progresso econômico de grupos sempre mais restritos, com o sacrifício total de massas sempre mais numerosas. Que Deus nos ajude a descobrir caminhos de esperança concreta e de desenvolvimento autêntico, pois partimos do pressuposto de que fomos criados para construir e não para destruir e estamos convictos de que o amor tem condições de vencer o egoísmo.

## II – ESPERANÇA DE LIBERTAÇÃO OU MARCHA DA OPRESSÃO?

### *1 – Até quando existirão impérios?*

No esforço de conscientização – e, hoje, sabemos que o cuidado de despertar e alargar a consciência é problema vital não só para países pobres, mas, também, para países ricos - no esforço de ajudar a todos a ter olhos de ver, é muito válido apresentar, ao longo dos séculos, a sucessão dos impérios... Eles nascem, se firmam, se expandem, atingem o auge e desaparecem...

### *2 – Divisão de zonas de influência*

A Europa certamente se lembra de que um dia se reuniu, em Berlim, para dividir os países da África e da Ásia, como colônias e isto em nome da Colonização, de intenções tão generosas como as de ajuda para o desenvolvimento, mas de conseqüências desastradas que nós conhecemos...

O mundo há de lembrar-se de que no final da 2ª Guerra Mundial, os Estados Unidos, a Inglaterra e a França reuniram-se com a União Soviética, em alta para dividir as zonas de influências nos vários Continentes. O que se passou em Ialta se repete continuamente.

Os Estados Unidos e a Rússia, segundo a própria imprensa norte-americana, decidiram, um dia, em Moscou, pormenores quanto à movimentação das esquadras russa e norte-americana, no Mar Mediterrâneo que tornou-se um lago russo-americano.

O que terá sido decidido nas idas dos Estados Unidos a Pequim?

Os Impérios se movimentam, inclusive – tenhamos a confiança e a coragem de lembrar –, o Mercado Comum Europeu e a NATO...

### *3 – Satélite mal-encobertos pela sofisticação*

Os impérios têm seus satélites. No lado oriental os satélites se denominam Repúblicas Populares. Vivem controlados e espionados. Ai do satélite que ultrapassar a estreita linha de autonomia que lhe é concedida.

No lado ocidental, com nome ou sem nome, há satélites. Para controlá-los e, eventualmente, castigá-los, as metrópoles não precisam agir

a descoberto: órgãos internacionais de ajuda, dos quais as metrópoles são o grande esteio, agem como incentivo ou como corretivo na marcha dos satélites. Para casos mais graves e para corretivos mais radicais, a CIA não faz cerimônias e tem larga experiência internacional.

#### *4 – Loucura e absurdo na corrida armamentista*

Impressionante sintoma de manipulação dos povos é a corrida armamentista, liderada pelos Estados Unidos e pela Rússia, mas na qual, praticamente, todos os países acabam entrando.

Sabemos todos que, em 1974, o mundo gastou 210 bilhões de dólares para preparar a guerra, soma que ultrapassa de quinze a vinte vezes o dinheiro destinado à ajuda aos países subdesenvolvidos.

Rússia e Estados Unidos dispõem de depósitos nucleares que ultrapassam de quinze vezes o necessário para eliminar a vida na Terra...

Não é, também, novidade para ninguém que países tradicionalmente pacíficos se sentem no direito ou até na obrigação de fabricar armas. Mas as armas modernas são tão caras, que para ser menos antieconômica sua fabricação é preciso fabricar armas para o próprio uso e para vendê-las. Mas quem vai comprar armas não há de ser a Rússia ou a América do Norte. E é assim que países pobres, que não têm o indispensável para assegurar um nível humano a seus povos, entram em uma ridícula minicorrída armamentista.

É incrível o que o 3º Mundo está gastando para armar-se, sobretudo se leva em conta o que ele recebe em armamentos como parte ponderável de ajuda para o desenvolvimento.

Quem não sabe, quem não vê que os armamentos, hoje, caducam com enorme rapidez! Os vendedores de armas precisam voltar continuamente com armas sempre mais poderosas, o que acaba exigindo que os fabricantes de armas fabriquem ou incentivem guerras, sob pena de os países compradores acabarem achando que os vendedores de armas não passam de exploradores.

Quem não sente que árabes e israelitas, sozinhos, sem quem os insuflasse, de lado a lado, já teriam há muito tempo encontrado meios de entender-se? Por que a guerra vergonhosíssima do Vietnã se arrastou tanto tempo?...



Dado fundamental para despertar e alimentar a consciência crítica nos países industrializados e nos países produtores de matérias-primas é levar a apurar a quem interessam as guerras...

#### *5 – Máscara nova do velho imperialismo*

Exercício, também, do maior alcance e da maior atualidade para a conscientização nos países pobres e nos países ricos é tentar conhecer, de perto, as empresas multinacionais, a mais nova máscara do velho imperialismo.

Podem-nos ajudar muitíssimo neste estudo pessoas de boa vontade e sobretudo denominações religiosas que tenham ações em multinacionais, com matriz nos respectivos países.

Perguntas particularmente importante seriam:

- Que somas foram investidas nos últimos dez ou quinze anos pelas multinacionais, em países subdesenvolvidos, e que lucros, direta ou indiretamente, neste mesmo período, foram de lá carreados?
- De quantas maneiras diversas estão voltando os lucros aos grandes centros investidores?
- Há, realmente, paraísos para investimentos, isto é, países onde os salários são ínfimos e onde a contestação é impossível?
- Como se aliam os grupos privilegiados dos países pobres com as multinacionais? Que ajudas principais as multinacionais recebem dos pequenos-ricos dos países pobres?
- De que maneiras variadas as multinacionais manobram ou tentam manobrar, sobretudo nos países pobres, os meios de comunicação social, o poderio político, o poderio militar e as próprias denominações religiosas locais?

#### *6 – Esmagamentos em nome do desenvolvimento*

Outro exercício fundamental para despertar e alimentar a consciência crítica é descobrir como o progresso, sobretudo nos países pobres, é pesadamente pago pelos pequenos, pelos pobres. Permite que eu levante algumas interrogações dignas de exame e aprofundamento:

- Quando as cidades começam a crescer, e rasgam avenidas, constroem viadutos, fazem surgir auto-estradas com seus complexos, urbanizam áreas de alagados ou de morros, para onde vão sendo varridas as populações pobres que ali moravam? É possível prever um sistema de habitação popular sem espírito de lucro? Se o sistema de habitação popular for bancário, como evitar o esmagamento dos pobres, mais pobres?
- Quando a indústria chega aos países produtores de matérias-primas, mas já chega automatizada ou meio automatizada, que fazer dos sem-emprego, em número sempre maior e em proletarização também crescente?
- Que fazer dos moradores do meio rural que vão sendo expulsos por empresas que compram as terras em que eles moravam há anos? As aparências são a favor das empresas que chegam para implantar grandes indústrias, modernizando a agricultura, produzindo incomparavelmente mais, com um número muito mais reduzido de trabalhadores...
- Como examinar, de um ângulo humano, a chamada superprodução? Há, efetivamente, superprodução, ou subconsumo, conseqüência de superegoísmo? Em que medida o superegoísmo, que torna os ricos sempre mais ricos e os pobres sempre mais pobres, não explora, com muita habilidade, o fato real da “explosão demográfica?” Quem está explodindo não é, sobretudo, o egoísmo?...
- Como examinar, de um ângulo humano, o fenômeno da poluição? Ao lado de poluições merecedoras de atenção, não será o caso de proclamar-se como poluição nº 1 a miséria que deixa em situação subumana mais de 2/3 da humanidade?

### *7 – Corrida de violência*

Não me cansarei de lembrar que esta situação de miséria, que mutila a vida de mais de 2/3 das criaturas humanas, é a violência nº 1, a violência-mãe de todas as demais violências...

Estamos chegando a uma corrida de violência. Há países e, sobretudo, há cidades, onde os riscos de vida vão tornando a existência irrespirável.

Seja permitido lembrar aqui as principais objeções levantadas contra a não-violência ativa, contra a violência dos pacíficos, pelos que só descobrem a violência armada como meio de romper todos estes quadros de opressão que estamos recordando.

Os que só confiam na violência armada dizem à não-violência:

- Os ricos, os opressores, como classe, só sendo eliminados. Temer a violência, combatê-la, é fazer o jogo da violência dos opressores.

E exigem que se aponte um único exemplo de mudança efetiva de estruturas na base da não-violência.

Antes de dizer, depois, onde a não-violência ativa põe a sua esperança, respondo à pergunta levantada:

- Até hoje a não-violência não mudou efetivamente estruturas de opressão. Mas acontece o mesmo com a violência. Se os oprimidos se tornam opressores, mesmo com a alegação de que será situação provisória, a opressão não acabou – continua e até se agrava...

Os que só confiam na violência armada acusam a não-violência de angelismo, de medo de sujar as mãos. E chegam a proclamar que, hoje, país pobre para arrancar-se das garras do imperialismo capitalista tem que correr o risco e aliar-se ao imperialismo comunista. Recuso-me a aceitar que nossa única alternativa seja mudar de patrões, seja variar de opressão.

### III – PRELIMINARES DE UM AUTÊNTICO DESENVOLVIMENTO

Não venho aqui apenas levantar interrogações. Claro que não tenho a pretensão de trazer no bolso soluções para os grandes problemas com que se enfrenta o mundo de hoje. Mas se não tenho soluções feitas, tenho a alegria de acenar para pistas que me parecem mais do que vagos acenos de esperança.

Sem fechar os olhos para a realidade terrível que está diante de nós, tenho a confiança de proclamar que real, tangível, observável, como a presença da miséria ou a presença das multinacional, é a presença – dentro

de todos os países, de todas as raças, de todas as religiões, de todos os grupos humanos – de minorias decididas a quaisquer sacrifícios para ajudar a criar um mundo mais justo e mais humano.

No dia em que se conseguir ligar e interligar estas minorias – dentro de cada área, de cada região, de cada país, de cada Continente, dentro do mundo – terá sido deflagrada a força nuclear do amor. Utopia? As minorias aí estão: constatáveis, verificáveis. Não é preciso criá-las porque já estão aí. Não se trata de transformá-las em um novo partido político ou em nova seita religiosa.

Uma pista concreta para unir as minorias que têm fome e sede de um mundo mais respirável, mais justo e mais humano, de uni-la com salvaguarda plena da própria identidade, dos próprios líderes e dos métodos próprios, é descobrir objetivos prioritários comuns.

Exemplo concreto que confio às minorias da Áustria e, quem sabe, de toda a Europa:

- Preparando o país para o 2º Centenário da Independência Política dos Estados Unidos em 1976, as minorias norte-americanas estão aprofundando um princípio da Constituição Norte-Americana: “Liberdade e Justiça para todos.” Durante dois anos, 1975 e 1976, as minorias norte-americanas procurarão perguntar a todas as pessoas dentro dos Estados Unidos se se sentem livres, se há justiça e liberdade para todos; se liberdade e justiça são também para negros, para chicanos, para amarelos; se liberdade e justiça são só para dentro dos Estados Unidos ou para o mundo inteiro?

Viena, Áustria: seria extremamente importante que as minorias deste país que sonham com um mundo mais justo e mais humano, tentassem verificar, em vosso país e em união com minorias de outros países da Europa, qual a situação da justiça e da liberdade?...

Sem justiça e liberdade para todos, arranje outro nome, mas impossível falar em desenvolvimento.

#### IV – DUPLA INVOCAÇÃO À VIENA

Seja permitido fazer uma dupla invocação a Viena.

**1ª Invocação fraterna:** Vossa cidade tem sido sede de conferências que repercutiram na marcha do mundo. Não vos entreguem ao pessimismo de pensar que tudo isso pertence ao passado. Por que não nasceria aqui a mais pacífica e, ao mesmo tempo, a mais revolucionária de todas as multinacionais: a multinacional da justiça e da liberdade?

**2ª Invocação fraterna:** Strauss disse um dia: “Se é verdade que eu tenho algum talento, eu o devo, sobretudo, à minha querida Viena. Em seu solo, minha força deita raízes. Em sua atmosfera, flutuam as melodias que meus ouvidos cantam, que meu coração bebe e minha mão tenta registrar...”

Quem não sabe, vienenses, que vossas casas e vossas ruas falam de modo inesquecível de Gluck, de Beethoven, de Mozart, de Schubert, de Brahms?...

Se sois tão sensíveis à música entenderéis que eu vos diga:

– Crede na força do espírito! Não fomos criados para destruir, mas para construir. O amor vencerá o egoísmo. As guerras, de tão absurdas e anti-humanas, acabarão, antes de acabar com a humanidade. Basta de impérios! Basta de opressores e de oprimidos. Vamos unir as minorias sedentas de paz autêntica, em torno da multinacional de justiça e liberdade.

Meus amigos, crede se possível: estou escutando a música do Espírito do Senhor que sustenta e encoraja o espírito humano!

Escutemos a música inspiradora e toda-poderosa do Espírito de Deus!...

.....

*Conflitos sociopolíticos na América Latina:  
situação atual e perspectivas, de um ângulo pastoral*

I – CELAM E MEDELLÍN: RESPONSABILIDADES  
GRAVES PARA NÓS

**S**em qualquer sombra de triunfalismo, simplesmente em termos de responsabilidade é bom ter presente que, dentro de hierarquias, somos a primeira articulação em nível continental. No balanço deste trabalho do CELAM a hora plena, por excelência, é a Assembléia-Geral do episcopado latino-americano, realizada em Medellín (Colômbia), de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968.

Medellín é o símbolo do esforço de aplicar ao nosso Continente as grandes conclusões do Concílio Ecumênico Vaticano II. Medellín é o símbolo da visão corajosa de nossa realidade continental, contemplada à luz dos nossos compromissos cristãos. Medellín é o símbolo da opção continental da Igreja do Cristo, que está na América Latina, em face da problemática do pedaço de mundo e da hora em que Deus nos permite viver e nos chama a trabalhar.

II – LIÇÕES VIVAS, SAGRADAS PARA NÓS

Claro que não esquecemos e não temos o direito de esquecer as lições vivas de Medellín: elas são sagradas para nós. Lembremos, a título de exemplo, nossa identificação latino-americana; o sentido ativo de paz; as críticas às estruturas rurais e à maneira como é feita a industrialização; a educação libertadora...

O Espírito de Deus estava conosco ao encorajar-nos a reconhecer, em nosso Continente, o mais triste dos colonialismos: o colonialismo interno – grupos privilegiados que mantêm a própria riqueza à custa da miséria dos próprios concidadãos.

E a grandeza maior de Medellín é que ali não estavam teóricos tentando simplesmente diagnosticar nossos males: ali estavam pastores, que se apressaram em reconhecer que a hora não era – e cada vez menos é – de apenas falar, mas de agir.

### III – NÃO TÍNHAMOS E NÃO TEMOS O DIREITO DE SER INGÊNUOS

Como reconhecer e proclamar verdades tão graves, sem prever reações à altura das posições assumidas?... Como anunciar a decisão de trabalhar, de maneira pacífica, mas decidida e corajosa, para animar as massas marginalizadas do nosso Continente a pronunciar sua palavra libertadora, sem contar com represálias de quem não admite perder os privilégios, por mais abusivos que eles sejam? Como questionar a ordem estabelecida – desordem estratificada, violência institucionalizada – e espantar-se vendo a reação estalar?... Como criar condições para nossa gente se organizar, adquirir consciência crítica, pretender participar das decisões, querer caminhar com os próprios pés e pensar pela própria cabeça, e não contar com tempestades?...

Na medida em que, também, houve questionamento do que, nas estruturas da Igreja, longe de ser essencial e perene são peças que tiveram sua razão de ser e sua vantagem, mas já não têm sentido e estão impedindo a caminhada, como não contar com reação, escândalo e revolta, quando sabemos que a Igreja do Cristo está entregue à nossa fraqueza, embora vale constantemente por ela o Espírito do Senhor!?...

### IV – COM CRISTO NÃO ACONTECEU O MESMO?

Que acusação não levantaram contra Ele? Disseram que Ele e seus discípulos não respeitavam a tradição e a lei. Ele comia com publicanos e pecadores. Os seus desprezavam o jejum. Cristo desrespeitava o sábado, parecendo até que era o dia por Ele preferido para seus milagres.

Foi acusado de possesso, de agitador, de subversivo, de inimigo de César. Se foi condenado por proclamar-se o Filho de Deus, no alto de sua cruz, em três línguas, se lembrava que Ele se proclamara Rei.

Que ilusão pensar que as perseguições anunciadas pelo Cristo se referiam apenas aos primeiros tempos da Igreja e que o ideal para a Igreja do Cristo é viver a paz constantiniana, com todas as suas conseqüências?...

#### V – ACUSAÇÕES PARA AS QUAIS É PRECISO ESTAR ALERTAS

Quando nos acusarem de horizontalismo pelo pecado de denunciar injustiças que esmagam mais de 2/3 da população latino-americana, lembremo-nos de que as Encíclicas, de Leão XIII a Paulo VI, ao se tornarem sempre mais exigentes em matéria de justiça, não estão esquecendo ou abandonando as grandes verdades da fé.

Quando nos acusarem de esquecer e subestimar a Evangelização e de cair de cheio na política, perguntemos a nós mesmos se a própria neutralidade é cabível quando importa em cerrar ouvidos ao clamor do nosso povo?!...

Quando nós mesmos nos espantarmos com o que pode parecer crise grave dentro da própria Igreja – com claros e “deserções” na ordem sacerdotal e no domínio dos consagrados a Deus; com a diminuição grave e quase desaparecimento de vocações para o sacerdócio ministerial e para a vida religiosa; com o estabelecimento da contestação, e a quebra e aparente abolição da obediência – lembremos a nós mesmos como é constitutivo da missão da Igreja viver em conflito.

Longe de nós o absurdo de perder a esperança, de entrar em pânico, esquecidos de que, apesar de confiada à nossa fraqueza humana, a Igreja é e será sempre do Cristo. O Espírito Santo não atuou apenas na criação do universo e nos primeiros tempos da Igreja: hoje, amanhã e sempre, Ele sustenta, inspira e dirige a Igreja do Cristo.

Quem não percebe a riqueza que o Espírito do Senhor suscita a propósito de Ministérios?... Quem não descobre que o Espírito de Deus começa a suscitar as novas vocações para o sacerdócio ministerial e para a vida religiosa renovada? Quem não entrevê a primavera que representará para a Igreja o reconhecimento efetivo da maioria dos leigos?



## VI – CRÉDITO AMPLO PARA CRIAÇÕES DO ESPÍRITO DE DEUS

Para citar um exemplo – provavelmente, o maior e mais significativo – de criação do Espírito de Deus, baste lembrar as Comunidades de Base.

Longe de temê-las, de olhá-las com suspeição, de quebrar-lhe a espontaneidade por um controle excessivo que seria sinônimo de paralisção e de morte, abramo-lhes amplo crédito de confiança.

Espantar-nos com abusos que surjam, eventualmente, aqui ou ali, será esquecer que, em nenhuma instituição, em nenhuma época deixou de haver infiltrações de abusos.

As Comunidades de Base são o instrumento humilde que, nos planos do Senhor, vão servir, ao mesmo tempo, para que se renove e renasça, hoje e aqui, a Igreja una e eterna do Cristo, e para que se opere a promoção humana e cristã das massas em situação subumana em nosso Continente.

A evidente desproporção entre a fraqueza das Comunidades de Base e a dupla e ingente missão que lhes é confiada, confirma que o Senhor Deus continua a exaltar os humildes.

## VII – AS EXPLORAÇÕES MAIORES

Três explorações mais graves estão merecendo especial repulsa:

- É tempo e mais que tempo de pôr termos às explorações em torno do direito de propriedade. Até quando, com desprezo total do que nos ensinam a respeito os padres da Igreja e com exploração da doutrina de S. Tomás de Aquino, até quando a propriedade será apresentada como um absoluto, como o mais firme e importante dos dogmas, como fundamento da Civilização Cristã?
- É tempo e mais que tempo de por termo à exploração do anticomunismo. Em nome do anticomunismo, defende-se o capitalismo como suporte e defesa da Civilização Cristã.

Se toda defesa dos direitos mais líquidos e sagrados, se toda defesa da Justiça for interpretada como manifestações de comunismo, acaba havendo propaganda do comunismo.

Que terá o Cristianismo a ganhar com a sua prática identificação com o sistema capitalista, como se tocar nas estruturas capitalistas importasse em derrocada cristã?!...

– É tempo e mais que tempo de lembrar, oportuna e inoportunamente, a quem vier falar em violência, que a violência nº 1, a raiz de todas as violências é a miséria que, cada ano, mata mais do que as guerras mais sangrentas e reduz, a uma situação subumana, mais de 2/3 da população do Continente.

### VIII – INVOCAÇÃO AO CELAM

CELAM, a história é implacável e Deus nos pedirá contas das graças que nos concede.

Esforça-te, desdobra-te, para que Medellín se transforme, efetivamente e sem demora, em fonte de inspiração para toda pastoral da América Latina, inclusive da educação libertadora da nossa gente sofrida!

Aos que pensarem que estamos acelerando demais a marcha do Continente, lembremos que a América Latina já espera há quatro séculos e meio...

Quem sabe, CELAM, Deus se servirá da pobreza e fraqueza do nosso Continente, para apresentar um exemplo vivo de diálogo autêntico, de entendimento pleno entre a chamada Igreja institucional e a chamada Igreja profética, duas manifestações complementares de uma só e mesma Igreja de Cristo.

Diante de arrancadas proféticas, tanto mais ousadas quanto mais absurdas são as situações e denunciar em nome da Justiça, se faltar compreensão e largueza de espírito à hierarquia, podemos ser responsáveis por muitos desvios e radicalizações, não raro, por parte dos melhores dentre os nossos.

Ensina-nos, CELAM, a única e verdadeira prudência – a do Espírito, e ensina-nos a desprezar a prudência da carne, o egoísmo, o oportunismo, o carreirismo, a acomodação e o medo.

Por que, CELAM, não dá cobertura plena à defesa dos direitos do homem, oferecendo apoio total à atenção esplêndida que, sobretudo, em alguns dos nossos países, vem desenvolvendo a Pontifícia Comissão Justiça e Paz?...

As multinacionais, estabelecendo aliança natural com grupos privilegiados dos nossos países, ainda agravam mais a discriminação entre ricos sempre mais ricos e pobres sempre mais pobres. Dentro de tua missão, cabe perfeitamente, CELAM, alertar a consciência internacional para as manobras das multinacionais, que costumam passar-se em plano amoral e não esbarram diante de nenhuma medida que assegure êxito.

Não temas, sequer, chegar até a denúncia da presença incômoda e equívoca da CIA na vida dos nossos povos.

Estarás dentro de tua missão sempre que estiver em jogo o destino de filhos de Deus em nosso Continente.

Que, ao menos, não nos falte, CELAM, a coragem necessária para arrancar-nos de nós, do nosso egoísmo, da nossa segurança, da aura de prestígio e de poder, para concretizar nossa opção pelos pobres, pelos oprimidos.

Longe de nós pretender que os oprimidos de hoje sejam os oprimidos de amanhã. Batemo-nos por um mundo sem opressores, nem oprimidos...

Utopia?... Responda por nós a Santa Mãe de Deus e Mãe dos Homens, a Mãe da Divina Graça e Mãe dos Pecadores, invocadíssima, de ponta a ponta do Continente:

“Minh’alma engrandece ao Senhor e meu espírito exulta em Deus meu Salvador!...

Manifestando o poder de Seu braço, dispersou os soberbos! Depôs do trono os poderosos e exaltou os humildes. Saciou de bens os que têm fome e aos ricos despediu de mãos vazias!”

.....

*Resposta da Igreja à pobreza e à miséria,  
especialmente na América Latina*

I – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

*1 – Meditar sobre pobreza e sobre miséria, cabe, de cheio, em um  
Congresso Eucarístico*

**A** quem tiver a tentação de julgar que não cabe, durante um Congresso Eucarístico, meditar sobre pobreza e sobre miséria, basta lembrar que o tema geral do nosso Congresso Eucarístico Internacional – tema felicíssimo! – é o Pão da Vida.

Cristo disse: “Eu venho para que todos tenham vida e vida em abundância.” Como não preocupar-nos, ao comemorar o Pão da Vida, sabendo que mais de 2/3 da humanidade se arrastam em uma subvida e se acham em uma condição indigna de filhos de Deus!?...

*2 – A Igreja, na América Latina, tem, no caso, acertos e erros,  
com os quais é possível aprender*

É, também, uma idéia feliz conclamar a Igreja de Cristo que se acha nos vários Continentes, para um balanço corajoso, como continuadora de Cristo, em face da obrigação sagrada de trabalhar para que *todos* tenham vida e vida em abundância.

No caso especial da América Latina, veremos que temos, em face da pobreza e da miséria, acertos e erros, com os quais é possível aprender. Nem nos cabe orgulho ridículo diante dos acertos, nem pessimismo diante dos erros: o que interessa é aproveitar a experiência do passado, para aproximar-nos, sempre mais, da missão que Cristo nos confia.

*3 – A Igreja, divina em seu Fundador, entregue à nossa fraqueza humana, é protegida pelo Espírito Santo*

Reconhecer falhas na missão da Igreja não atinge em nada seu Divino Fundador, nosso Irmão Jesus Cristo. Quem não sabe que Ele confiou sua Igreja Santa à nossa fraqueza humana?... Mas o Cristo jamais pode perder a esperança: para além da nossa fraqueza, a Igreja do Cristo é guardada pelo Espírito Santo. Quando nossa fraqueza chega a comprometer demais a Igreja Divina, o Espírito de Deus a arranca das falhas e dos erros em que a metemos e Ela sai, por vezes, com rasgões e sangrando, mas bela como nunca!

II – A POBREZA E A MISÉRIA NO PASSADO DA  
AMÉRICA LATINA

*1 – Acertos do passado*

1.1 – Presença da religião, de ponta a ponta do Continente

Quando não havia estradas, nem aviões, nem automóveis, nem ônibus, nem caminhões; quando a solução era andar a pé, ou no lombo de animais, ou em barcos precários rio-acima, rio-abaixo, a religião foi levada, de ponta a ponta do Continente... Não houve montanha íngreme, não houve lugar remoto, não houve área desértica ou pantanal, onde a Cruz não fosse plantada.

Hoje, é fácil dizer que houve excesso de sacramentalização, que houve pobreza de evangelização... Mas aí está enraizada a fé no coração de nosso povo.

Claro que há mescla de superstições e a religião, quase sempre, foi apresentada, segundo o espírito da época, de modo alienado e alienante.

Mas é profunda a crença de nossa gente. E nela reside a coragem de viver, a coragem de sofrer, o resto final de esperança. A Paixão de Cristo, o Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora, Santos populares arrastam multidões enormes para procissões ou para visitas a santuários milagrosos.

Houve, sem dúvida, heroísmo na pregação missionária. Aqui e ali, houve mesmo santidade. E há santidade anônima no meio da gente

sofrida e simples. Há trabalho surpreendente do Espírito de Deus no íntimo de criaturas mergulhadas em uma subvida...

### 1.2 – Socorro à Pobreza e à Miséria

Dentro da mentalidade do tempo, houve, de modo geral, aceitação da escravidão de africanos e de índios, houve construção de igrejas e capelas grandes e, não raro, ricos. Mas em tempo em que os governos, ou por falta de recursos ou de visão, eram terrivelmente omissos quanto a hospitais e escolas, a Igreja exerceu larga missão subsidiária no atendimento à saúde e ao ensino.

Santas Casas de Misericórdia e hospitais foram implantados em pontos numerosos do Continente. Funcionaram confrarias, montepios, associações religiosas acudindo a doentes e, em caso de morte, velando pelo enterro e sepultura.

Leprosários, asilos de alienados, hospitais ainda hoje persistem, na hora em que se instala e se firma, poderosa, a rede hospitalar do Estado. Ainda hoje, os velhos hospitais da Igreja são de enorme valia...

Colégios dos maiores e melhores, escolas gratuitas e orfanatos teimam em existir, mesmo onde o Estado ultrapassa sua rede precária de escolas primárias, fazendo funcionar modernos grupos escolares, estendendo poderosa rede de ensino médio e implantando-se, com vigor, em nível universitário.

Bem ou mal, com maior ou menor largueza e dedicação, havia e há, na Igreja, distribuição de esmolas, de alimentos, de roupas e, aqui e ali, até construções de casas populares ou pequenas choupanas...

## 2 – *Graves erros essenciais*

### 2.1 – Suporte da situação de injustiça

Sem julgar ninguém (Cristo ensinou que não podemos julgar) e ainda menos, sem pretender julgar o passado com a visão de hoje, tenhamos a coragem de reconhecer que os homens da Igreja, na América Latina, tivemos uma tal preocupação em manter a autoridade e a chamada ordem social, que nem descobrimos as terríveis injustiças que se escondiam e se escondem por detrás da pseudo-ordem social. Consciente ou inconscientemente demos cobertura a um verdadeiro colonialismo interno, isto é, no fato de ricos dos nossos países manterem a própria riqueza esmagando milhões e milhões dos próprios concidadãos.

Apresentamos à nossa gente um Cristianismo excessivamente passivo. Pregamos obediência, paciência, aceitação dos sofrimentos em união com os sofrimentos de Cristo: grandes virtudes, mas, no contexto em que foram apresentados, fizeram o jogo dos opressores.

Hoje, é comum encontrar uma ponta de fatalismo em nossa gente que acha natural que uns nasçam ricos e outros nasçam pobres, pois é preciso aceitar a vontade de Deus Nosso Senhor...

Claro que tínhamos gratidão e apoio da parte dos governos e dos ricos, que se beneficiavam com nossa atitude. Em geral, aproveitávamos esse apoio para servir ao povo – o que não obtínhamos na linha dos direitos dos trabalhadores, na linha da justiça, obtínhamos – evidentemente em escala muito reduzida – na linha do paternalismo, da generosidade, na fundação de hospitais, às vezes de escolas, e sempre, de igrejas majestosas... Nossa gente ainda hoje não se incomoda de não ter casa ou de viver em mocambos, indignos da criatura humana, mas quer ver esplendor na Casa de Deus!

## 2.2 – Em parte, responsáveis pelo sincretismo religioso

Com as melhores intenções, forçamos um tanto a conversão dos escravos africanos e dos índios. Ora, muito instintivamente, amavelmente obrigados a ser cristãos, eles iam adorando seus deuses ao venerarem nossos Santos, Nossa Senhora ou o próprio Cristo.

Quando, hoje, celebro a festa da Imaculada Conceição, tenho certeza de que muitos, mas muitos mesmo dos devotos que ali se acham, fazem mistura total de Nossa Senhora, com Iemanjá, Rainha das Águas...

Perdõem um exemplo pessoal: quando estou em casa, ouço vozes chamando: D. Ebe, D. Edes... Seria horrível que eu abrisse a porta e dissesse: “Aqui não mora D. Ebe, nem D. Edes”... Sei que é a mim que procuram e abro a porta e o coração, feliz... Imagine-se como Nossa Senhora sorri, amável, ao ouvir ser chamada de Iemanjá... E a Rainha do Céu é bem a Rainha das Águas...

## 2.3 – Outras faltas poderiam ser lembradas

Em geral, foi pobre o nosso anúncio da palavra de Deus. Que teria acontecido se desde o início falássemos mais claramente aos nossos

ricos, clamando por justiça, defendendo os direitos dos pequenos, dos humildes!?

Os colégios católicos, que hoje preocupam tanto a tantos, não são um mal, pelo fato de serem amplos e modernos. Se falta houve, foi não aproveitar o convívio com os filhos dos privilegiados para abrir os olhos dos privilegiados de amanhã. E, de modo geral, só tivemos para os filhos dos trabalhadores escolas gratuitas, de nível primário, como contrapartida para os pobres.

Outras faltas, das quais buscamos corrigir-nos hoje? Destacamos ainda duas:

- Um clericalismo bem acentuado, no sentido de que, de modo geral, faltou ao leigo o reconhecimento efetivo do lugar que é dele, da missão que lhe cabe... O movimento litúrgico, o movimento bíblico, a pregação por um mundo melhor e, sobretudo, a ação católica, e especialmente a ação católica especializada nos prepararam, providencialmente, para as colocações felicíssimas do Vaticano II sobre o Povo de Deus e para entender e reconhecer o lugar e a missão reais do leigo na Igreja de Cristo...

Na medida em que tivermos leigos atuando no espírito do Vaticano II e dispusermos de padres felizes em seu sacerdócio ministerial, o fantasma da falta de vocações sacerdotais tenderá a desaparecer, o que, aliás, começa a acontecer...

- De modo geral, quase que até o Vaticano II, marginalizamos bastante nossos irmãos evangélicos. Ou o Catolicismo era religião oficial, ou era a religião da maioria absoluta no Continente “católico”...

Hoje, as cúpulas, em geral, nos entendemos. Entre pastores e os demais agentes de pastoral é possível caminhar juntos, trabalhar juntos, ecumenicamente. Não raro, de um lado e de outro, nossos fiéis ainda estão cheios dos preconceitos que, durante séculos, alimentamos.

Que tem tudo isto com a pobreza e a miséria? Claro que tem, pois dificulta um trabalho conjunto, claro, firme, contínuo para enfrentar



as estruturas injustas que esmagam mais de 2/3 do povo latino-americano, em imagem impressionante do que se passa com a humanidade inteira.

E como esquecer a responsabilidade tremenda da América Latina que é, dentro do mundo pobre, por excelência, o Continente Cristão!?!...

### III – A POBREZA E A MISÉRIA NO PRESENTE DA AMÉRICA LATINA

#### *1 – Acertos do presente*

A situação de injustiça no mundo e particularmente na América Latina nos foi abrindo os olhos. Ajudaram-nos muitíssimo as Encíclicas dos Papas, que, de Leão XIII ao Santo Padre Paulo VI, se tornaram sempre mais exigentes em matéria de justiça, como condição essencial para uma paz efetiva e duradoura. Não é demais tornar a registrar a ajuda preciosa do Movimento Litúrgico, do Movimento Bíblico, da pregação para um Mundo Melhor e da Ação Católica, especialmente JOC, JAC e seus correspondentes Movimentos de Adultos. Tudo isso nos preparou para participar do milagre do Vaticano II, ajudado poderosamente pelo milagre que foi e continua sendo o Papa João...

E a América Latina viveu o momento alto da Reunião da Hierarquia Latino-Americana, em Medellín. Seria injusto esquecer, no capítulo de preparações, a criação do CELAM, a primeira articulação de uma Hierarquia, em nível continental.

A Reunião de Medellín não podia ser mais oficial. Foi aberta, pessoalmente, pelo Santo Padre, que ao regressar a Roma deixou conosco três representantes pessoais. Do Encontro de Medellín só participaram bispos, ou eleitos por suas respectivas Conferências Episcopais, ou nomeados pelo Papa. As Conclusões foram cuidadosamente estudadas e aprovadas pela Santa Sé.

Para ir a pontos essenciais ligados ao nosso tema de Pobreza e de Miséria, destacamos três Conclusões-chave:

- A denúncia da presença no Continente do pior dos colonialismos, o colonialismo interno: ricos dos nossos próprios países mantendo a riqueza à custa do esmagamento

dos próprios concidadãos, mantidos aos milhões, no Continente, em condição subumana.

- A denúncia de que injustiças no Continente não eram apenas eventuais e passageiras: as injustiças estão estratificadas em estruturas de opressão, que urge resolver, de modo pacífico, mas decidido e firme.
- A decisão de bater-nos por uma educação libertadora. Libertadora de quê? Do pecado e das conseqüências do egoísmo. Sentimos ao vivo a importância e urgência, de não parar na conversação individual, mas atingir as estruturas injustas que são verdadeiros pecados...

Claro que o Espírito de Deus – presente, presentíssimo no Encontro de Medellín – tem trabalhado no pós-Medellín. Basta citar duas realidades que, em nosso Continente, de modo geral, têm conotações positivas e representam linhas de grande esperança para a Igreja de Cristo em nosso tempo e em nosso meio: aludimos às Comunidades de Base e à Teologia da Libertação, tais como são vividas aqui, em nossa realidade latino-americana.

## *2 – Falhas graves do presente, das quais urge nos libertemos*

Do ponto de vista da libertação da pobreza e da miséria na América Latina, a falha mais grave do presente, da qual urge que nos libertemos é a tentação de abandonar Medellín.

O que se passou no pós-Medellín? Claro que a reação dos poderosos era mais do que infalível. Se a Igreja passou de uma posição de suporte da chamada Ordem Social – carregada de injustiças que esmagam mais de 2/3 da humanidade, para a denúncia do Colonialismo interno, de denúncia de estruturas de opressão e do compromisso com uma educação libertadora, seria ingênuo espantar-nos com a reação dos privilegiados.

A surpresa foi a inteligência da reação. Eles não combatem a Igreja, o Vaticano II ou o Encontro de Medellín. Ao contrário, eles se apresentam como os defensores da civilização cristã. Eles denunciam uma gravíssima infiltração marxista na Igreja, inclusive no Clero e no Episcopado. Eles denunciam uma leitura marxista do Vaticano II e de Medellín.

Colocada nestes termos a reação, ela tem encontrado eco no seio da Igreja da América Latina, Igreja entendida no caso, sobretudo, como Episcopado, grupos privilegiados e começo de classe média...

As conseqüências mais terríveis do recuo em face de Medellín se passam com a juventude em geral e, em particular, com os pastores e agentes de pastoral. Se a juventude se convencer de que a Igreja é mestra em chegar a grandes textos e belas conclusões, mas que, depois, lhe falta coragem de viver seus próprios textos e suas próprias conclusões, a juventude nos dará as costas e partirá para a violência ou para o cinismo...

#### IV – SINAIS DE DEUS, À LUZ DA EUCARISTIA

Enquanto se preparava o 41º Congresso Eucarístico Internacional, a América Latina recebeu poderosos incentivos da Igreja de Cristo que se acha nos USA. Impressionaram-nos, vivamente, os seis Congressos Regionais, promovidos pela vossa Conferência de Bispos em torno do *slogan* oportuníssimo: “Liberdade e Justiça para todos”. E sabemos que os seis Congressos Regionais preparam um Congresso Nacional que bem mereceria ser Congresso das Américas. Impressionou-nos vivamente a Carta de Apalachia, modelo de denúncia de um pedaço do Terceiro Mundo dentro dos USA. E a carta de Apalachia provavelmente será seguida por denúncias semelhantes de outras áreas de pobreza dentro do país mais rico do mundo...

Impressionou-nos vivamente que, em pleno Congresso Eucarístico Internacional, haja o exemplo de estudar, a propósito do pão da vida, não só a fome mundial, mas as raízes da fome e da miséria, no estudo da falta de justiça e liberdade...

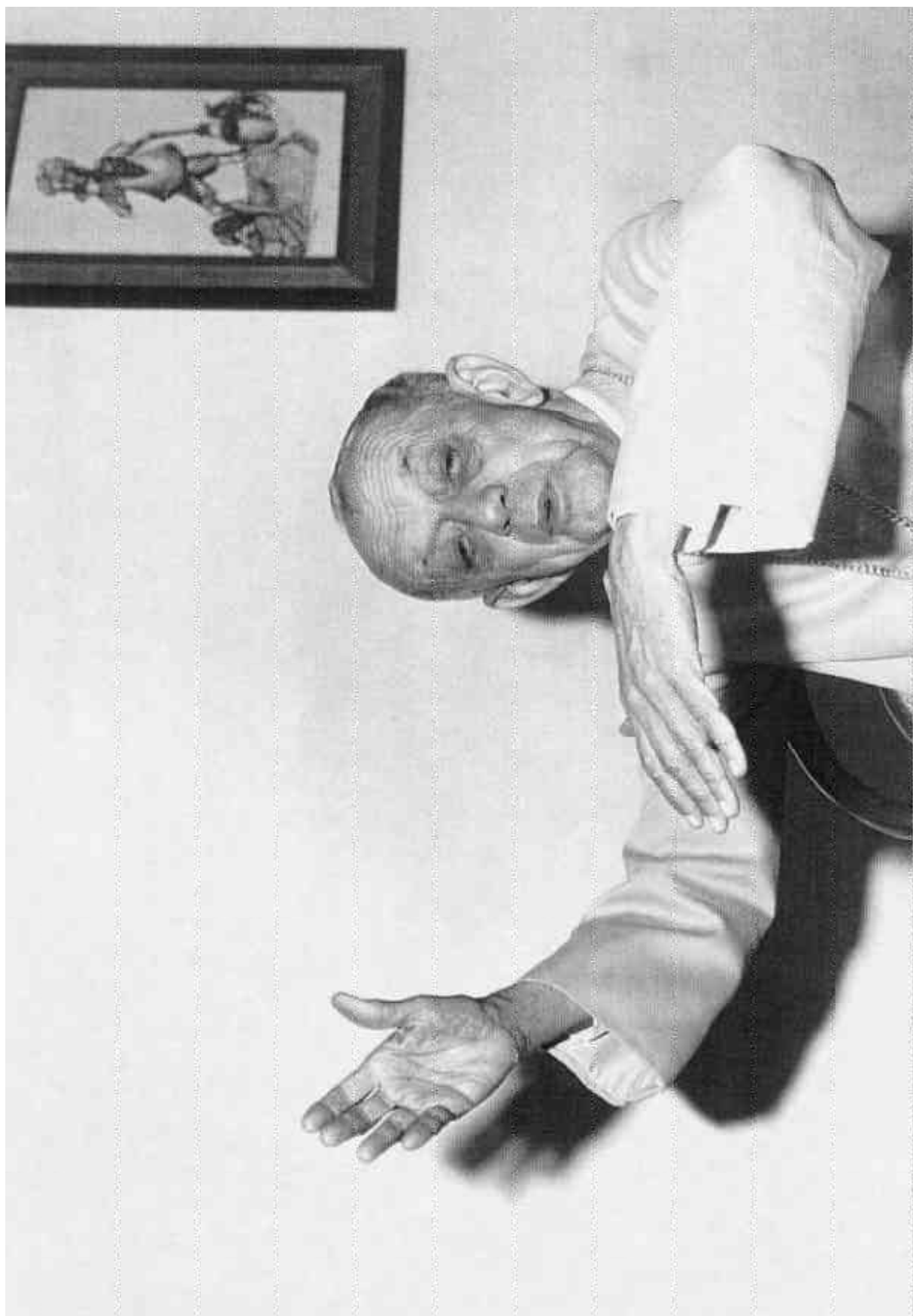
Enquanto se preparava o vosso e nosso Congresso Eucarístico Internacional, o CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) reuniu, em Bogotá, um grupo de bispos para estudar a retomada de Medellín... Nada de atemorizar-nos diante da acusação cavilosa de leitura marxista do Vaticano II e de Medellín. Não precisa de marxismo quem tem o Evangelho, o Vaticano II e Medellín. Não precisa de marxismo quem tem Jesus Cristo!

Que o Espírito Santo inspire e fortaleça a Igreja latino-americana, não só para a retomada de Medellín, mas para a sua atualização... Oito

anos hoje, com a aceleração da História, valem oitenta! No após-Medellín como fatos mais graves afetando a pobreza e a miséria, basta assinalar a presença sempre mais forte das multinacionais, agravando o colonialismo interno, e o surgimento, em nível continental, de um neonazismo, a pretexto de segurança nacional e de combate ao comunismo.

Deus exalta os humildes e despede os ricos, de mãos vazias, como conta Nossa Senhora em seu *Magnificat*. Quem sabe, a retomada de Medellín, para o qual vosso exemplo tanto influiu, encorajará uma retomada do Vaticano II? Quem sabe, para a marcha da justiça e da liberdade, o estímulo para a Pontifícia Comissão Justiça e Paz partirá de nossas Comissões Nacionais de Justiça e Paz, que já estão revelando coragem e desassombro, mas ainda têm muito que caminhar!

Quem sabe, a Igreja de Cristo vai aceitar, feliz, viver a pobreza que o Espírito de Deus lhe pede nos nossos dias: de perder prestígio junto aos poderosos e de viver a 8ª Bem-aventurança, sofrer pelo amor da justiça e da paz!



.....

*Solene concelebração comemorativa  
dos 1.500 anos da morte de São Bento*

**M**eus queridos irmãos:

O simples fato de sermos convidados a festejar 15 séculos do nascimento de São Bento, nascimento para a eternidade, já nos dá a medida do Gigante, em face de quem todos nos sentimos pigmeus.

Mas seríamos indignos de pronunciar o nome de Bento, se nos perdêssemos em elogios vazios a quem já foi glorificado pelo próprio Deus.

Sem dúvida o que São Bento espera de nós não é que nos amarremos ao que ele disse e ao que ele fez: o que o Santo deseja é que tentemos, com a graça divina, dizer, hoje, o que hoje ele diria, e a tentar fazer, hoje, o que ele hoje tentaria fazer.

Pode ajudar-nos nesta difícilima e necessária reflexão o que disse sobre o nosso Santo, o Santo Padre Paulo VI ao proclamar, em 1964, Bento, “Padroeiro da Europa”. Disse então o Sumo Pontífice:

“Artesão da unidade, mestre da civilização, antes de tudo Arauto de Cristo e fundador da vida monástica no Ocidente, Bento, com seus filhos, trouxe o progresso cristão à Europa pela cruz, o livro e o arado.”

Homem de Deus, que és Bento pela graça e pelo nome, os teus mil e quinhentos anos de chegada à Casa do Pai nos lembram, ao vivo, que,

dentro de 20 anos, a humanidade estará sendo convidada, pelos Cristãos, a comemorar o Ano 2000, isto é, a comemorar o 2º milênio do nascimento de Cristo, o nosso Mestre e Salvador.

À luz do Ano 2000, que se aproxima, rápido, cada palavra de Paulo VI, ao proclamar-te “Padroeiro da Europa”, transforma-se em grave motivo de meditação, para todos nós, herdeiros de teu nome e teus seguidores...

Arauto de unidade? Sim, a exemplo de Cristo que tanto anseia para que sejamos *um*, como Ele e o Pai são *um*!

Pobre unidade, fragmentada em vários mundos: o 1º, o 2º, o nosso Terceiro Mundo, e até o 4º Mundo!...

Pobre unidade, sacudida e quebrada, pela violência, pelo ódio, pela fabricação de uma 3ª guerra mundial, com o triste privilégio de poder ser a última porque superpotências rivais possuem mais 30 vezes o necessário para liquidar a vida na face da Terra.

Pobre unidade, rompida até em âmbito pessoal, pois se torna raro encontrar pessoas humanas, unas, indivisas, não-fragmentadas...

Mestre da Civilização! Mas, São Bento, à luz da eternidade, junto ao Pai, tu sabes como são tristemente verdadeiras as duríssimas reservas que os mais lúcidos europeus de hoje fazem à civilização que a tua Europa procurou e procura levar ao mundo, que ela, Europa, considerava e considera não-civilizado.

Vale a pena que tenhamos a coragem cristã de recordar três dos principais movimentos de tua Europa para tentar implantar sua própria chamada Civilização, aos que ontem eram tidos como índios e selvagens, e, hoje, são tidos como subdesenvolvidos.

No tempo das chamadas descobertas, o europeu, o ocidental, o branco, o civilizado, o cristão considerava que somente após sua chegada, os povos começavam a existir.

Quem diz, por exemplo, que o Brasil existia antes de 1500?... Para todos os efeitos o Brasil começou a existir com a chegada de Pedro Álvares Cabral e sua tropa de dominação, e com a 1ª Missa, celebrada por Frei Henrique, de Coimbra.

À luz da eternidade, tu sabes, São Bento, o que fizeram os descobridores cristãos, civilizados, brancos, ocidentais, europeus... Em nos-

sa América Latina, fala-se no esmagamento das civilizações dos Maias e dos Astecas. Mas de perto de Deus tu sabes que é uma tristíssima expansão civilizatória esmagar mesmo a mais rudimentar cultura humana...

No nosso Brasil, quantos índios havia na hora da chamada descoberta e a que se reduzem hoje os primitivos donos de nossa terra, ainda hoje e sempre, acusados, perseguidos em nome da civilização, que hoje se chama desenvolvimento!?!...

Uma 2ª grande onda civilizatória se deu, quando teus filhos, países da Europa, partiram para colonizar a África e a Ásia. Foi triste o balanço do colonialismo europeu. E, de novo, a pretexto de expansão da fé, os missionários chegaram com as tropas de colonização.

Terceira grande onda civilizatória ocorre agora a pretexto de ajuda ao desenvolvimento. Mais uma vez, os povos de cor, julgados pelos índices dos brancos, são tidos como atrasados e incapazes de caminhar sem a ajuda.

Mas o que não se diz é que o atraso e a incapacidade de caminhar sozinhos não vêm, de modo algum, de inferioridade racial dos pretos, amarelos, morenos e mulatos... Mais de 2/3 da humanidade se acham em condição subumana, de miséria e de fome, em consequência de tremendas injustiças na política internacional do comércio por parte dos brancos e civilizados.

Que Civilização é esta que nos querem trazer, que desenvolvimento é este que nos querem praticamente impor, se a consequência é a redução a uma situação abaixo de humana de milhões de filhos de Deus!?!...

Que desenvolvimento é este em que uma sociedade de consumo, que mais merece o nome de sociedade do desperdício, arrasa com nossas matérias-primas, devasta nossas florestas, polui os nossos rios, envenenando as águas, matando os peixes, reduzindo os moradores a uma subvida?

Paulo VI proclamou e nós o reconhecemos que mais, muito mais do que Mestre da Civilização, és e desejas continuar sendo, através dos teus filhos, Arauto de Cristo, desejoso de obter para a Europa, e certamente para todo o Mundo, progresso, sim, mas progresso humano e cristão.

Sabemos, Pai, São Bento, que em tua regra de ontem, síntese de toda a experiência monástica do Ocidente de teu tempo, havia, há, e



haverá profundas lições de vida. Mas cabe a teus filhos, a responsabilidade de, à luz da regra de ontem, descobrir novas pistas para os tempos novos.

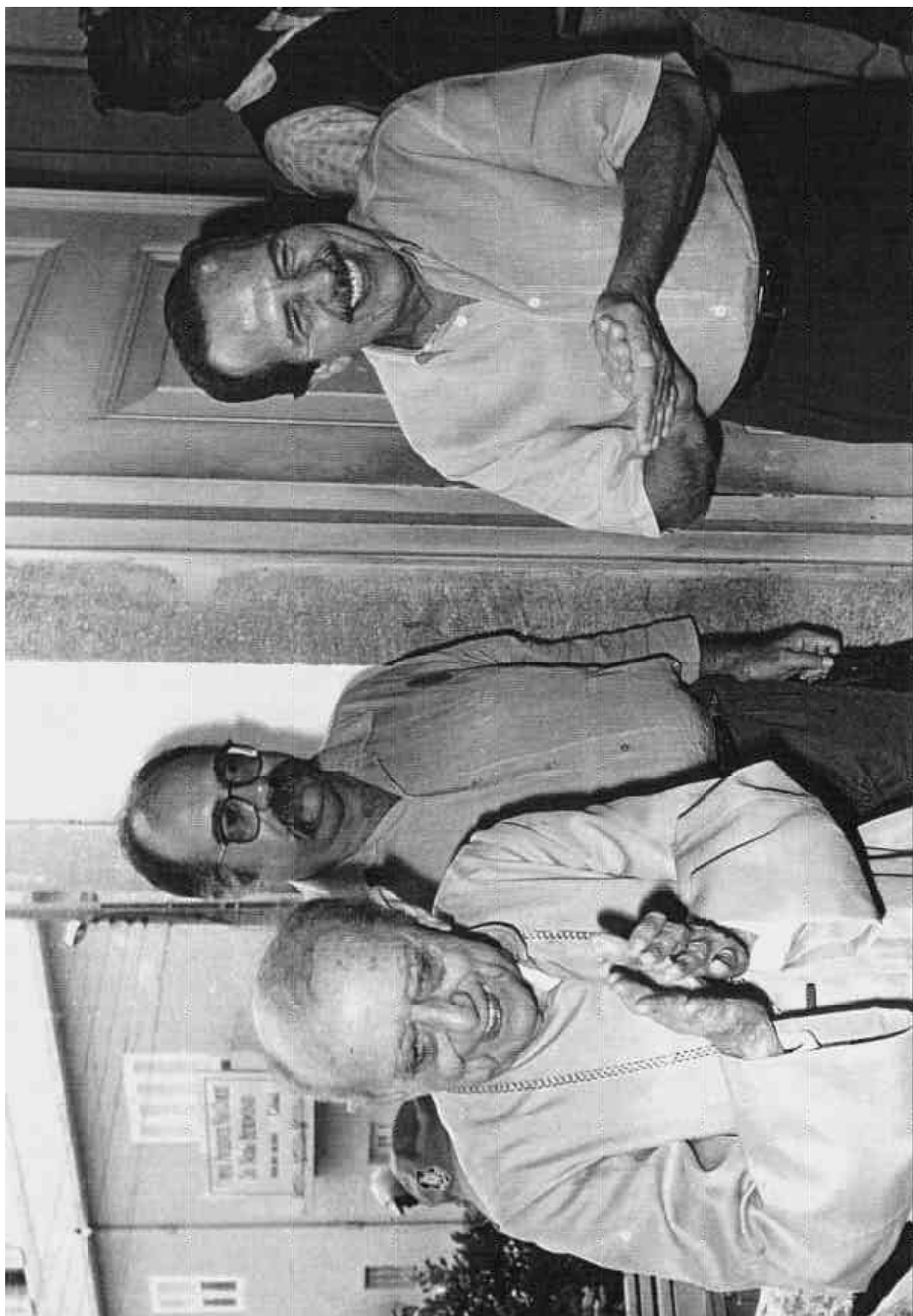
Se, essencialmente, o homem é o mesmo através dos séculos, não seria honesto imaginar que, em 1.500 anos, tudo continua inalterável...

Daí, a confiança fraterna de festejar os 15 séculos de teu nascimento para a eternidade, levantando perguntas cujas respostas seriam mais do que comemoração feliz dos 1.500 anos de tua liderança, mas abençoada preparação para o Ano 2000:

- São Bento, no teu tempo de monges giróvagos e de bárbaros invasores e nômades, a estabilidade te pareceu fundamental para os teus monges. Até que ponto este carisma de tua Ordem tem servido de pretexto para um excesso de enraizamento no efêmero, mesmo quando apenas restam heranças dos tempos difíceis de Abades-Príncipes e de Bispos-Príncipes? Como teus filhos, que moram cercados de mais de 2/3 de gente sofrida, em plena instabilidade, devem interpretar e viver o indispensável voto de estabilidade?
- Sempre interpretaste o silêncio como oportunidade de ouvir o próximo, como abertura para o irmão. Hoje que o clamor surdo dos sem-vez e sem-voz só pode ser captado por quem, evangelicamente, tem olhos de ver e ouvidos de ouvir, que devem fazer teus filhos? Apenas realmente abrir ouvidos e coração? É Cristo ou não é Cristo que nossos olhos descobrem vivo, nos irmãos despejados de suas terras, de suas casas, varridos para sempre mais longe? Cristo se fez nosso irmão para ensinar-nos que Deus, acima de tudo, quer ser Pai, mas Pai de todos, e não Pai de um pequeno grupo privilegiado, e Padrasto de mais de 2/3 da humanidade? Cristo disse que veio a este mundo para que todos tenham vida e vida em abundância... Vamos deixar que chegue o Ano 2000 com um pequeno grupo levando uma supervida, enquanto milhões e milhões de filhos de Deus, levam uma subvida?

Que o Espírito Divino sobre as perguntas que mais urgentes te pareçam e cujas respostas, não só em palavras, mas em atos, seriam o melhor presente que desejarias em teu Jubileu...

Ajuda-nos, Pai, São Bento, de modo especial, a transformar o Ofício Divino não apenas em louvor a Deus, com esquecimento dos irmãos, em u'a mal-entendida prioridade do espiritual. Que para os teus filhos – e todos queremos ser teus filhos – amor a Deus e amor ao próximo sejam, sempre mais, um só e grande amor e que o mergulho na Santa Missa, sendo e continuando a ser o ponto máximo do nosso dia, que o mergulho na Santa Missa nos ajude, sempre mais, a passar do Santíssimo Sacramento para a Eucarístia do Pobre: miséria escondendo a presença real de Jesus Cristo.



.....

*Educação libertadora na América Latina*

I – OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

**1**

- Deus me permite a alegria de pagar uma velha dívida para com o Panamá e para com o seu Arcebispo, o meu querido irmão, Monsenhor Marcos Mc Grath. E permite-me pagar minha dívida, em circunstância feliz: por ocasião do 2º Congresso Nacional de Educadores Católicos do Panamá, e tratando de um tema apaixonante e oportuníssimo: “Educação Libertadora na América Latina”.
- 2 – Não faltará quem pense que falar em “educação libertadora na América Latina” é tema infeliz:
  - Primeiro, porque não há escravidão em nossos países: nosso Continente é inteiramente livre. Falar em educação libertadora, para alguns, chega a ser um insulto à memória daqueles que lutaram pela independência de nossos países.
  - Segundo, é tema infeliz porque dar a entender que há escravidão em nosso Continente, é denegrir nossos países, o que é atitude de quem deseja criar confusão, provocar ódio, promover luta de classes.

- Terceiro, de qualquer modo não é tema que caiba em um Congresso Católico de Educadores, porque libertação para nós é libertação do pecado, e, do pecado, estamos salvos pela morte e ressurreição do nosso Salvador, Jesus Cristo.
- 3 – Acontece que falar em “educação libertadora na América Latina”:
- É honrar os que trabalharam e lutaram por nossa independência política, tentando completá-la com a indispensável independência econômica e independência cultural, e complementar a própria independência política, não raro existente apenas de nome e externamente, mas bastante comprometida em profundidade.
  - Falar em educação libertadora só parecerá desejo de criar confusão, provocar ódio, promover luta de classe, para quem teme enfrentar a realidade, e tem interesse em manter tristíssimas dominações, que estas, sim, são criadoras de perigosas situações para amanhã.
  - Falar em educação libertadora só parecerá desejo de criar confusão, provocar ódio, promover luta de classe, para quem teme enfrentar a realidade, e tem interesse em manter tristíssima dominações, que estas, sim, são criadoras de perigosas situações para amanhã.
  - Falar em educação libertadora só parecerá assunto fora de preocupação dos educadores católicos para quem pára nos pecados individuais e na conversão pessoal. Ora, a Igreja sente, sempre mais, a necessidade de completar a visão dos pecados individuais, com a visão dos pecados sociais, o que exige que a indispensável conversão pessoal, seja completada com a também indispensável conversão social.

## II – PENSANDO ALTO, DIANTE DE IRMÃOS

- 1 – Quando as Nações Unidas proclamam, oficialmente, que mais de 2/3 da humanidade se acham em situação

subumana de miséria e de fome, a afirmação pode parecer exagerada e demagógica para quem nasceu e vive em país rico, e viaja, através de agências de turismo, especialista em mostrar o que convêm mostrar, e em esconder, cuidadosamente, o que o turista não deve ver.

- 2 – Na América Latina, todo educador, de verdade, deve ter olhos de ver e ouvidos de ouvir, capazes de descobrir:
  - Que a afirmação das Nações Unidas, em nossos países, é visível e tangível, não faltando mesmo áreas de miséria absoluta, como o próprio Banco Mundial reconhece.
- 3 – Na América Latina, os educadores sabemos:
  - Que existia e existe, em nossos países, o mais triste dos colonialismos, o colonialismo interno: ricos dos nossos países que mantêm a própria riqueza à custa de seus próprios concidadãos, que da condição de pobreza, caem, não raro, na condição de miséria.
- 4 – Na América Latina os educadores facilmente percebemos:
  - Que as poderosíssimas multinacionais encontram, em nossos países, aliados naturais no colonialismo interno, o que agrava ainda mais e torna ainda mais precária a situação das massas, mantidas em condição de miséria e de fome.

Dizer que as multinacionais vêm trazer, para nossos países, tecnologia avançada, moeda forte e empregos, só convence mesmo a quem é envolvido pelo poderio econômico, habilíssimo em criar alianças na área militar, nos grandes meios de comunicação social, nos centros universitários, e, por vezes, nas próprias áreas eclesiais.

As multinacionais, com o avanço tecnológico, aparentemente criando empregos, aumentam o desemprego, promovem deslocamentos terríveis na área rural, suscitam tensões perigosas com pacíficos posseiros de terra, compram ao preço que querem nossas matérias-primas,

esbanjando-as e, não raro, liquidando-as, segundo as exigências da sociedade de consumo.

- 5 – Na América Latina, os educadores sabemos que nossos países só se podem abrir para valores culturais de fora, na medida em que salvamos, cuidadosa e firmemente, o que há de essencial em nossa própria cultura.

Acontece que:

- O rádio, e, sobretudo, a televisão, o cinema e os discos atuam sem o mais leve respeito para com as nossas tradições e os nossos valores. Basta lembrar a discoteca, contra a qual reagem, felizmente, nossas danças típicas, como, por exemplo, no Brasil, o samba, o frevo, o forró, o xaxado.
- No campo alimentício, para citar um exemplo entre vários, a soja nos está sendo impingida, com total desrespeito para com nossa dieta tradicional.
- No setor familiar, aí estão o divórcio, o derrame de anticoncepcionais, as drogas, a permissividade sexual e a esterilização em massa de mulheres pobres... Esta medida de esterilização maciça de mulheres pobres traduz o pavor da minoria, que não chega a um terço da humanidade, em face do crescimento das massas, mantidas na miséria, que é a violência mãe de todas as violências.

### III – E ENTÃO O QUE FAZER?

#### *1 – Educação dos Oprimidos*

- Indispensável e urgentíssimo educar os adultos oprimidos. Nosso povo oprimido, nossa gente sofrida costuma cantar:

“Eu acredito que o mundo será melhor  
quando o menor que padece  
acreditar no menor...”

“Menor”, no caso, é o pequeno, o pobre, o oprimido. Durante séculos, os oprimidos corriam para o rico, para o patrão, para o opressor...

Claro que o patrão protegia: permitia que os pobres morassem nas suas terras (quase sempre se tratava de licença de poder continuar morando, porque lá já moravam, muito antes de a terra ser *comprada pelo rico*).

O rico permitia que, em troca de um trabalho pago de maneira vil e sem garantia social, o pobre pudesse ter uma pequena lavoura de subsistência. Hoje é sempre mais forte a tensão entre o proprietário e os posseiros...

O rico acudia os moradores de suas terras, transportando doentes para o hospital... Sacramentava esta aliança escravagista sendo padrinho dos filhos dos moradores e promovendo missas na capela do latifúndio, ao menos na festa do padroeiro...

Hoje os oprimidos aprendem que só com oprimidos se podem aliar de maneira válida.

- Não há sub-homens, como não há super-homens.

Os grandes imaginam (ou têm conveniência de imaginar) que quem não sabe ler, nem escrever, não é capaz de pensar. Em geral, os governos nem admitem votos de analfabetos. Daí a preocupação de políticas em fazer ensinar a “ferrar” o nome. Os patrões permitiam porque morador votava, cegamente, em quem os patrões bem queriam.

Não há sub-homens nas áreas subumanas, como não há super-homens nas áreas ricas.

- Trabalhar *para* o povo e trabalhar *com* o povo.

Uma das grandes descobertas que o Espírito de Deus soprou a quantos nos ocupamos com nossos irmãos é a diferença que parece pequena e é enorme, entre apenas trabalhar *para* o povo e trabalhar *com* o povo.

O bom é responder, de verdade e para valer, quando o povo vem perguntar o que deve fazer:

“Vocês pensam que estamos aqui (ou moramos aqui!) para pensar e falar no lugar de vocês?... Vocês têm cabeça para pensar e boca para falar”...



A reação vem rápida. O povo tem sofrido tanto que acha que se se meter a pensar e a falar será esmagado. E vem a grande novidade:

“Vocês serão esmagados se falarem isolados. Se vocês se unirem não para pisar direitos de ninguém, mas para não permitir que ninguém venha pisar direitos de vocês, vocês serão uma força invencível. Os direitos de vocês não são presentes do governo ou dos patrões, são oferta do Criador e Pai, presente de Deus”...

É urgente tirar da cabeça do povo o *slogan* egoísta:

“Cada um por si e Deus por todos”. Deus não vai ajudar egoístas. O verdadeiro lema é:

“Cada um por todos e todos por um”...

- Carisma e formação

Claro que nem todo mundo tem carisma para trabalhar com o povo, sobretudo quando se trata – como é o ideal – de participar da falta de segurança dos oprimidos, morando com eles...

Mas, há quem tenha este carisma. Mesmo assim é indispensável formação, sendo ponto básico saber que seria um desastre ter vaidade do próprio carisma, considerando-se maior e melhor de quem continua em outras atividades ou apenas trabalhando para o povo.

São Paulo já alertou para a luta inglória e infeliz em torno de carismas. Maior, só a caridade, entendida como amor...

- Não-violência ativa

Chegamos a um ponto essencialíssimo, um verdadeiro divisor de águas. Respeitando em absoluto a posição de quem pensa de modo diferente, estou profundamente convicto:

- de que ódio nada constrói;
- de que violência atrai violência;

– de que guerra de libertação contra o império que domina, supõe aliança com o império contrário. E não há império que ajude, sem fincar o pé.

A não-violência ativa é humilde, nada espetacular, é demorada, mas é o único caminho verdadeiramente libertador.

- **Mística a alimentar**

É fácil soprar violência, sobretudo para quem sopra e, quase sempre, tem meios de escapar na hora grave, deixando o povo ser apanhado sozinho...

A não-violência ativa supõe (sem imposição de religião a ninguém) o alimento e o aprofundamento da mística religiosa, para a qual a religiosidade preparada já está preparada.

- **E educação dos jovens e das crianças?**

Continuamos a falar em educação dos oprimidos. Claro que é indispensável, ao lado do trabalho com os adultos (dando o lugar necessário à mulher e não só ao homem), o trabalho com os jovens e com as crianças.

Se os jovens não se convencerem de que há um futuro, uma libertação, correrão para as enganosas luzes da cidade...

*2 – Sem esperança o trabalho com o meio independente?*

Seria um erro e não seria cristão abandonar os Zaqueus.

Mas na hora das multinacionais, há técnicas especiais para atingir:

- as próprias multinacionais através de “pressões morais liberadoras”;
- chefes de empresas, desde que se abram, com a graça divina, para a visão de engrenagem em que estão envolvidos; anseiam por mudanças de estruturas humanas e justas, e não apenas por miúdas reformas; compreendam, aceitem e desejem, a conversão social para os pecados sociais!
- Técnicos, desde que se sintam e se saibam criaturas humanas, antes de ser técnicos...

Há um trabalho necessário e perigoso a exercer junto aos jovens do meio independente, nas universidades e até nos colégios. Mas há condições indispensáveis para que este trabalho seja possível e válido.

- As mudanças de estruturas injustas e opressoras serão impraticáveis, sem mudanças correspondentes nos países ricos. Mas o Espírito de Deus está em pleno trabalho e há boas novas a respeito.

### *3 – Responsabilidade máxima dos cristãos*

Religiosas e religiosos (Ordens e Congregações).

Padres e bispos.

Claro que leigos também.

O que a experiência ensina.

Desafio apaixonante: o Ano 2000 à vista.

O Espírito de Deus está pronto, prontíssimo, mas não toma o nosso lugar...

.....

*Projeto-homem: defender a vida, combater a fome*

**C**aríssimos amigos de Bérghamo e todos vós que viestes de outras cidades da caríssima Itália a esta bela cidade do Papa João, grande dom feito por Deus à Igreja!

Querida Madre Teresa, cujo testemunho nos encoraja a continuar nosso trabalho e nossa luta a serviço do homem, que mais sofre!

Que alegria estar aqui convosco neste Dia Mundial das Missões.

Fomos chamados para tomar consciência do Projeto-Homem, que é o projeto de amor, que Deus, Criador e Redentor, sonhou, de toda eternidade, para o homem, para todo homem que vem a este mundo.

Hoje e em todas as partes da Terra, o homem é ameaçado, sofre violência, é condenado à morte ainda antes de nascer, a maior parte dos nossos irmãos sofre fome, miséria e injustiça.

Estamos aqui para defender a vida do homem, desde o primeiro instante de sua geração.

Estamos aqui para renovar o nosso compromisso de lutar com a não-violência ativa dos fortes contra a fome e contra toda injustiça.

Estamos aqui para glorificar a Deus, como Criador e Autor da Vida, e do verdadeiro desenvolvimento.

Que grande dom o Senhor nos faz, tirando-nos do nada e chamando-nos à vida!

Já repararam como o orgulho é atitude sem inteligência? Qualquer um de nós poderia deixar de ter nascido e ninguém daria pela nossa falta, nem saberia nosso nome, nem se lembraria de perguntar por nós...

Sabem quando medi melhor o dom da vida? Eu estava em nossa diocese de Olinda e Recife, acompanhando uma senhora francesa, na visita a uma favela. Em certo momento, nossa visitante disse, em francês: “Mas, quanta miséria!”

Uma senhora da favela, que nos acompanhava, perguntou: “Parece que ela falou em miséria!?” E continuou dizendo: “Da minha parte, eu não me sinto miserável. Moro aqui. Passo fome. Minha casa não merece o nome de casa. Mas eu não troco meus dois olhos por dinheiro nenhum do mundo. O mesmo eu digo dos meus dois ouvidos, do meu nariz, de minha boca, das minhas mãos, dos meus pés, da minha cabeça, do meu coração...”

“E ainda não falei – disse a moradora da favela – ainda não falei na minha fé. Podem juntar todo o ouro da Terra e o dinheiro de todos os bancos que eu não troco por minha fé naquele Pai, e no nosso Salvador Jesus Cristo, e em nossa Mãe, Nossa Senhora!”

– Quando uma Criatura se mata tenho certeza de que, ao menos na hora do suicídio, estava fora de si. Nosso amor à vida é tão instintivo que a criatura que se mata, estava louca de sofrimento e de desespero. Deus há de ter compaixão dos suicidas.

E que pensar de quem tira a vida alheia, de quem mata o próximo?

Cristo ensinou que a gente não pode julgar. Tenho esperança de que o assassino esteja fora de si, movido pelo ódio ou cego pela ambição.

Mas, desde Caim, o Livro Santo nos fala do horror de tirar a vida do próximo...

E que dizer de um filho que mata a própria mãe?... O povo fica tão revoltado, que quer logo linchar aquele que parece um monstro...

E que pensar da mãe que mata o próprio filho e filha inocente, que nem sabe, nem pode defender-se?...

E que pensar de quem ainda quer uma lei para dar cobertura à mãe-assassina, e declarar inocente quem mata o filhinho no próprio seio, antes mesmo de ele chegar a ver a luz do dia...

E pensar, e saber que Jesus Cristo, o Filho de Deus, sem deixar de ser Deus, igual ao Pai e ao Espírito Santo, se fez homem, especialmente para ensinar que Deus, todo-poderoso e cheio de majestade, quer ser Pai, mas quer ser Pai *de todos nós*. Ele, de modo algum, quer ser Pai só de um pequeno grupo, rico e sempre mas rico, e padrasto de mais de 2/3 da humanidade.

Cristo veio para que todos tenham vida e vida em abundância. Para nós, cristãos, só se pode falar em desenvolvimento, quando se trata, como ensinou Paulo VI e ensina o nosso querido João Paulo II, do desenvolvimento do homem todo e de todos os homens... É um absurdo chamar de desenvolvimento o mero crescimento econômico de grupos privilegiados, com esmagamento de milhares e até milhões de concidadãos, mantidos na miséria e na fome, mantidos em condições subumana.

Mas, nós, cristãos, sem esquecer as estruturas pesadas que esmagam milhões de filhos de Deus, somos e devemos ser filhos da esperança!

É verdade que, quando olhamos o mundo, a vinte anos do Ano 2000 do nascimento de Cristo, a impressão que temos é que, para a maior parte da humanidade, ainda é Sexta-Feira Santa.

No fim da tarde de Sexta-Feira Santa, no Calvário, a impressão tremenda era de fracasso total do Mestre. De que tinha adiantado Cristo ter atravessado a vida fazendo o bem, pregado como nunca ninguém pregou, anunciado a boa nova aos padres, se terminara morrendo na cruz entre dois ladrões, e enterrado como um mortal qualquer?...

Engano total! Na madrugada do 3º dia, Cristo, vencendo a morte, ressuscitou, glorioso. E a ressurreição de Cristo é garantia de nossa própria ressurreição. Mais ainda: embora tenhamos certeza de que não temos aqui morada permanente e de que somos todos peregrinos em marcha para a nossa Casa da Eternidade, não estamos dispensados de trabalhar pela paz, o que supõe, necessariamente, trabalhar, de modo pacífico, mas decidi-

do e corajoso para que haja justiça e amor, como caminho indispensável para a paz.

Velemos para que ninguém ouse tentar separar Cristo de sua Igreja.

Nem separar, na Igreja, progressistas e conservadores, verticalistas e horizontalistas...

Cristo disse que o 1º e o maior dos mandamentos é amar a Deus sobre todas as coisas. Mas logo acrescentou que o 2º mandamento, amar o próximo, é igual ao primeiro, amar a Deus.

Sejamos sempre mais apóstolos de Cristo e de sua Igreja.

Sejamos apóstolos da Vida eterna, mas Vida eterna que começa agora e aqui, pois é agora e aqui que construímos a nossa eternidade.

Trabalhemos, sem descanso, para que todos os homens vejamos em Deus um Pai e não um padrasto.

Trabalhemos para que todos tenham vida e vida em abundância, não só na eternidade, mas já começando agora e aqui.

Na América Latina, o povo, confiando em Cristo e em sua igreja, canta:

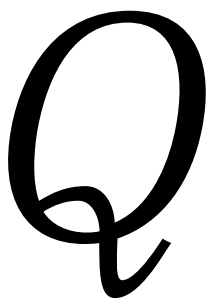
“Queremos terra na Terra!  
Já temos terra no Céu.”

---

---

## *Pedagogia e humanismo*

### I – QUE DIZER À QUERIDA *TURMA JOÃO PAULO II?*



ue mensagem devo trazer, como Paraninfo, de uma Turma que, além de formar-se em pedagogia, assume a responsabilidade muito expressiva de autodenominar-se *Turma João Paulo II?*

Nem vacilo! Convido-vos a meditar, alguns instantes, sobre o desafio do século: como humanizar a criatura humana?... Mais de 2/3 da humanidade vivem em condição subumana, de miséria e de fome, e a parte restante enfrenta o risco de cair em situação desumana, pelo excesso de conforto e de luxo...

Nosso querido Brasil é um triste resumo deste quadro terrível.

Vamos recordar o que se passou e se passa em nossa terra, sem esquecer de que ela é bem u'a miniatura da situação mundial.

### II – ESBOÇO DA SITUAÇÃO NACIONAL, RESUMO DA MUNDIAL

Aqui, como em todo o Terceiro Mundo, embora em nossa terra vivessem milhares de índios, de várias tribos, só começamos, oficialmente, a existir em 1500, quando chegaram os ocidentais, brancos e cristãos. Chegaram para dominar. Gente de cor não era bem gente: discutia-se até se índio e negro tinham alma.



Os índios, ou se deixaram dominar e batizar, ou tiveram que fugir. Ainda hoje, tremendamente dizimados, continuam fugindo. Oficialmente, são menores. E um resto de terra que lhes era reservado (e terra para eles, onde viver, correr, conviver, é essencial como o ar, como a luz, como a água), o resto do resto de suas terras que eram o país inteiro, tem os dias mais do que contados.

Quando sentiu que índio escravizado não rende nada e morre, o dominador abriu o capítulo vergonhosíssimo da escravidão africana. Ainda bem que Castro Alves immortalizou a tragédia sacriliga do *Navio Negreiro*.

Por mais que nos falem em mãe preta, o que dá uma amostra do que era a escravidão que se arrastou até 1888, é a fuga para os quilombos, com a figura imortal do Zumbi. E o sincretismo religioso, de que são testemunho os terreiros, atesta em que dá pretender impor religião, como se Deus aceitasse um culto arrancado à força.

Depois de 13 de maio de 1888, o colonialismo interno estava firmado: é exercido por um pequeno grupo de ricos do nosso País, que só sabe lidar com escravos, ontem africanos, hoje brasileiros; ontem na agricultura, hoje no que resta de agricultura e no que despontou como indústria...

E a escravidão não oficial mas plenamente herdeira da senzala, e da condição subumana de miséria e de fome, só se fez e se faz agravar com a aliança natural entre as multinacionais, que vêm liquidar nossas matérias-primas e os que viviam e vivem o colonialismo interno. Eles nem chegam a 10% dos brasileiros, mas criam a ilusão de um Brasil, 8º país do mundo em grandeza do Produto Bruto Nacional, apesar da inflação de mais de 110% e da dívida externa que ultrapassa os 50 bilhões de dólares.

Meus queridos afilhados! Se insisto em recordar-vos este quadro é, de um lado, porque ele resume a situação geral do mundo dos nossos dias; de outro lado, porque aí está uma síntese do desafio que tereis diante de vós:

- ou ireis encontrar, sobretudo em colégios particulares, os filhos das classes A e B, necessitados de ajuda, fraterna, mas decidida e corajosa, uma tentativa de humanizar os rebentos e herdeiros de pessoas quem sabe até de boa vontade, mas

presas ao sistema, ligadas à engrenagem do consumismo, sem meios ou sem ânimo de dele arrancar-se...

- ou ireis encontrar rebentos da grande massa, mergulhada em condição subumana, de miséria e de fome, mas em nada sub-homens: oprimidos, pisados, mas homens, filhos de Deus. O desafio para vós, no caso, é ajudar a criar condições de não-violência ativa, aptas a mudar as estruturas injustas e desumanas que só não criam sub-homens, por milagres de Deus.

### III – PROVOCAÇÃO AMÁVEL E FRATERNA

Que podeis e deveis fazer?... Tenho tanta confiança na juventude, tenho tanta certeza de que Deus vos ajudará a concretizar o que os adultos mal chegamos a entrever, que até me acanho de sugerir-vos um plano de ação.

#### *1 – Começando pelo mais simples*

De saída, unindo-vos a inúmeras pessoas de boa vontade que apenas esperam quem as provoque, amavelmente:

- Tentai promover um clamor nacional para uma reformulação, em profundidade, do Orçamento Geral da República, pon-do fim à vergonha de verbas ridículas para a educação, a saúde e a agricultura...

Basta dizer que eu me acanho de lembrar, aqui, a porcentagem que cabe à educação na distribuição geral do dinheiro público do País.

- Tentai levar o País a aprofundar as falhas fundamentais desta outra vergonha nacional que é o vestibular para o ensino superior, vestibular transformado em batalha campal, em que, por exemplo, em Pernambuco, 9 mil têm que jogar 41 mil na água.

Como induzir a reavaliar a importância muito relativa de um canudo, que nem é garantia de emprego certo...

Como valorizar técnicas elementares, de cuja inexistência o País tanto se ressentir?...

- Tentai uma luta pacífica para obter a aparente impossível brecha nos grandes meios de comunicação social, particularmente a TV, força vital para as multinacionais, que são as modernas donas do mundo...

Há meios pobres de atingir a opinião pública e de atuar, de cheio, sobre a imprensa escrita e falada. Há meios pobres de sensibilizar as pessoas de boa vontade, que são muito mais numerosas do que se imagina!... Há milhares e milhares de pessoas, cansadas de ver como se manipula a consciência humana... A TV, entre nós, na visita do Papa, provou que força imensa pra o bem ela pode ser... E muitos olhos se abriram para a exploração do ódio, da violência, do amoralismo, tudo para neutralizar e facilitar que se compre aquilo de que a gente não precisa, aquilo que a gente nem pode comprar, aquilo que a gente sabe que é matéria-prima nossa, esbanjada pela sociedade de consumo que é um sociedade de sangria de nossos valores materiais e morais, e de total desrespeito os nossos valores culturais.

Quereis saber que meios pobres são estes de atingir a opinião pública? Mestre nisto é o próprio povo.

Se tiverdes ouvidos para ouvir o povo, completareis o que apreendestes em vossa universidade com o que vós resta aprender na Universidade da Vida.

## *2 – Indo ao essencial*

Facilmente, continuareis a lista de iniciativas aqui iniciadas.

Mas para serdes dignos de adotar como Patrono o querido João de Deus, permiti que eu vos sobre ainda:

- educação, saúde e agricultura são problemas globais. Impossível enfrentá-los apenas com retoques. É indispensável chegar à mudança pacífica, mas decidida, corajosa, das estruturas injustas, que esmagam mais de 2/3 dos nossos concidadãos, como esmagam mais de 2/3 da humanidade.

O povo está muito mais longe do que os governos e tem pistas preciosas para técnicos de espírito aberto para os grandes problemas humanos.

Procurai medir todo o alcance do canto do povo:

“Eu acredito  
que o mundo será melhor,  
quando o menor que padece  
acreditar no menor.”

O povo está sabendo que os direitos humanos foram proclamados pelas Nações Unidas, mas são criação de Deus, que os inscreveu em nossa carne e em nosso espírito.

O povo sabe que forças humanas podem pisar estes direitos, mas que não existe força humana capaz de aboli-los.

O povo sabe que é loucura querer enfrentar, com violência e com armas, seus professores, e está decidido a não aceitar provocações.

O povo sabe que sua arma é sua união pacífica, não para pisar direitos de outros, mas para não permitir que ninguém venha pisar direitos que ele não recebeu de governos, nem de ricos, mas do próprio Criador e Pai.

O povo sabe que o povo unido é Deus com o povo. Vamos completar nossa independência política, com nossa independência econômica e nossa independência cultural.

O Brasil não é maior, nem melhor que nenhum país de nosso Continente, como a América Latina não é maior, nem melhor do que a África e a Ásia, nossas irmãs de luta pacífica para nossa libertação e nossa plena realização humana.

Mas o Continente Latino-Americano tem responsabilidades graves dentro do Terceiro Mundo, por ter praticamente a mesma língua, e o mesmo profundo sentimento cristão, e mais de século e meio de experiência de independência política sem independência cultural e econômica.

Sereis plenamente pedagogos e honrarei, de verdade, o vosso Patrono, o nosso querido João de Deus, se encorajardes o Brasil a ajudar a América Latina a dar o exemplo de uma autêntica integração, sem imperialismos de fora, nem imperialismos de dentro.

E isto não para formar um novo bloco econômico, mas para tornar viável o diálogo norte-sul, de que tanto se fala e que, por enquanto, não passa de um diálogo de surdos...

Se perguntardes Àquele que deu o nome à vossa Turma onde beber força para trabalhos tão largos, tão difíceis e tão facilmente mal-interpretados, João Paulo II vos dirá:

- Embebei-vos da mais audaciosa e verdadeira visão do homem, a cristã. Ela ensina que o homem participa da inteligência divina e do poder criador de Deus. Ela ensina que o homem, continuando a ser criatura, foi chamado por Deus a ser co-Criador, encarregado de dominar a natureza e completar a criação.

A visão cristã do homem ensina que Cristo, sem deixar de ser o Filho de Deus, se fez Homem, é o Homem-Deus, Salvador e Irmão dos Homens.

Quando a escuridão torna difícil até um passo, Cristo é o Caminho. Quando as ideologias se multiplicam ao máximo e os erros pululam, Cristo é a Verdade. Na luta pacífica para que todos tenham vida e vida em abundância, Cristo é a Vida.

---

Discurso proferido como Parainfo dos Formandos de 1980, do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Pernambuco, no Auditório da Sudene, Recife, em 23-1-81.

.....

*O Ano 2000: desafio tremendo*

I – O QUE SIGNIFICA A DATA DE HOJE?

**P**rimero de abril de 1981 significa que estamos vivendo 1.981 anos depois do nascimento de Cristo. Mais dezenove anos e os cristãos convidarão o mundo para comemorar o segundo milênio do nascimento de Cristo.

Os cristãos das diferentes denominações estamos preparados para este acontecimento? Temos razões para alegria ou para grandes preocupações? Como usar o Ano 2000 como um tremendo e, ao mesmo tempo, maravilhoso desafio?

II – O ESSENCIAL DA MENSAGEM DE CRISTO

Quando perguntaram a Cristo qual era o maior dos Mandamentos, Cristo disse: “O primeiro e maior dos Mandamentos é amar a Deus de todo o coração, com todas as forças, com toda a alma.” Mas, imediatamente, acrescentou: “Mas há outro Mandamento, igual ao primeiro: amar o próximo. Estes dois mandamentos resumem toda a lei e as mensagens dos Profetas.”

Quando tentamos entender bem a mensagem do Evangelho de Cristo, a grande impressão é a de que, acima de tudo, Cristo veio ensinar que Deus é Pai, mas Pai de todos os homens, de todas as raças, de todas as cores, de todas as línguas... É claro que se todos temos o mesmo Pai, somos

e devemos ser irmãs e irmãos uns dos outros. Irmãs e irmãos de sangue, porque Cristo derramou todo o seu sangue por todas as criaturas humanas, sem exceção alguma. Nós somos e devemos ser irmãs e irmãos de sangue uns dos outros, porque o mesmo sangue que Cristo derramou por mim, derramou por todos nós.

*Uma Anekdota Viva*

Quando eu morava no Rio de Janeiro, muitas vezes recebia brasileiros pobres, sobretudo do Nordeste do nosso País, que chegavam em busca de emprego. Chegavam cheios de ilusão quanto a encontrar facilmente empregos e empregos bem pagos. Depois de dias e dias de procura sem resultado, eles causavam uma impressão dolorosa.

Uma vez, um deles, João, parecia a imagem viva da pobreza e da fome. Imediatamente, preparei uma carta para um meu amigo, dono de uma grande casa de modas.

“Meu caro Amigo,

Acredite, se puder: João, que está diante de você, é meu irmão e meu irmão de sangue. Está arrasado. Precisa, com urgência, de trabalho. Por favor, ajude meu irmão!

Meu irmão de sangue!”

Meu amigo assim que recebeu meu bilhete correu para o telefone e comentou:

“Mas como foi isto! Como é que um irmão seu e irmão de sangue caiu numa miséria destas! Claro que ele já está empregado e, discretamente, fiz com que ele mudasse a roupa e os sapatos imundos com que chegou...”

Agradei a meu amigo. Mas ele insistia em saber como se dera aquela derrocada.

Perguntei se o rapaz estava mesmo empregado. A reação do amigo foi de logo achar que eu o enganara. Comentei: “De modo algum. Ele é mesmo meu irmão. Temos, em Deus, o mesmo Pai e quem tem o mesmo Pai é irmão.”

O amigo comentou meio zangado: “Mas você disse que ele era irmão de sangue.” A resposta veio imediata: “É. O mesmo sangue que

Cristo derramou por mim, derramou por ele. Irmana-nos o sangue que o Salvador derramou por nós.” Mas, de verdade, todos nós estamos longe de viver a grande verdade de que todos os seres humanos somos irmãs e irmãos. Durante a Celebração Eucarística é muito fácil trocar com o nosso vizinho ou com a nossa vizinha o abraço de paz. Terminada a Eucaristia, cada qual vai viver sua vida, praticamente sem ligação com os outros.

### III – UMA VISÃO GLOBAL DA PRESENÇA CRISTÃ NO MUNDO

#### *1 – Presença cristã no mundo de ontem*

Duas vezes, no passado, o homem ocidental, branco e civilizado, teve consigo a Igreja de Cristo, na hora de duas péssimas presenças no chamado Terceiro Mundo:

- A 1ª foi na hora das chamadas “Descobertas”. Milhões de nativos viviam em suas terras, longe do Oeste. Mas para o homem ocidental, branco, civilizado e cristão, só depois de sua chegada estas terras começaram a existir...

As culturas dos povos nativos foram esmagadas, sem piedade. Os nativos tiveram que escolher entre a escravidão ou a guerra de extermínio. Quando aceitavam a escravidão, a religião lhes era imposta como consolo e promoção.

- A 2ª vinda do homem ocidental aos povos do Terceiro Mundo foi com o pretexto de colonizar-nos. De fato, de novo, as culturas dos nativos foram esmagadas e, de novo, houve praticamente, para os nativos, a escolha entre a escravidão ou a guerra de extermínio. E, de novo, a religião era praticamente imposta como consolo e promoção.

Como conseqüência desta terrível dominação (a pretexto de ajuda) as Nações Unidas estão proclamando que mais de 2/3 da humanidade se acham em condição de miséria e de fome.

E o terrível para nós, cristãos, é que o pequeno grupo de países, sempre mais ricos, à custa da opressão de milhões de filhos de Deus, ao menos de origem, são países cristãos. E a parte cristã do Terceiro Mundo, a



América Latina, repetiu e repete as mesmas injustiças da Europa cristã e da cristã América do Norte.

*2 – Presença cristã no mundo de hoje*

Felizmente, quando pela terceira vez o homem ocidental, branco e civilizado está chegando para dominar ainda mais nossos países através das multinacionais, sempre mais, a Igreja de Cristo não só não presta colaboração, mas denuncia as injustiças e encoraja a promoção humana das massas que vivem em condição subumana.

É interessante: durante séculos, quando a Igreja, preocupada com a necessidade de ajudar a manter a autoridade e a ordem social, mantinha estreita ligação com governos e com os ricos, ninguém acusava a Igreja de fazer política.

Hoje, quando sem pregar ódio, nem violência, bispos, padres, religiosas, leigos e leigas, encarregados da pastoral, denunciam injustiças e encorajam a promoção humana do nosso povo, que se acha em condição subumana, imediatamente, somos acusados de subversivos e comunistas. Mas o Papa João Paulo II afirma que prefere uma Igreja perseguida a uma Igreja comprometida.

IV – ALGUMAS SUGESTÕES FRATERNAS

Perdoem-me a confiança de apresentar algumas sugestões fraternas para o começo do começo de nossa preparação para o Ano 2000:

- Estou sabendo que, nesta parte da Inglaterra, está aumentando o número dos desempregados. Seria um exercício esplêndido, para abrir nossos olhos para os grandes problemas do mundo, encarar os nossos desempregados como nossos irmãos de sangue!
- Sem esquecer, de modo algum, nossos pecados pessoais, que exigem conversões pessoais, seria importantíssimo aprender o que são exatamente pecados sociais, que exigem conversões sociais.
- Importantíssimo, também, seria estudar alguns dos maiores pecados sociais dos nossos dias, como:

- a corrida armamentista, sobretudo desde a descoberta das armas nucleares. Será impossível abolir a miséria da Terra enquanto se gastar, na corrida armamentista, um milhão de dólares por minuto, o que soma, por ano, 450 milhões de dólares;
- a sociedade de consumo, sempre esmagando o Terceiro Mundo pela devastação de suas matérias-primas, pagas por preços muito baixos, enquanto exige pelos produtos industrializados preços sempre mais altos.

É fácilimo multiplicar exemplos:

- em 1960, a Malásia podia comprar um jipe com quatro toneladas de borracha; em 1970, a Malásia tinha que entregar dez toneladas para ter o mesmo jipe;
- em 1954, os países produtores de café, com quatorze sacos de café podiam comprar um jipe. Oito anos depois precisavam entregar trinta e dois sacos de café pelo mesmo jipe.

Espero que os cristãos de todas as denominações aceitem meu convite fraterno para tentar celebrar o segundo milênio do nascimento de Cristo menos distantes do mundo de irmãos e irmãs que Cristo deseja criar.

.....

## *Gosto do desafio*

### I – A IGREJA CHAMA ATENÇÃO PARA OS PECADOS SOCIAIS



s advogados, a meu ver, têm um privilégio enorme. Além da formatura que todas as classes têm, existe esta Ordem dos Advogados, que é um reforço junto à consciência de cada advogado para os valores morais da profissão.

Nós sabemos como a vida é trepidante, envolvente. Não é fácil viver dentro de qualquer sistema. O sistema engloba, envolve, amarra, devora.

Eu gostaria de lembrar, de início, como esta querida OAB, que hoje é olhada assim com imenso respeito, por parte de todas as pessoas sinceras que sonham com um mundo mais justo e mais humano e com um Brasil que tenha condições de colaborar para que cheguemos a esse ideal, a OAB vela desde a qualidade do ensino. E eu sei que esta é uma das preocupações: que haja advogados ótimos, mas que haja advogados que realmente estejam em condições de merecer este título. Então, a OAB tem que olhar para ver se não há às vezes favoritismo político aí, criando instituições, e talvez nem sempre estejam preparadas para oferecer aos que a procuram um nível compatível com a árdua profissão, que é das mais nobres.

Mas, o que me importa sobretudo é dizer aos que hoje estão aqui ingressando na OAB: eu não sei, mas por mim eu aceitaria viver em qualquer tempo em que Deus me chamasse para a vida. Eu ficaria muito

desencantado se fosse chamado para viver num tempo em que praticamente os problemas todos estivessem resolvidos. Olhasse para frente, resolvidos; para trás, resolvidos; de lado, resolvidos. Deveria ser profundamente monótono. Eu gosto do desafio. Eu acho que o desafio nos obriga a nunca cruzar os braços, jamais pensar que sabemos bastante, jamais pensar que já temos um nível, aí, de vida, nível moral, que já atingimos alturas, nada.

Então, eu lembraria que, neste instante, no mundo, e claro que dentro de nosso Brasil e dentro de nosso Nordeste, entre outros desafios, eu chegaria a destacar dois; um deles é o problema dos pobres. Porque, afinal de contas, é natural, todo advogado tem que pensar na própria vida, tem sua família, é indispensável. Mas, como esquecer aqueles que não têm condições de contratar um advogado, e quase sempre são os mais pisados?

Eu creio que não ofendo a ninguém em particular.

Hoje, perdoem-me a informação, se for um pouco eclesiástica, a Igreja que sempre chamou a atenção para os pecados pessoais – e sempre será necessário, porque sempre será necessária a convenção pessoal – ela está chamando a atenção para os pecados sociais, que exigem uma conversão social, que implicam um problema de estruturas.

Nesta nossa cidade, como em outras áreas do Brasil e do mundo, há pobres que estão desaparecendo de maneira um pouco misteriosa, mas quase sempre assim com violência e como se se quisesse deixar mesmo uma identificação, uma marca de fábrica. Por exemplo, uma das coisas é esta: o corpo já aparece meio putrefato ou cheio de facadas ou de tiros e quase sempre uma orelha cortada, uma mão cortada. O Esquadrão da Morte no nosso Nordeste.

## II – O BRASIL PRECISA SER UM MUNDO SEM FOME

Ora, se fosse apenas isto, já era muito. Mas nós aqui estamos vivendo o drama, eu chamaria o segundo ato do drama da terra. Nós sabemos o que anda acontecendo em áreas rurais, porque são compradas e os novos donos têm os seus problemas, querem modernizar a agricultura.

Nós sabemos como a Comissão Trilateral aconselhou o Brasil. Bem, é claro, ela não tem poder executivo, eu sei. Mas quando se trata de um conselho que cai com tanto peso, é ordem.

O Brasil precisa ser um grande produtor de alimentos, um mundo sem fome. Um mundo sem fome e imediatamente grandes companhias se deslocam e os próprios nacionais, por vezes, querem modernizar a agricultura. E o fato é que aqueles que vivem de favor nos latifúndios e que tinham direito a um mocambinho qualquer e a uma pequena plantação ali somente para a família, muitas vezes, são postos fora.

Então, quando são as grandes companhias que chegam, nem se discute; ou também grandes obras do governo, e aqui é que a gente precisa estar alerta, porque o pretexto é o desenvolvimento. Mas, quando é que nós vamos adotar aquela verdadeira noção de desenvolvimento, que não é apenas crescimento econômico de grupos privilegiados, mas, na realidade, de crescimento do homem todo, e de todos os homens?

Acabam de ser expulsos do interior e procuram as periferias da cidade. Hoje em dia, é difícil encontrar uma cidade em crescimento que não esteja recebendo esse afluxo. Quando eles chegam à cidade, nós sabemos como a esperança é teimosa, a esperança renasce, e o homem comenta com sua esposa que é uma tristeza, perderam a casa, perderam a terra; mas eles acham que aqui, na cidade, vão encontrar trabalho e trabalho bem pago. Vamos pegar em dinheiro e para as crianças vai haver escola; não vão ficar como eles analfabetos, que não sabem ler nem escrever; que trabalho podem ter, que emprego podem ter! Se cair doente, tem o hospital. E eles na ilusão. Imaginam até que há casas para o povo. A desilusão, nós conhecemos. Acabam não encontrando nada disso. Batem pernas vários dias e descobrem algum pedaço de terra que está ainda desocupado. Quase sempre, sem cerca, sem muro, sem nada, ainda por força da especulação imobiliária, aguardando o tempo. E aí é que vem o drama dos chamados invasores, para os quais eu peço a compreensão sempre maior dos advogados. Invadem e, então, para todos os efeitos, são invasores. Têm que sair dali, mesmo porque o preço é ouro. Mas, há todo um mundo de promessas que, muitas vezes, não podem ser cumpridas.

### III – TAMBÉM INVASOR FOI O MENINO DEUS

Eu gostaria de lembrar que invasor foi também aquele casal que chegou um dia a Belém de Judá. A esposa grávida, vendo a hora que a criança nascia, batendo de porta em porta, procurando um lugar onde a criança nascesse. E não havia lugar. Descobriram uma estrebaria e José e Maria entraram de estrebaria adentro. Como eu me comovo em pensar, quando eu escuto o nome de invasores, que também invasor foi o Menino Deus.

Um dia encontrei nos Estados Unidos um problema gravíssimo dos ilegais. Aqueles que entravam no país sem papéis.

Eu nunca me sinto estrangeiro em país algum do mundo.

Nós temos o mesmo Pai. Esta é uma convicção profunda que Deus me dá. Eu me sinto em família. Eu me sinto entre irmãos e irmãs. Depois, hoje, com os grandes meios de comunicação social, não há mais problemas trancados dentro de uma fronteira; e com as multinacionais também não há mais problemas que sejam privativo do país.

Eu me lembro que numa área da Federação, onde se preparava uma lei para expulsão de quinze mil ilegais, no mesmo ano eles festejavam mais um centenário dos pais fundadores, com todo o respeito para com os pais fundadores, que, a meu ver, tiveram assim um gesto abraâmico; abandonaram a pátria, a língua, para tentar viver a liberdade, inclusive a liberdade religiosa. Pois bem: eu tive a consciência de lembrar que quando os venerabilíssimos pais fundadores chegaram, eles não tinham papéis para apresentar, eles também foram ilegais.

Que papéis tiveram os portugueses em toda esta América Latina, e os espanhóis, para apresentar a nossos índios?

Aqui está um problema que eu sei que é complexo, que eu sei que é difícil, que eu sei que não rende, e sei, portanto, que é difícil. Muitas vezes, encontro advogado dirigindo táxi, muitas vezes, encontro no fim da carreira rapaz de um meio pobre que tem a alegria de ter vencido, está ali com seu diploma na mão, mas, no dia seguinte, começa a batalha do emprego.

Imagine, agora, numa terra destas, numa hora destas, em que o desemprego é talvez nesse momento o mais agudo de nossos problemas

sociais, chegar e ainda cuidar de outros que ainda estão mais desamparados. Aí é preciso realmente, uma fibra. É preciso uma chama imensa.

Mas, eu ousou, sobretudo porque, quando se trata de defender os chamados invasores, facilmente a gente é mal compreendido: a gente é tido, inclusive, como agitador. É facilimo passar como agitador.

Mas, há outro problema que também não há de ter escapado a ninguém. É que longe de chegar muito tarde a um Brasil já muito velho, nós estamos chegando numa hora apaixonante, nós estamos aí com a necessidade de restaurar, de fato, a ordem democrática, o que significa também a ordem jurídica.

E eu volto a dizer – e eu sei o risco que corro, porque, na minha idade, não tenho o direito de ser ingênuo –, enquanto a segurança nacional for colocada como valor supremo, primeiro, eu denuncio como idolatria todo valor humano que é colocado como valor supremo, está pretendendo ocupar o lugar que só Deus merece. Mas, é grave, porque se, de fato, é o valor dos valores, tudo é válido para defender esse valor máximo.

Então aqui é o que vai ser necessário muita meditação, muito estudo, para ver o que salvar com o direito e o dever de cada povo. E pensar em sua defesa. Como pensar numa segurança nacional que não seja o esmagamento de outros direitos que também são sagrados; a começar pelos direitos sagrados da pessoa humana.

Ah! meus queridos amigos, quantos problemas estão aí nos desafiando. Por exemplo, não é nada, não é nada, às vezes coisa simples como parecia a lei eleitoral...

Como seria bom que os advogados estivessem muito unidos à nossa OAB. Porque acho tão importante que haja esta união dentro da OAB. Como sinto importante a união, nesta hora, dos jornalistas dentro da Associação de Imprensa. E até dos padres e dos bispos dentro da Igreja a serviço do povo, a serviço do bem comum.

Não se trata aqui de estar ofendendo a ninguém. Não. Nós queremos é justamente isso; é salvar o Brasil.

Eu me lembro daquele tempo em que escreviam aquela frase: “Ame-o ou deixe-o.” O problema não é deixar de se amar o Brasil. Qualquer um de nós ama a terra em que nasceu.

#### IV – AMAR NÃO É COBRIR DE MENTIRAS NOSSA REALIDADE

Agora, depende da maneira de amar. Para mim amar não é cobrir de mentiras a nossa realidade. O Brasil não precisa de nossas mentiras. O Brasil suporta a verdade. Deus não nos abandonou. Nós temos aí reservas extraordinárias. Eu só lastimo é ver... Eu tenho a impressão, às vezes, de uma sangria a sangue desatado, quando vejo as nossas matérias-primas não recuperáveis se escoarem, se escoarem.

Então, cuidado com certas leis que parecem menores e que, no entanto, têm uma importância imensa.

Por exemplo, eu me preocupo – sendo apenas advogado de sonhos e de desejos – com a lei eleitoral. Que não haja cura, que não haja alquimia eleitoral, porque o povo enxerga muito mais do que a gente imagina. Mesmo quem não sabe ler e escrever, sabe pensar. E ninguém pense que pode continuar enganando. Não é possível!

Ainda hoje, meu irmão Dom Avelar, que sabe que nesta hora de desemprego em Salvador – e é uma surpresa para mim – e que, segundo os entendidos, vive o momento mais difícil em matéria de desemprego, ele, com sua autoridade de Primaz do Brasil, lembrava que nós queremos uma paz que se baseie na Justiça.

E quando me recordo que o Banco Mundial já duas vezes chamou a atenção dos responsáveis pela nossa pátria!

E menos de dez por cento são sempre mais ricos, esmagando a quase totalidade da população.

OAB, continua na tua linha. Esta linha de coragem, sem bravatas, sem exageros, sem de modo algum perder a serena tranquilidade, a coragem firme. E que cada vez mais, OAB, os advogados que chegam venham reforçar o número daqueles que dão apoio a esta linha que é da maior importância para a verdadeira segurança nacional de nossa terra.



.....

*Comunicação, juventude, participação*

I – COMUNICAÇÃO: SUA GRANDEZA E SEUS DESVIOS

*1 – Grandeza da comunicação*

**N**os criaturas humanas – homem e mulher – fomos criados para despertar e reger a Sinfonia Universal, a comunicação entre todos os seres criados e o Criador...

Fomos preparados de duas grandes maneiras principais para tão estonteante missão:

- Somos síntese dos mundos existentes,  
Somos irmãos das pedras, dos minerais,  
Ocupamos lugar no espaço, temos peso, sofremos a lei de atração.  
Somos irmãos dos vegetais.  
Como as plantas, nascemos, respiramos, nos alimentamos, crescemos e morremos. Quem já não passou dias apenas vegetando?...
- Somos irmãos dos animais.  
Quem já não sentiu o animal irromper dentro de si, quem já não teve a impressão de ser arrastado pelas esporas?  
Temos notas especificamente humanas, a exemplo de nossa maneira única de sorrir, entreabrindo, inteligentemente, os lábios...

O cachorrinho sorri, mas balançando a cauda.

Temos, animando nosso corpo, um espírito, irmão dos Anjos...

- E, de outro grande modo, fomos preparados para a alta e difícil missão de despertar e reger a comunicação entre todos os seres criados e o Criador, quando o Criador nos encarregou de dominar a Natureza e de completar a Criação.

A expressão *dominar* a Natureza tem sido muito explorada por nós. Não se trata de pisar a Natureza, de poluí-la, devastá-la, dilapidá-la. Seria muito mais *reger* a Natureza, preparando-a para a Comunicação Universal.

Nossa responsabilidade de co-criadores revela audácia e humildade do Criador. Temos que aprender, com o Criador, como criar e não como destruir. A destruição não é digna do Criador e é absurda no co-criador.

É necessário ter bem claro diante da inteligência, do coração e dos olhos que uma ampla e total comunicação *humana* é condição indispensável para a Comunicação Universal.

### 2 – *Desvios da comunicação*

A raiz profunda anticomunicação – para além da diversidade de línguas e de culturas, é o egoísmo.

Quem não rasga, de alto a baixo, a carapaça de egoísmo e não sai de si, ao encontro do irmão, jamais terá verdadeiros encontros com alguém e jamais chegará a autênticos diálogos...

E é bom lembrar que há toda uma gama de egoísmos, do individual ao multinacional, passando:

- pelo egoísmo familiar;
- pelo egoísmo de grupo;
- pelo egoísmo de raça;
- pelo egoísmo local, regional, nacional...

### 3 – *Extremos de anticomunicação*

Os nossos tempos estão chegando a extremos de anticomunicação. A título de exemplos, apresentamos, aqui, em síntese, alguns destes extremos, que se constituem desafios apaixonantes para todos nós...

### 3.1 – A fome no mundo

O homem, de hoje, sabe que é capaz de destruir a miséria da Terra e, conseqüentemente, a fome. No entanto, o egoísmo, a anticomunicação nos deixam diante da vergonha de mais de 2/3 da humanidade em condição subumana, de miséria e de fome. O Professor Néelson Chaves, especialista em nutrição, de renome universal, anuncia o surgimento de uma raça nanica, no Nordeste do Brasil, em conseqüência da desnutrição.

Escândalo tristíssimo e que tende a agravar-se, desafio que deve sacudir, profundamente, a consciência dos comunicadores de todos os níveis, de todas as especializações, é a notícia oficial de que, em 1980, morreram de fome, no mundo, cinquenta milhões de pessoas, cinquenta milhões de irmãs e irmãos nossos, cinquenta milhões de filhos de Deus.

### 3.2 – Corrida armamentista

Mas, também, como dispor de verbas adequadas para enfrentar, de modo válido, a miséria, se na corrida armamentista, estão sendo gastos, cada ano, quatrocentos e cinquenta bilhões de dólares, o que representa um milhão de dólares a cada minuto!?

E a comunicação recebe bofetadas em plena face quando se sabe:

- Que o poder de destruição das armas nucleares só faz aumentar. O *Novo Tridente*, exemplo típico de submarino nuclear, com sua carga de vinte foguetes, pode destruir, totalmente, quatrocentos e oito cidades como Hiroshima e Nagasaki...
- Mais grave ainda é saber que tanto os Estados Unidos como a Rússia já têm mais de sessenta vezes o necessário para liquidar a vida em nosso Planeta, e que, no ano passado, duas vezes, um equívoco do computador quase provocava uma guerra nuclear entre a América do Norte e a União Soviética.

E que vexame para a querida comunicação saber que mais de trinta países já possuem a bomba nuclear !..

### 3.3 – Sociedade de consumo

Quem não sabe que a sociedade de consumo, na qual vivemos mergulhados, merece muito mais o nome de sociedade do desperdício!?

Com a preocupação egoísta de elevar ao máximo o lucro das minorias mínimas, que a constituem e a dirigem, fabrica produtos irresistíveis, através de publicidade, tecnicamente insuperável, e produtos frágeis, para exigir em breve nova compra, quando não são de uma só vez descartáveis, isto é, como sabemos, feitos para ser usados uma vez e jogados no lixo..

Deste modo, as matérias-primas dos países do chamado Terceiro Mundo são devoradas, dilapidadas, sendo que, não raro, são matérias-primas não renováveis...

E os preços da balança internacional do comércio – não só os preços dos produtos industriais, mas das matérias-primas – continuam sendo fixados nos grandes centros do mundo, tendo as matérias-primas preços baixos e flutuantes, segundo o interesse dos grandes; e os produtos industriais preços sempre mais altos.

A comunicação sofre direta e profundamente, porque não só não vem podendo ajudar o verdadeiro encontro e diálogo entre os mundos, entre os países, entre os homens, mas ainda tem de oferecer técnicas de comunicação, que levam os ouvintes de rádio e, sobretudo, os telespectadores a comprar produtos de que não precisam e que, em geral, os deixam endividados ou sem comprar produtos muito mais úteis e necessários...

### 3.4 – Caricatura da comunicação universal

As grandes companhias multinacionais que, hoje, são o superimpério que conduz o mundo, são uma caricatura perfeita da comunicação universal. Com a aparência de supercomunicação são, nos nossos tempos, a encarnação e o símbolo da anticomunicação.

Estendem-se por dezenas de países, onde chegam anunciando que trazem tecnologia avançada, moeda forte e estável, além de virem criar trabalhos, além de não cumprirem nenhuma das promessas maravilhosas.

Estabelecem alianças entre si, alianças com o poderio militar, com os grandes meios de comunicação social, com universidades, com serviços de inteligência, que são autênticos serviços de espionagem, preparados para qualquer emergência... Estas alianças e outras mais, longe de servirem a uma aproximação dos homens e à criação de um mundo mais respirável, mais justo e mais humano, agravam as distâncias e

extremam as injustiças. Quando nos convenceremos que a violência nº 1, mãe de todas as violências, é a miséria, que mata mais do que as guerras mais sangrentas?... Quando a miséria explode já é a violência nº 2. Quando chega a reação, brutal e destruidora, entra-se em plena espiral da violência.

Note-se que as multinacionais são tão poderosas que riem dos sistemas políticos: sendo filhas queridas do capitalismo, instalaram-se, tranquilamente, na Rússia Soviética, para onde levaram, inclusive, o sistema bancário; e para se instalarem na China, esperaram apenas a morte de Mao Tse-Tung.

A hora é de pavor, de ódio, de violência, de minorias mínimas de ricos sempre mais ricos, esmagando a quase totalidade das criaturas humanas... A hora é decisiva para a autêntica comunicação.

De que adiantam maravilhas como os computadores eletrônicos, os telex, as naves espaciais, se todas as descobertas estão a serviço da anticomunicação, enquanto o homem dança na cratera de vulcões, brincando de preparar, sempre mais, o suicídio universal, a supressão total de vida humana em nosso Planeta!?

## II – JUVENTUDE

### *1 – Juventude, a grande comunicadora*

Um dos claros sinais de esperança, tanto em nossos países chamados subdesenvolvidos, como nos países industriais e ricos da Europa Ocidental e da América do Norte, é a juventude, tal como a encontramos, decidida a não medir sacrifícios para imprimir à comunicação suas autênticas medidas e a sua missão esplêndida de tornar-se uma sinfonia universal, ajudando de modo válido os seres criados a diálogos autênticos entre si e ao diálogo supremo com o Criador e Pai!

### *2 – A verdadeira e falsa juventude*

Um jovem ou uma jovem, mesmo na flor da idade, se contempla o mundo como feira de liquidação, como mágica idiota, como absurdo sem saída e sem fim, já é um velho ou velha precisando urgente de uma bengala ou de um sanatório...

O jovem-jovem, jovem de verdade, tem sede de conhecer os grandes problemas humanos. Não os teme. Não entra em pânico. E vibra por viver em tempos, nos quais a comunicação supõe medidas profundas e ciclópicas, de aproximação não só entre homens ou entre classes, mas entre mundos...

### *3 – Pedras no caminho*

Os jovens que enveredam pelo caminho de viver e fazer viver a comunicação como enfrentamento dos grandes problemas humanos; os jovens que se decidem a ajudar a criar um mundo mais respirável, mais justo e mais humano, tornam-se exigentes em casa, na escola e na igreja. Tornam-se questionadores dos pais, dos professores e dos pastores. Exigem coerência, autenticidade. Ninguém lhes venha com meias-palavras. Ninguém desfaça com a vida o que dizem os belos conselhos. Ninguém lhes fale sobre o nosso País, como se o Brasil precisasse de nossas patrióticas inverdades ou meias-verdades. Ninguém lhes fale sobre religião, como se Deus precisasse de nossas piedosas mentiras...

Os jovens quando não estão ainda bem mergulhados na posição de autênticos comunicadores, no largo e belo sentido que a comunicação pode e deve ter, e quando encontram pressão forte, sobretudo em casa, por vezes caem no comodismo, de ser apenas filhos de papai rico, às vezes param no hipismo, quando não derrapam para as drogas...

### *4 – Amostras encorajadoras*

Acabo de vir do Terceiro Encontro Internacional de Não-Violência Ativa. O primeiro encontro foi na Holanda, em Driebergen. O segundo na Irlanda do Norte, em Derry. O terceiro na Bélgica, em Nassogne. Estavam ali representados mais de 1.500 (mil e quinhentos) grupos, sobretudo de jovens, que se acham em pleno trabalho da grande e bela comunicação, que chegue, um dia, a transformar o primeiro, o segundo, o terceiro e até o quarto mundo, em um só e grande mundo, onde todos sejamos, de verdade, irmãs e irmãos, filhos do mesmo Criador e Pai.

Nos Estados Unidos, os grupos, sobretudo de jovens, são ainda mais numerosos: claro que ninguém vai confundir o povo de um país, com a política internacional de seu governo.

Por onde andei – na Bélgica, em Liège, em Antuérpia e em Bruxelas; na Holanda, em Wageningen e Nijmegen; na Alemanha, em Munster, em Baden-Baden e em Immenrode; na Suíça, em Zurique; na Itália, em Assis, em Novara e em Ivrea, encontrei auditórios transbordantes, sobretudo de jovens, em pleno trabalho de conscientizar as pessoas de boa vontade, que, em toda parte, são muito mais numerosas do que se pode imaginar. O que falta a estas pessoas de boa vontade é um conhecimento mais completo e verdadeiro da realidade. E os jovens usam as mais variadas técnicas de comunicação, a serviço da grande comunicação, que leve à mudança pacífica, mas decidida e corajosa, das estruturas que esmagam milhões e milhões de criaturas humanas.

No meio dos jovens que em todos os auditórios se esparramam pelo chão e vibram tanto mais quanto maior é o desafio fraterno, que lhes é lançado, comove o exemplo esplêndido dos deficientes físicos, inclusive surdos-mudos... Não me canso de admirar, jovens comunicadoras que traduzem aos surdos-mudos cada palavra que vou dizendo, não raro eu mesmo falando mais com os gestos do que com as palavras...

### *5 – Desafios apaixonantes*

É ou não um desafio apaixonante para vocês, jovens que me escutam, o desafio fraterno de convidá-los, qualquer que seja a especialidade de vocês, a trabalhar pela Comunicação no sentido amplo de comunicação dos seres criados entre si e com o Criador e Pai!

Podemos e devemos começar pelo nosso Brasil.

Que tentar fazer, de concreto, sem ódio, sem violência, mas com decisão e coragem para pôr fim ao escândalo, duas vezes denunciado pelo Banco Mundial, de menos de 10% de brasileiros serem sempre mais ricos à custa dos demais, que, em grande maioria, sempre mais se proletarizam!?

Sempre sem violência e sem ódio, mas, também, sempre com decisão e coragem, como evitar a política de exportar, exportar e exportar, que deixa o nosso povo sempre mais sacrificado como consequência de uma inflação e de uma dívida externa, candidatas fortes ao campeonato mundial!?

Quanto ao nosso continente, a querida América Latina, como bater-nos, pacificamente, por uma autêntica integração continental, sem imperialismos de fora, nem imperialismos de dentro!? Como unir, fraternalmente, nossa juventude, à juventude do mundo inteiro, de modo a superarmos a multiplicidade de mundos, uma vez que os povos de todos os mundos temos todos o mesmo Pai, e, portanto, somos, de verdade, irmãos e irmãos, uns dos outros!?!...

### III – PARTICIPAÇÃO

#### *1 – Como ter a efetiva participação do povo?*

Vivendo e fazendo viver a superação da distância que parece pequena e é enorme, entre apenas trabalhar *para* o povo, e trabalhar *com* o povo!?!...

#### *2 – Juventude masculina e juventude feminina*

Como superar efetivamente o *machismo*, sem cair no *mulherismo*? Como respeitar o pleno desabrocho dos dois sexos, não como rivais, mas como complementares? Como ter homens-homens, mulheres-mulheres, com respeito pleno da criança, do adolescente, do jovem, do adulto e do velho?

#### *3 – Amostras de participação dos vários grupos de estudantes*

Que os estudantes de Medicina ajudem o País a encarar a *saúde como problema global*, o que supõe trabalho efetivo para que os pais de família tenham salário humano, casa que mereça o nome de casa, alimento de gente, descanso real...

Que os estudantes de Agronomia ajudem o País a superar a sugestão-ordem da Comissão Trilateral para que o Brasil se torne um grande produtor de alimentos, sem que isto importe apenas abastecer os supermercados do mundo ou até em levar comida para o gado europeu, enquanto se morre de fome em nossa terra e há crianças, em número crescente, feridas mentalmente para o resto da vida, em conseqüência de fome crônica até 3 (três) ou 4 (quatro) anos...

Que os estudantes dos vários ramos de Engenharia ajudem a exigir que em qualquer obra que exija deslocamento de povo, como exigên-



cia 00, antes do antes, haja transferência realmente humana, para quem tiver de ser deslocado.

Que os estudantes de Economia livrem os povos chamados subdesenvolvidos de continuar a ser medidos e pesados segundo parâmetros do tipo do Produto Bruto Nacional, excelentes para que se perpetue a divisão arbitrária, injusta e inaceitável entre países desenvolvidos e países em vias de desenvolvimento.

Que os próprios estudantes, das várias especializações descubram a tarefa mais urgente diante do respectivo ramo do saber.

E que os estudantes todos juntos – sobretudo os universitários – exijam que a universidade não se feche nos limites estreitos de cursos e programas direta ou indiretamente controlados por minorias egoístas e insaciáveis; exijam universidade livre e sem medo, aberta à verdade, à esperança e ao amor e com firme coragem de enfrentar os verdadeiros grandes problemas humanos, tentando alternativas válidas.

#### *4 – Amostras de exigência para salvar comunicação, juventude e participação*

Testes dos testes para superar o egoísmo, fonte de toda anticomunicação, é ser capaz de escapar, por vezes, do rodopio da vida, da trepidação enervante do correr do dia, do tumulto externo e do vozerio interior para ouvir o silêncio, o que é esplêndida ocasião de ouvir o próprio Deus.

Quem ouve o silêncio, vê crescer em si, a serviço do próximo, a fé, a esperança e o amor. Quem ouve o silêncio vê crescer em si, a serviço do próximo, a alegria, e o amor à música e à dança. Quem ouve o silêncio aprende que só tem braço forte quem sustenta a flor.

Quem ouve o silêncio encontra o melhor dos Amigos, o Grande Comunicador, o Perene Jovem, o Mestre de Participação: Jesus Cristo!

Utopia!?... Utopia!?... Utopia!?...

Ai do mundo sem utopia!...

E eu tenho levado, por onde ando, o canto que escutei em D. Quixote de la Mancha:

“Quando se sonha, sozinho,  
é apenas sonho...

Quando sonhamos juntos  
é o começo da realidade!”

\* \* \*

*Informação sobre esta Mensagem*

No dia 28-10-1981, depois de sair do Recife às 9 horas e de tocar no Rio de Janeiro, cheguei a São Paulo, às 13 horas e 30 minutos. A conexão para Curitiba, em vôo para Florianópolis, estava prevista para 15h30; o avião só partiu às 16h30. Ao chegar a Curitiba, foi-nos comunicado que o avião seguiria, diretamente, para Porto Alegre, dada a impossibilidade de pouso em Florianópolis.

Os dirigentes do 10º Congresso da UCBC chamaram-me ao telefone do aeroporto de Curitiba, avisando-me que estavam contratando um carro de Curitiba que me levasse a Florianópolis. Seria impossível vencer os 510km de estrada carregadíssima de caminhões e chegar antes das 23 horas. Sugeri adiamento da palestra de abertura do Congresso para a manhã do dia seguinte. A sugestão não foi aceita. O carro só se apresentou em condições de partir por volta das 18h30. Chegamos a Florianópolis à meia-noite. A Assembléia Legislativa continuava transbordante, sendo o auditório praticamente de jovens de vários pontos do Brasil. Sem exagero, durante uns 10 minutos, os jovens aplaudiram o orador que chegava... Ainda voltei à sugestão de a abertura do Congresso passar para as 8 ou 9 horas da manhã. Quiseram a palestra imediata. Até 1 (huma hora e meia da manhã. Ninguém pensou em partir. Três vezes pensei em suspender minha fala: o auditório não permitiu. Os aplausos eram tanto mais fortes, quanto mais duras eram as verdades recordadas.

Larguei o texto, embora tenha seguido o esquema do Discurso que levava. Não foi possível introduzir as duas interrupções previstas, na página 3 e na página 5.

Confirmava-se a minha confiança na juventude admirável que temos em volta de nós...

---

## *A Igreja e a propriedade*

### I – A PROPRIEDADE SEGUNDO A BÍBLIA

**N**o Gênesis, cap. 1, vers. 28, a Terra aparece como dom que Deus faz a todos os seres humanos. Mas já no Êxodo, cap. 20, vers. 15, o direito de propriedade privada é reconhecido ao ser condenado o furto e o desejo invejoso dos bens do próximo.

O Ano Sabático (Ex. 21, 2-6 e 23, 10-11) prevendo, de sete em sete anos, o repouso da Terra e a libertação dos escravos israelitas, acompanhada do perdão das dívidas, e o Ano Jubilar (Lev. 25, 8-17 e 23, 25) prevendo, de cinqüenta em cinqüenta anos, a volta, aos donos primitivos, dos campos e das casas vendidas, buscam manter o destino comunitário dos bens e a igualdade social entre os israelitas.

No Novo Testamento, Cristo reafirma os 10 Mandamentos, inclusive o 7º e o 10º que supõem e garantem o direito de propriedade. Mas o rigor de Cristo em relação à riqueza e aos ricos, e a sua identificação com os oprimidos e injustiçados, encorajam a enfrentar, com decisão e audácia, os fáclimos abusos a que leva o direito de propriedade.

### II – A PROPRIEDADE E A FRAQUEZA HUMANA DA RELIGIÃO DIVINA DE CRISTO

É fáclimo encontrar, nos padres da Igreja, passagens fortíssimas na linha dos alertas gravíssimos de Cristo contra a riqueza e os ricos. Mas, a partir de Constantino, a Igreja, divina em seu Fundador e no Espírito Divino que a

acompanha e protege, vai sofrendo as conseqüências de estar entregue à nossa fraqueza humana. Chegamos aos bispos, condes e príncipes, não só vestidos como os grandes do mundo, mas habitando mansões, possuindo terras, e construindo igrejas e basílicas suntuosas, a pretexto de que nada é excesso quando se trata de louvar a Deus. Chegamos às Cruzadas para defender os lugares sagrados e aos Estados Pontifícios, com Papas guerreiros para protegê-los.

A Igreja nunca esqueceu os pobres, imagens vivas de Cristo. Mas, durante séculos, para proteger os pobres, ligou-se demais aos governos e aos ricos. Com pretexto de expansão da fé, aliou-se aos chamados descobridores, para quem os lugares e os povos só começavam a existir depois que os descobridores chegavam. A Igreja foi, humanamente, conivente do esmagamento de culturas e das escravidões, seqüelas das descobertas.

Conivência semelhante se deu por ocasião do colonialismo.

### III – A PROPRIEDADE SEGUNDO OS TEÓLOGOS

A *Suma Teológica*, de Santo Tomás de Aquino, assumiu, dentro da Igreja, um lugar privilegiadíssimo. Basta lembrar que os Concílios costumavam colocar ao lado da Bíblia, a Suma de Santo Tomás.

A *Suma Teológica*, na linha da tradição cristã alimentada pela doutrina patrística e pela Teologia durante séculos, sustenta que todos os bens se destinam a todos os homens, para o desenvolvimento de todos. A propriedade particular é posterior a esse direito e a ele subordinado, e só se justifica quando baseado em motivação social e quando se pode demonstrar que concorre para o bem da comunidade.

### IV – A PROPRIEDADE SEGUNDO OS ENSINAMENTOS DOS PAPAS MODERNOS

A *Rerum Novarum*, de Leão XIII, sem esquecer o sentido social que a propriedade deve ter, de certo modo sublinha mais o caráter de direito natural ligado à propriedade privada. Ou porque Leão XIII interpretou Santo Tomás à luz dos comentários do Cardeal Caetano, ou porque Gioacchino Pecci, o futuro Leão XIII, através de seu professor Luigi Taparelli d'Ozeglio se deixou marcar por Locke – que se bateu pelo direito natural de propriedade para defender o povo inglês da tributação predatória imposta pelos

Stuarts – o fato é que a *Rerum Novarum*, grande sob vários aspectos, marcou, de certo modo, um recuo na interpretação da propriedade, recuo que se manteve até na *Quadragesimo Anno*, de Pio XI.

A partir de Pio XII (Rádio Mensagem de Pentecostes, 1931) e, sobretudo, da *Mater et Magistra*, de João XXIII (1961), da *Populorum Progressio*, e *Octogesima Adveniens*, de Paulo VI (1967 e 1971) e da *Gaudium et Spes*, do Vaticano II a linha da destinação comunitária dos bens terrenos é retomada. Mas o grande impulso, a aproveitar com decisão e coragem, vem de modo especialíssimo da *Laborem Exercens*, de João Paulo II.

#### V – AFINAL O QUE LEVA O SENTIDO SOCIAL OU MESMO A FUNÇÃO SOCIAL DO DIREITO DE PROPRIEDADE?

A expressão “sentido social” ou mesmo “função social” do direito de propriedade está longe de ajudar a impedir, concretamente, abusos como menos de 10% de brasileiros serem sempre mais ricos em prejuízo do restante da população ou, em plano mundial, mais de 2/3 da humanidade em condição subumana de miséria e de fome. Será exagero comparar, em termos de ineficácia prática, o sentido social do direito de propriedade à famosa doação do supérfluo?

#### VI – A *LABOREM EXERCENS*, DE JOÃO PAULO II

Ela sublinha que o homem é a primeira e fundamental via da Igreja e que a Igreja acredita no homem. Proclama como a medula fundamental e perene da doutrina cristã sobre o trabalho humano, que o trabalho humano tem um valor ético, que permanece diretamente ligado ao fato de aquele que o realiza ser uma pessoa, um sujeito consciente e livre. Lembra que o trabalho é para o homem e não o homem para o trabalho. Sustenta a prioridade do trabalho em confronto com o capital. Esse instrumento gigantesco e poderoso, que é o conjunto dos meios de produção, considerados, até certo ponto, como sinônimo do capital, nasceu do trabalho e é portador das marcas do trabalho humano, prova que tanto os capitalismo, como os socialismos vigentes, importam em economismo materialista. E prova que o simples fato de os meios de produção passarem para a propriedade do Estado, no sistema coletivista, não significa, só por si, certamente, a socialização.

## VII – SUGESTÕES FRATERNAS

- Tenhamos como objetivo, a médio prazo, levar o poder público brasileiro a mudar o modelo econômico impingido ao nosso povo, e que está evidentemente sacrificando terrivelmente a maioria esmagadora de nossa população. Pontos a ter bem presentes para a mudança são, entre outros: as centrais nucleares, a fabricação de armas e obras faraônicas como Itaipu, Carajás, Suape.
- Exijamos o reconhecimento oficial da prioridade da moradia sobre o direito de propriedade.
- Parta-se, corajosamente, para uma reforma agrária, dado que existem estudos suficientes sobre as várias áreas de nossa Terra, e dado que os nossos latifúndios são tipicamente terras que o Vaticano II chamou de propriedades privadas e privadoras.
- Subtraia-se a política habitacional ao controle bancário...
- Que a CNBB e a CRB busquem o apoio necessário para que haja efetiva e plena destinação popular para terras de dioceses, de ordem e congregações religiosas e irmandades...
- Que tentemos descobrir meios pobres de manter a Igreja pobre.
- Que, sem a mais leve tentação de cair em cristandades ou partidos cristãos, animemos os movimentos populares a livrar-se do economismo capitalista, sem cair em uma pseudo-socialização com efetiva dominação do partido.

---

Contribuição de Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, para o Seminário sobre o Solo Urbano, realizado no Recife, Cecosne, em 15-11-81.

.....

*Tendes, diante de vós, responsabilidades apaixonantes*

## I – PERTENCEIS À ADMIRÁVEL JUVENTUDE DE HOJE

**É**

impressionante o número de jovens entre os homens de ciência e entre os técnicos, em todos os ramos do saber humano e em todos os grandes centros de estudos e de pesquisas.

E o que encoraja e empolga é ver como tanto os técnicos, como os homens de ciência andam preocupados em salvar, no próprio íntimo, o sentido humano. Fabricar robôs, sim. Virar robôs, de modo algum.

Quanto a vós, jovens engenheiros, podemos ter a tranqüila certeza de que, dentro das vossas respectivas especializações, tudo fizestes para estares aptos a desempenhar vossa missão, e tudo fareis para manter-vos em dia com as novidades incessantes da tecnologia e da eletrônica, que não param. Mas que ninguém se iluda: não sereis robôs! Não vos prestareis a executar quaisquer obras, sem direito de julgar-lhes os objetivos e de medir-lhes o alcance real.

Minha maneira de agradecer-vos a fineza de querer-me como vosso Paraninfo será de indicar alguns dos principais desafios, que tereis de enfrentar em vossas carreiras. E o farei, não com a pretensão ridícula de alertar-vos para surpresas inesperadas, mas pela esperança de sentir-me em sintonia convosco.

## II – PRINCIPAIS DESAFIOS A JOVENS, ENGENHEIROS DO BRASIL DE HOJE

### *1 – Do desenvolvimentismo ao autêntico desenvolvimento*

Estar sempre mais alertas para a distinção importantíssima entre desenvolvimentismo e o autêntico desenvolvimento.

O desenvolvimento autêntico abrange o homem todo e todos os homens. Guarda uma medida humana.

O desenvolvimentismo só se satisfaz com obras faraônicas, cada uma pretendendo ser, no gênero, a maior do mundo. A medida humana só sobra, cedendo lugar ao gigantismo. Ao invés de preocupar-se com o homem todo e com todos os homens, salvaguarda apenas o crescimento financeiro de uma minoria realmente mínima.

Exemplo típico no Brasil de hoje: Itaipu.

Convidados a ali trabalhar, claro que não fareis como visitantes ingênuos, que se deslumbram ante as proporções super-humanas da obra. Muito ao contrário. Precisamente a marca super-humana exige de nós averiguações profundas e graves. Pode a direção de um projeto dizer-vos que não vos cabe medir a importância da obra, mas pura e simplesmente cumprir as indicações técnicas que vos forem indicadas?

Podeis e deveis examinar como o nosso País pode partir para obras gigantescas assim:

- com inflação e dívidas externas entre as maiores do mundo;
- com ou sem o perigo de ser apenas cartaz luminoso de multinacionais ou subgerente de potências estrangeiras;
- com ou sem perigo de assumir posições imperialistas, sob o pretexto de colaboração e integração continentais...

Como admitir que a barragem de Itaipu, que absorve verbas enormes, ainda sugue o sangue dos nordestinos!... A Companhia Elétrica de Pernambuco é obrigada a cobrar cada vez mais pela eletricidade que nos fornece, mas a maior parte do que exige de nossa pobreza segue para Itaipu...



Que outras obras se revestem das características de Itaipu, alimentando uma inautêntica vaidade nacional e acabando por trazer no bojo problemas graves, inclusive sérias tentações de mordomia!?...

Como soa aos vossos ouvidos a clarinada estridente de um bilhão de dólares de superávit da nossa balança de comércio exterior? Será a vitória da política de “exportar”, “exportar”, “exportar”, enquanto milhões de brasileiros se proletarizam, passam fome, caem no desemprego e na miséria, e muitos morrem de fome?

## *2 – Sangria de Minas e do Brasil*

O fato de serdes engenheiros formados pela Universidade Federal de Minas Gerais cria ou não para vós a responsabilidade de examinar em que medida, de fato, o nome de vossa unidade federada correspondia e, sobretudo, se ainda corresponde a realidade? São inexauríveis as minas de Minas Gerais? Até que ponto sangria como a do minério de ferro é necessária, é patriótica, é oportuna? Até que ponto a luta pela vida justifica ou justificará vossa participação em obras que, a não-especialistas, parecem atingir artérias vitais do nosso País?

Hoje, a impressão que se tem é a de que a espionagem espacial fornece a superpotências e, indiretamente a multinacionais, dados seguros sobre áreas de petróleo, localização e quantidades exatas de urânio e silício, e de outras matérias-primas que, hoje, talvez acudam ao pagamento de juros de nossas dívidas externas, quando amanhã, melhor trabalhadas, e a serviço da paz, poderiam ter utilização, que tanto escapasse de um empobrecimento criminoso, como de um enriquecimento de tendência imperialista?

Especialistas como vós, com que olhos podeis ver, já fora de Minas, obras como a exploração de Carajás?

Atenção para o aspecto humano do deslocamento de populações: em barragens, que nem chegam a ser filhotes de Itaipu, o tratamento a moradores, que são deslocados, está longe de receber a preocupação primeiríssima que deveria receber. Em obras como Carajás, além do deslocamento de moradores, há ou não perigo para a ecologia?

Tendes ou não o direito e até o dever de examinar as conseqüências exatas do que de verdade, está ocorrendo com a floresta amazônica e com a poluição dos nossos rios, que a não-especialista parece criminosa?

3 – *Interrogações levantadas pelas centrais nucleares*

Até que ponto, assuntos como a energia de hoje e de amanhã implica em problemas de segurança nacional, a ponto de terem que ser tratados quase em segredo de Estado, sem que o povo, diretamente implicado em tudo o que atinge o presente e o futuro do nosso País, tenha meios diretos ou indiretos de conhecer, pelo menos, os pontos vitais de opções que nos comprometem por séculos?

Alegar que o povo é analfabeto é partir do equívoco de que é incapaz de pensar, de julgar, de discernir quem não sabe ler, nem escrever.

Até que ponto, o Brasil está embarcado na aventura nuclear? No tocante a energia de hoje e de amanhã, a energia nuclear era e é a mais indicada para o caso brasileiro?

Existe risco real de passar-se do uso pacífico para o uso bélico da energia nuclear? Podemos esquecer que a corrida armamentista, após os engenhos nucleares, custa por minuto um milhão de dólares e, por ano, 450 bilhões de dólares? Podemos esquecer que tanto a América do Norte como a União Soviética já possuem mais de 60 vezes o necessário para destruir a vida em nosso Planeta?

Podemos esquecer que países supertécnicos, devidos a enganos do computador, quase partiram para uma guerra nuclear, de conseqüências imprevisíveis?

O povo pode ficar sem conhecer e sem poder debater os riscos da instalação das centrais nucleares e, sobretudo, o risco tremendo do lixo nuclear!?... O povo pode ficar sem conhecer e sem poder debater acordos nucleares, que talvez incluam cláusulas perigosas hoje, perigosíssimas amanhã?...

Tendes ou não o direito – e conforme vossa especialização – e o dever de acompanhar a marcha de alternativas, no tocante à energia, como a energia solar, a energia dos ventos e das marés, a energia captável para além da Terra?...

Até que ponto a exigência de licitação internacional para compra de equipamento para o Proálcool – exigência que teria sido feita pelo Banco Mundial, como condição para financiamento de produção de álcool, como

eventual substituto ou auxiliar do petróleo – entregou ou não a exploração do álcool, em larga escala, a multinacionais, “mui amigas”, “mui fraternas”!?!...

### III – JOÃO DE DEUS EM BELO HORIZONTE

Perdoai se a obrigação de ser sincero comigo e convosco, além da obrigação sagrada de falar em nome dos sem-vez e sem-voz, me levou a carregar um tanto o ambiente da noite festiva de vossa formatura.

De olhos bem abertos para os graves problemas, não só do nosso querido Brasil, mas do mundo, descubro, no entanto, aqui e por onde eu ando claros sinais de esperança.

Daí não conhecer melhor fecho para esta Mensagem fraterna do que vos recordar as palavras de João Paulo II, o nosso inesquecível João de Deus:

“Pode-se olhar as montanhas, atrás, e se deve dizer: Belo Horizonte !

Pode-se olhar a cidade e se deve dizer: Belo Horizonte! Mas, sobretudo, pode-se olhar a vocês, jovens, e se deve dizer: Belo Horizonte!”

“A riqueza maior deste País imensamente rico, são vocês, jovens! O futuro real deste País do futuro se encerra em vocês, jovens. Por isso este País, e, com ele a Igreja, olham para vocês, jovens, com um olhar de expectativa e de esperança.”

Assim falou o Papa.

Que Deus vos ajude a ajudar a juventude de Minas e do Brasil a transformar em realidade as palavras tão belas e tão amigas do nosso querido João de Deus!...

\* \* \*

#### *Informação sobre esta Mensagem*

Formatura de Engenheiros, da Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, 11-12-1981).

*260 Discursos de Dom Helder Câmara*

Quando percebi que o Auditório seria de mais de 5 mil pessoas, em Estádio amplo, resolvi abandonar a leitura do texto e preparei o presente sumário.

Na hora, nem o sumário eu usei.

Improvisi direto, mas respeitando as grandes linhas do texto original.

---

Mensagem de Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, como Paraninfo dos Formandos em Engenharia, da Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, 11 de dezembro de 1981).

.....

*Só a verdade vos libertará*

I – COMO AGRADECER A HONRA QUE ME CONCEDEIS?

**D**epois de ter tido, por mais de dez vezes, a honra de receber títulos honoríficos em universidades estrangeiras, poderia parecer que a cerimônia desta noite tendesse a ocorrer em ritmo de rotina: uma solenidade a mais, para mais uma homenagem...

Acontece que circunstâncias especiais dão, à cerimônia de hoje, um relevo singular:

- Desta vez, o doutorado é concedido *no Brasil!* E se é verdade que eu amo, sempre mais, o mundo inteiro, foi este o recanto do mundo, que o Criador e Pai escolheu para mim...
- Desta vez, o doutorado é concedido nesta terra admirável, carregada de problemas apaixonantes e digna do nome de São Paulo, o maior dos Apóstolos de Cristo!
- Desta vez, o doutorado é concedido por uma instituição que, além de ser quem é, tem ligação direta com D. Paulo Evaristo Arns, talhado, diretamente, pela Providência, para o São Paulo de hoje!...

Como aproveitar esta hora para tentar corresponder à responsabilidade de ser integrado na querida PUC, de São Paulo?...

Sem pretender trazer-vos novidades e impingir-vos lições, permiti que vos recorde a responsabilidade grave de ser universitários no Brasil de nossos dias.

Será uma boa oportunidade para integrar-nos na Campanha da Fraternidade de 1982, que nos convida a todos – lar, escola, Igreja, meios de comunicação social, pessoas e organismos que nos dedicamos à educação, a verificar se estamos ou não, com nosso esforço educativo, contribuindo para a fraternidade, em nossa Terra da Santa Cruz.

Mas a Campanha da Fraternidade nos alerta para a necessidade de caminhar à luz do aviso importantíssimo de Cristo: “Só a verdade vos libertará!”

## II – O PRIVILÉGIO E A ANGÚSTIA DE SER UNIVERSITÁRIOS

Os próprios órgãos oficiais se encarregam de informar como ainda é um privilégio, em nosso País, chegar à escola primária e como é privilégio maior ainda poder chegar até o fim do ensino do 1º grau. O privilégio se torna ainda maior quando se trata de chegar ao 2º grau e, especialmente, ao fim do 2º grau...

Para quem pode pensar em seguir a caminhada, surge, no horizonte, o desafio terrível do exame vestibular, que abre as portas da Universidade... Para tentar chegar mais equipado à batalha campal que é o exame vestibular, multiplicam-se os cursinhos, que já supõem gastos impossíveis para a grande maioria dos candidatos.

Quando começa a preparação para o vestibular, forma-se grupinhos de estudos... Santo Deus! Que união! Livro que um tem, é de todos. Estudo que um consegue, pertence à patota. Mas, quanto mais se aproxima o fantasma do vestibular, mais claro se torna que, para entrar na Universidade, é preciso jogar n'água vários colegas... Conforme o curso preferido e conforme a cidade em que os estudantes se encontrem, os que devem sobrar oscilam entre 5 e 6, ou entre 9 e 10, ou entre 11 e 12, e isto para que um ou uma possa entrar...

Surgem mil pretextos para ir escapando do estudo coletivo. Livro, obtido, é guardado avaramente... Estudo conseguido, é arma secreta!...

Para entrar ou tentar entrar na Universidade, surge este banho de individualismo, de egoísmo, de fálência de camaradagem...

Que horas difíceis as da espera de proclamação dos resultados do vestibular! A proporção que os resultados são anunciados, os bem-sucedidos vibram de felicidade... Quem naufraga, sente frustração, pois, não raro, o insucesso é interpretado em casa, como desleixo e não-aproveitamento do tempo e das despesas...

É fácil entender – o que não significa aprovar – a tentação da cola, do bizu...

É muito fácil glosar erros gritantes em provas de vestibulando... Quem se lembra de recordar que a larga maioria das famílias não dispõe de meios de assegurar aos filhos o mínimo de condições indispensáveis para um estudo válido no 1º e 2º grau!

Corta o coração ser procurado por jovens que venceram o vestibular, mas sem alcançar as universidades oficiais e sem condições de enfrentar a matrícula e as mensalidades das universidades particulares, em processo de asfixia pelo esquema oficial...

Ah! se o crédito educativo pudesse ser na realidade, o que é nos documentos e nas declarações oficiais!...

Quem tem o privilégio de vencer todos os obstáculos e de entrar na Universidade, logo descobre:

- Como é grave, como não raro acontece, chegar sem alguns preciosos recursos lingüísticos...
- Como é grave chegar sem iniciação válida em pesquisa e, sobretudo, como enfrentar a Universidade tendo que trabalhar de dia e estudar de noite, sem tempo e sem recursos, para um estudo válido, para uma alimentação adequada, e tendo que entrar na ginástica de transportes penosos, em concorrência com quem dispõe de carros, ou, pelo menos, de motos ou de bicicletas...

Mas a grande decepção é não encontrar na Universidade – a não ser por exceção – o estudo sério e sem medo dos grandes problemas do nosso País, no contexto dos grandes problemas humanos...

Decepção que é triste coroamento de tantos obstáculos é ter o desencanto de descobrir que diploma universitário, muitas vezes, está longe

de ser garantia de emprego na linha do curso seguido e da especialização abraçada!...

### III – MAS, HÁ CLAROS SINAIS DE ESPERANÇA!

Quem me ouviu, até aqui, talvez imagine que pretendo sustentar que a Universidade, no Brasil, está em liquidação, que não há saída para a nossa juventude e que, provavelmente, esta é uma amostra do descalabro em que se acha o mundo.

De modo algum. Um cristão jamais pode perder a esperança. Podemos e devemos fugir de falsas esperanças. Mas por mais que descubramos situações graves no Brasil e no mundo – no Brasil, agravadas pelo que se passa no mundo – para quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir, há claros sinais e esperança, a começar pela atitude dos jovens...

Em nossos países, chamados subdesenvolvidos, e nos países industriais e ricos, os jovens estão com sede de autenticidade, em casa, na escola e na Igreja... Dos pais, dos mestres, dos pastores, eles exigem que não ousem dar bonitos conselhos e traçar diretrizes ideais a serem seguidas pela gente moça, sem primeiro, pastores, mestres e pais falarem com a própria vida. Quando quem fala, fala primeiro, com o exemplo, com a vida, mesmo que os jovens tenham discordância, respeitam. Mas ai dos fariseus!

Uma das razões de os jovens se entenderem tão facilmente com Jesus Cristo – sempre que lhes é apresentado o Cristo do Evangelho, e não uma distorção, uma caricatura do Mestre – uma das afinidades entre os jovens e Cristo é que o Cristo, tão generoso e largo com os pecadores, não tolera farisaísmo.

Nossa Universidade contará, sempre mais, com o interesse e a dedicação de seus alunos, na medida em que, sempre mais, assumimos, em face dos problemas de nosso País, a atitude de quem confia no Brasil e no brasileiro. Nossa terra recebeu tanto de Deus e o brasileiro recebeu tanto do Criador e Pai, que podemos ter certeza de que o Brasil e os brasileiros suportamos a verdade, por mais dura que ela seja. O Brasil não precisa de nossas mentiras! E como Cristo tem razão quando ensina que só a Verdade nos libertará!...



#### IV – UNAMO-NOS PARA EXIGIR A VERDADE LIBERTADORA

Jovens universitários, meus queridos colegas! Sei muito bem e sabeis melhor do que eu: quem tem apenas doutorados de honra entra na Universidade, não pela porta, mas pela janela.

Acanho-me de sentar-me junto aos doutores de verdade e junto à nossa reitora... Sinto-me mais à vontade no nosso meio e, mais ainda, no meio de representantes de áreas de São Paulo, onde vive nossa gente sofrida. Daí a confiança de fazer-vos um convite, que eu tenho ânimo de fazer, porque convido para o que é parte integrante de minha vida de brasileiro, de Cristão e de Pastor.

Vamos, juntos, encorajar, sempre mais, nosso povo, em sua luta pacífica, mas corajosa, decidida, para ser ouvido em relação aos grandes problemas de nosso País... Ser ouvido e ter o direito de apresentar sugestões e votos!...

Já reparastes, com certeza – e quem não reparou?... – como o povo brasileiro é tratado como incapaz de pensar, e de ajudar a pensar, e de ajudar a tomar decisões... Menos de 10% de brasileiros são sempre mais ricos, à custa das grandes massas de nossa gente sofrida e de pequenos grupos do que pode parecer um começo de começo de classe média...

E é tão fácil imaginar que quem não tem um mínimo de instalação na vida, e, sobretudo, quem não sabe ler, nem escrever, é incapaz de pensar!... Não cai neste equívoco terrível quem descobriu a importância de não apenas trabalhar *para* o povo, mas *com* o povo. Não cai neste erro crasso, quem tem a sensibilidade que João Paulo II – o nosso querido João de Deus – revela para com o trabalhador, sujeito e não objeto, filho de Deus e não cousa...

E tendo bem presente que, em São Paulo, sobretudo em suas áreas mais fortemente industriais, como o ABC, o povo já começa a ser ouvido. Mas e o povão por este Brasil afora, especialmente no meu Nordeste sofrido, no Centro-Oeste, e na tão formidável e tão explorada Amazônia!...

Universitários, meus queridos colegas! Sois privilegiados de haver chegado aonde chegastes! E tereis vosso estudos de hoje e vossos diplomas de amanhã, como aval, para exigir que o povo tenha direito pleno de organizar-se e de usar sua própria voz.

É humilhação insuportável ver o nosso Ministro de Planejamento partir para os quatro cantos da Terra em busca de empréstimos para nós, sem se julgar na obrigação de prestar a menor explicação a quem vai ter que pagar a dívida. Que montante de dinheiro vai ser negociado? É mesmo apenas para pagar os juros das dívidas acumuladas?... Quais as condições de empréstimo? Em que prazo, em que moeda e com que juros vamos ter que pagar? Ou o pagamento é feito em concessões que, hoje, podem parecer alto negócio, mas, quem sabe, é a venda do nosso futuro!?

E isto nos lembra escândalos como o projeto Jari... Só aos poucos, os não-iniciados puderam conhecer as dimensões enormes cedidas, ou vendidas, ou arrendadas ao Sr. Ludwig, instado a ajudar o desbravamento da Amazônia...

A Amazônia é nossa. Como jogar com o nosso patrimônio, sem dizer, nem aos que moravam na área imensa, que negócio foi feito, com que objetivos, com que condições... Estavam previstos graves desflorestamentos, com repercussão ecológica local e até internacional?

Quando, de repente, o Sr. Ludwig sai do cenário e entra em ação um grupo de brasileiros, sob direção brasileira, é malícia, é indiscrição, é falta de patriotismo ou é direito que os assiste, querer saber se os brasileiros que assumem o projeto Jari o fazem em nome próprio, ou se apenas representam multinacionais?... Seria ou não hora oportuníssima para uma explicação clara e honesta sobre os objetivos reais do projeto, e os eventuais perigos e riscos a que ele nos arrasta...

E quantos outros jaris – menores, maiores, do mesmo tamanho – estão liquidando o amanhã do nosso País?

Como não pensar, por exemplo, no projeto Grande Carajás?... Mesmo que se trate da maior jazida de ferro do mundo, mesmo que a Serra Carajás disponha de 18 bilhões de toneladas de minério de ferro, de alto teor, são ou não, matérias-primas não renováveis?... Admitindo que esteja aí o segredo para o pagamento de nossa dívida externa, por que fornecer, por exemplo, às universidades, dados completos com o verso e o reverso da operação, para que os jovens universitários, momentaneamente, representem o povo, enquanto o povo, através de sua própria organização, vá tendo reconhecido o seu direito de ser ouvido sobre o futuro do nosso País, que é o nosso futuro!?

A falta de respeito e de atenção para com o povo funciona até quando se trata de assuntos ligados diretamente à nossa gente sofrida, como é o caso do Inamps... Ora, não só o povo não teve explicação clara, objetiva, sobre o montante real dos desvios ocorridos e sobre o que aconteceu aos responsáveis, mas o País assiste aos mais estranho dos pagamentos de um prejuízo sofrido: são as vítimas que estão pagando, notando-se que nem os aposentados escaparam à estranha medida que, oxalá, não se torne roteiro para casos semelhantes...

Em rigor, não há limites para o direito do povo de conhecer todo e qualquer projeto do governo... Quanto mais delicada é a matéria, mais direito tem o povo de ser informado e de falar, pois sobre ele virão as conseqüências, boas ou más, do que está sendo empreendido ou se planeja empreender, em nome do País... O Brasil não é uma abstração – é uma realidade. O Brasil somos todos nós, a quem Deus concedeu o privilégio e a responsabilidade de nascer aqui...

Há uma série tão grande de projetos faraônicos, que quando se começa a apresentá-los, a dificuldade é parar... Itaipu! Itaipu! Com as tuas dimensões supergigantescas, que impressão causarás aos nossos vizinhos!?... Irão crer nos nossos gestos fraternos!?... Como acreditar que redundarás em benefício do povo, se, às somas astronômicas que devoras, o Nordeste, tão golpeado, deve ajuntar os sucessivos aumentos que sofre na energia elétrica, aumento que nossa gente não tem condições de enfrentar!?...

Será justo invocar razões de segurança nacional para o sigilo em torno das centrais nucleares? Não é possível sequer obter dados seguros sobre acordos nucleares com a Alemanha Federal e a Argentina?... Nem mesmo se pode discutir a localização das próprias centrais e o destino a ser dado ao perigosíssimo lixo nuclear!?...

Será justo invocar razões de segurança nacional para o sigilo ante o passe mágico que permitiu ao Brasil assumir o 5º posto mundial de fabricante e vendedor de armas?...

Segurança nacional!... Segurança nacional deve tranqüilizar o povo, não com silêncios misteriosos ou com meias-verdades, mas com o anúncio de medidas que, efetivamente, salvaguardem o bem-comum, a justiça, a tranqüilidade e a paz...

Continua, provavelmente, a impressão de que chego ao final de minhas palavras anunciando esperança, mas, de fato, manifestando preocupação, quase angústia, e pessimismo.

Garanto que não. Podeis sentir minha esperança e minha alegria no pedido que vos faço, com grande empenho:

- O Papa João Paulo II me deu, generosamente, o título de Irmãos dos Pobres e Seu Irmão. Permiti que eu interprete o Doutorado de hoje como sinônimo de Irmãos dos Jovens e Irmão do Povo!

E permiti-me um apelo final ao meu querido Cardeal D. Paulo Evaristo Arns. Vão dizer que libertação para nós é apenas libertação terrena e verdade libertadora é apenas organização do povo para exigir ser tido como gente, e ouvido e consultado sobre problemas que caem, de cheio, em cima dele.

Querido D. Paulo: ajude-nos a provar que, graças a Deus, conhecemos e procuramos viver as grandes verdades de nossa fé. Ajude-nos a provocar que, para nós, a grande verdade libertadora é a morte e ressurreição de Jesus Cristo, filho de Deus, que se fez nosso Irmão e nosso Salvador. Ajude-nos, com sua autoridade, a dizer que, quando pensamos na libertação terrena, é porque Deus não nos fez apenas Pastores de almas, e, sim, de criaturas humanas, com alma e corpo. E que, ao bater-nos por nossos irmãos oprimidos, estamos trabalhando pelo Cristo, que se identifica com quem sofre e veio à Terra para que todos tenham vida e vida em abundância, pois Deus é Pai de todos, todos, todos, e não é padastro de ninguém...

.....

*Prêmio “Artesãos da Paz”*

I – TODOS GANHARÍAMOS EM SER ARTESÃOS DA PAZ!

Q

ue belo título! Que apaixonante desafio!

Na medida em que a violência se espalha pelo mundo inteiro e o ódio, além de envenenar cabeças e corações, provoca desastres terríveis, feliz de quem não guarda, dentro de si, a menor gota de travo, e adota, como programa de vida, a prece de São Francisco de Assis:

“Senhor,  
faze de mim um instrumento de tua paz!  
Onde houver ódio, que eu leve o amor!  
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão!  
Onde houver discórdia, que eu leve a união!  
Onde houver dúvidas, que eu leve a fé!  
Onde houver erros, que eu leve a verdade!  
Onde houver desespero, que eu leve a esperança!  
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria!  
Onde houver trevas, que eu leve a luz!  
Ó Mestre,  
faze que eu procure mais

consolar, que ser consolado,  
compreender, que ser compreendido,  
amar, que ser amado...  
pois,  
é dando que se recebe,  
é perdando que se é perdoado,  
e é morrendo que se vive  
para a Vida Eterna!”

Se estou tentando criar este clima de serenidade, de meditação e até de prece, é porque, Artesãos da Paz, em busca da querida e indispensável paz, temos que enfrentar assuntos queimantes, suscitar questões que deixam alguns em carne viva, arriscar-nos a desagradar e desiludir.

Os jovens belgas afirmam que é audácia, hoje, trabalhar pela paz: eles não vacilaram em dar à marcha que promoveram, em Bruxelas, no ano passado, o título expressivo de “Ousar a paz”.

Ousemos, também nós, a Paz!

## II – ESCOLHA SIMBÓLICA

Atribuir o prêmio “Artesãos da Paz”, simultaneamente, ao Arcebispo de Olinda e Recife e ao Líder polonês de *Solidariedad*, é – para falar a linguagem, a um tempo expressiva e forte, do Clube de Roma – exibir um flagrante da humanidade crucificada, entre os dois eixos: Leste x Oeste, em tensão permanente, e Norte x Sul, com seu desequilíbrio fundamental.

## III – O EIXO LESTE X OESTE

O Oeste, mais concretamente, os Estados Unidos, tem responsabilidade grave na promoção internacional do Leste, e, mais concretamente, da Rússia. Durante a 2ª Guerra Mundial, para vencer o nazismo, o Oeste não vacilou em pedir a colaboração da Rússia, até então tida e havida como a Besta do Apocalipse e o próprio Anti-Cristo.

Claro que a Rússia não vacilou: veio imediatamente, espalhou-se como pôde, ajudou a conter a marcha do hitlerismo. Mas a que preço!...

lalta que o diga! Foi ali que, no final da 2ª Guerra Mundial, a humanidade assistiu, pasma, ao encontro de Roosevelt, Churchill e Stalin.

Quantos erros graves cometidos, talvez, com as melhores intenções:

- O esquiteamento de Berlim e de toda a Alemanha, como se Alemanha fosse sinônimo de nazismo... E, até hoje, este equívoco e este crime persistem...
- A divisão, em plano mundial, das zonas de influência dos Estados Unidos e da Rússia, com as sementes do Pacto de Varsóvia e da Aliança Atlântica, e a constituição implícita do eixo Leste x Oeste, tão responsável pela corrida armamentista, a maior loucura em que já se envolveu a humanidade, loucura que a muitos parece incurável e destinada a levar a Terra ao suicídio universal.

As bombas mais poderosas da 2ª Guerra Mundial tinham a capacidade destruidora de 10 toneladas de dinamite. A que foi lançada sobre Hiroshima, em 1945, era da ordem de 13 mil toneladas de dinamite. Hoje, há ogivas nucleares com uma força explosiva equivalente a 25 milhões de toneladas de dinamite.

Os arsenais das superpotências nucleares estão cheios de armas nucleares num total correspondente a 15 bilhões de toneladas de dinamite.

Comenta o Clube de Roma: isto quer dizer que cada criatura humana (inclusive crianças) está sentada sobre mais de 3 toneladas de explosivos de alta potência, prontos a ser empregados a qualquer instante.

O preço de um submarino nuclear, como o *Novo Tridente*, daria para manter na escola, durante um ano, 16 milhões de crianças. Também com sua carga de 20 foguetes, o *Novo Tridente* pode fazer desaparecer 408 cidades, como Hiroshima e Nagasaki.

E cada vez, Estados Unidos e Rússia mais se armam para mutuamente se destruírem. Em momentos de menos tensão os chefes das duas superpotências se encontram para combinar uma diminuição nestes arsenais de loucura. Na prática, mesmo que o número de bombas diminua, o poder destruidor das que restam aumentam loucamente.

E ninguém aceita ser o primeiro a efetivamente reduzir seus arsenais de morte, que incluem engenhos químicos, biológicos, ecológicos, para os quais teremos, inclusive, de criar palavras novas...

Na Rússia, sobre questões como armas, ai de quem se atrever a levantar perguntas ou a fazer apelos. Na Europa, do Pacto do Atlântico, ai de quem propuser que se dê o primeiro passo no desarmamento: vem a acusação implacável de se estar fazendo o jogo da Rússia, o jogo do comunismo.

Os Artesãos da Paz esperam contra toda a esperança. Depois de olharmos o outro eixo da cruz, que a humanidade carrega – o eixo Norte e Sul – veremos que o Espírito de Deus ajudando, há saídas, há alternativas, há esperança!

#### IV – O EIXO NORTE X SUL

Por que o fosso entre Norte x Sul só se faz alargar e assume proporções catastróficas?... Problemas de raça? De inteligência? De coragem de trabalhar? De honestidade?...

O que aconteceu e acontece sempre mais é que o Norte mantém a própria riqueza esmagando o Sul.

No tempo das chamadas descobertas e, mais tarde, do colonialismo, o que um dia se chamaria Norte, ainda era praticamente só a Europa.

Se é verdade que, nas descobertas e no colonialismo, com o pretexto de ajuda, as culturas locais, direta ou indiretamente, foram esmagadas; se, em regra, as populações nativas tiveram que optar entre a escravidão ou guerras de extermínio; se houve devastação da Natureza e exploração ampla das matérias-primas, tudo se passou em nível empírico, pois a tecnoeconomia ainda estava por nascer.

Hoje, as multinacionais – as verdadeiras donas do mundo – manobram quatro colossos, utilizando técnicas especiais para cada um:

- 1º Colosso: a América do Norte (Estados Unidos e Canadá) se sente feliz porque se bate pelo comércio livre, que, de livre, só tem o nome, porque esmaga qualquer tentativa de competição. Suas enormes corporações multinacionais criam publicidade larga, tentando fazer crer que estão na vanguarda da animação desenvolvimentista dos países do Sul: com a chegada



de tecnologias avançadas; com a vinda de moeda forte e a criação de numerosos empregos; com a compra de matérias-primas e até produtos industrializados.

De fato, não há transferência de tecnologias; há dívidas externas que aumentam rapidamente; há arrasamento de matérias-primas não-renováveis; os incipientes industriais nacionais são devorados e o desemprego se alarga...

– 2º Colosso: a Europa Ocidental guarda a ilusão (ou faz de conta que a guarda) de atuar nos países do Sul, como ampliação da Comunidade Européia...

Na prática, o 1º e o 2º Colossos se aliam, se confundem, pois é intricado o relacionamento e o inter-relacionamento das multinacionais, em nível mundial.

– 3º Colosso: o Japão com a eletrônica começa a inquietar os países que pararam na tecnologia. Alardeia que a simples difusão da eletrônica vai levar ao fim das dominações e à chegada da fraternidade.

Claro que está havendo e haverá sempre mais conluio entre eletrônica e tecnologia. E é fora de dúvida que a eletrônica vai institucionalizar o desemprego.

– 4º Colosso: a União Soviética ainda se envergonha de acolher as multinacionais e o sistema bancário. Atua através do Comecon.

O Norte sabe que na mesma hora em que fabrica super-riqueza para minorias mínimas:

- deixa mais de 2/3 da humanidade em condição subumana de miséria e de fome;
- sabe que, em apenas um ano, em 1980, 50 milhões de pessoas morreram de fome;
- devasta e degrada a biosfera, superexplorando os quatro principais sistemas biológicos: terras cultiváveis, pastagens, florestas e fauna oceânica.

O Norte sabe que alimenta a exasperação das soberanias nacionais, amparadas por sistemas de segurança nacional, que se tornam valor

supremo, idolatria... Quem não sabe, quem não sente que as Nações Unidas se vêem na impossibilidade prática de coordenar mais de 150 egoísmos nacionais!?!...

Acontece que se é verdade que, depois da 2ª Guerra Mundial, multiplicaram-se países com independência política, apenas de nome e, sem independência econômica, nem cultural, praticamente todos têm que girar na zona de influência do Oeste ou do Leste. Note-se que a observação vale também para os países da América Latina, nos quais a experiência de exclusiva independência política já tem mais de século e meio de existência.

Note-se, também, que um 5º Colosso – a China – se esboça, se apresenta, sobretudo a partir da morte de Mao Tse-Tung e da instalação, no imenso império, das poderosas multinacionais, que riem dos sistemas políticos e de todos se utilizam.

Note-se, ainda, que, quando um país, ainda sob dependência colonial ou sob o domínio de intolerável ditadura interna, parte para uma guerra de libertação, para o povo dominado, a guerra é de libertação. Mas, quando este povo pede o auxílio de uma superpotência, ela vem voando, assegura a vitória desejada, mas nenhuma superpotência existe, que ajude ingenuamente: ajuda, mas fica, a pretexto de assegurar a vitória.

Há, então, um quadro de neocolonialismo, que vai desde a sabedoria política da Commonwealth, passa pelas zonas de influência do eixo Leste x Oeste, e utiliza a meia ilusão das guerras de libertação.

Fala-se muito em diálogo Norte-Sul que, na presente situação mundial, é enorme ilusão.

Que condição de diálogo tem um mendigo, um lázaro, chamado à mesa do ultrapoderoso rico!?!... E quem não sabe que o Sul ainda necessita de organização e preparo, a ponto de ser possível dizer que, por enquanto, vêm aos diálogos Norte-Sul, sulistas chamados a fazer o jogo do Norte!?!...

O Norte se apavora mais com a Bomba M (Bomba da Miséria) do que com a Bomba Nuclear. Daí as campanhas teleguiadas e fortemente subsidiadas para apresentar a explosão populacional como a inimiga nº 1 do desenvolvimento. Claro que existe um problema de crescimento da população. Mas, nos países do chamado 3º Mundo, não aceitamos campa-

nhas anticoncepcionais, manobradas com extrema habilidade para fazer esquecer a verdadeira explosão que é de egoísmo...

O Norte alardeia suas ajudas aos países pobres. Mas se sabe que vinte vezes mais do que todas as ajudas a esses países são os gastos com os programas militares dos países ricos.

E quaisquer ajudas não toleram que se pense em mudanças de estruturas. Os serviços de inteligência, em nome da segurança nacional, não escolhem meios quando se trata, na verdade ou de aparência, de salvar a Ordem.

A palavra de comando é: entre a Ordem e a Justiça, prevalece a Ordem.

Escuridão total? Ausência de saídas! Impossibilidade de esperança?

Vamos indicar pistas que nos levam a esperar contra toda esperança...

## V – ALERTA, ARTESÃOS DA ESPERANÇA

Quem acompanha a caminhada das Nações Unidas há de começar a sentir que nem tudo está perdido. Representantes dos mais diversos pontos do mundo – raças, línguas, religiões, sistemas políticos diferentes – voltam-se para vários dos maiores problemas humanos:

- 1972 – Estocolmo – Conferência sobre o meio ambiente
- 1974 – Bucareste – Conferência sobre a população
- 1974 – Roma – Conferência sobre a alimentação
- 1975 – México – Conferência sobre o Ano Internacional da Mulher
- 1976 – Vancouver – Conferência sobre habitação humana
- 1977 – Lagos – Conferência sobre discriminação racial
- 1977 – Nairóbi – Conferência sobre a desertificação
- 1978 – Genebra – Conferência sobre o racismo
- 1978 – Buenos Aires – Conferência sobre cooperação técnica entre países desenvolvidos

- 1979 – Viena – Conferência sobre ciência e técnica a serviço do desenvolvimento
- 1979 – Roma – Conferência sobre reforma agrária e o desenvolvimento rural
- 1980 – Copenhague – Conferência sobre a mulher
- 1982 – Nova Iorque – Conferência sobre a corrida armamentista

Há gestos que falam mais do que as palavras. Quando, no ano passado, o querido Cardeal Pelegrino e o senhor presidente da Itália, de comum acordo, destinaram o prêmio de Artesãos da Paz às crianças de El Salvador e às crianças do Afeganistão, fizeram um apelo silencioso, mas eloqüentíssimo aos responsáveis pelo eixo Leste x Oeste.

Neste ano, quando tendo na margem direita em que vivo, um sem-número de situações aflitivas a acudir, nem vacilo em entregar o prêmio a João Paulo II, para que ele o aplique na margem esquerda, em sua querida e sofrida Polônia, tenho convicção plena de estar participando de um claro gesto de esperança.

É importante para a minha gente sofrida da América Latina, do querido Brasil, saber que esmagamentos humanos, opressões, desrespeitos a órgãos vitais da convivência humana, não são, de modo algum, monopólio da margem direita...

Perdoe que eu volte a citar o Clube de Roma. Mas considero as *Cem páginas para o futuro*, de Aurelio Peccei, um arco-íris, corajosamente aberto pelos cientistas que nos alertaram para as catástrofes mundiais que pareciam iminentes.

E como fico radiante vendo o Clube de Roma, em plena sintonia com o Papa que viveu a experiência nazista e a experiência comunista, afirmando, quase com as mesmas palavras, que “é o ser humano a dimensão fundamental capaz de transtornar profundamente os sistemas que estruturam a humanidade inteira e de libertar a existência humana individual e coletiva das ameaças que pesou sobre ela”.

Como fico feliz vendo cientistas afirmarem: “É o povo, de modo geral, o verdadeiro portador do futuro. Seu desenvolvimento e sua tomada de consciência da nova condição humana e das responsabilidades maiores que ela comporta são os eixos para reorientar a sociedade.”

Até parece que estou lendo afirmações do Vaticano II, de Medellín e de Puebla!

O mesmo ocorre ao ouvir o Clube de Roma afirmar: “Por motivos de justiça e de democracia, exige-se que a voz dos jovens seja ouvida, especialmente em todas as questões concernentes ao futuro...” Os jovens “são mais críticos perante a sociedade contemporânea e não estando ainda presos às suas engrenagens são mais livres de empregar sua criatividade para imaginar uma diferente. São mais puros – portanto mais sensíveis à necessidade de um Mundo mais justo, mais honesto e mais humano. Podem ser portadores de uma nova idéia civilizadora”.

Meu querido Walesa! Tenho um sonho a confiar-te e uma sugestão a fazer-te. Nós, da não-violência ativa, podemos pensar alto diante de todos, porque não nascemos para conspirar.

Sonho em ver a Igreja de Cristo na América Latina, alimentando em nosso povo, através de nossos jovens, a mística de filhos de Deus e de Irmãos em Jesus Cristo, para criar uma autêntica integração latino-americana, sem imperialismos de fora, nem imperialismos de dentro. Nada de criar um novo bloco econômico. Nada de querer suplantar a África e a Ásia, nossas irmãs de 3º Mundo. Já que carregamos a responsabilidade de termos praticamente a mesma língua e o mesmo espírito cristão, e mais de século e meio de experiência de independência política, sem independência econômica, nem cultural, e, sobretudo, já que carregamos a responsabilidade de ser a parte cristã do mundo pobre, quem sabe, Deus espera de nós o testemunho de um Continente onde todos, com pleno reconhecimento de nossas respectivas culturas, sejamos, de verdade, um Continente de povos irmãos!...

E a sugestão a fazer-te, querido Walesa, talvez já coincida com o que vens vivendo, não só em palavras, mas em sacrifício e sangue:

- que a Polônia, terra de inabalável fé cristã, terra da Madona de Czestochowa, convença os comunistas como é anti-humano querer impingir ateísmo e como é péssima propagan-

da do sistema o regime de perene suspeição, de delações sem fim, e de imposição de um partido que tudo sabe, tudo faz, tudo cria, sem jamais errar, nem por omissão!

Que Deus te ajude a abrir, com Solidariedade, uma clareira por onde entrem de cheio liberdade e luz, e esperança contra toda esperança!

---

Mensagem fraterna, transmitida, em Turim (Itália), a 18-4-1982, por Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife (Brasil), ao lhe ser conferido, pelo SER-MI-G, o prêmio "Artesãos da Paz", ao mesmo tempo que a Lech Walesa, herói polonês.

.....

*Pecados sociais, que exigem conversões sociais*

I – DESCALÇA-TE: A TERRA QUE PISAS É SAGRADA

**S**abemos que Deus está em toda parte e que, em rigor, toda terra é sagrada. Mas, há lugares em que a presença divina se torna quase visível e tangível. Há lugares em que o ímpeto de descalçar-nos ainda é mais forte, de tal modo se torna evidente que é sagrada a terra que nos sustenta.

Aqui, no querido Instituto Santa Úrsula, encontrei – na Direção, no Corpo Docente, no Corpo Discente, entre os Auxiliares – exemplos que me acompanharão para sempre.

Aqui, como na então incipiente Universidade Católica, vi surgir a Sarça Ardente do ideal de ajudar a inteligência humana a tentar corresponder à responsabilidade sagrada de participar da inteligência divina, na missão estonteante, que o Senhor nos confia, de co-criadores.

Minha maneira de agradecer-vos a fineza do Doutorado de honra, uma vez que sou o primeiro a saber que não sou doutor, e aproveitar os instantes em que estou doutor, para dirigir um apelo fraterno à nossa Universidade.

Sabeis muito bem que a humanidade vive dias, a um tempo, ameaçadores como nunca, mas, também, como nunca, fascinantes. E sabeis como o santo Papa João XXIII tinha razão ao anunciar uma primavera para a Igreja de Cristo.

Um dos sinais de primavera é a coragem de a Igreja, mantendo sempre a atenção para com os pecados pessoais – que exigiam, exigem e sempre exigirão conversões pessoais – chamar, cada vez mais, a atenção para os pecados sociais, que exigem e exigirão, sempre mais, conversões sociais.

Permiti que, enquanto estou doutor, solicito vossa melhor atenção para os maiores pecados sociais do nosso tempo e para pistas possíveis que conduzam às necessárias e inadiáveis conversões sociais.

## II – O POVO ENSINA...

A Arquidiocese do Rio de Janeiro acaba de dar uma lição importantíssima, digna da maior atenção de todos, particularmente do governo e dos técnicos: ao ter que apresentar subsídios para a formação de uma consciência cívica, D. Eugênio não vacilou em ouvir o povo. O documento que o cardeal do Rio prefacia, foi elaborado por moradores de 30 comunidades populares, coordenadas, fraternalmente, pela Comissão de Pastoral de Favelas.

Engana-se quem pensar que gente humilde e simples não é capaz de pensar e de apresentar sugestões válidas. Até quem não sabe ler, nem escrever, é capaz de pensar, não raro com bom senso e perspicácia, capazes de causar inveja a muito técnico...

A Cartilha da Arquidiocese de São Sebastião do Rio prova como favelados são capazes de indicar os grandes problemas, que esmagam não só larga parte da população brasileira, mas a maior parte da população mundial...

E a Comissão de Pastoral de Favelas anexa, à indicação de cada grave problema apresentado, documentos da doutrina social da Igreja, dando apoio às exigências do povo.

## III – AMOSTRAS DE PECADOS SOCIAIS

### *1 – Mais de 2/3 da humanidade em condição subumana*

Com o avanço da tecnologia, o homem, hoje, sabe que é capaz de suprimir a miséria da Terra e a Organização das Nações Unidas – a ONU –, em lugar de anunciar esta boa nova, é obrigada a proclamar que mais de 2/3 da humanidade se acham em condição subumana, de miséria e de fome...



Um dado entre muitos outros:

- a FAO informa que, em 1980, morreram de fome no mundo 50 milhões de pessoas.

É ou não um caso típico de pecado social? Quem de nós tem o direito de proclamar que nada tem com isto, que não pode fazer, e partir para imitar Pilatos, lavando as mãos, como não tendo responsabilidade nenhuma pela morte destas criaturas humanas, destes filhos de Deus!?!...

Procurai aprofundar o grau de responsabilidade de cada um de nós diante da situação subumana de mais de 2/3 da população mundial e, sobretudo, da morte de fome, em um só ano, de 50 milhões de pessoas!?!...

## *2 – Corrida armamentista*

Quando se conhecem alguns dados sobre a corrida armamentista entre Estados Unidos e Rússia, e seus respectivos satélites, compreende-se, imediatamente, porque a miséria, longe de desaparecer da Terra, só faz aumentar...

Lembremos alguns informes fornecidos pelo Clube de Roma, cuidadosíssimo com a segurança dos dados que apresenta:

- os países desenvolvidos gastam, com suas despesas militares, vinte vezes mais do que com todas as ajudas aos países subdesenvolvidos;
- em dois dias, o mundo gasta mais em fabricação de armas do que com todas as despesas anuais de todos os órgãos das Nações Unidas, inclusive Conselho de Segurança, Unesco, FAO, UNCTAD...
- mais de 100 milhões de cidadãos recebem direta ou indiretamente seus salários dos ministérios de Defesa;
- o treinamento militar nos Estados Unidos custa, cada ano, o que daria para um ano de estudos de 600 milhões de crianças nos países subdesenvolvidos;
- o preço de um moderno tanque daria para construir mil salas de aula para trinta mil estudantes;

- o preço de um avião de caça daria para abrir quarenta mil ambulatórios nos países subdesenvolvidos...

E o poder de destruição das armas nucleares aumentam de maneira incrível: hoje, um moderno submarino nuclear como o *Novo Tridente* ou o *Corpus Christi*, com sua carga de vinte foguetes, pode fazer desaparecer 408 cidades como Hiroshima e Nagasaki...

E a guerra nuclear já chegou ao nosso continente. Quem ouviu, através do Jornal Nacional da TV Globo, a relação dos gastos da primeira semana de guerra entre Inglaterra e Argentina deve ter ficado estarecido... Basta lembrar o preço do míssil, de fabricação francesa, lançado de 30km de distância pela Argentina e que pôs a pique um destróier inglês...

E o tremendo é que, a guerra nuclear tendo chegado ao nosso continente, é fácil imaginar que os países latino-americanos estejam pasmos ante o que lhes pode loucamente parecer a necessidade de triplicar ou quadruplicar os orçamentos militares, para equipar suas forças armadas para que estejam à altura da hora nuclear e eletrônica que passa e, no caso do Brasil, de proteger, de modo válido, a imensidade de praias com que Deus nos brindou...

Haverá loucura maior do que a corrida nuclear, quando se sabe que tanto os Estados Unidos, como a Rússia, já tem mais de 60 vezes o necessário para liquidar a vida em nosso planeta?

Há pecado social nestes gastos astronômicos e que, além do mais, nos deixam, a cada instante, expostos a um suicídio universal?

Trata-se de pecado apenas – em plano mundial – para os chefes das superpotências, e para os dirigentes do Pentágono e do Exército Vermelho? E em plano nacional trata-se de pecado apenas no nível dos dirigentes nacionais ou todos temos obrigação de clamar, mesmo correndo o risco de falta de patriotismo e ligação ideológica com Forças que nos querem destruir?

### *3 – Alcance exato da “explosão” demográfica*

A maneira mais fácil de despistar a atenção sobre a loucura armamentista – grave, gravíssima, mesmo que não rebente uma guerra nuclear, dados os gastos astronômicos da corrida – é apontar na explosão demográfica o grande obstáculo ao desenvolvimento universal.

As aparências são muito fortes em favor desta tese:

- em 1900, o mundo tinha 1 bilhão e 600 milhões de habitantes;
- nos primeiros 80 anos deste século, a população mundial triplicou, sobretudo pela vitória sobre a mortalidade infantil e pelo aumento do tempo médio de vida;
- para o Ano 2000, os demógrafos calculam uma população mundial de 6 bilhões e 300 milhões, dos quais 5 bilhões e 600 milhões estarão no chamado 3º Mundo.

Em rigor, o que existe é explosão de egoísmo. O pequeno grupo de países do Norte é sempre mais rico porque explora, a mais não poder, a política internacional do comércio.

A sociedade de consumo, verdadeira sociedade do desperdício, esbanja as matérias-primas, não raro, não-renováveis, dos países subdesenvolvidos.

As grandes companhias multinacionais chegam ao 3º Mundo carregadas de promessas: vêm trazer aos nossos países tecnologia avançada; vêm trazer moeda forte e criar numerosos empregos.

As multinacionais são a face nova e aperfeiçoadíssima do imperialismo. A força enorme de que dispõem não vem apenas da circunstância de estarem instaladas em dezenas de países: vem sobretudo das alianças que estabelecem. Basta lembrar o entrosamento com o poderio militar, com os grandes meios de comunicação social e com os serviços de inteligência... São tão poderosas, que riem dos sistemas políticos – sendo filhas queridas do capitalismo, estão implantadas na Rússia... E para se instalarem na China, apenas esperaram a morte de Mao Tse-Tung...

#### IV – ENCONTRO QUE PODE SER UM MARCO EM NOSSA CAMINHADA

Ao insistir no apelo para que a *nossa* Universidade aprofunde o estudo dos pecados sociais – e universidades afins, universidades irmãs, poderão ser convidadas a trabalhar na mesma linha – quero aproveitar o privilégio de estar falando aqui do Rio (e o que se diz daqui, ainda e sempre,

repercute facilmente em todo o Brasil) – para focalizar um acontecimento que se dará em Fortaleza (Ceará), de 1<sup>o</sup> a 4 de junho próximo, acontecimento que poderá ser uma pista esplêndida para uma conversão social, do maior alcance para a nossa vida de povo.

Todos os bispos do Nordeste irão, se Deus quiser, a Fortaleza apoiar experiências vindas do nosso povo, experiências, de dimensão humana, de convivência com a seca; experiências que contam com o apoio e o incentivo de alguns dos maiores e melhores técnicos do Nordeste brasileiro.

Quantas notas válidas!

- Altamente positiva a atitude dos bispos de toda a região confiando no povo humilde e simples, confiando em nossa gente sofrida, e acreditando que mesmo quem não sabe ler, nem escrever, é capaz de pensar, e que o governo e os técnicos terão muito a lucrar ouvindo o povo...
- Altamente válida a atitude dos bispos de toda a região nordestina, clamando por uma inadiável reorientação de nossa economia no sentido de torná-la humana, e proclamando alto e bom som que quanto maior e mais espetacular é um projeto (e o Brasil está cheio deles) menos o nosso povo é atendido... Projetos faraônicos servem às multinacionais, aumentam a nossa dívida externa ao invés de diminuí-la, e comprometem o nosso futuro... Projetos faraônicos, longe de serem pista que nos livrem dos nossos pecados sociais só servem para agravá-los...

Projetos de dimensão humana contam com o apoio dos técnicos que conseguem salvar o humano, mesmo estando em dia com as mais avançadas tecnologias e a mais surpreendente eletrônica...

- O Encontro de Fortaleza é encontro de esperança, de quem joga no nosso Nordeste e, longe de partir para leiloá-lo, exige um basta à péssima tradição de tratar o nordestino como um eterno mendigo e a região como esplêndida fornecedora de matéria-prima para um Brasil do Sul, já integrante do 1<sup>o</sup>

Mundo e candidato forte ao Clube, senão dos 10, pelo menos dos 20... Claro que integrante do Clube Nuclear...

- O Encontro de Fortaleza quer um só Brasil trabalhando para a superação de três ou quatro mundos em um só mundo, no qual os homens de todas as raças, de todas as cores, de todas as línguas, de todos os credos se sintam filhos do mesmo Criador e Pai, raiz profunda e única da autêntica fraternidade, sem a qual em vão se falará em igualdade e em liberdade...
- O Encontro de Fortaleza parte de um dos pecados sociais do Brasil – nossa posição diante do Nordeste sempre mais pobre e nossa incapacidade de enfrentar, de modo válido, o fenômeno das secas, e valerá, o Encontro dos Trabalhadores Rurais do Nordeste, prestigiado pelos bispos nordestinos, como estudo de pista para uma conversão social.

---

Mensagem fraterna de Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, ao lhe ser conferido o diploma de Doutor *Honoris Causa*, pela Universidade de Santa Úrsula, sob o alto patrocínio do querido Cardeal D. Eugênio de Araújo Sales, Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro (Rio, 21-5-1982).

.....

*O grande enfermo, merecedor do cuidado máximo*

Q

Quando me destes a honra de convidar-me para vosso Paraninfo, meus jovens amigos, doutorandos da Faculdade de Ciências Médicas, da Fesp, escrevi para o vosso convite de formatura, palavras que, se forem assumidas por vós, vos trarão problemas... Permiti que as relembre e as defenda, pois, salvo engano, criando-vos dificuldades, vos incitarão, no entanto, a viver a medicina, já de si tão grande, em dimensão ainda mais bela e mais profunda...

Eu vos disse que, ao receberdes o diploma de médicos, certamente, já teríeis percebido que o grande enfermo, necessitando de cuidados urgentes, é o mundo em que vivemos...

E acrescentei três interrogações, que relembro aqui, pois são amostra expressiva da enfermidade do nosso mundo, enfermidade que a nenhum de nós pode ser indiferente, enfermidade que surge como um claro desafio a vários grupos humanos, inclusive os médicos...

Eis as três interrogações:

- É verdade ou não que mais de 2/3 da humanidade se acham em situação subumana de miséria e de fome?
- É verdade ou não que milhões morrem de fome, cada ano, e outros milhões ficam, para sempre, feridos, também, por ela?

– É verdade ou não que, hoje, o homem, capaz de liquidar a miséria da Terra, continua preferindo fabricar armas nucleares, químicas e biológicas, em quantidade várias vezes superior à carga necessária para liquidar a vida em nosso planeta?...

À primeira vista, pode parecer sofisma, eu desejar médicos enfrentando, não doenças físicas, mas doenças morais...

À primeira vista, parece fácil dizer que situação subumana, fome e loucura armamentistas, com possibilidade ampla de varrer a vida da Terra, são problemas para cientistas sociais, mas não problemas para a medicina...

Pode até parecer que, abusivamente, pretendo incitar jovens médicos a confundir medicina com política, tal como segundo alguns, a Igreja do Vaticano II dá o mau exemplo de mesclar política com pastoreio, deturpado – sempre segundo alguns – a missão espiritual confiada por Jesus Cristo a seus Apóstolos...

Não é a vós, queridos afilhados, que preciso trazer esclarecimento, provando que, longe de incitar-vos a qualquer tipo de desvio ou de deturpação de vossa missão médica, certamente vos confirmo na visão ampla de saúde, como problema global, e de medicina como ciência e arte do mais alto e profundo sentido humano...

Penso nas pessoas de boa-vontade, que se angustiam até vendo a Igreja envolver-se em problemas economico-sociais, que lhes parecem alheios à missão de conduzir as almas para a eternidade... Esquecem-se de que jamais encontramos almas desencarnadas, nas criaturas humanas, com alma e corpo. Esquecem-se de que a eternidade começa agora e aqui, e de que é aqui que se constrói o que vai ser nossa eternidade... Esquecem-se, sobretudo, de que Cristo uniu, para sempre, o amor a Deus e o amor ao próximo, chegando ao extremo de dizer que todos seremos julgados, conforme o tratamento que dermos a Ele, na pessoa dos pobres: “*Eu* tive fome”... “*Eu* tive sede”... “*Eu* estava nu”... “*Eu* estava enfermo”... “*Eu* estava preso”... “*Eu* era estrangeiro”...

Quanto a vós, a realidade já vos ensinou, amplamente, que é impossível deixar de encarar a saúde, como problema global...

Já começou, certamente, para vós, queridos doutorandos, o drama das filas em postos de atendimento popular...

Que fazer diante das dezenas de enfermos que esperam ser atendidos pelo médico? Atender somente ao pequeno número que pode ser examinado, de verdade, com a atenção que merece cada criatura humana, cada filho ou filha de Deus!?!... Mas como mandar embora os demais se a fila quase toda chegou de madrugada pedindo dinheiro emprestado para o transporte cada vez mais caro e estando em jejum, porque nem café foi possível tomar em nosso país do café, nem morder um pedaço de pão, mais uma alimento essencial que escapou das mãos dos pobres!...

Como mandar embora 2/3 da fila, quando sabemos que há senhoras que pediram vestido emprestado a uma vizinha para poder vir à cidade!?!...

Que fazer na hora grave da receita?!... Já vos iniciastes, certamente, no mundo da farmacopéia... Conheceis a mais alienada das multinacionais: a dos remédios... Sabeis como eles se multiplicam, quase sempre em pura especulação... Sabemos todos como se apresentam como indispensáveis, como maravilhas, graças à publicidade... E talvez não tivestes ainda o vagar necessário para conhecer, de verdade, o tesouro abandonado das plantas medicinais...

Quantos irmãos nossos saem das filas com listas de remédios que escapam de todo ao alcance dos pobres e os obrigam a ir esmolá-los em alguma obra de atendimento fraterno!...

Como podereis esquecer que quase todos os que estão nas filas, mesmo se não estiverem desempregados, têm problemas sérios para enfrentar com o aluguel de casa, com a conta da luz e de água com a compra de alimentos!...

Sabeis, desde crianças – para citar um exemplo evidente – a tuberculose, além de evitável, é perfeitamente curável, desde que haja remédios, em dose adequada e superalimentação... Como é comum acontecer que o hospital se veja na contingência de dividir, por dois ou três enfermos, a dose necessária para um!?!...

E quanto à superalimentação, a regra, no meio da pobreza nordestina, é a subalimentação, é até o déficit alimentar desde o nascimento!...



Quem não conhece a denúncia feita pelo saudoso e querido cientista Nelson Chaves, que julgou de seu dever de consciência denunciar o surgimento, em nossa área, de uma raça nanica, devido à fome!?!...

E note-se que o nosso Brasil está longe de ser um país sem recursos... O problema é que este queridíssimo Brasil anda bastante enfermo, embora de enfermidade perfeitamente curável, desde que haja cabeça, honestidade e coragem!...

Pense quem quiser que vem nublar vossa festa, turvar vossa alegria. Longe de semear desânimo e pessimismo em vosso caminho, vem ajudar-vos a ter bem claros, diante de vossas vidas, os apaixonantes desafios, que vos esperam:

- Deus, o próprio Deus vos incita a completar vossa missão belíssima de médicos, com a missão sagrada de Artesãos da Paz... Mas artesãos de paz autêntica, impossível de existir sem justiça e amor!

Os pessimistas e supersticiosos acharão de mau augúrio a coincidência entre vossa formatura e o mais cruel dos pacotes, para atendimento ao FMI, que, tendo nascido com o pretexto de ajudar os países em vias de desenvolvimento, foi criado para perpetuar a hegemonia do grupo mínimo de países sempre mais poderosos.

Com a força moral de doutores em Ciências Médicas, provai que saúde é problema global, e ajudai-nos a exigir justiça em lugar de ajudas, justiça em lugar de favores a esmolar. Ajudai-nos a repelir campanhas maciças e teleguiadas de controle da natalidade. Paternidade responsável estudada em nível humano, com respeito à nossa cultura, sim! Não! corajoso e firme à campanha a serviço do absurdo de julgar necessário que a humanidade, antes do Ano 2000, se livre no mínimo de 1 bilhão de habitantes e idealmente de 1 bilhão e meio.

Ajudai-nos a provar que a explosão demográfica deixará de existir quando for vencida a explosão de egoísmo.

---

Mensagem de Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, como Paraninfo dos Doutorandos (julho de 1983) da Faculdade de Ciências Médicas, da FESP/UPE, em cerimônia no Centro de Convenções de Pernambuco (14-7-83).

.....

*Senhor, fazei de nós artesãos de Vossa paz*

## I – POR QUE ACEITEI VIR ATÉ AQUI?

Q

ue força me animou a vir até esta Casa, para participar dos debates que os representantes do povo gaúcho julgaram conveniente promover, em vista da gravidade suma em que se acha o nosso país?

Venho como Bispo da Igreja de Cristo? Mas o Rio Grande do Sul, além do Arcebispo de Porto Alegre, meu Irmão Dom Cláudio Colling, dispõe de pastores à frente de suas demais 14 dioceses... E, certamente, esta Assembléia Legislativa teve ouvidos para a Voz do Conselho Permanente de nossa Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, quando, em recente reunião, julgou de seu dever transmitir à nação suas preocupações e esperanças.

Claro que não venho como técnico, pois não sou, nem estou técnico, e nem trago alternativas para a situação caótica em que mergulha o nosso País.

Venho emprestar minha voz à nossa gente sofrida, que continua sendo a mais sacrificada, sem que as autoridades se dêem ao trabalho de, ao menos, tentar explicar porque sempre o arrocho se dá do lado dos que já esgotaram, há muito, sua quota de sacrifício para a recuperação nacional.  
*(Palmas.)*

## II – APELO AO SENSO ÉTICO DO PAÍS

### 1 – *Urgência de restaurar a credibilidade nas informações oficiais*

É urgente que nossas autoridades abandonem de todo e para sempre o desgaste moral horrível de esconder a verdade, de calar a verdade e, sobretudo, de faltar à verdade...

Certas autoridades ficam negando até o último instante, quase jurando: *não, não, não*, para, na manhã seguinte, dizerem *sim*.

O povo conclui que quando o governo diz *sim é não*, e quando diz *não é sim*. (*Palmas.*)

O Governo vai precisar, enormemente, do apoio popular. Nossa gente sofrida diz, pela minha voz:

– “O Brasil suporta a verdade e não precisa de nossas patrióticas mentiras...” (*Palmas.*)

### 2 – *Urgência de pôr termo a uma verdadeira escalada de corrupção*

As notícias de fraudes envolvendo órgãos oficiais se multiplicam, cobrindo várias regiões do país.

Anunciam-se inquéritos. O povo não chega a saber da apuração dos culpados e de penalidade que venham a sofrer.

Já houve até o caso célebre de fraude larga acabar sendo paga pelas vítimas, não se poupando sequer aposentados, que já têm, como triste prêmio de anos e anos de trabalho, diminuição de suas magras pensões...

### 3 – *Urgência de exemplos, na hora de apelos à austeridade*

Nossas autoridades sentem, cada vez mais, necessidade de apelos à austeridade.

Esses apelos só conquistarão o mínimo indispensável de respeito e de credibilidade, no dia em que a nação tiver conhecimento real de um fantasma, que parece possuir garras ultra-ávidas e bocas numerosas e supervorazes: a mordomia... (*Palmas.*)

Ela existe mesmo? Há exageros no que dizem sobre ela?

Ou, de fato, ela está corrompendo longas áreas do Poder Público, comprometendo a própria imagem da nação?

*4 – Urgência de debater com o povo nossos projetos faraônicos*

É um engano supor que quem não sabe ler, nem escrever, não sabe pensar, não sabe dar informação segura sobre o que serve ou não serve ao povo...

O povo escuta rádio (seu radinho de pilha) e, não raro, os televisinhos acompanham até a televisão.

O povo sabe que quanto maior é o projeto, menos serve ao povo.

O povo viu que, para construir Itaipu, foi preciso reforçar toda a estrada e reforçar as enormes carretas, para que pudessem suportar as máquinas enormes que iam rasgar a barragem colossal... Projetos assim – e há mais de 30 projetos astronômicos, de Itaipu e Serra Pelada – jamais levariam a um autêntico desenvolvimento, que só existe quando há desenvolvimento do homem todo e de todos os homens. (*Palmas.*)

Vozes insuspeitas já denunciaram que 10% dos gastos com Itaipu dariam para resolver os problemas da seca do Nordeste. Se projetos como Itaipu tivessem sido discutidos previamente com o povo, quem sabe teriam cedido lugar a projetos mais realistas e de dimensão humana.

O meu querido Pernambuco daria um belo exemplo ao país se discutisse com o povo se a verba, para nós polpuda, destinada à Suape teria ou não aplicação mais urgente e válida em projetos não faraônicos, mas também não simplesmente emergenciais, em áreas nordestinas que já enfrentam o 5º ano consecutivo de seca.

O senhor Presidente João Figueiredo se deslocou até Mossoró, no Rio Grande do Norte, para inaugurar a enorme barragem de Açú... Se o povo tivesse sido ouvido, teria certamente exigido que, antes do afastamento de numerosas famílias, que iam ceder lugar à água, houvesse para elas prévio e efetivo alojamento humano. Se o povo tivesse sido ouvido a propósito de Açú, teria chamado a atenção para o fato de somente após um ano da inauguração estava sendo programado o início da montagem da irrigação; e o povo daria alerta para o escândalo de as terras vizinhas da barragem já estarem vendidas a grandes companhias...

E assim quantos outros projetos!... Houve ou não precipitação na prioridade pela energia nuclear? ... Nos Estados Unidos, onde a federação é efetiva, multiplicam-se os Estados que só aceitarão a implantação de usinas nucleares, quando houver solução efetiva para os gravíssimos problemas do lixo nuclear.

Até aqui estive dando exemplos de falhas graves quanto ao senso ético do país:

- lembramos a urgência de restaurar a credibilidade nas informações oficiais;
- lembramos a urgência de pôr termo à escalada de corrupção que compromete a própria imagem do nosso país;
- lembramos a urgência de exemplos vivos na hora de apelos à austeridade;
- lembramos a urgência de debater com o povo nossos projetos faraônicos...

Fechando este capítulo, lembremos a urgência de um redimensionamento da ideologia da segurança nacional.

Claro que todo país tem direito e dever de zelar pela própria soberania...

Grave, gravíssima é a idolatria de considerar a segurança nacional como valor supremo.

Valor dos Valores, Valor Supremo, só Deus.

A experiência latino-americana prova, de maneira trágica, a que aberrações leva colocar a segurança nacional como valor supremo. Tudo é válido para salvaguardar o valor dos valores...

### III – O QUE O POVO SABE E O QUE O POVO PENSA DAS NOSSAS DÍVIDAS

Quando o povo ouve dizer que a dívida externa do Brasil é da ordem de 100 bilhões de dólares, cerca de 41 trilhões de cruzeiros, nem pode ter noção exata do que significa mesmo esta dinheirama sem fim.

O povo logo pressente que está havendo, na certa, no plano internacional, agiotagem da grossa. (*Palmas.*)

De agiota, o povo entende. Ele sabe que, quando alguém cai nas mãos do agiota, quanto mais paga, mais deve.

O povo pressente que a agiotagem internacional já deve ter arrancado do Brasil juros de morte.

O povo não tem ilusões com o FMI e sabe que, com aparência de ajudar-nos e proteger-nos, ele faz o jogo exato da ganância internacional.

O povo não quer que se diga que não se paga mais a dívida. O povo não aceita é que não se leve em conta a enormidade que o Brasil já pagou de juros de risco.

O povo não admite que a tal carta de intenções que o FMI exige que seja – como já foi dito com toda razão – uma carta de rendição.

Onde estão os brios nacionais? Então, vamos sangrar nossos trabalhadores, vamos ferir gravemente nossa indústria para atender à voracidade da finança internacional?...

Nosso Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, já denunciou de público: o número de empregos que ganhamos em duas décadas, perdemos nos últimos três anos.

É claro que cabe aos técnicos falar sobre as dívidas, dando opiniões pessoais. Trago aqui o que pensam os humildes, o que pensa o povo, que muitas vezes não sabe ler nem escrever, mas sabe pensar.

Então, vamos aceitar que o FMI nos dê ordens para reduzir o crescimento populacional? (*Palmas*) Claro que, na luta pastoral, com respeito pleno à cultura e sobretudo ao espírito religioso do nosso povo, apresentamos e debatemos a “paternidade responsável”, a “procriação responsável”. Temos que repelir campanhas maciças de ação anticoncepcional, teleguiadas de fora do nosso país, sem o mínimo respeito à cultura da nossa gente, com derrames enormes de aparelhos anticonceptivos e com larga facilidade para ligação de trompas... (*Palmas*)

Os que denunciam a explosão demográfica, fecham os olhos à verdadeira e avassalante explosão de egoísmo.

Quem sabe, o FMI participa da tese, que se difunde rápida, de que é impossível que a humanidade chegue ao ano 2000 com sete bilhões de habitantes, fazendo-se mister livrar a terra de, pelo menos, um bilhão e, idealmente, de um bilhão e meio.

A primeira vez em que ouvi isso, nos Estados Unidos e, depois, na Europa, no dia 23 de junho, em Notre Dame, a Catedral de Paris, havia uma prece pela paz e, após, uma missa. Enquanto me preparava para celebrar a Santa Missa, depois da prece pela paz – juntamente com os cardeais de Bruxelas e Paris – chegavam pessoas, que não eram pessoas quaisquer, mas pessoas ilustradas, para sustentar esta tese: não é possível que o mundo chegue ao Ano 2000 – e é precisamente o segundo milenário do nascimento de Cristo – sem que a humanidade se livre, sem que a humanidade se desfaça de pelo menos um bilhão de pessoas – e aí é que vem uma coisa tremenda – e de, idealmente, um bilhão e meio. Somente perguntei isto: “Escutem, são um bilhão de pessoas pobres e ricas ou apenas pobres?” (*Palmas*)

Se rejeitarmos a mediação do FMI virão terríveis represálias internacionais? Elas já vieram: já temos que pagar à vista o que precisamos comprar no estrangeiro...

Represálias vai enfrentar a agiotagem internacional se o Brasil trocar atitudes de medo e de covardia, por atitudes serenas e firmes de quem retoma seu destino nacional e internacional. (*Palmas*)

Será rapidamente seguido por vários países do 3º Mundo, e veremos os países industriais e ricos sendo levados a descobrir conosco um redimensionamento da vida internacional, sobretudo, da economia internacional.

Continuo procurando traduzir o pensamento dos pequenos. Alguns podem ser tentados em dizer que os pequenos, os pobres, não sabem o que é FMI. Não se iludam. Houve um tempo em que trabalhávamos para o povo, hoje procuramos trabalhar com o povo. É diferente. (*Palmas*) Quando trabalhamos para o povo, nós é que somos os fortes, os inteligentes: temos as idéias, temos os projetos e temos (*faz sinal de S*). (*Risos*) Hoje, preferimos acreditar naquela palavra de Cristo – e quantas vezes vejo ela realizada. Cristo disse: “Meu Pai, eu te bendigo porque escondeste tuas verdades dos grandes e poderosos e as revelastes aos teus pequeninos.” Quantas vezes tenho feito a experiência: leio uma página do Evangelho e vejo que há pessoas ilustradas, com estudo, e há pobres que, repito, muitas vezes não sabem ler, nem escrever. Pois bem, o comentário mais profundo, o comentário mais adequado à realidade, muitas vezes vem de quem não sabe ler, nem escrever.

Desculpem-me se encerro com uma pequena anedota viva, mas o nosso mestre Jesus Cristo gostava muito de contar parábolas:

Poucos dias antes de o Santo Padre Paulo VI partir para a Casa do Pai, encontrei-o e ele disse-me: “Sempre que o senhor aparece aqui, traz-me alguma anedota viva que me dá tanta esperança. O senhor tem alguma?” Eu disse: “Tenho, Santo Padre. Tenho a história da Severina. A Severina é da minha diocese, não sabe ler, nem escrever, mora numa favela e, tal como acontece cada vez mais, de repente apareceu um dono daquela terra. Esse, então, deu-lhe um prazo de uma semana. Se dentro de uma semana ela não saísse, iriam derrubar sua casa. Severina, então, saiu visitando vizinho por vizinho. ‘Há quanto tempo você está aqui?’ ‘Dezoito anos.’ ‘Então, você tem o direito de ficar aqui.’ De repente, ela saiu da casa de um dos vizinhos, descobriu um carro da polícia diante do barraquinho dela. Ela disse: ‘Olhe, tremi tanto que dei graças a Deus que o vestido era abaixo do joelho, e ninguém viu um joelho batendo no outro. (*Risos*) Fiquei gelada. Tremia muito. E, quando me colocaram dentro do carro, falei: ‘Senhor, não sabia que era tão covarde, pensei que tinha coragem. Mas vai ser uma tristeza, vou-Te trair, Senhor. Vou fazer pior do que Judas, pior do que São Pedro. O Senhor me ajude!’ Aí ela se lembrou de uma palavra do Evangelho que tinha escutado no Encontro de Irmãos, que é uma tentativa de evangelização libertadora, são os pobres que evangelizam os pobres. Ela ouviu esta palavra de Cristo: ‘Quando fores levada ao tribunal, não te preocupes com as respostas que tens a dar, o Espírito falará em ti.’ ‘O Senhor disse isso, Senhor. O Senhor agora sustenta. (*Risos*) (*Palmas*) Não é vaidade, não. Quer dizer, é capaz de haver uma pontinha de vaidade – não posso negar que o Senhor está-me vendo –, mas é, sobretudo, para eu levar um pouquinho de coragem para os meus vizinhos.’ Assim, ela foi chegando diante do homem que a iria interrogar. E ela sabia que tudo poderia acontecer, pois já várias pessoas tinham desaparecido. Às vezes acontece, não é? (*Risos e palmas*) Aí ela disse-me: ‘Olha, ele me fez perguntas, e dei cada resposta tão bonita que não sou capaz de repeti-las.’ É que o Espírito havia falado através da pobre Severina.”

Ajude-nos o Espírito Divino a dar, dentro do nosso País e dentro do mundo, um testemunho de fé, de esperança e de amor, digno de filhos da Terra de Santa Cruz! (*Palmas*)



O SR. DEPUTADO ANTENOR FERRARI (PMDB) (*Presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul*) – A Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul mais uma vez se faz presente no debate das grandes questões nacionais.

A crise profunda que vive o País por alguns assinalada como a maior crise global de sua história, porque é, ao mesmo tempo, política, social e econômica, traz como contrapartida a possibilidade de realizar mudanças que são reclamadas há muito tempo pela sociedade brasileira. Desde a década de 60, reclama-se a realização de reforma agrária, de reforma tributária, de reforma urbana, de reforma educacional, da reforma da legislação do trabalho, da reforma do sistema financeiro. Os problemas sociais agravam-se, as demandas populares aumentam, as reformas indispensáveis não foram concretizadas. Em lugar delas surgiram medidas autoritárias, que não funcionaram sequer como paliativos, mas, pelo contrário, agravaram as desigualdades sociais e sobretudo mergulharam o país numa profunda crise. Por outro lado, a sociedade brasileira demonstrou estar madura para discutir seus impasses, e escolher as alternativas e soluções. Até lá, precisamos definir os destinos que queremos para o nosso país. Precisamos escolher entre a submissão, a dependência, a miséria ou a retomada de um conhecimento ordenado e mais justo, que nos leve verdadeiramente ao progresso e ao desenvolvimento para a maioria do povo brasileiro. Para isso a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul convidou e solicitou a colaboração de humanistas, políticos, técnicos, professores e militares. Deles aguardamos as interpretações, as alternativas, as sugestões e as propostas, cujo debate nos permite avançar em direção a um futuro melhor. A par das invulgares qualidades intelectuais de todos os convidados, Dom Helder Câmara nos traz o exemplo da fé, da bondade, da fome e sede de justiça, sem as quais a oportunidade de mudança será perdida. O tempo que resta às lideranças e elites brasileiras para corrigir seus desacertos e reparar seus erros, esgota-se rapidamente. Recobrar a esperança e reparar as profundas injustiças cometidas revela-se talvez a última oportunidade que a crise nos lega para recuperarmos a dignidade nacional.

O SR. PRESIDENTE – Dom Helder Câmara se coloca à disposição do público presente para as perguntas que desejar formular.

D. HELDER CÂMARA – Pediria licença para dois pontos. O primeiro é este: é evidente que não sei responder a todas as perguntas. Segundo: procurarei dizer aquilo que em consciência julgar. É claro que não poderei estar de acordo com todos, mas, assim como respeito em absoluto o pensamento dos meus amigos, espero que o meu pensamento seja também respeitado.

Gostaria que o Sr. Presidente deixasse muito à vontade o auditório, porque nem todo mundo poderá ficar aqui esperando todas as perguntas. Então, talvez fosse conveniente marcar-se um certo prazo. Não é tanto por mim, penso que, num auditório numeroso como este, há pessoas que têm suas ocupações, seus trabalhos e precisarão partir. Podem partir tranquilamente, sem nenhum constrangimento. Ficará só quem puder e quiser ficar.

UM PARTICIPANTE – A primeira pergunta a D. Helder Câmara é a seguinte: lemos na última edição da Revista *Veja* uma reportagem sobre o Nordeste, onde um trabalhador, um pai de família, toma um café com farinha de mandioca todo o dia e passa as vinte e quatro horas trabalhando para adquirir, parece-nos, um salário de quinze mil e trezentos cruzeiros. Gostaríamos que D. Helder nos falasse alguma coisa sobre isso, se é verdade ou não, como é a vida daquela gente?

D. HELDER CÂMARA – A situação do Nordeste, mesmo em tempos normais, é conhecida como crítica no mundo inteiro, é uma das áreas críticas do mundo. Um cientista de alto valor, que morreu há pouco, Nelson Chaves, conhecido nas Universidades como especialista em nutrição, já denunciou que está surgindo no Nordeste, por falta de alimentação conveniente, uma raça nanica, não só no tamanho, mas também no desenvolvimento da inteligência. Sabemos que, quando uma criança é mal-alimentada nos três ou quatro primeiros anos de vida, fica ferida mentalmente para o resto da vida. Agora é fácil ver se o preço de vida está tão pesado. E não é champanha, não é caviar, são as coisas elementares: o pão, o leite.

Naquelas favelas que costumo visitar habitualmente, encontro mães dando Q-suco aos filhos porque é mais barato do que o leite. Encontro mães colocando algumas gotas de leite na água.

De fato, as fontes de trabalho são numerosas, mas realmente o alimento que têm, o salário que recebem é este que o senhor anunciou.

O que posso dizer é que tem havido muito dinheiro gasto lá pelo Nordeste. As terras não são desapropriadas previamente; então, aquilo fica uma propriedade particular. Olhe, tenho a impressão de que, quando o Santo Padre João Paulo II passou em Recife pregando na presença do governo, dos militares e de uma multidão enorme de trabalhadores rurais, lembrou-se da palavra de Deus que está no Livro Sagrado: “Deus criou a terra como um dom para todos. Ele foi mais longe ainda e disse: ‘Quando um homem trabalha a terra durante anos e anos, cria raízes. Arrancar esse homem e jogá-lo para as surpresas da cidade é um crime contra Deus e contra a criatura humana’.” Ora, o Incra, que é um órgão oficial de Reforma Agrária do Governo, reconhece que há milhões de hectares no Brasil que não são devidamente aproveitados. E há milhões de brasileiros que não têm um pedaço de terra.

Não há alguma intenção de ofender, mas Cristo disse que só a verdade nos libertará. Chegou a hora em que não podemos fugir disso. Ouvimos, por exemplo, que estamos rumo à reforma agrária porque foram doadas algumas terras, mas sabemos que reforma agrária não é isso. (*Palmas*) Reforma agrária não é só um pedaço de terra. (*Palmas*) Temos instituições sérias. Poderia citar várias, mas apenas cito a ABRA, Associação Brasileira de Reforma Agrária, que tem estudos sérios. Agora, pelo amor de Deus, quando as forças vivas, que se estão unindo cada vez mais, deste País clamarem por uma autêntica reforma agrária, que seja lembrada a doutrina da Igreja. Por que João Paulo II tem sido ameaçado tantas vezes? Ele tem sido ameaçado tantas vezes, porque João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, na linha da doutrina da Igreja, estão falando, cada vez mais, sobre o que o Papa João Paulo II, com tanto acerto, com tanta felicidade, chamou de hipoteca social do direito de propriedade.

Então, precisamos nos ajudar mutuamente, porque sem isso... Agora, tem de haver uma série de medidas, tem de haver coragem, porque não é só um pedaço de terra. Muito obrigado. (*Palmas*)

UM PARTICIPANTE – D. Helder Câmara, o senhor acredita que no atual regime do país há possibilidade de uma mudança para melhor?

D. HELDER CÂMARA – Na realidade, esta questão de regime é muito séria, porque mudam os homens e, o regime sendo o mesmo,

praticamente é a mesma coisa. O que posso dizer é que hoje há forças vivas numerosas que estão procurando esclarecer a situação. O fato de eu chegar diante deste público tão numeroso, na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, e inclusive tocar neste ponto, já é algo fora do comum.

Houve um tempo em que não era possível falar. Comentar o redimensionamento da Lei de Segurança já é um passo sério. Então, sem duvidar de que o sistema é muito pesado, no entanto, acredito naquilo que chamo de “força moral libertadora”. Se estou no meio do povo, no meio, sobretudo, dos pequenos, e digo “não partam para a violência, porque há a não-violência ativa, todas as forças vivas clamando por uma solução pacífica, mas corajosa”, é claro que não poderei ficar apenas em palavras, tenho que realmente reunir as forças vivas. E também acredito na força da idéia, na força da verdade e na força do amor, mesmo porque não estou aqui para fazer proselitismo, já que sei que aqui devem estar presentes pessoas de várias crenças e até não crentes.

Segundo a fé de muitos brasileiros, este mundo, que foi criado por Deus, Pai que o amou, surgiu acompanhado pelo espírito de Deus. Não entra no meu pensamento que a última palavra seja injustiça, seja ódio. Existe em Estocolmo um instituto sério, que realiza pesquisas sérias sobre as armas modernas, nucleares, convencionais, biológicas. Sei que tanto a União Soviética quanto os Estados Unidos já têm várias vezes o necessário para suprimir a vida da terra. Hoje, um submarino nuclear com 20 foguetes pode destruir totalmente 400 cidades como Nagasaki e Hiroshima. Nos Estados Unidos, quando houve a Segunda Seção das Nações Unidas pelo desarmamento, ocorreu uma manifestação antibelicista. Acompanhei da Bélgica e vi na Alemanha. Por enquanto, os governos só olham e não dão muita confiança. Os cristãos estão cada vez mais unidos, procurando ajudar a criar um mundo mais inspirado. Até os não-cristãos estão na luta. Em 1970, estive em Tóquio, éramos um grupo pequeno de cristãos com representantes de 29 religiões não-cristãs. Depois de vários dias de meditação chegamos à conclusão de que o inteligível é mais forte e válido que o que nos separa. Resolvemos trabalhar por uma verdadeira paz, lutando pela justiça e amor.

Quando comecei a circular pelo mundo, convenci-me de que para obter soluções pacíficas, mas corajosas, no Brasil, era preciso visitar

países industriais e ricos. Fiz duas experiências. Obtive duas certezas. A primeira é a de que em todos os países o número de pessoas de boa vontade é muito maior do que a gente imagina. Muitas vezes as pessoas de boa vontade não conhecem os problemas humanos. Sempre tive a esperança de que os jovens poderiam ajudar, abrindo os olhos, despertando a consciência das pessoas de boa vontade. Joguei e acertei. Todos dizem que o jovem está na droga. Os jovens estão na droga quando pensam que a vida é uma droga. Os jovens têm duas exigências fundamentais. Eles querem saber se a mente fala, e eles dizem a verdade toda. Não aceitam meia-verdade. Os jovens exigem que aqueles que lhes falam pelo menos se esforcem para, em primeiro lugar, falar com a vida, e depois virem falar com palavras.

Estou dizendo isto apenas para afirmar que os sistemas estão muito pesados, têm uma força muito grande, mas acredito nas forças vivas. Este país é uma maravilha. Sou tão vaidoso, tão idiota que penso que vieram aqui para verem a minha cara e escutarem a minha voz. Se estão aqui é porque temos muito em comum. Temos sede de ver o mundo mais justo e mais humano. Quando me perguntam por aí fora se não sou utópico demais, primeiro respondo: “Ai do mundo sem utopias.” Muitas das realidades de hoje foram utopias de ontem. Lembro, depois, uma canção brasileira apresentada numa peça com Bibi Ferreira. Há um verso, que diz: “Quando se sonha sozinho, é apenas sonho; quando sonhamos juntos, é o começo da realidade.”

UM PARTICIPANTE – Dom Helder, sabemos que a miséria leva o povo à violência. O senhor não acha que quem leva o povo à miséria comete uma violência muito maior?

D. HELDER CÂMARA – Não vacilo em dizer que a violência número um é a miséria. A miséria mata mais do que as guerras mais sangrentas. Hoje, o número de pessoas, no mundo inteiro, que morrem a cada ano de fome é uma coisa incrível. Agora, quando a miséria explode já é a violência número dois. Quando vem uma repressão brutal, estamos em plena espiral da violência. O que posso dizer é que a nossa gente, por mais sofrida que seja, quando vê que não está sozinha, reage pacificamente. Que a Igreja de Cristo procure unir os dois mandamentos, como Cristo fez: amar a Deus com todo o coração, com todo entendimento, mas não esquecer de amar ao próximo como a si mesmo. Não podemos separar estes dois

mandamentos. Quando o povo que tem fé – e nestas áreas subumanas recebo expressivos exemplos de fé –, quando o povo sente que a Igreja de Cristo está com ele para sofrer juntos, o povo não parte para a violência. Eles vêm para a cidade, se alojam naqueles terrenos vazios que estão aguardando a valorização imobiliária, e perdem as esperanças que tinham quando da chegada.

Depois que eles estão morando nas zonas periféricas, chega alguém em nome da justiça, pedindo terrenos. Derrubam casa. Sempre recomendo que eles não façam a loucura de dar paulada, uma facada, um tiro, porque eles serão queimados na hora. “Não façam isso”, é o que digo, mas também nada de covardia. “Fiquem todos diante das casas que estão sendo derrubadas, e, assim que eles saírem, nós reconstruiremos as casas novamente.” Quando ocorrer a segunda ou terceira vez, o governo certamente descobrirá um novo caminho. Graças a Deus, ainda é possível chegar a tempo, ainda é possível levar o nosso povo, não a pisar o direito do outro, mas defender seus próprios direitos. Os direitos humanos não são criação nem dos governos, nem das Nações Unidas. Os direitos humanos são criação de Deus, o nosso Pai.

UM PARTICIPANTE – Foi falado que os trabalhadores do Nordeste vivem miseravelmente. É sabido que existem vilas que são postas lá e que, se não chegam ao povo, é porque somem no meio do caminho. Dizem que há a chamada “indústria da seca”, seca que sustenta muita gente. O Sr. falou também no novo posicionamento da Igreja, posicionamentos que não agradam a certos governantes nossos que, inclusive, vêm à tribuna fazer reclamações. Na Igreja existe o que se chama CEB, Comunidade Eclesial de Base. Gostaríamos de saber qual é o seu funcionamento, sua importância em Pernambuco.

D. HELDER CÂMARA – A respeito da “indústria da seca”, devo dizer que a fraqueza humana é uma coisa muito séria. Mesmo em relação à miséria, se a gente não abrir o olho, de repente está havendo exploração. Quando aqui ocorreram aquelas cheias terríveis, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, estava já começando alguma esperteza. Isso é terrível. Estamos cada vez mais de olho, procurando sempre denunciar tais fatos, denunciemos, por exemplo, o “escândalo da mandioca”, mas há vários outros. Mas já está chegando a hora daqueles que procuraram se apro-

veitar das verbas destinadas para as calamidades. Em relação à Diocese, posso garantir que não é só um. Hoje em dia, a Conferência dos Bispos está cada vez mais unida. Quando temos a opção preferencial pelos pobres, de maneira alguma fechamos portas e coração a alguém. Procuramos de fato defender aqueles que Cristo também procurou proteger. Não aceito a colocação que muitos fazem que a Europa é uma velha Europa, não podendo nada mais dar. Cada vez que vou a uma Diocese, temos o que ensinar e o que aprender. Tenho pena de quem acha que não tem nada mais a aprender. A beleza entre os diferentes povos, principalmente entre nós, cristãos, é grandiosa. Cheguei ontem aqui e vou embora amanhã, mas já aprendi pelo menos três grandes lições

UMA PARTICIPANTE – D. Helder, pode nos dar um testemunho da vida de Margarida Maria Alves, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de um município do Nordeste, única mulher de que temos notícia que já conseguiu ocupar um cargo dessa natureza? Sabemos que ela foi assassinada na semana passada. *(Esta pergunta foi feita por uma vereadora de Fortaleza dos Valos.)*

D. HELDER CÂMARA – Estou convicto de que a mulher procura descobrir as qualidades especificamente femininas que ela recebeu de Deus. Está procurando somar com as qualidades especificamente masculinas que o homem recebeu do Criador, tudo isso em favor da humanidade. Quando o homem pensa que só o homem pensa, coitado dele. Quando o homem pensa que não tem nada a ganhar com a colaboração feminina, ele está muito enganado. Ele nunca experimentou ter, ao lado de sua cabeça de economista, de sociólogo, de filósofo, sei lá de quê, o ângulo de visão feminino, que o completa. Não foi por acaso que Deus criou o homem e a mulher: ambos se completam. Graças a Deus, os sindicatos, as cooperativas estão cada vez mais contando com a presença de trabalhadores e trabalhadoras autênticos que lutam para pôr fim àquela praga terrível, que é o peleguismo. Uma das leis que precisamos reformar é a Lei Trabalhista. Sabemos em que condições ela nos foi entregue, nos foi imposta. Nós, no Nordeste, temos o maior respeito pela nossa irmã que foi assassinada. Ela merecia o holocausto. Considero a sua morte em favor dos operários, e este foi o seu crime: defender os trabalhadores. Para mim, isso é uma graça de Deus. Certa vez, o Santo Papa Paulo VI me perguntou se eu não temia pela

minha vida. Respondi: “Santo Padre, oferecer a vida pela paz do mundo é privilégio.”

UM PARTICIPANTE – Sou pai de cinco filhos, todos na adolescência. Gostaria que S. Ex<sup>a</sup> Rev<sup>ma</sup> me explicasse, para que pudesse transmitir a eles e quiçá aos netos, se a Igreja tomou conhecimento do marasmo em que se encontra a nossa pátria, ou se ela foi enganda também?

D. HELDER CÂMARA – Só a verdade nos libertará. Para as pessoas que se encontram na segunda idade, devo dizer que acho que a pessoa continua jovem quando tem uma razão para viver. Graças a Deus cada vez é mais raro, mas acontece ainda, um jovem chegar até a mim e dizer que acha a vida idiota. Tenho de dizer a verdade a todos vocês: eu pertenci a uma primeira fase da Igreja. Nós, aqui na América Latina, sempre tivemos muita preocupação em ajudar a manter a autoridade. Sem autoridade é o caos. Temos, também, que ajudar a manter a ordem social. Na nossa casa, recebemos sem distinção todos os homens, ricos e pobres. Temos de fazer como Cristo que, quando foi escolher os apóstolos, apesar de ser amigo de todos, teve de pensar melhor.

Hoje, quando as Nações Unidas proclamam que mais de dois terços se encontram em situação de miséria e de fome, quando sabemos que há áreas que estão na miséria absoluta, e nós estamos em áreas onde podemos nos desligar disso, temos de ter respeito em relação à autoridade constituída. Temos de ter sempre o coração aberto para todos. Procuramos sempre estar ao lado desse povo, porque Cristo se identificou com os que estão sendo pisados. Hoje, procuramos denunciar as injustiças, a violência e encorajar as massas no seu esforço de promoção humana.

UM PARTICIPANTE – Como fica a situação desses milhões de desempregados? Outra pergunta se refere a uma notícia do *Jornal do Brasil* de hoje, onde se lê e pedem a confirmação se são verdadeiras as notícias de que nos últimos três anos existem muitas famílias no Nordeste que se alimentam de ratos. Quais são as maiores perseguições que a Igreja está sofrendo? Se D. Helder já sofreu alguma.

D. HELDER CÂMARA – Essa história de comer ratos já tem surgido por lá. Nunca vi – e devo afirmar aqui – ninguém comer rato pelo Nordeste, mas comem outras coisas: comem gatos, cachorros (*risos*). Mas devo dizer que lá há muita fome. Confesso que, muitas vezes, fico engasga-



do quando os desempregados me procuram. Sonho com uma atitude de coragem de nosso governo. Não vamos sacrificar ainda mais quem já está de língua de fora; não vamos querer apertar o cinto em que não tem mais nem lugar para apertá-lo, quanto mais o cinto. Temos que enfrentar esse desemprego, temos que enfrentar a recessão. Quando um chefe de família recebe o bilhete azul, quando chega em casa, não tem coragem de dizer aos seus familiares. Quando o desempregado chega em casa, encontra sempre os filhos chorando de fome. Tenho visto homens que abandonam a casa, porque – e me perdoem os homens que estão aqui – mas o sexo forte é a mulher. A mulher agüenta muito mais sofrer moral e fisicamente do que o homem. Em relação ao problema do Sistema Financeiro de Habitação, sempre digo às pessoas assim: “Enquanto não tiverem emprego, não paguem.” Devo reconhecer que, ao lado de muito sofrimento, hoje em dia, independentemente de partidos políticos, tenho visto atitudes muito corajosas de parte de pessoas que estão aí, ocupando cargos, como é o caso de senadores, deputados, governadores. Recordo-me de um dia em que governadores do Nordeste, já tão cansados de falar, que ficaram calados durante todo o tempo. Achei uma atitude de muita coragem, porque houve o respeito para com o Vice-Presidente da República que estava no exercício da Presidência. Tenho a impressão de que o ex-Governador de Minas Gerais perdeu terreno lá no Nordeste, quando ele foi, aparentemente para acudir o Nordeste, e chegou lá – dizem os jornais – com 54 pessoas, doze ministros, e o povo nordestino, que é malicioso, disse assim: “É o presidente em exercício ou é o ministeriável?” Ele foi repetir as mesmas promessas. Basta de promessas!

UM PARTICIPANTE – Achei muito importante uma frase sua, na qual dizia que o próprio povo conhece as soluções e está começando a organizar-se, que o próprio povo tem fé e tem esperanças. Aqui, no Rio Grande do Sul, estamos vendo muita coisa que vem acontecendo, coisas positivas, aliás, que renovam a nossa fé na vida e no homem, no sentido de que não será necessário exterminar um bilhão e meio de pessoas, mas que as pessoas, agindo solidária e fraternalmente, vão conseguir dividir este planeta que é tão grande. Muita coisa vem acontecendo, e algumas dessas coisas vamos tentar expor num painel que irá ocorrer na Assembléia Legislativa, no Plenarinho, nos dias 31 de agosto, 1<sup>o</sup> e 2 de setembro. Uma dessas coisas

será o seguinte: em Teutônia, interior do Rio Grande, faliu uma fábrica de calçados. Os desempregados não ficaram desesperados, não foram quebrar a fábrica, manifestando o seu ódio contra o dono da mesma. Não! Ao contrário, com espírito de união, deram-se as mãos e decidiram: vamos ver o que nós mesmos podemos fazer. O que eles fizeram? Formaram uma cooperativa e arrendaram, assim, as instalações da fábrica que tinha falido, continuando a trabalhar lá mesmo, em vez de ficarem na rua fazendo não sei o quê. Estão surgindo hortões comunitários. Pessoas desempregadas ou subempregadas numa terra pública cedida, plantam e tiram dali o seu sustento. Em algumas prefeituras, estão sendo criados mecanismos, onde o povo participa também das decisões. Estão sendo criados Conselhos Populares. Os representantes de cada bairro estão tendo voz ativa nas prefeituras. Estão sendo criados tanques de criação de peixes, pomares coletivos, pequenas cooperativas, como a das costureiras, em São Leopoldo; cooperativas de consumo. Todas estas coisas mostram que um novo mundo está-se formando, um mundo onde os homens são irmãos. Esse novo mundo precisa de nossa atenção, do nosso esforço e do nosso alento.

D. HELDER CÂMARA – Foi muito oportuno lembrar como no meio do sofrimento surgem iniciativas do maior interesse. Quero contar que, há poucos dias, tomei parte num programa de televisão com seis expoentes. Fiquei pensando: “Ah! como eu gostaria de ter dois encontros, estando, em primeiro lugar, com seis trabalhadores analfabetos de pai e mãe só para provar que quem não sabe ler nem escrever, muitas vezes é capaz de dar respostas certas.” Queria provar o quanto a juventude é capaz. Assim, como o caso que você apontou, conheço por este Brasil afora vários exemplos. A prefeitura de Recife procurou deslocar os camelôs colocando-os em outros cantos. Aí não faltou quem viesse insuflar e dizer que o que deviam fazer era um quebra-quebra na rua principal e tocar fogo em duas casas. Eles insuflam, mas na hora do pega eles se somem e deixam-nos “levar pau”. Portanto, não partam para a violência, a força de vocês é a força da verdade, a força da justiça. Estaremos juntos. Quando eles sentem que não vão ser abandonados, é uma beleza!

Agradeço muito essa sua informação porque – eu repito – pelo Brasil afora os jovens estão tomando atitudes da maior expressão. Eles podem parecer ser até um pouco ingênuos, mas é uma beleza tão grande. Eu

gosto de ver aquela chama! Nós vamos fazer tudo que pudermos, mas serão vocês que terão que romper e concluir tudo que iniciamos.

O SR. PRESIDENTE – Desejo lembrar que hoje, às 18 horas, haverá, na Catedral, uma missa concelebrada por D. Cláudio e D. Helder pelo sétimo dia de Tristão de Athayde.

D. HELDER CÂMARA – O Tristão de Athayde, Alceu de Amoroso Lima, um dos maiores brasileiros de todos os tempos e um cristão de coerência. Quem leu seus artigos, desde a juventude até seus últimos dias, poderia apreciar muito bem a sua lucidez. No dia 11 de dezembro ele iria completar noventa anos. Mas, mais do que a lucidez que ele conservou até o fim o que eu mais lhe admirava era a coerência entre a vida e a fé. Ele viveu a fé até seus últimos dias. Ele foi muito importante na vida de muitos. Ele teve a felicidade de crer que morte, longe de ser o fim é o começo da verdadeira vida. Alceu irá nos ajudar mais do que poderia fazê-lo aqui, na terra.

O SR. PRESIDENTE – Temos aqui duas perguntas formuladas por escrito: A primeira delas é sobre a moratória e questiona: a moratória é a saída? A segunda pede: entre as propostas que surgem, o Projeto Emergência, do Senador Teotônio Vilela, como o senhor vê essa proposta?

D. HELDER CÂMARA – Vou me pronunciar sobre Teotônio Vilela, independente de ser do partido A ou B.

O Teotônio Vilela sabe perfeitamente a doença que tem. Ele sabe que está com câncer generalizado e está andando com enorme dificuldade. Ele há pouco foi a Recife e, quando teve que subir seis degraus, precisava ver como ele fez isso com dificuldade. No entanto, quando ele abre a boca fala com aquela lucidez! Aquele é um homem de fibra! Acho que criaturas assim fazem bem, porque nos trazem coragem. Conheço Sobral Pinto, ele parece até irmão de Alceu de Amoroso Lima. Já está, também, com quase noventa anos. Quando o caixão de Alceu estava descendo ele disse: até breve!

UM SR. PARTICIPANTE – Sr. Presidente, debates como este, que ora realiza, é dia de festa.

Sr. Presidente, apresento-lhe os meus mais calorosos cumprimentos por esta reunião que ora se realiza. Não por esta Assembléia ser

dirigida pela Oposição, porque, que eu meu lembre, enquanto o PDS mandou nesta Casa, esta nunca promoveu reuniões com debates públicos. (*Palmas.*) Parece até que o PDS tem medo de debates públicos assim como o diabo tem medo da cruz.

D. HELDER CÂMARA – Pediria que não fizesse alusões a partidos políticos, porque uma das questões que fiz antes de vir aqui foi saber se se tratava de um convite unipartidário. Assim, quando eu soube que seria um debate com todos os partidos ainda disse que para o meu comparecimento ainda faltava uma condição prévia, ou seja, saber que eu contava com a prévia e cordial aprovação do meu irmão bispo do lugar. Com os dois sinais verdes eu pude ter a alegria de aqui comparecer. Se o presidente desta Casa teve a aprovação de todos os partidos para a minha vinda aqui hoje, o PDS, portanto, também aprovou o meu comparecimento. (*Palmas.*)

UM PARTICIPANTE – Se for possível, torno sem efeito o que disse. Mas, congratulo-me com V. Ex<sup>a</sup> por esta reunião que hoje se realiza.

D. Helder, durante a sua conferência, o senhor fez referências a armas de guerra das diversas potências. Um reverendo da Igreja Episcopal da qual sou comungante disse mais ou menos o seguinte: enquanto grandes parcelas da humanidade passam fome, as grandes potências gastam rios de dinheiro em armas de guerra.

D. HELDER CÂMARA – Quero, inclusive, dizer uma outra coisa: as armas modernas nucleares, químicas, biológicas, são, evidentemente, capazes de destruírem a vida da Terra. Fico muito aflito quando encontro países que fabricam armas chamadas convencionais. Fico muito aflito, por exemplo, vendo o Brasil já estar se classificando entre os grandes produtores de armas convencionais. Há poucos dias foi anunciado um supertanque. A televisão dizia que só os Estados Unidos e a União Soviética possuíam aquele tipo de supertanque. Não sei se numa hora como esta, de tanto sofrimento, a gente pode estar pensando em supertanques. Digo isso com todo o respeito pelos militares pois não tenho nenhuma alergia a nenhuma criatura humana e a nenhuma classe. No entanto, volto a dizer o que eu disse, por exemplo da Suíça, da querida Suíça que fabrica armas, da Bélgica, da França. O meu medo é este: hoje quem fabrica armas sabe que a fabricação é tão cara que para ser menos antieconômico, tem que fabricar para si e para vender.

Mas ninguém irá fabricar armas para os Estados Unidos e União Soviética por isso terá de vendê-las para países pequenos. Mas o pior disso tudo é que as chamadas armas convencionais participam daquelas qualidades da sociedade de consumo. Nós sabemos que a sociedade de consumo, quando fabrica os seus produtos, ela tem de pensar, sobretudo, em duas qualidades: a primeira é que o produto seja irresistível e a outra condição é que sejam frágeis. Quanto mais frágil é o produto mais representa o espírito da sociedade de consumo. Logo, o que acontece é que as armas são superadas. Então, os vendedores voltam e dizem: você comprou o que havia de melhor, mas já estão superadas porque a ciência e a técnica não param. Além disso, se os vendedores aparecerem para efetuarem as suas vendas de armas, uma, duas, três vezes e não sair nenhuma guerrazinha, vão dizer que eles têm a mania de guerra na cabeça. Ora, isso é triste! Eu gostaria tanto que o Brasil não ficasse nessa ânsia de ser um dos maiores produtores de armas. Ele já está disputando entre o quinto e o sexto lugar entre os maiores produtores de armas. Devia, pelo menos, para desafogo da consciência nacional, mostrar que não estamos, nessa hora gravíssima, interessados em fabricar o supertanque que somente a União Soviética possui. Acho que o Brasil não está precisando tanto de uma arma poderosa. Se for apenas para vendê-las isso também é muito triste.

UM PARTICIPANTE – O Evangelho é claro e radical com respeito à posição em favor dos pobres? Por que a Igreja não se posiciona oficialmente a respeito disso? Por que há divisões dentro da Igreja?

D. HELDER CÂMARA – Em questões de dogmas, na verdade de fé, graças a Deus, todo o episcopado está unido, mas em questões abertas, graças a Deus, há liberdade de opinião. Não podemos obrigar todo o mundo a pensar da mesma maneira, já temos ditaduras demais pelo mundo afora. Para que mais uma ditadura dentro da Igreja? Nós queremos não-unicidade. A unicidade seria todo o mundo pensando da mesma maneira, inclusive, em questões abertas. Esperamos que haja unidades, mas variedade da unidade. Deus fez a inteligência humana incapaz de aderir ao erro total. Quando a gente encontra um sistema econômico ou social etc. onde só existem erros, a inteligência humana passa de largo. Quando a inteligência humana continua com aquele sistema é porque nele existem algumas sementes de verdade.

Aristóteles, o filósofo grego, era proibido de ser lido ou ensinado. No entanto, Santo Tomás de Aquino mergulhou em Aristóteles, apanhou lá as verdades que estavam prisioneiras do sistema, aprofundou-as e nós sabemos como Santo Tomás de Aquino iluminou os caminhos da filosofia durante séculos. Tenho a impressão sincera de que, cada vez mais, na CNBB nós estamos nos acostumando a respeitar. Nós resolvemos ter juntos uma reunião cada ano durante dez dias a fim de conhecer uns aos outros e para rezarmos juntos. Quando se tem a felicidade de crer, de ter fé, é uma maravilha rezar juntos. Depois iremos estudar e discutir juntos. Nós todos devíamos sentir necessidade de nos matricular na escola do diálogo. É muito fácil falar em diálogo e muito fácil dialogar quando se pensa no mesmo modo. Agora, quando duas pessoas pensam de modo diferente, isso é difícil. A grande mania, que é perigosa, que é um desastre é a grande mania que nós temos de jogar etiquetas nas costas da pessoa. Sabe o que eu faço hoje quando converso com um irmão meu, padre, bispo ou seja quem for, que eu sei que está distante de mim em questões abertas? Eu fico procurando ouvir tudo que ele diz e, de repente, descubro em suas palavras sementes de verdade. Então destaco-lhe aquelas verdades. Aí, então, ele também diz do que gostou em minhas palavras. Portanto, devemos acabar com os radicalismos.

UM PARTICIPANTE – A única solução cristã é os homens se darem as mãos, mas para isso, é preciso que os homens se conheçam e se encontrem uns com os outros. Aqui é fácil porque estamos todos reunidos mas isso não ocorre num país. Por isso é que é necessária a comunicação. No entanto, parece que os meios de comunicação estão escamoteando as verdades. Como poderíamos fazer para que esses meios de comunicação levassem, realmente, ao povo a verdade?

D. HELDER CÂMARA – Os meios de comunicação também sofrem influências, pois as multinacionais não estão dormindo. Há notícias que já vêm prontas. No entanto, eu descubro dentro de muita coisa que é manipulada, o desejo de dar voz a quem tem posicionamento diferente. Eu só aceito falar onde eu tenha liberdade de expressar meu pensamento. Nós temos que nos apressar para nos matricularmos nas escolas do diálogo. Ninguém se apresse em dizer que já sabe dialogar, porque se for ver bem nada sabe.

UM PARTICIPANTE – Qual o posicionamento de D. Helder perante as medidas tomadas pelo governo para desmatar a floresta onde será construída a Usina de Tucuruí, com substância chamada dioxina, mais conhecida como agente laranja? Outra pergunta: que acha do aborto e sua aprovação, aqui, no Brasil? Que acha do Nordeste só ter sido lembrado quando as enchentes assolaram o Sul?

D. HELDER CÂMARA – Aproveito essa pergunta final para fazer um apelo muito sincero: pelo amor de Deus não permitam que fiquem jogando o Norte contra o Sul. Acho que o sofrimento, longe de separar-nos, deve nos aproximar. Na época, em que havia dessas secas duras lá no Nordeste, o Arcebispo D. Manuel da Silva Gomes vinha ao Sul buscar auxílio para socorrer as vítimas da seca. Sou testemunha de que ele sempre voltava com dinheiro, nunca o Rio Grande do Sul deixou de acolher os nossos favelados. Há radicais que chegam a querer criar uma distância entre o Sul e o Nordeste. Afirmam, também, que a riqueza de São Paulo é sangue de nordestino. Eu acho que o sofrimento, esteja em que canto do mundo estiver, é sempre Cristo que está sofrendo.

Certa vez mandei um amigo meu conceder emprego a um irmão nordestino. Ele, pensando tratar-se de pessoa da minha família, concedeu-lhe o emprego. Perguntou-me, então: é verdadeiramente seu irmão essa pessoa tão pobrememente vestida? Disse-lhe, sim, porque quem tem o mesmo Pai é irmão, e é irmão de sangue porque o mesmo sangue que Cristo derramou por mim, derramou por ele. (*Palmas.*) Por isso, eu peço que, pelo amor de Deus, trabalhem aqui no Sul enquanto eu trabalho no Nordeste para não deixar de maneira alguma jogarem o Sul contra o Nordeste.

Vamos procurar nos ajudar para vencermos os problemas.

Senhor presidente, fui recebido aqui com muito carinho. Hoje até D. Vicente Scherer e D. Cláudio estão aqui presentes. Logo após esta reunião, haverá missa. Com tudo isso, eu até me animo a voltar a Porto Alegre.

O SR. PRESIDENTE – O senhor disse que aprendeu três coisas aqui, em Porto Alegre. Quais foram?

D. HELDER CÂMARA – Há uma expressão na espiritualidade que diz: é preciso guardar os segredos do rei. De maneira que peço licença

para guardar isso. No entanto, Deus sabe que estou dentro daquela verdade a qual sempre procurarei servir. Posso apenas dizer que foram lições de verdade, que eu bebi nesta visita de agora. Quando se vai de coração aberto sempre se leva alguma coisa para trocar, ensinar e muita coisa a gente aprende.

Gostaria agora de fazer uma sugestão muito fraterna e, talvez, muito atrevida, de encontrarmos uma prece que todos pudessem fazer. Propunha que, de pé, rezássemos um Pai Nosso.

*(É feita a oração.)*

Quando eu falo por aí afora, eu me divirto dizendo, em várias línguas, *adiós*, quer dizer a Deus. Isso é tão bonito. Então, de todo o coração, pensando nos que estão aqui, vos entrego a Deus.



---

---

## *A Igreja dos pobres*

### I – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

#### *1 – Jubileu digno de ser festejado*

**C**omo todos sabemos, o Seminário Brasileiro, de Roma, está comemorando o seu Jubileu de Ouro de fundação.

Quem visitar a Exposição dos 50 anos, aqui no Seminário, se confirmará na idéia de que o Jubileu merece ser festejado...

#### *2 – A CNBB sente-se feliz de participar dos festejos jubilares*

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sente-se feliz de participar dos festejos jubilares do nosso Seminário, ao qual tanto deve e continua devendo a Igreja do Brasil. E alegra-se, de modo particular, porque nossa participação vai consistir em uma série de palestras sobre a Pastoral da Igreja, no Brasil.

Nesta tarde, terei o prazer de abrir a série conversando fraternalmente, agora e aqui, sobre a opção preferencial pelos pobres.

### II – SINAIS DE DEUS AJUDANDO A ENFRENTAR SINAIS DOS TEMPOS

O Concílio Ecumênico Vaticano II procurou, com a graça divina, adaptar, como sabemos, a Mensagem eterna de Cristo à realidade do nosso tempo – realidade apaixonante e difícil, prodigiosa e, não raro, cruel.

As principais conclusões do Vaticano II foram, como também sabemos, aplicadas à América Latina pelos bispos do Continente, reunidos em Medellín e, 10 anos depois, em Puebla.

Estes sinais de Deus chegaram quando sinais dos tempos assinalavam terríveis agravamentos na vida do 3º Mundo e, dentro dos seus diversos países, esmagamentos e opressões na vida dos pobres, que algumas vezes ainda era de pobreza tolerável.

As injustiças na política internacional do comércio distanciam, sempre mais, um pequeno grupo de países do Norte, sempre mais ricos, de mais de 2/3 da humanidade localizados nos países do Sul. As Nações Unidas não vacilam em informar que esta porção enorme da humanidade vive em condições subumanas de miséria e de fome.

O homem, que participa da Inteligência Divina e do Poder Criador de Deus, com o avanço da tecnologia e da eletrônica, seria capaz de liquidar a miséria da Terra inteira. Mas com os gastos absurdos e loucos com a corrida armamentista não sobra dinheiro para eliminar a fome e a miséria do nosso Planeta.

Sempre houve latifúndios no Brasil: enormes porções de terra nas mãos de um só dono. Mas os donos de latifúndios tinham interesse em acolher nas suas terras famílias pobres, permitindo que construíssem seu barraco e, em volta dele, uma pequena plantação para alimento da família, com a condição de o chefe da família e os filhos, menos crianças, trabalhassem no latifúndio.

Hoje, estas famílias pobres sobram e são mandadas embora, ou porque o próprio dono do latifúndio compra máquinas que fazem o trabalho de muitos homens, ou porque suas terras são compradas por grandes companhias internacionais. Quem pretender defender, mesmo de modo pacífico, as famílias expulsas, é acusado de agitador, subversivo, comunista.

As famílias expulsas procuram as cidades. Quando chegam, a esperança renasce: esperança de encontrar emprego e emprego bem pago; esperança de encontrar escola para as crianças e até casa para morar...

Depois de dias e semanas de procura inútil, só encontram pedaços de terra abandonados, aguardando a valorização imobiliária. Quando tentam construir um barraco para morar, dentro de poucos dias aparece

alguém dizendo-se dono da terra, chamando-as de invasoras, dando um prazo de alguns dias para que se vão, se não quiserem que seus barracos sejam postos abaixo, com apoio da polícia. Se alguém pretende defender os chamados invasores é acusado – é claro – de agitador e comunista.

Muitas vezes, na periferia das cidades, a terra que os migrantes encontram para construir seus barracos é terra debaixo de lama, à beira-rio ou à beira da maré invadida normalmente por um palmo d'água e, em dias de maré mais alta, por água que sobe facilmente a um metro dentro do barraco... Há casos de barracos construídos debaixo de fios de alta tensão...

São espetáculos de todos os dias encontrar crianças, mulheres e até homens apanhando comida, restos de comida nos sacos de lixo...

As periferias de todas as cidades maiores vão se enchendo de favelas.

E aqui podemos indicar o que tenta a Igreja no Brasil fazer pelos pobres mais pobres...

### III – RIQUEZAS DA OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

#### *1 – Sopro de Deus: trabalhar com os pobres e não apenas para os pobres*

O sopro de Deus que leva a Igreja a não apenas trabalhar para os pobres, mas com os pobres, parece diferença pequena, no entanto é enorme. Quando trabalhamos apenas para os pobres, nós somos os inteligentes, os que temos idéias, projetos, o prestígio, o dinheiro e vamos ajudar aquela pobre gente... Quando trabalhamos com os pobres, nós os ajudamos a sentirem-se gente, mesmo quando as condições em volta são subumanas, nós os ajudamos a sentirem-se filhos de Deus: nós fazemos questão de provar que sabemos que, mesmo quando não sabem ler, nem escrever, sabem pensar e conhecem, rapidamente, o meio onde se acham e têm idéias de como melhorar o lugar de seus barracos e até de descobrir algum trabalho ou subtrabalho.

O Espírito de Deus leva quase sempre um padre, mais vezes ainda um pequeno grupo de religiosas ou até de leigos engajados com o

Evangelho, a não só trabalhar *com* os pobres, mas a *viver com* eles, nas mesmas situações de sacrifícios.

*2 – Esforço para viver, comunitariamente, a fé*

A Igreja evita, cuidadosamente, pretender impor a fé. Mas a maioria absoluta da gente pobre é cristã: crê não só em Deus-Criador, em Cristo, no Divino Espírito Santo, mas tem ainda a devoção a santos, como Santo Antônio, São Severino, São Benedito e outros, herança de Santas Missões pregadas no interior. Claro que tem lugar à parte Nossa Senhora, Criatura escolhida por Deus para Mãe de Cristo e nossa Mãe.

A Igreja procura levar os pobres a unirem-se na fé.

O ideal é que o batizado seja festa não só dos pais e padrinhos da criança. O ideal é que a comunidade se prepare para a festa do batismo de todas as crianças em idade de batizar-se.

E assim seria – idealmente – com os demais Sacramentos: a Confirmação, festa especial dos jovens; a 1ª Eucaristia; o Casamento... Não é raro que o jovem clérigo deseje ser ordenado sacerdote na área pobre em que já trabalha... O próprio enterro – sempre idealmente – é vivido em espírito de fé pela comunidade.

A comunidade costuma celebrar a Novena do Natal, a Quaresma (por meio da Campanha da Fraternidade), a festa da Páscoa, o mês de maio...

E é na fé que são vividos os *direitos humanos*, que o povo aprende como sendo criação de Deus. E é na fé que os pobres aprendem a unir-se; a ser, de fato, comunidade, família de Deus.

*3 – Direitos Humanos, defendidos de modo corajoso, mas pacífico*

A não-violência ativa faz parte integrante da vida e da luta da comunidades.

Quando as comunidades falam em luta, é luta pacífica. As armas são a união do povo, a certeza de que ninguém nasce para escravo ou para viver na miséria; a convicção de que Deus é Pai de todos e Cristo morreu por todos; a crença na força da verdade, da justiça, da união e do amor.

A comunidade, no mesmo local onde se reúne para rezar, encontra-se para defender suas necessidades mais urgentes: aterro, quando seus casebres são facilmente inundados; escadas e muros de sustentação, quando os casebres estão construídos em morros de terras escorregadias; fossas; luz; escolas...

Para cada reivindicação – depois que ela é discutida e aprovada – organiza-se um documento que leva as assinaturas dos que sabem escrever o próprio nome ou as impressões digitais de quem não sabe. É eleita uma comissão para levar o documento à autoridade competente. Quando o interesse é de particular importância e urgência, organiza-se uma ida a pé da comunidade. Quase sempre vão cantando pela cidade afora, pois uma das marcas das comunidades são cantos populares para todos os momentos importantes.

Quando, por exemplo, uma área chamada de invasão vê chegar, no dia anunciado, o que se diz dono da terra e vem com apoio policial derrubar os barracos, o grupo está preparado para de modo algum reagir com violência, mas também, de modo algum, manifestar covardia. Ficam todos, e muitos mais que chegam de comunidades vizinhas, assistindo à derrubada dos barracos, cantando cânticos de fé, de esperança e de amor... Assim que os demolidores se vão, a Igreja ajuda a rápida reconstrução dos barracos.

Quando a cena se repete duas, três vezes, o governo se vê na contingência de ceder terreno para que os chamados invasores possam ter onde morar tranquilos.

Sempre que está provada a ação inteiramente não-violenta e quando os barracos estão reconstruídos, costuma-se celebrar u'a Missa de Ação de Graças e de prece pela justiça e pela paz.

#### *4 – Fundamentação evangélica para a ação das comunidades*

As comunidades, ao partirem para a defesa pacífica de seus direitos, têm bem presentes passagens evangélicas como as que passamos a recordar:

- Cristo disse que veio para que todos tenham vida e vida plena (João, 10, 10). Este, aliás, é o tema da Campanha da Fraternidade a ser vivido, se Deus quiser, no corrente ano em todo o Brasil.

- Cristo veio ensinar que seu Divino Pai quer ser Pai de todos (Mateus, 6, 7-15).
- Cristo identifica-se com todos que sofrem e são humilhados e oprimidos (Mateus, 25, 31-46).
- Cristo, ao mostrar-nos o Bom Samaritano, desaprova, ao menos indiretamente, o sacerdote e o levita, que passam, sem tempo para acudir a vítima do seqüestro, da violência e do roubo (Lucas, 10, 25-37).
- Cristo, ao proclamar o Amor a Deus, como primeiro e maior dos Mandamentos, disse que o segundo Mandamento – amar o próximo – é igual ao primeiro e que nos dois está toda a Lei e estão todos os profetas (Mateus, 22, 34-40).

#### IV – EXAGEROS A FAVOR E CONTRA A IGREJA DOS POBRES

##### *1 – Exageros a favor*

Há quem se empolgue de tal modo com a opção preferencial pelos pobres que acaba pensando:

- que só é Cristianismo autêntico o dos que trabalham com os pobres;
- que é perda de tempo trabalhar com os ricos, pois, segundo Cristo, é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico se salvar;
- que a velha Europa e a América do Norte corrompida pelo dinheiro nada têm a ensinar: a América Latina é só quem pode ensinar o Evangelho autêntico.

E no entanto, a verdade é que os continentes e, dentro deles, todos os países têm o que aprender e o que ensinar.

Diante dos exageros sobre as comunidades de base em países da América Latina como o Brasil, os brasileiros passamos pela vergonha de nos perguntarem quantas comunidades de base existem no nosso país, e quem avalia menos fala em 50 mil... Já encontrei quem me perguntasse se não havia umas 300 mil...

Quem vai visitar-nos encontra comunidades de base em diferentes níveis de realização. A ideia é válida, validíssima. Existem comunidades que se aproximam do ideal. O grande mérito das comunidades de base é serem um ideal que brilha diante de nós, incitando-nos a uma autêntica conversão diante do pobre, que é Jesus Cristo.

## *2 – Exageros contra*

Não faltam, é claro, os exageros contra. Há quem se erga contra a Teologia da Libertação como se esquecêssemos o pecado e a libertação eterna e parássemos na libertação terrena das massas em condições subumanas.

Há quem se agarre a palavras, e as isolem, e as extreme, desabrindo nelas terríveis heresias.

Sem pretender entrar na área dos teólogos, lembro apenas que o próprio Cristo não escaparia ao isolamento de afirmações suas, como a descrição do Julgamento Final... Ele parece dizer que, na hora do julgamento, o que importa e só o que importa é ter cuidado de Cristo na pessoa dos pobres, não tendo importância ter vivido ou não as grandes verdades da fé...

## V – DE MODO POSITIVO, AONDE PODE NOS LEVAR A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

### *1 – Reforma Agrária no Brasil, coroamento da opção preferencial pelos pobres*

Na Comunidade de Base se aprende a entender e amar a verdadeira *pobreza evangélica*. Aprende-se, portanto, que ela, de modo algum, se confunde com a *miséria*, que é um insulto ao Criador e Pai.

São Francisco de Assis chamou a pobreza de irmã. Ele jamais chamaria de irmã a miséria.

O Vaticano II – sobretudo através da Constituição Pastoral “A Igreja no Mundo de nosso tempo” –, Medellín e Puebla não nos deixam dúvida alguma: no Terceiro Mundo, em nossa América Latina, em nosso Brasil, o que existe no meio dos pobres é miséria e miséria que se agrava cada vez mais.

As Nações Unidas não vacilam em denunciar que mais de 2/3 da humanidade vivem em condições subumanas de miséria e de fome.

No Brasil, o governo revolucionário, através do seu Instituto de Reforma Agrária, proclama que há, no país, milhões de hectares de terra não devidamente aproveitadas e milhões de brasileiros sem terra.

E o governo sabe que não é lícito chamar de Reforma Agrária – e ele vem chamando – a mera entrega de um pedaço de terra a um caponês sem terra... É indispensável a coragem de adoção de medidas políticas que possibilitem o aproveitamento válido da terra recebida...

E, infelizmente, no Brasil, como em muitos países, é preciso muita audácia para enfrentar uma autêntica Reforma Agrária.

Quando o Santo Padre João Paulo II, o nosso querido João de Deus, durante sua peregrinação abençoada pelo Brasil, falou no Recife aos trabalhadores rurais – diante de autoridades e de enorme multidão –, disse abertamente:

“Palavra de Deus, que está na Bíblia Sagrada: Deus criou a Terra como um dom para todos.”

E acrescentou:

“Quando o homem trabalha a terra, durante anos, acaba criando raízes nela. Arrancar este homem e jogá-lo para as surpresas da cidade é um pecado contra Deus e contra a criatura humana.”

No Brasil, vários dos arcebispos e bispos que, hoje, se acham no governo de importantes dioceses – quando jovens sacerdotes multiplicaram as Semanas Rurais em todo o país, clamando por uma autêntica e urgente Reforma Agrária. Ficou célebre, entre outras, a Semama Rural de Campanha, em Minas Gerais, onde o bispo D. Inocêncio publicou uma Pastoral com este título expressivo: “Conosco, sem nós ou contra nós, a Reforma Agrária se fará”.

Será válido concluir que a opção preferencial pelos pobres leva a Igreja de Cristo, no Brasil, a encorajar, apoiar e viver uma autêntica Reforma Agrária?...



*2 – Urgência em salvar a não-violência ativa*

Quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir percebe, facilmente, que a não-violência ativa atravessa no Brasil uma crise que ela precisa ultrapassar sem demora, dando uma indiscutível demonstração de eficiência.

Nas Comunidades de Base, a não-violência ativa teve crédito ao ajudar – como diria o querido Padre José Lebret – a pôr o homem de pé: provando que, mesmo em áreas subumanas, criatura humana é criatura humana, filho ou filha de Deus...

O crédito da não-violência ativa se manteve e cresceu, enquanto os direitos humanos eram apresentados, discutidos e assumidos como doação, não dos governos ou dos ricos, mas de Deus...

O crédito da não-violência ativa se manteve e cresceu, na medida em que a comunidade se uniu e partiu para reivindicar, pacificamente, os seus direitos.

Mas, como o poderio econômico tem praticamente o controle dentro dos países e dentro do mundo, e zomba dos direitos humanos, a violência vem ganhando terreno e poderá acarretar os maiores desastres, provocando, por exemplo, uma guerra civil.

Temos, no momento, uma oportunidade excepcional de demonstrar a validade da não-violência ativa. Como é da essência da não-violência não agir em segredo, deixamos aqui o esquema geral da operação, em vias de ser deflagrada:

*a) Objetivo a conseguir*

Diante das dívidas externas dos países subdesenvolvidos inclusive o Brasil,

- demonstrando que os empréstimos colossais foram facilitados pelas grandes companhias multinacionais e pelos bancos internacionais;
- demonstrando que as dívidas atuais corrompem séculos de injustiças terríveis na política internacional do comércio entre países ricos e países produtores de matérias-primas;
- demonstrando que as condições de pagamento – inclusive reforçadas, estranha e abusivamente, pelo Fundo Monetário

Internacional, que chega a assumir posições irritantes de desatenção, diante da soberania nacional – as condições de pagamento irão esmagar, ainda mais, as massas já oprimidas do Terceiro Mundo; pretende-se que cada devedor, reconhecendo as próprias dívidas, estabeleça, no entanto, um esquema de pagamento que, longe de esmagar ainda mais as massas sofridas do país, dê margem para que o país respire e tenha condições efetivas de pagar seus débitos.

b) Apoio decisivo dos grupos de não-violência dos países industriais e ricos

Dentro de todos os países, o número de pessoas de boa vontade é muito maior do que se pensa.

Dentro de todos os países, os grupos de não-violência ativos são muito mais numerosos do que se imagina. Estes grupos conhecem as opressões de que vêm sendo vítimas os países subdesenvolvidos. Conhecem, em particular, a agiotagem internacional que as grandes companhias multinacionais e os bancos internacionais preparam-se para exercer sobre o Terceiro Mundo, sem a menor consideração humana.

Dentro de cada país, um grupo de não-violência ativo será, em breve, convidado a sensibilizar os demais grupos não-violentos, recebendo dados capazes de ajudar a levantar um clamor internacional contra a agiotagem internacional.

Note-se que não se trata de apelo aos fortes e poderosos. Os grupos de não-violência ativos não movimentam armas, nem capitais: de modo pacífico, clamam por justiça e preparam-se para vencer gigantes com a força da fé e do amor!

### *3 – O Ano 2000 como desafio providencial*

Os dois exemplos aqui apresentados – como desdobramentos lógicos e naturais da opção preferencial pelo pobres – podem despertar-nos para outras audácias sagradas, diante do desafio providencial do Ano 2000.

Ano 2000 – os países industriais, sempre mais ricos, com o esmagamento de mais de 2/3 da humanidade, são de origem cristã;

Ano 2000 – a América Latina, a parte cristã do mundo pobre, repetiu e repete, dentro dos seus vários países, as mesmas injustiças, exercidas sobre o Terceiro Mundo pela Europa e pela América do Norte, de origem cristã.

Vamos, com a graça de Deus, aproveitar ao máximo o desafio do Ano 2000 – do qual nos separam, apenas, 16 anos! – não poupando esforços para que, ao menos os críticos, cheguemos ao Ano 2000 mais próximos dos ensinamentos e dos exemplos de Nosso Senhor Jesus Cristo!

.....  
*Direitos humanos, desafio crescente*

I – RAZÃO PROFUNDA DE ENTENDIMENTO  
ENTRE OAB E IGREJA DE CRISTO

**A**o agradecer esta homenagem tão alta e tão encorajadora da Ordem dos Advogados do Brasil, sinto-me feliz de lembrar que a razão de a querida OAB se entender tão bem com a Igreja de Cristo é porque nossas duas Instituições têm idêntico compromisso sagrado de defender os Direitos Humanos.

Para nós, eles, os Direitos Humanos, são criações do próprio Deus. A ONU teve a glória de proclamá-los, solenemente, para toda a Terra. Mas foi o Criador e Pai quem os inscreveu em nossa carne e em nosso espírito!

Se OAB e Igreja de Cristo no Brasil se entendem, sempre mais, é exatamente porque os Direitos Humanos se tornam, sempre mais, um desafio crescente, dentro do Mundo e dentro do nosso País...

Nos nossos tempos, nenhum país do mundo consegue respeitar, plenamente, os Direitos Humanos: nem no Leste, nem no Oeste, nem no Norte e nem no Sul.

Pisar Direitos Humanos é fácil; acabar com eles, destruí-los, é simplesmente impossível.

Aproveitemos o Encontro desta manhã para recordar como, de fato, é crescente o desafio enfrentado pelos que se engajam, de verdade, no compromisso de defendê-los...

Ainda bem que problemas graves, pesados, aparentemente insolúveis, longe de desanimar-nos e esmorecer-nos, valem como desafios apaixonados. Somos da raça dos que achariam terrivelmente monótono um mundo onde tudo já estivesse resolvido.

Cabe, esplendidamente, nesta manhã, recordar Direitos Humanos que, estando mais pisados, valham, de verdade, como desafio crescente e aumento de nossa união...

## II – ABERRAÇÕES A QUE A HUMANIDADE ESTÁ SENDO ARRASTADA

No final da 2ª Guerra Mundial, quando a primeira bomba atômica arrasou, totalmente, Hiroshima, a impressão de muitos foi a de que os povos aboliriam, finalmente, a guerra, já que ela chegava a dimensões apocalípticas.

No entanto, aí está a corrida armamentista levando os Estados Unidos e a União Soviética, e respectivos aliados, ao absurdo de possuírem armas nucleares, químicas e biológicas, que já superam, numerosas vezes, o poder de destruição capaz de suprimir a vida em nosso Planeta.

Que insulto enorme ao Criador e Pai, que a todos nos ofertou o dom da vida!... Ele, o nosso Deus, que os faz participar de Sua Inteligência Divina e de Seu Poder Criador, vê esses dons divinos utilizados para a ingratidão sem nome e a loucura de liquidar a vida na Terra...

É impressionante como governos, que se julgam e se dizem democráticos, não ligam a mínima atenção a multidões, nunca vistas tão numerosas, clamando pelo respeito à vida e o fim dos gastos com armas modernas, gastos tão absurdos como o poder de destruição do Arsenal da Morte...

E quem desconhece que a fome, cada ano, mata milhões de criaturas humanas e que fere de debilidade mental, para toda a vida, milhões de crianças, condenadas à desnutrição, durante os quatro ou cinco primeiros anos de vida!?

Quem desconhece que a ONU denuncia, abertamente, que um pequeno número de países do Norte deixa em condição subumana de miséria e de fome mais de 2/3 da humanidade!?

Em vão o Artigo 4º dos Direitos Humanos proclama que ninguém será mantido em servidão ou escravidão.

Ora, o que é mais grave e mais humilhante: ser mantido em servidão ou escravidão, ou ser reduzido a uma condição subumana, condição de animais, e, não raro, nem para animais!?...

Em todos os países industriais e ricos, multiplicam-se grupos de não-violência ativos, sobretudo de jovens, que se interessam, profundamente, pela situação do Terceiro Mundo, pela situação dos países tidos como subdesenvolvidos.

E estes grupos sabem, muito bem, que a distância, cada vez maior, entre o pequeno grupo de países sempre mais ricos, e mais de 2/3 da humanidade em condições de miséria e de fome não se explica por falta de inteligência, ou por falta de coragem de trabalhar com firmeza ou por falta de honestidade dos povos pobres, mas por injustiças terríveis na política internacional do comércio, entre países industriais e países produtores de matérias-primas. Os preços, não só dos produtos industriais fabricados pelos países ricos, mas, também, os próprios preços das matérias-primas dos países pobres, são fixados nos grandes centros de decisão do mundo, sem vez nem voz para o Terceiro Mundo...

Quando digo que os Direitos Humanos sofrem desafios crescentes é porque – por exemplo, neste caso de mais de 2/3 da humanidade se acharem em condições subumanas – ao invés de esforços para atingir as estruturas interiores das consciências e dos corações, levando a mudanças das estruturas malditas, que esmagam bilhões de filhos de Deus, é cada vez mais encontrada a idéia obscena de que o mundo não pode chegar ao Ano 2000 com 7 bilhões de habitantes: que é urgente que a humanidade se livre de 1 bilhão de pessoas e, idealmente, de 1 bilhão e meio. Claro que 1 bilhão e meio de pessoas pobres, de pessoas miseráveis...

### III – DESAFIOS CRESCENTES DENTRO DO BRASIL

É convicção nossa de que a humanidade constitui a Grande Família Humana. Tudo o que acontece – de bom ou mal, de felicidade ou de desventura –, em qualquer canto da Terra, está acontecendo com a gente nossa, com gente da gente...

Mas, não é por acaso que nascemos neste pedaço do Mundo. Não existe acaso – existe a Providência Divina.

Nada mais natural, portanto, do que eu querer aproveitar os momentos que faltam desta festa de estímulo e encorajamento, que me preparastes, para acertar relógios em torno do que, salvo engano, parece mais urgente para o nosso querido Brasil.

Claro que sabeis de sobra que vos cabe missão especialíssima de ajuda à Constituinte, que, hoje, amanhã ou depois, tiver a responsabilidade de elaborar a Constituição, de que o Brasil necessita para recontrar sua identidade e seu rumo, a serviço de seu povo, e em sintonia com os povos decididos a ajudar a construir um mundo sem oprimidos e sem opressores. Claro que, ajudando os partidos políticos e as Constituintes, tereis bem presentes, entre outros, os jovens e a nossa gente sofrida.

Quando se fala aos jovens, sem meias-verdades e tendo o cuidado de, pelo menos, tentar o esforço de confirmar com a vida o que se diz com palavras, os jovens são colaboradores admiráveis e indispensáveis...

Daí, também, o exemplo de escutar o povo, o povão, a nossa gente sofrida. Engana-se quem pensa que quem não sabe ler, nem escrever, não sabe pensar... O povo tem o que aprender, mas tem muito o que ensinar: o que lhe falta em aprendizagem com livros e professores, lhe sobra em saber de experiência feito...

Quanto ao acerto de relógios – e não é demais lembrar que os nossos relógios só marcam horas de esperança, de construção e de paz –, quanto ao acerto de relógios, contento-me com dois acenos:

- já deveis estar sentindo que está soando a hora de uma autêntica Reforma Agrária;
- como já deveis estar sentindo que é inadiável a reformulação do esquema de pagamento de nossas dívidas externas.

Nos dois casos não tenhamos a menor ilusão:

- quando o nosso povo tiver a audácia de cobrar a hipoteca social que pesa sobre toda propriedade particular;
- ou quando o nosso povo se meter a dizer que está havendo agiotagem na cobrança das dívidas do Brasil...

Podemos ter certeza de que quem se meter a defender o povo não está só mexendo em casa de marimbondos: está mexendo em tocas de tubarões.

É verdade que o Papa João Paulo II, o nosso querido João de Deus, ao falar no Recife, diante das autoridades e de enorme multidão exclamou: “Palavra de Deus, que está na Bíblia Sagrada: Deus criou a Terra, como um dom para todos.” E acrescentou: “Quando um homem trabalha a terra durante anos, acaba criando raízes nela. Arrancá-lo daí e jogá-lo para as surpresas da cidade é um pecado contra Deus e contra a criatura humana.”

Vá um líder camponês repetir esta mesma palavra, mesmo tendo o cuidado de citar a Bíblia, e não faltará quem diga que ele aprendeu a torcer a palavra da Bíblia e está ensinando subversão em lugar do Evangelho...

Quando gente do povo começar a atacar o FMI, não faltará quem diga: é a Igreja Vermelha quem está envenenando o povo, que não entende nada de nada de dívida externa e nunca viu um cédula estrangeira, nem sequer de um dólar... De dívida externa, nosso povo não entende: mas de agiotagem, ninguém entende como ele...

Em agiotagem, nosso povo é doutor.

Vamos, querida OAB, dar cobertura espontânea e fraterna, sem ódio, nem violência, mas com decisão e destemor, tanto à luta pacífica pela Reforma Agrária – autêntica, decidida, decisiva – como à luta pacífica – mas também decisiva, decidida e autêntica – para que saldemos nossa dívida externa, sem ainda maior esmagamento de nossa gente sofrida. Deus, ainda uma vez e sempre, nos ajudará a defender os Direitos Humanos, dos quais Ele é o verdadeiro Autor: direito a não ser mantidos em condição subumana, o que é mais grave e humilhante do que escravidão; direito a ter uma nacionalidade, sem sombra de redução ao estado de colônia...

---

Mensagem fraterna de Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, ao ser homenageado, no Rio de Janeiro, a 7 de maio de 1984, pela Ordem dos Advogados do Brasil.



.....

*Medalha viva, que interpela, exige, compromete...*

Q

ue belo sinal de autêntica vivência universitária ter a nossa querida PUC, de Belo Horizonte, instituído a *Medalha Sobral Pinto*, e assumido o compromisso de sugerir, cada ano, ao próprio Sobral, em lista tríplice, nomes de pessoas que, se tendo destacado na defesa dos Direitos Humanos, merecem a honra insigne de condecorar-se com o nome desta grande criatura humana e deste verdadeiro filho de Deus!

Claro que a Universidade tem de tentar elevar em nível superior os vários conhecimentos humanos. Claro que lhe cabe acompanhar as técnicas sempre mais engenhosas e, não raro, estonteantes, e as artes, e as letras, em seu esforço de dar leveza e inspiração ao barro humano...

Nem basta à Universidade o esforço de estar em dia com o saber humano. Cabe-lhe mergulhar no mundo das pesquisas, despertando potencialidades estonteantes, que ainda dormem no seio da criação...

Pesquisas! Que dificuldade estimulá-las, sem deixar que a necessidade de financiá-las deixe as pesquisas dependentes, no intuito e nos resultados, por parte de quem as financia!...

Nada disso, porém, exime a Universidade do esforço maior de tentar captar a sabedoria, respostas divinas à sede de transcendentais, que o Criador e Pai desperta na criatura humana...

PUC, querida PUC, Deus me ajude a entender que não é uma condecoração qualquer que me entregas hoje: é medalha viva, que interpela, exige, compromete...

Sobral, querido Sobral, tua medalha, em minhas mãos, lembra as célebres cartas de alerta fraterno, de cobrança corajosa, que, em nome dos sem-voz, enviavas e envias aos poderosos!

Durante anos, me deste a confiança de fazer-me escutar mensagens, que acabavas de enviar aos grandes. Claro que tuas cartas ganhavam profundidade ainda maior, ao calor de tua voz inconfundível...

PUC e Sobral: permiti-me que tente dizer, em grandes linhas, como buscarei, com a ajuda de Deus, corresponder ao alerta divino que é, para mim, a Medalha recebida hoje...

PUC e Sobral: permite-me que eu assumo, perante vós, u'a missão apaixonante, que, parecendo pretensiosa e impossível, é realizável, e será realizada, com a ajuda do Espírito Divino e a mobilização fraterna de inúmeras forças vivas, que existem no nosso País, como existem no mundo inteiro... Missão que parece pretensiosa e impossível.

Trata-se de aproximar, ainda mais, povo e universidade, em condições difíceis de dizer quem mais vai lucrar: se as universidades ou o povo...

Levantemos hipóteses, que Deus há de permitir se transformem em realidade...

– *As Universidades da Amazônia*, atualizando-se em projetos como Grão Carajás, Tucuruí e a Rodovia Ouro (a Transgarimpo), descobriam meios e modo de ensinar ao povo, e mais ainda de aprender com ele, o que vai valer esta mudança substancial da Amazônia.

Será a morte da floresta, com graves conseqüências para a ecologia do país, com reflexos, inclusive, para além do Brasil?

As 100 empresas mineradoras, já credenciadas, promoverão mais uma corrida do ouro... Há sinal de alguma corrida do ouro, que tenha deixado algo de positivo e válido no fim da feira?

Que valeu a febre de Serra Pelada? Em que situação ficaram a região e o povo?

– *As Universidades do Nordeste*, com participação efetiva do povo, bem podem dar a palavra final, sobre temas que não podem continuar em discussões sem fim:

- seca ou irregularidade de chuvas?
- até quando insistir em barragens colossais?...
- o que é o que não é Reforma Agrária?...

Análise do discurso do Senhor Presidente da República, ao distribuir a milionésima porção de terra, sem as indispensáveis medidas políticas, que tornem válida a terra recebida.

Como preparar a autêntica Reforma Agrária, que ainda não começou?

– *As Universidades do Rio de Janeiro*, com participação real do povo, bem poderiam dar um balanço válido sobre energia elétrica e energia nuclear em nosso país... Justificam-se barragens como Itaipu e Tucuruí, para suprimento, aumento e previsão de necessidades próximas e futuras, de energia elétrica?... Palavra serena e objetiva sobre a validade da nossa entrada na área da energia nuclear...

Papel exato a levar o País a assumir em face da informática...

– *As Universidades de São Paulo*, sempre com a participação do povo, poderiam deixar claro, para todos, problemas como: se o Brasil passou do 49º para o 8º lugar na economia do mundo ocidental, como ainda há mais de 2/3 dos brasileiros em situação subumana de miséria e de fome? Que índices mais válidos poderão substituir o enganoso Produto Bruto Nacional?

Problemas como inflação, recessão, política salarial ganharão quando estudados com o povo, que não tendo tido, o mais das vezes, oportunidade de estudar com professores e livros, aprendeu com a vida, e tem, como diria Camões, “o saber de experiência feito”.

– *As Universidades do Centro-Oeste*, sempre com a participação do povo, bem poderiam estudar o problema de nossas dívidas externas: até que ponto os empréstimos nos foram facilitados, quase impingidos pelas grandes companhias multinacionais e pelos bancos internacionais? Até que ponto, as condições de pagamento, exigidas agora, com o estranhíssimo

aval do FMI, são condições anti-humanas de usura, de agiotagem... Até que ponto é válido afirmar que os juros de extorsão, que nos são cobrados, já nos fizeram pagar nossas dívidas?

Que exemplos de não-pagamento de dívidas externas podemos aprender, no passado e no presente, com importantíssimos países e poderosíssimas democracias?...

– *As Universidades do Sul do País*, ainda e sempre com o povo, poderiam analisar o sentido ético das declarações oficiais, e do direito do povo a ser informado sobre projetos, que lhe alterarão as condições de vida e cujo pagamento acabará recaindo sobre seus ombros...

Ser informado e ser ouvido: eis um direito do povo, cabendo aos técnicos e ao Governo apreciar, devidamente, o bom-senso, a vivência, o sentido prático, a honestidade e o amor profundo ao nosso País, por parte dos pequenos e dos humildes.

E as Universidades do Sul se poderiam encarregar do balanço da problemática social... Como enfrentar, por exemplo, a necessidade de um milhão e meio de novos empregos, cada ano?

– *E a ti, querida PUC de Belo Horizonte*, e, por teu intermédio, às demais *Universidades de Minas*, o que terei confiança de sugerir!?

Claro que Minas tem problemas próprios, como a Ferrovia do Aço e a Aço-Minas...

Mas, quem sabe, as universidades mineiras, sempre com a participação do povo, poderiam preparar-nos para uma bela comemoração do novo milênio que se aproxima, para nós, cristãos, milênio da era cristã...

A comemoração seria tentar articular-nos com as diversidades e as demais forças vivas e, particularmente, com o povo dos países da América do Sul e da América Central, preparando uma autêntica integração latino-americana, sem imperialismo de fora e sem imperialismo de dentro...

O Ano 2000 do nascimento de Cristo bem poderia encontrar o nosso continente em plena tentativa de constituir-se em exemplo de um continente de países irmãos...

Temos praticamente a mesma língua, o mesmo espírito cristão, e mais de um século de independência política, sem independência econômica e sem independência cultural...

O nosso Santo Padre João Paulo II, o nosso querido João de Deus, já entreviu esta experiência magnífica, que seria um exemplo para o nosso mundo tão dividido, tão cheio de violência e de ódio...

A nossa hierarquia, unida continentalmente no CELAM, poderá prestar colaboração valiosa à concretização do que será complemento esplêndido à atuação maravilhosa de Simon Bolívar!

*Se achardes sonhos demais*, eu vos digo:

- as universidades estão arrancando para atividades assim...
- há forças vivas, atentas ao menor sinal válido para colaborar...
- o povo, o humilde povo brasileiro e latino-americano, já está trabalhando pelo sofrimento e pela ação do Espírito Divino...

É muita gente sonhando! E quando se sonha só, é apenas sonho. Quando sonhamos juntos, é o começo da realidade!...

.....

*1964 – 1985: sinais dos tempos, sinais de Deus*

**M**

eu querido Irmão D. José Cardoso,

Meus queridos Irmãos:

*1 – Ontem, iluminado pela 8ª Bem-aventurança*

Quando a Providência Divina me trouxe pela mão para a nossa Arquidiocese de Olinda e Recife, faz 21 anos, estava acabando de nascer, em nosso País, um movimento militar que marcaria, profundamente, a História do Brasil e a alma do nosso povo.

O vitorioso movimento de elites, talvez sem a exata percepção de muitos de seus participantes, pisoteava, desde os seus primeiros dias, conquistas e aspirações populares. Dividia o país. Impunha o silêncio e o medo.

Falar na pobreza de nossa gente era tido como perigosa demagogia e subversão comprometedora. E, no entanto, o Recife, como o Brasil, abrigava u'a multidão crescente de pobres, nas fronteiras da miséria mais degradante. Clamar por liberdade, mesmo as mais restritas liberdades políticas, era ousadia criminosa, punida com prisão e, muitas vezes, com banimento e morte.

A desvairada idolatria de impor a segurança nacional como valor supremo, valor dos valores, fez do Estado e não do homem o centro e o

fim de todo o processo político. Concentrou-se a renda. Os pobres ficaram mais pobres e os ricos cada vez mais ricos. Os privilégios ficaram cada vez mais restritos e os prejuízos cada vez mais repartidos.

Quis o Pai que a Igreja de seu Filho, no Brasil, tivesse a missão providencial de tentar dizer que a pseudo-ordem implantada era, na verdade, agravamento das estruturas de servidão.

Quis o Pai que a Igreja de seu Filho em nosso País compreendesse a impossibilidade de continuar sendo um dos principais esteios de uma ordem social, que mal encobre desigualdades gritantes e é muito mais uma desordem perigosa e comprometedora.

Foi a Graça Divina que permitiu à Igreja de Cristo a coragem que o Evangelho inspira, de denunciar a injustiça e a opressão, a miséria e a fome, como gritantes pecados sociais.

Não faltou quem nos acusasse de fugir à nossa missão para fazer política, quando a Igreja tentava apenas cumprir a missão do bem comum, dever evangélico de lutar, sem ódio, sem violência, mas com decisão e firmeza, por um mundo mais justo e mais humano.

Não faltou quem acusasse a Igreja de subversiva e comunista... E toda a nossa subversão era mostrar, com a fé que a Graça Divina nos concede, que, nas calçadas das grandes cidades, nas ruas dos grandes centros, Jesus Cristo, em pessoa, catava e cata restos de comida, no lixo, para comer; dormia e dorme ao relento, debaixo de pontes e viadutos; era e é preso, e perseguido por ser pobre.

Deus concedeu que a Igreja de Cristo, no Brasil, tivesse a coragem dos cristãos do início da era cristã, de testemunhar o Evangelho, à custa da própria liberdade e até da própria vida. Houve perseguições, seqüestros e torturas, especialmente de trabalhadores e estudantes – homens e mulheres –, sobretudo líderes sindicais e leigos comprometidos com o Evangelho. Não faltaram religiosas e padres. Basta lembrar o nosso inesquecível Padre Antônio Henrique Pereira Neto, impunemente trucidado pela sua dedicação aos jovens, e o Padre Vito Miracapillo, expulso do país pela intolerância de quem, ainda hoje, não admite que se complete, na Zona da Mata de nosso Estado, a campanha de libertação dos canavieiros e corumbas: modernos escravos brancos dos nossos canaviais...

*2 – Hoje, iluminado por um belo arco-íris*

Quis a Providência Divina que, ao passar o Governo de nossa Arquidiocese ao querido Irmão, Dom José Cardoso, esteja aberto não só nos céus de Olinda e Recife, mas de todo o Brasil, um belo arco-íris...

Com que esperança vamos assistindo ao crescimento e amadurecimento de nossa gente sofrida!...

Os partidos políticos descobriram, de repente, que as multidões que acorriam aos comícios ultrapassavam, de muito, as clientelas eleitorais. É impressionante o que a nossa gente sofrida descobria para além das eleições diretas.

Foi alegria profunda medir o amadurecimento do povo, por meio de demonstrações concretas de autodomínio e firmeza diante de derrotas e de vitórias!

Quando um dos candidatos à Presidência da República se identificou com os anseios populares de reformas, sem as quais a paz social será impossível, o povo o adotou. No dia da eleição, ficou patente que, de ponta a ponta do país, a pressão popular transformou a mofina eleição indireta em clara e larga eleição direta.

Quando Tancredo Neves, com sua enfermidade, que, em parte, coincidiu com a celebração da Paixão de Cristo, galvanizou a atenção de todos nós, o mundo assistiu a um acontecimento raro: todo um povo, num país de dimensão continental, uniu-se em prece pela saúde do presidente e transformou em apoteose o seu sepultamento.

O Presidente José Sarney, medindo a força e a beleza de tão positiva pressão popular, falou pelo País inteiro, proclamando que o programa de Tancredo é herança sagrada para todos nós.

Não se pense que, falando desta maneira, estou pensando que já é dia claro e que a democracia já está implantada e firme, realizada em toda a sua riqueza... Olhemos, um instante, que perspectivas nos anuncia o arco-íris, aberto nos céus do Brasil. Tentemos superar tanto o pessimismo, como o otimismo ingênuo e infantil.

Temos razão para alegrar-nos com o considerável avanço institucional, ocorrido nestes últimos meses. Mas seria simplismo grave imaginar que já está conquistada a democracia, que queremos, e a ordem, com que sonhamos...



Não basta a democracia das eleições diretas, nem o formalismo dos poderes da República. É preciso avançar na democracia econômica, que deverá repartir, com todos os brasileiros, os frutos do desenvolvimento e do progresso do país.

Não basta para nós, cristãos, a anistia política, que resgatou o direito sagrado de pensamento, de expressão e de discordância política. Para nós, é preciso, é urgente a anistia econômica que redima da miséria e da fome uma multidão de brasileiros, a quem se nega o mais sagrado de todos os direitos: o direito à própria vida.

Não basta, para nós, o respeito aos direitos puramente individuais do cidadão, especialmente quando eles são ainda tão restritos como no nosso texto constitucional. É indispensável que se estabeleça o direito à privacidade, crescentemente ameaçado pelos bancos de dados cada vez mais complexos. É imprescindível que se garanta o direito à informação, até como fórmula indispensável de se exercer em plenitude a própria cidadania. Nunca é demais lembrar que parte expressiva da dívida externa, que condiciona e sufoca a vida de todo o povo brasileiro, foi canalizada para apenas três dezenas de projetos faraônicos, discutíveis em sua viabilidade, contestáveis em sua necessidade, e sobre os quais os brasileiros jamais foram ouvidos ou suficientemente informados.

É preciso, sobretudo, que se consagrem, em nossas leis, direitos sociais inalienáveis, inerentes à própria dignidade da pessoa humana: o direito à moradia e ao trabalho, o direito à educação e à saúde. Só a garantia desses direitos sociais evitará, neste País, a existência de subcidadãos e de sub-homens, brasileiros de segunda classe.

A consciência da importância e da prevalência desses direitos sociais sobre os direitos individuais é que nos leva a crer que os riscos e desafios de hoje são, talvez, até maiores que os riscos e desafios de ontem.

O primeiro e o maior deles é o da própria miséria. Recife é campeã brasileira de desemprego e subemprego. É recordista nacional de biscateiros, tratados com polícia e repressão nas ruas da cidade.

Desafio terrível é o da habitação: mais de um milhão de pessoas moram em condições subumanas na área metropolitana da cidade. E, no entanto, a regra é responder com tratores e picaretas às tentativas

dos pobres ocuparem um pedaço de chão dos estoques de especulação imobiliária...

“Muitos dos projetos públicos que se executam em nossa cidade, como o Projeto Recife, o metrô ou os abandonados, estacionamentos periféricos da ilha Joana Bezerra ou da ilha do Joaneiro, significaram a expulsão de centenas de famílias. Os pobres são tangidos cada vez mais para longe dos centros de trabalho e dos pólos de serviço.”

A Igreja emprestou vez e voz a quantos não tinham voz, nem vez. Seria engano grave pensar que se tratava de uma função supletiva, que já se tornou desnecessária.

Nossa gente sofrida está aprendendo, a duras penas, que é uma força, quando se une, não para pisar direitos dos outros, mas para não permitir que venham pisar seus próprios direitos.

E os poderosos têm maneiras numerosas de não ouvir, de torcer as leis mais claras, de fabricar testemunhas, de criar opinião pública de todo desfavorável aos pequenos...

Quem desconhece que até mesmo a inflação, que parece atingir indistintamente todo o corpo social, castiga com mais rigor exatamente os mais pobres e desassistidos? Os assalariados que não dispõem de recursos para aplicações financeiras, e os que não podem contar com qualquer tipo de ganho de capital?

Mesmo que nada disso ocorresse, defender direitos humanos, criados pelo próprio Deus, foi, é e sempre será missão na Igreja de Cristo. Ela não privilegia sistemas de governo. Busca ajudar a criar um mundo de mais justiça e amor. E essa é para ela uma obrigação inarredável, até o fim dos tempos.

Já não temos, como antes, o esmagamento de garantias e liberdades individuais. Mas vivemos o risco real de que as elites se apropriem, em benefício próprio, de instrumentos do governo e de mecanismos criados em nome do desenvolvimento, e com isto sejam sufocados, em definitivo, os sonhados direitos sociais.

Não podemos assistir passivos a experiência dolorosa como a da Sudene... Com que esperança os bispos nordestinos propuseram a criação de um instrumento destinado a romper o desequilíbrio criminoso entre

áreas altamente desenvolvidas e áreas estagnadas! Queriam os bispos que os técnicos do governo se unissem, tentando pôr em comum as minguidas verbas e os raros especialistas que se dispersavam em miúdas iniciativas isoladas. A Sudene nasceu despertando esperança em muitos e contando com o respeito de todos...

Mas o que se viu, através dos tempos, foi a Sudene, com o sacrifício de seus técnicos e de quantos nela trabalham:

- ser obrigada a aumentar a dependência do Nordeste, em matérias-primas, em equipamentos e até em mercado...
- ser obrigada, por meio de mecanismos cavilosos como o dos incentivos fiscais, a agravar a concentração de rendas e a agravar as disparidades entre os próprios nordestinos...
- ser obrigada a estimular a expulsão do agricultor, por meio de discutíveis projetos agropecuários...
- ser obrigada a deixar para trás a produção de alimentos.

E o Nordeste da Sudene, esvaziada e desviada de seus objetivos iniciais, ficou paradoxalmente mais vulnerável aos efeitos sociais das secas. Nunca é demais lembrar que dos 32 municípios que perderam população entre 1970 e 1980, 30 não se situam nos tórridos sertões, mas no agreste ou na fértil e chuvosa Zona da Mata... O capim e a cana, estimulados oficialmente, expulsaram mais gente do que a própria seca...

Com que esperança assistimos hoje a uma vigorosa mobilização de técnicos e funcionários da Sudene, de políticos e de setores do próprio Governo, para que ela volte às diretrizes de seus primeiros dias.

Com que alento testemunhamos o esforço para que a Sudene privilegie, hoje, a pequena empresa familiar e altere os parâmetros de avaliação dos projetos industriais, para adequá-los melhor às necessidades do desenvolvimento regional. Com que confiança registramos a proibição de pessoas físicas ou jurídicas acumularem mais de um projeto incentivado, canalizando, ao mesmo tempo, os incentivos fiscais para a pequena propriedade. Quem sabe não teremos, enfim, a nossa Sudene firmemente engajada na superação de colonialismos internos e de disparidades inter-regionais e interpessoais de renda? Na promoção de um desenvolvimento autônomo e

auto-sustentado, que não se limite a servir de instrumento de multiplicação do capital e defesa dos interesses dos oligopólios?

Os técnicos da Sudene estão alertas, inclusive, para tentar evitar que ela se transforme em mera repassadora de verbas...

Deixem-me lembrar, ainda, que vivemos, hoje, o desafio da convocação da Assembléia Nacional Constituinte, que vai preparar a ordem jurídica do Brasil do século XXI. O Espírito Divino ajudará a Igreja de Cristo na tarefa sagrada de apoiar o povo em sua organização e mobilização para evitar o predomínio do poder econômico que termine por consagrar, na Constituinte, os interesses e os privilégios de escassa minoria.

Não podemos perder esta rara oportunidade histórica para garantir, através da própria Constituição, valores e conquistas que não são apenas aspirações de cristãos, mas de todos os homens de boa vontade. Temos de garantir, na Constituinte, a prevalência do *trabalho* sobre o *capital*, do *ser* sobre o *ter*, do *homem* sobre o *dinheiro* e o *lucro*. Temos de garantir, na Constituinte, uma distribuição mais justa da renda e da riqueza nacional, não apenas entre regiões ou entre esferas do poder público federal, estadual e municipal. Mas sobretudo entre pessoas.

Temos de garantir o controle social do aparelho do Estado, para evitar a desvairada hipertrofia que termina por esmagar o cidadão e suas liberdades. Temos de garantir, por fim, que a propriedade e a terra sejam condicionadas por sua finalidade social. A Igreja, através dos tempos, sempre reconheceu e defendeu a propriedade. Mas, em momento algum, pôde admitir que ela se transforme em valor absoluto, pois como ensinou, com admirável sabedoria, nosso querido João Paulo II, “sobre toda propriedade pesa uma hipoteca social”.

Só esta visão social da propriedade permitirá que se avance em reformas de há muito sonhadas por nosso povo, como a reforma agrária.

Com que otimismo testemunhamos o lançamento, pelo governo, do Plano Nacional de Reforma Agrária. Pouco importa se a muitos pareça tímido e conservador. Pouco importa se ele se baseia no Estatuto da Terra promulgado pelo próprio marechal Castelo Branco, primeiro chefe do movimento militar de 64. Importa menos ainda que este plano de re-

forma agrária seja feito em nome da propriedade, e do sistema capitalista no campo. O que vale, para nós, é o reconhecimento explícito de que, sem essa reforma, os conflitos no campo se tornarão cada vez mais explosivos e as cidades incharão cada vez mais. Sem esta reforma, nem o homem se fixará no campo, nem haverá produção suficiente de alimentos. Muito menos se poderá pensar em justiça social no campo.

Cabe aos bons brasileiros, agora, oferecer ao governo todo o apoio necessário para vencer o imobilismo dos que querem preservar os grandes latifúndios improdutivos como instrumento de especulação imobiliária, como fiança de créditos especiais que eles desviam para a especulação financeira; ou como mecanismos de chantagem eleitoral contra o pobre agricultor sem terra.

Deus nos livre, porém, da ingenuidade de pensarmos que é possível resolver nossos gravíssimos problemas internos sem modificar a ordem econômica internacional, iníqua e opressora dos países pobres. Ah, quanto se tem trabalhado nos países do Terceiro Mundo, quanta fome se tem sofrido nesses países, somente para pagar os juros, cada vez maiores, de suas dívidas internacionais! Mas como pagá-las, se os preços das matérias-primas, únicos bens de exportação dos países pobres, são achatados unilateralmente pelos países desenvolvidos? Como pagar estas dívidas externas, se as taxas e juros crescem ao sabor da política financeira dos países ricos, aumentando indefinidamente o débito dos países pobres?

Esse sufocante jogo de interesses financeiros une, num círculo único de exploração, ideologias da esquerda e da direita, identificadas pela mesma sede insaciável do lucro. Imperialismos econômicos e ditaduras políticas, de direita ou de esquerda, esmagam o homem da mesma forma. Escravizam-no da mesma maneira. Deus nos livre da ingenuidade de absorver uns para condenar outros. De preferir uns aos outros, pois todos são igualmente fiadores da opressão.

Ah, com que tristeza assistimos a países que sustentam sua prosperidade no subdesenvolvimento e na miséria de outras nações oprimidas por iníquas relações de comércio, espoliadas por inescrupulosas operações financeiras! E, mais ainda, induzidas ao desvario perverso da corrida armamentista, que só atende aos interesses do poder político e econômico.

Ah, com que dor presenciamos o nosso querido Brasil ser tristemente reconhecido como fabricante e exportador de material bélico!

A submissão passiva às injustas exigências internacionais dos importadores de matérias-primas e de exportadores de tecnologia e de capital só agravou, nos últimos anos, os problemas internos do nosso Brasil. Que exemplo mais eloqüente poderia encontrar da deterioração das condições de vida do nosso povo que o Recife? Ah! Como gostaria de poder dizer que, em nossa região metropolitana do Recife, o povo é apenas pobre e não miserável?

Mas não preciso ficar insistindo nos problemas cada vez mais graves de nosso povo. Prefiro falar dos maravilhosos ensinamentos que nos dá este povo humilde, mas sábio, em sua organização, lenta e paciente, mas firme. Prefiro lembrar os edificantes exemplos de generosidade e desprendimento de pobres ajudando pobres. Deus nos confiou um rebanho de mais de três milhões de criaturas, que a cada dia nos cumulam de novas e valiosas lições.

Foi aqui que aprendemos que não basta ao pastor trabalhar *para* o povo. É preciso sempre mais trabalhar *com* o povo, obedecer o seu ritmo e o seu tempo, caminhando junto com ele, sem imposições, com a humildade de quem vem servir e não ser servido.

Foi aqui que aprendemos que não basta que cedamos nossa voz e nossa vez ao povo. É preciso trabalhar para que ele, sim, conquiste sua própria vez e fale por sua própria voz. Foi aqui que tivemos um curso vivo e vivido de teologia, da maior importância, mesmo para quem é doutor, de verdade, por universidades européias...

Os subúrbios do Recife, a periferia de nossa Arquidiocese, vivem a fé encarnada no seu dia-a-dia de dificuldades e desafios. Buscam no Evangelho e nas Escrituras os caminhos para viverem como cristãos, se afirmarem e se libertarem como cristãos. Nenhum deles se preocupa com rótulos, com análises filosóficas ou possíveis processos dialéticos indispensáveis para a sua teologia simples.

Para este povo simples, mas sábio, teologia é o puro ensinamento evangélico de que o Deus da Justiça e do Amor não pode compactuar com a injustiça e a opressão, que existem, não por vontade divina, mas por distorção das estruturas montadas pelo próprio homem.

Aqui, em Olinda e Recife, o povo nos ensina a não temer a libertação dos filhos de Deus...

Quem pode mesmo ter medo da libertação são os inimigos do homem e jamais o cristão, que acredita no homem, imagem e semelhança de Deus, e quer vê-lo desenvolver-se na plenitude de sua dignidade de filho de Deus e irmão de Jesus Cristo.

Minha saudação na hora de ceder, com plena confiança e alegria, o báculo de Pastor da sempre amada Arquidiocese de Olinda e Recife, minha saudação é feita em nome do nosso povo, no meu nome e, de modo muito especial, em nome de Dom José Lamartine, irmão que Deus me deu e que nestes 21 anos como meu bispo auxiliar foi de uma fidelidade *per-fei-ta*, de uma dedicação sem limites, a ponto de eu poder dizer que fomos juntos Arcebispo de Olinda e Recife, e, talvez, ele ainda mais do que eu. E contamos com um clero devotadíssimo: nem sombra de divisões entre clero diocesano e clero religioso, ou entre padres brasileiros e padres estrangeiros (para nós, brasileiros pelo coração). Contamos com leigos e leigas admiráveis, engajados com o Evangelho e servindo a movimentos oportuniíssimos.

Bendito seja Deus, cuja misericórdia divina nos permitiu testemunhar a simplicidade da fé e a sabedoria dos humildes. Permitam-me que minha palavra seja a mesma saudação fraterna da chegada ao povo de nossa querida Arquidiocese, católicos e não-católicos, crentes ou descrentes.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Jesus Cristo dos morros e dos alagados, dos córregos e canais.

Jesus Cristo, camelô e desempregado, canavieiro, pescador e favelado.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo em toda a crescente multidão de severinos, sem teto e sem pão, sem nome e sem endereço, que constituem a maioria de nossa Arquidiocese.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo de nossas queridíssimas comunidades de base, de todos os movimentos e pastorais de nossa arquidiocese, que nos dão a belíssima lição de confiar nos pobres e nos humildes. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo por este brado de esperança que podemos cantar com o nosso povo:

“Eu acredito que o mundo será melhor  
quando o menor que padece  
acreditar no menor.”

Bendito seja Deus, que faz maravilhas diante de nós! Nesta hora de despedida, com os agradecimentos pela acolhida generosa de 21 anos, faço a meu povo de Olinda e Recife mais um apelo fraterno:

Ajudem, o mais possível, a Dom José Cardoso a preparar nossa Arquidiocese para festejar, daqui a 15 anos, o Ano 2000 – dois mil anos do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Talvez seja este o maior título que ele vai ganhar aqui...

Quem sabe, nos planos de Deus, ele será para sempre quem veio ajudar nossa querida Arquidiocese a festejar a chegada do 3º Milênio da Era Cristã, em plena sintonia com a nossa Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e com o Santo Padre João Paulo II, o nosso querido João de Deus!....



.....

*Apelo fraterno à nossa universidade*

**M**

agnífico Reitor,  
Srs. Professores e Alunos  
da *nossa* Universidade Federal de Pernambuco,  
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Sempre que uma universidade, fora ou dentro do Brasil, teve a generosidade de oferecer-me um título de doutor honorário, aproveitei a hora privilegiada para dirigir um apelo à Casa Magna que me acolhia...

Talvez fosse a timidez de quem media, diante de Deus, a desproporção entre homenagem e homenageado, que me levava a verificar se eu estava mesmo agregado à mansão do saber, a ponto de poder dirigir-lhe apelos...

Recordo-me, por exemplo, de, neste tempo de tanta injustiça, esmagando, sempre mais, milhões de filhos de Deus, haver solicitado, mais de uma vez, a criação de uma Cátedra de Justiça. A Universidade Livre de Amsterdam (Presbiteriana) e a Universidade de Notre Dame, na Indiana, Estados Unidos, criaram a Cátedra, onde Justiça e Injustiça são estudadas, em nível universitário, ao redor do mundo e na História da Humanidade.

Hoje, querida Universidade Federal de Pernambuco, pensando no Ano Internacional da Juventude, tenho a confiança de pedir-vos a criação de uma Cátedra dos Transcendentais, riquezas espirituais, que ainda mais iluminarão a caminhada dos jovens, que já inspiram tanta confiança, a ponto de o Santo Padre João Paulo II, o nosso querido João de Deus, ter tido a audácia sagrada de afirmar: “A paz e os jovens caminham juntos.”

Aparentemente estarei caindo em plena alienação. Veremos como os transcendentais jogam luz sobre todos os problemas humanos, de ontem, de hoje e de amanhã...

### *1 – Transcendentais, sede que Deus acende em nós*

Nunca será demais recordar como o Criador, partindo para criar fora de Si Mesmo, manifestou audácia e humildade, estonteantes para nós.

Ele sabia como ninguém que seria impossível criar outro Deus, outra Perfeição Suprema, outra Infinita Sabedoria.

E a culminância da audácia e humildade do Criador foi atingida, quando ele escolheu, dentre as criaturas, a criatura humana, para fazer do homem um co-criador, encarregado de ajudar a Natureza a atingir o máximo de suas virtualidades, e de completar a criação....

E o Senhor de tal modo privilegia a criatura humana, que, na impossibilidade de transmitir, ao homem, sabedoria infinita, perfeição suprema, acende no espírito humano, transcendentais, seres que nos transcendem e que bem revelam que somos filhos de Deus...

Permiti que eu vos recorde três *Sedes Sagradas*, dentre outras: a de Absoluto, a de Infinito e a de Eternidade...

E vereis que a cátedra, que eu sugiro, não é paga por dinheiro, nem depende de leis ou portarias oficiais, mas de encontro fraterno de mestres, alunos e funcionários da universidade, e será ponte maravilhosa entre a universidade e todos os que se gastam pela construção de um mundo mais justo e mais humano, inclusive representantes da nossa gente sofrida, representantes do povo...

### *2 – Sede de Absoluto*

Depois que a universidade se despreendeu da teologia e da filosofia, para dedicar-se às ciências físicas e naturais; depois que a religião, rea-

gindo à laicização da universidade, criou universidades confessionais, tudo o que constitui a sabedoria ficou bastante no esquecimento, quando não no desprezo das universidades leigas...

Os transcendentais, por exemplo, no mínimo, parecem divagações piedosas, sem base científica e sem aplicação controlável...

E, no entanto, ao tomarmos, por exemplo, a sede de absoluto, logo veremos como a luz que o absoluto pode projetar em nossa vida nos pode livrar de dois graves riscos, dentre muitos outros: o de absolutizar o relativo e o de relativizar o absoluto...

Ainda está diante de nós, no Brasil e em outros vários países, a lembrança viva de conseqüências terríveis que podem, facilmente, advir da absolutização de relativos, como a segurança nacional...

É evidente que todo povo tem direito e até um certo dever de cuidar da própria segurança. Mas, sempre que a segurança nacional se torna um absoluto, tudo, absolutamente tudo, é válido para sustentá-la.

Se particulares realizam um seqüestro, é grave, é crime, previsto em lei. Mas se o seqüestro partir da segurança nacional, que não necessita de certezas, mas de simples dúvidas, tratar-se-á de ato cívico, de salvaguarda da segurança do país....

O seqüestrado deve, então, atender a todas as perguntas que forem feitas. Se não responder, ou porque nada tem a dizer, por tratar-se de alguém sem nenhuma ligação, nem direta, nem indireta, com planos subversivos, ou porque não pode e não quer revelar segredos próprios ou de outros, a tortura chega, impiedosa, implacável, terrível para todos, ultrajante para mulheres...

Quantos em nome da segurança nacional foram exilados, quantos desapareceram para sempre!

Mas, convém lembrar: se é grave a absolutização do relativo, não é menos a relativização do absoluto...

Quando a universidade se desfaz da teologia e da filosofia, oficialmente, Deus é relativizado. À primeira vista, não há conseqüências a temer.

Na realidade as conseqüências da relativização de Deus são muito mais graves do que se poderia supor...

Quando a frágil vontade humana se vê entre o bem e o mal, entre o certo e o incerto, entre o que deve ser feito e o que não deve ser feito, se os órgãos do saber não se capacitam de que há, no começo do começo, no início do início, um Criador e Pai, toda a construção ética perde seu grande esteio e sua maior e melhor inspiração...

E é impressionante como homens de ciências, em geral tão exigentes nas suas buscas e pesquisas, tranqüilizam-se com o vago mais vago, quando se trata, por exemplo, da origem do Universo...

Os especialistas em cosmologia, em grande número, são levados a imaginar que o Universo sofreu, em seu início, uma fase muito densa e muito quente, que se costuma designar de big-bang...

Desde o nascimento da astrofísica, e do acesso ao conjunto do espectro eletromagnético, com a análise direta da matéria cósmica e com a exploração da irradiação eletromagnética proveniente do universo, com o telescópio espacial, com a espectrografia astronômica, com a astronomia do ultravioleta, com a radioastronomia e a astronomia infravermelha, com a astronomia X e a astronomia gama, a astronomia e a astronáutica, indo tão longe, sentem-se meio perdidas...

Parece-lhes mais fácil admitir uma explosão inicial sem origem, sem nome, sem endereço – do que reconhecer o Absoluto, o Criador, Deus!

Será que temem que a aceitação do Criador iria prejudicar a sede de pesquisas, quando seria o maior dos estímulos para a busca apaixonante de conhecimentos sobre os bilhões de astros que, certamente, não foram criados para permanecer a uma distância astronômica só para o embevecimento do olhar humano!?

A astronomia completada pela teologia, a teologia completada pela astronomia seriam a melhor ajuda para livrar-nos de uma nova e muito mais grave tentação ptolomaica...

A teologia nos lembra que o Criador de todo o Universo quer ser Pai de todas as criaturas humanas, e que seu Divino Filho se fez Homem para salvar os homens.

A astronomia valoriza, ainda mais, estes ensinamentos teológicos, mostrando como a Terra parece um grão de poeira comparada com as bilhões de estrelas, milhões de vezes maiores do que o nosso Planeta.

E a teologia conclui que, mesmo assim, a Terra mereceu da Bondade Divina um tratamento desnorteante: a Encarnação do Filho de Deus.

A astronomia, pondo a nu a pequenez da Terra, ajuda a entender o ridículo do orgulho humano com seus impérios e suas guerras, que, em escala mundial, lembram guerras de minhocas...

A astronomia, reduzindo a Terra a seus limites liliputianos, deixa entrever que o egoísmo humano, deixando mais de 2/3 da humanidade em condição subumana, começa por ser, antes de tudo, e acima de tudo, falta de inteligência...

### *3 – Sede de Infinito*

Deus não só acende em nós sede de infinito, mas multiplica, em nós e em torno de nós, ocasiões de crescer em visões amplas e em aspirações larguíssimas.

O Padre José exclamou um dia:

“Senhor,  
não há esbanjamentos na Criação!?!...”

Os frutos não compensam  
o desperdício das sementes...

As fontes espalham  
excessos de água...

O sol derrama  
dilúvios de luz...

Que a tua magnanimidade  
me ensine grandeza d’alma!

Que a tua magnificência  
me livre de ser pequenino!

Que te vendo pródigo,  
de mão aberta,

generoso e bom,  
eu dê sem contar,

sem medir,  
como filho de Rei,  
como filho de Deus!...

Mas este mesmo padre José nos alerta:  
Senhor!  
Quando parecia impossível  
desconhecer  
tua largueza infinita  
na Criação,  
acusam-te  
de haver enganoso  
nas tuas contas...  
Pensavas  
haver criado  
terra para todos  
e dizem  
que a explosão demográfica  
exige  
a redução drástica  
de um bilhão  
e, idealmente,  
de um bilhão e meio,  
antes do Ano 2000,  
se quisermos que haja  
comida e trabalho para todos.  
Ajuda-nos, Senhor, a entender  
a urgência de enfrentar  
esta realidade tremenda,  
filha do nosso egoísmo humano:  
20% da humanidade  
açambarcam  
80% dos recursos da Natureza  
e 80% de população humana  
se devem contentar  
com 20% dos frutos  
dessa mesma Natureza...  
É verdade, Senhor,  
que deste aos brasileiros  
coração sensível, bondoso!?!...

É verdade que as estatísticas proclamam  
que, em breve, seremos  
o maior País católico do Mundo?  
No entanto,  
o que se passa conosco  
não é apenas questão  
de falta de largueza  
no dar...  
O problema é de justiça!  
Só Tua graça divina  
poderá tocar  
o coração  
dos nossos zaqueus...  
Faze com que eles entendam  
a impossibilidade  
de neste País-Continente  
a terra continuar apenas  
nas mãos de 6% dos brasileiros...  
Faze com que eles entendam  
que a Igreja de Cristo  
longe de estar pregando luta de classes  
está tentando obter  
que a terra de Santa Cruz  
dê exemplo  
de um País de irmãos!...

Queridos amigos! Reparastes como, mais uma vez, os  
transcendentais, longe de se prenderem nas nuvens, nos trazem, de cheio, ao  
nosso tempo e ao nosso meio!?

Foi assim com a sede de absoluto. Foi assim com a sede de  
infinito. Será assim com a sede de eternidade...

*Sede de eternidade*

O grande alerta que nos dá nossa sede de eternidade é lembrar-  
nos que somos mortais e imortais, mas que nem vivemos como imortais,  
nem como mortais.

Quando se está bem de saúde, quando nenhum incômodo nos atinge é fácil provar que a morte não é um fim, mas começo da verdadeira vida, e, para quem soube aproveitar a graça da vida terrena, a morte nos introduz na vida, sem mais separações, sem mais adeus, sem sombra de sofrimento.

O difícil é proclamar estas verdades quando a nossa saúde não está firme.

Permiti que, em plena sessão festiva, eu vos lembre o privilégio que todos estamos vivendo:

- de ver um amigo de todos nós,  
um irmão muito querido,  
fazer-nos o seu melhor sermão silenciosamente,  
sem sombra de exibição,  
tal como foi sua vida inteira:
- de dedicação plena, na sombra,
- de trabalhadeira insana, deixando as glórias para outros.

Para que dizer mais?...

Quem não vê, quem não sente, quem não toca  
que a sede de eternidade  
está encontrando quem a viva em plenitude!/?...

Permiti-me que eu vos diga, diante de Deus  
– ao receber o doutorado que guardastes para mim–,  
permiti que eu vos lembre esta grande verdade:  
enquanto com as melhores intenções,  
pensando inclusive em atender à justiça,  
distribuímos nossas honrarias terrenas,  
lembremo-nos de saudar,  
Aqueles  
que serão para sempre Doutores Honorários  
proclamados pelo próprio Deus,  
em sua Casa da Eternidade!

---

Apelo confiante à Universidade Federal de Pernambuco, feito por Dom Helder Câmara, Arcebispo Emérito de Olinda e Recife, ao ser por ela agraciado, como Doutor Honorário, no Recife, em 15-8-85.



.....

*Valores centrais, a salvar plenamente*

C

omove-me, de modo particular, o título de Cidadão Goiano, porque aprendi a medir o significado profundo do Brasil Central, para o desenvolvimento e a plena realização do nosso querido Brasil.

Três homens influíram, de modo decisivo, para convencer-me da importância de estimular nosso povo, nossa gente, a não se prender apenas ao litoral, mas a ter coragem de embrenhar-se de Brasil adentro, procurando ser dignos da terra vasta e generosa, que o Criador e Pai nos confiou. Os três homens foram:

- Juscelino Kubitschek, a quem podemos, afinal, proclamar um dos maiores brasileiros de todos os tempos...
- O vosso e meu querido amigo e irmão D. Fernando Gomes, que já nos acompanha e protege junto ao Pai Celeste...
- E o terceiro, ninguém se espante, foi o próprio São João Bosco, com a revelação que recebeu de Deus, quanto ao papel do Planalto Central, no tocante à realização plena do nosso País, nos planos divinos...

Será que exagero descobrindo, no Brasil Central, outro papel importantíssimo do *nosso* Estado, dentro da nossa vocação de Terra da Santa Cruz?...

Na esperança de trazer-vos uma ajuda fraterna, permiti que meu agradecimento pela honra e pela responsabilidade de ser vosso irmão goiano, vosso irmão do Brasil Central, consista em lembrar ao Brasil *valores centrais*, que não podemos esquecer, para salvarmos, plenamente, nossa identidade de País humano e cristão...

*Valores centrais, a salvar plenamente*

Sem ares de juiz ou de mestre, como irmão vosso, e, todos nós, filhos deste Brasil queridíssimo, lembremos a nós mesmos e aos nossos conterrâneos – autoridades e povo – valores centrais, que não podemos esquecer:

– *Amemos a Verdade* – Cristo diz que somente ela nos libertará...

O Brasil não precisa de inverdades ou de meias verdades, mesmo que sejam ditas com intenção patriótica. O Brasil suporta a verdade e prefere a verdade mais dura, à mentira mais sofisticada.

Quem não se envergonha, ainda hoje, quando no estrangeiro perguntam em que deu o milagre da economia brasileira?... E quantos estudantes guardaram implicância contra a expressão “problemas brasileiros”, depois do que lhes tentaram impingir, sob este nome, na fase do ensino médio!?...

– *Amemos a Honestidade* – Vamos dar um paradeiro, um ponto final, à desonestidade pública e privada... Não nos sirva de triste consolo saber que também outros países, e até alguns de grande responsabilidade dentro do mundo, têm suas derapagens de desonestidade...

E atenção: com desonestidade não se brinca... Atenção, turistas brasileiros: nada de afanar lembranças de viagens, de hotéis e até de casas comerciais...

Atenção, brasileiros: não deixemos que o famoso “jeitinho brasileiro” dê cobertura a espertezas que, de verdade, de verdade, importem em quebra de honestidade...

– *Alerta, Brasil!* Longe de nós continuar repetindo, em plano nacional, aberrações do plano mundial, dos quais inclusive somos vítimas...

Quem não sabe que, em plano mundial, há absurdos como:

20% da humanidade terem 80% dos recursos da Natureza; e  
80% desta mesma humanidade terem que se contentar com  
apenas 20% destes mesmos recursos!?...

Que tristeza temos de reconhecer que esta desproporção gritante se repete e se agrava em nosso País:

10% dos brasileiros são sempre mais ricos com o sacrifício  
do restante de nossa população!...

Mais grave e mais triste é saber que a terra, em nosso País, de  
dimensão continental, está nas mãos de 6% de brasileiros!...

– *Alerta, Brasil!* As estatísticas das Nações Unidas denunciam  
o escândalo de milhões de criaturas humanas morrerem de  
fome, cada ano, ao redor do mundo e de milhões de crian-  
ças que ficam, para sempre, feridas mentalmente, em con-  
seqüência de nutrição inadequada nos 3 ou 4 primeiros anos  
de vida...

É ou não inaceitável, absurdo, que, neste nosso Brasil, que tem  
condições de ser celeiro do mundo, 2/3 da população vivam  
em condições subumanas, isto é, em condições de animais!?...

É ou não absurdo, inaceitável, que neste nosso Brasil haja  
quem morra de fome e que, no nosso Nordeste – segundo  
denúncia de Nélson Chaves – esteja surgindo uma raça inte-  
lectualmente nanica em conseqüência da fome e nasçam até  
crianças descerebradas!?...

– *Alerta, Brasil!* Quem sabe até para festejarmos nossas datas  
nacionais temos que tentar o esforço de completá-las:

– Completeemos a data da nossa descoberta, enfrentando,  
com decisão e seriedade, o problema dos nossos índios,  
que já viviam aos milhares nestes nossos brasis, quando  
Cabral por aqui chegou, e que hoje dão a impressão dolo-  
rosa de encontrar-se em período de liquidação!...

– Completeemos o 13 de maio, ajudando a plena integração  
dos nossos irmãos negros à nossa vida de povo... E tenha-

mos a coragem de examinar se, em várias áreas críticas, sem nome, continua a escravidão, já agora de brasileiros...

– *Alerta, Brasil!* Que o 7 Setembro, que a Semana da Pátria, nos explicasse, sempre mais, de ano a ano a não poupar sacrifício para completar a independência política, com as indispensáveis independência econômica e cultural...

Claro que compreendeis que um diploma de Cidadão Goiano não se agradece apenas com meia dúzia de amabilidades: um diploma de Cidadão do Brasil Central exige compromissos com problemas centrais para a nossa área e o nosso País...

Mas, claro, também, que brasileiro que se preze e, sobretudo, um cristão não pode perder a esperança...

E podemos, dentro da plena verdade, lembrar o privilégio de viver horas de esperanças extraordinárias para a nossa gente sofrida, esperanças vitais centrais que não podem falhar... Nossa gente sofrida nos dá lições de fé, de esperança e de amor... Mas não se tem o direito de abusar da paciência do povo...

Quem sabe se a visão de D. Bosco sobre o Brasil Central foi antevisão pelo Santo de que daqui partirá para todo o Brasil o exemplo de terras divididas, sem violência e sem sobra de ódio!...

Meus conterrâneos! Com que alegria voltarei aqui para agradecer a Deus estar ligado, como filho, a uma terra livre de oprimidos e de opressores, terra de irmãos, não só de nome, mas de plena verdade!...

---

Mensagem fraterna de Dom Helder Câmara, Arcebispo Emérito de Olinda e Recife, ao lhe ser conferido, pela Assembléia Legislativa de Goiás, o título de Cidadão Goiano, em Goiânia – 28-8-85.

.....

*O papel das Ciências Sociais em face dos desafios  
futuros da América Latina*

**P**rezado amigo Dr. Clóvis Cavalcanti, demais membros da Mesa, amigos do CLACSO, amigos dessa queridíssima Sudene, meus amigos e minhas amigas. Uma das maiores alegrias que eu sinto, quando ando pelo mundo afora, é encontrar, cada vez mais, o que eu poderia chamar o espírito do CLACSO, isto é, os estudiosos. Aqueles que se podem aprofundar na ciência estão, cada vez mais, decididos a colocar a serviço dos grandes problemas humanos os estudos, as pesquisas, que conseguem realizar. De outro lado, a gente sente, não só os trabalhadores, organizados, mas mesmo o povão com a sede de conhecer, de maneira mais segura, os grandes problemas que precisamos enfrentar juntos. Que alegria! – hoje as universidades sabem que, aproximando-se do povão, têm o que ensinar e o que aprender. Hoje as religiões, e posso dizer que é bem o caso da religião cristã nas diversas denominações, quando de fato nós aprendemos a diferença que parece pequena e é enorme entre trabalhar *para* o povo e trabalhar *com* o povo. Quando trabalhamos apenas *para* o povo, nós temos as idéias, nós temos os projetos, temos o dinheiro e vamos ajudar este pobre povo. Ah! Quando trabalhamos *com* o povo, nós descobrimos que mesmo esta querida massa latino-americana que tantas vezes em nossos países, inclusive no nosso, não teve oportunidade de encontrar escolas em tempo de criança e não sabe ler nem escrever, mas sabe pensar! Não foi por acaso que o próprio

Governo, reconhecendo que mesmo quem não sabe ler nem escrever mas sabe pensar – e muitas vezes para falar sobre os problemas do povo, os técnicos têm o que ensinar, mas têm muito que aprender com o povo – o Governo reconheceu o direito de voto aos analfabetos, é que ler não sabem, mas pensar sabem muito bem e os candidatos tiveram que passar pelos tribunais recebendo um número porque é mais fácil escrever 15, 20, 30, 50, do que um nome complicado. Por isso mesmo eu me sinto à vontade para chegar aqui, diante dos cientistas sociais e dar uma impressão a respeito de um dos grandes problemas que nos afligem e que temos que enfrentar juntos. Eu quero chamar a atenção para o verdadeiro império nos dias de hoje, eu me lembro do tempo ainda em que, antes da Primeira Guerra Mundial, a Grã-Bretanha era a rainha dos mares, era o império do mundo, era o império onde o sol jamais se punha, depois da Primeira Guerra Mundial, já havia outro império que havia surgido, eram os Estados Unidos, mas depois da Segunda Guerra já os impérios eram dois pelo menos, mas esses dois impérios que poderiam ter tido o bom-senso, depois de no final da Segunda Guerra Mundial ter havido aquela experiência que era ainda o início de início, aquela bomba que no tempo era chamada atômica, que caindo sobre Hiroshima liquidou Hiroshima, dias depois sobre Nagasaki e Nagasaki se foi, podia se pensar que as duas superpotências militares, Estados Unidos e Rússia Soviética, desistiriam de guerra, era o pensamento que podia haver. Se uma bomba foi capaz de aniquilar uma cidade, parecia evidente a necessidade de parar porque era só aumentar um pouco a potencialidade daquela bomba e a humanidade poderia desaparecer, mas nada, a corrida armamentista tem resistido a marchas do mundo inteiro, o mundo inteiro se volta pedindo o fim da guerra, da corrida armamentista, mas nada. Hoje só existe um poder, uma maneira de comparar os gastos loucos que cada ano as duas superpotências fazem com a corrida armamentista, só se pode comparar com o poder de destruição cada vez maior. As Nações Unidas proclamam que de um lado o que se gasta com a corrida armamentista bastaria para suprir a miséria da Terra, de outro lado se sabe que hoje as duas superpotências têm o mais que necessário para destruir a vida na Terra, não apenas a vida humana, a vida! Ora, poderia parecer então que o mundo hoje é governado por duas superpotências; engano, quem de fato governa o mundo, a denúncia foi feita por um general americano, a denúncia foi feita por um general que tinha sido o Coman-

dante-Chefe das chamadas Forças Aliadas que combateram o nazismo, quando depois de duas vezes presidente dos Estados Unidos, quando ele deixava pela segunda vez a presidência da Casa Branca, ele julgou do seu dever de consciência de denunciar a aliança entre o poderio econômico e o poderio militar. É que os gastos eram tão absurdos que era necessário que as grandes companhias multinacionais ficassem por trás ajudando, ajudando discretamente sem querer interferir. Pois sim! Então, hoje, a América Latina, como o mundo inteiro, precisa ter olhos abertos para verificar de perto o que são, o que fazem, sobretudo concretamente o que fazem de nós as grandes companhias multinacionais. Não se trata de querer ofender ninguém, não se trata de querer maltratar ninguém, não se trata de ódio e violência, cada vez mais acredito na força da não-violência ativa, da não-violência organizada, sem ódio e sem violência; mas é necessário que se esteja bem alerta. Eu vou dar um exemplo do que são as multinacionais no nosso Continente. Aqui eu tenho um livro, de propósito eu trouxe este livro publicado em 1971, é de 71, quando Paulo Freire ainda estava no exílio, era a *Coleção Paulo Freire* e o trabalho foi feito por Françoise Masperô: *Multinacionais e trabalhadores do Brasil*. Pois bem, aqui neste livro existe a indicação concreta, nominal, inclusive com todas as indicações, o dinheiro gasto, o dinheiro empregado e depois também especificado o número de trabalhadores, isto em relação à Amazônia. Ora, depois eu vou mostrar como isto pode ter uma atualidade enorme como provocação, porque nós temos que arranjar meios de interessar o maior número possível, tanto de estudiosos como do povão, que precisa acompanhar para ver o que se passa. Repara-se que aqui estão todos os dados. Então na Amazônia, em 1971, a presença das companhias multinacionais era assim: da Alemanha havia 83 companhias, cujos nomes, endereços e todos os dados estão aqui; da França, da Inglaterra, 52 multinacionais; da Bélgica, 56; dos Estados Unidos, 244; da Itália, 52; do Japão, 52; dos Países Escandinavos, 31; da Suíça, 56; somando tudo isto, em 1971 estavam – e aqui as indicações concretas estão todas aqui, até àquela data estão dados preciosos –, estavam na Amazônia, dilapidando economicamente, e estragando muitas vezes ecologicamente 686 multinacionais, 686! Isto deve chamar-nos atenção e não é a única área do Brasil, e ainda menos a única da América Latina, que conta com a presença de grandes companhias multinacionais, quando a gente pensa, por exemplo, mesmo aqui a baixada santista, mesmo aqui quando a gente

pensa em todo aquele Centro-Oeste, a presença é muito grande. Agora, o bom é que nós estamos preparando uma lista com todos estes dados em relação à Amazônia e vamos mandar, de um lado para organizações do povo, de outro lado para as universidades, não só das capitais Belém e Manaus, mas das universidades dos Territórios, porque hoje quando a gente se lembra que quando recebe, quando passa pelos Territórios, já estão organizados e fazem sempre com universidades, então vamos mandar pedir isto, dizer: “Olhe, em setenta e um havia estes estudos seguros, eram estas as multinacionais que estavam presentes.” Alertamos: “Faça um esforço para verificar, estudiosos, especialistas, técnicos e povo, vejam de perto se já chegaram outras organizações mais poderosas ainda, se as antigas ainda estão e como é que está a situação da Amazônia do ponto de vista de dilapidação econômica e do ponto de vista também geológico, do ponto de vista ecológico.” Quando a gente chega por aí afora, há uma avidez enorme de saber como é que vai a Amazônia. E se eu estou dando um exemplo da Amazônia é para lembrar que há outras áreas numerosas na América Latina que são altamente cobiçadas. Agora, o grave é que a gente precisa ver de que são capazes as grandes companhias multinacionais, não estou falando com ódio não, eu queria é que elas não viessem fazer o que fazem, que nos deixam aqui realmente numa situação muito embaraçosa. Hoje em dia, quando um amigo é nomeado prefeito, é nomeado secretário, é nomeado governador, é nomeado ministro, é nomeado presidente, quase sempre há forças tão poderosas que muitas vezes tornam impossível. Então nós temos que de um lado não cometer imprudências, e eu estou fazendo afirmações que sejam em parte enganadas, errôneas, não é este o meu desejo, eu desejo a presença dos técnicos estudando, refutando, o que tiver que ser esquecido deixa-se de lado, mas é preciso que haja uma coragem. Meus amigos, interessa às grandes companhias multinacionais que os nossos países da América Latina sejam governados, ou por ditadores, ou ao menos por governos bem organizados, governos autoritários. Ora, nós sabemos muito bem que quando se lida com um ditador é muito mais fácil para uma companhia multinacional lidar com um ditador do que com um governo democrático, porque o ditador se agrada, há meios de se oferecer algum presente a ele. Então há esse escândalo de projetos, como o nosso caso, por exemplo, esses projetos faraônicos como o povo chama, do Rio Grande do Sul ao Amazonas, mais de trinta! Esses projetos, o povo não sabe do que se



trata, sabe que não vai ganhar grande coisa com o projeto, sabe que são projetos mais de efeito espantoso, coisas realmente faraônicas, só os faraós do Egito eram capazes, e quase sempre quando se trata, não propriamente de um ditador, porque o ditador interessa às grandes nacionais, de criar condições para que um ditador suba, quando ele faz bobagem demais, depois eles mesmo arranjam um jeito de colocar para baixo, mas interessa também um governo que de fato seja firme e nesse sentido os militares – é claro que eles continuam a pensar em guerra como no tempo em que se podia pensar em guerra –, houve um tempo em que a gente pensava até em guerra justa, houve um tempo em que se pensava em guerra defensiva. Agora, hoje, quando de fato se chega até as bombas nucleares, químicas e biológicas, a guerra em si a meu ver já é pecaminosa, agora note-se o seguinte, uma das surpresas grandes que o Brasil causou aos brasileiros mesmos foi quando o Brasil, tendo problemas numerosos, de repente se descobre, se descobre que o Brasil passou a ter lugar de honra – começou talvez pelo oitavo lugar, já está no quarto – entre as potências que mais fabricam e vendem armas, armas convencionais; parecia que a importância era não fazer bomba atômica, mas o mais podia fazer e o Brasil hoje em dia está entre os maiores fabricantes e vendedores de armas. Ora, arma convencional mata, não se pense que não mata; quanto país pequeno acabaria suas brigas muito mais depressa se não fosse ajudada na retaguarda ou pela oferta de armamentos quando isto convém ou pela venda, e nós vendemos armas, vendemos armas que têm ao longo destes anos, desde a última Guerra Mundial, já morreu mais gente através de armas convencionais do que todos os que morreram durante a Segunda Guerra Mundial e o Brasil tem grande parte disto, isto é, uma honra que não interessa ao Brasil brasileiro, não interessa, brasileiro autêntico não quer saber de guerra. “Eu vendo a quem quer se defender”, todo mundo quer se defender. “Ninguém quer atacar”, é, eu sei! Meus queridos amigos, e o grave é que temos que ter a coragem de reconhecer, porque se nós estamos numa democracia, graças a Deus podemos falar, devemos falar, precisamos ter a coragem de falar, sem desejar ofender ninguém, mas é bom reconhecer que o Brasil realmente já chegou a descobrir o poder atômico, já pode dizer que vai ter em breve a bomba atômica, a bomba nuclear, e hoje as bombas são tão poderosas que aquelas primeirinhas bombas atômicas até parecem bombas de São João. Ah, mas que coisa tremenda! Há poucos dias tomei parte, no Deserto de Nevada, nos Estados Unidos, numa marcha de não-

violência, uma marcha em que não houve insulto a ninguém, mas no Deserto de Nevada, a partir de um certo momento, quem avançasse estava invadindo terreno proibido de ser visitado, porque era de experiência de bombas nucleares. No Deserto de Nevada nós fomos até o limite e numerosos passaram, todos adeptos da não-violência ativa: jovens, pessoas adultas, homens e senhoras idosas, religiosas, sacerdotes, não havia um insulto a ninguém, havia prece, havia cânticos, a gente cantava e alguns já se apresentavam – os soldados estavam esperando do outro lado –, já se apresentavam de mãos unidas para serem manipuladas, para serem algemadas e ficavam esperando para encher ônibus. Naquela manhã, cinco ônibus partiram com pessoas para prisão. Nós precisamos ter consciência de que de fato estamos entrando no império atômico, nós, que já temos esta alta colocação entre produtores e vendedores de armas convencionais, vamos entrar no círculo da produção atômica. Ah, meus amigos, meus amigos! Nós precisamos estar alertas porque as grandes companhias multinacionais continuarão sempre criando problemas para nós e nós precisamos livrar-nos delas. O que é que eu estou aqui para pedir ao CLACSO? Que ela continue a estudar, mas estudar como no mundo inteiro. As universidades estão ensinando a estudar, a estudar para ficar a serviço da paz. Paz verdadeira, paz autêntica, não querer que alguns países esmaguem outros, não, nada disto, nós precisamos criar para as crianças de hoje um mundo mais justo e mais humano. CLACSO, nós podemos fazer coisas extraordinárias, este Brasil está vivendo dias em que temos desafios pela frente maravilhosos. Mesmo quem não é cristão, em geral respeita Cristo, e para quem é cristão nós temos um desafio raro, mais treze anos e será a chegada do 3º Milênio do Nascimento de Cristo, será a chegada do Ano 2000 do Nascimento de Cristo. Ora, temos que reconhecer que para os cristãos o balanço do Ano 2000 ainda é muito pesado e triste, basta lembrar que, segundo as Nações Unidas, há no mundo de hoje mais de 2/3 da humanidade em condição subumana. O que quer dizer condição subumana? Condição de animais e segundo as Nações Unidas, 20% da humanidade guardam 80% dos recursos da Terra, enquanto 80% têm que se contentar apenas com 20%, mas o grave é que isto se repete em nosso Brasil, o Brasil que no Ano 2000 carregará a responsabilidade de ser, pela estatística – mas isto não basta pela estatística –, o País cristão mais numeroso do mundo, mais numeroso. Isto não basta, nós queríamos que o Ano 2000 encontrasse os cristãos menos longe dos exem-

plos e dos ensinamentos de Cristo. Ora, eu queria lembrar ao CLACSO, como também a todas as universidades, e faremos tudo, já temos um número grande de universidades que está apoiando o movimento. Vamos sem ódio e sem violência, vamos lembrar, lembrar ao Brasil, que a nossa terra é tão ampla que dentro dela podemos receber 34 vezes a Alemanha. Isto ainda foi confirmado a menos de três meses, quando eu estava na Alemanha. Eu cheguei dizendo que éramos trinta vezes maiores do que a Alemanha e eles me corrigiram; trinta vezes não, trinta e quatro vezes pode receber a Alemanha. Pois bem, segundo estatística do governo – CLACSO, se eu estiver enganado me corrija –, CLACSO, não deixe que haja dados falhos das informações que são dadas ao povo e vai haver coisas lindas, a Universidade de São Paulo vai visitar Porto Alegre, Porto Alegre se desloca para Santos, vai haver um convívio aí de universidades e estudantes e trabalhadores sempre juntos, povão sempre junto, mas, segundo estatísticas oficiais, apenas 3% dos brasileiros são donos desta terra que é uma terra continental. Eis aqui, querido CLACSO, se não é o único problema, se não é o maior problema, vocês têm aí esses dias todos para aprofundar, estão aprofundando cada vez mais, saibam que um dos maiores problemas neste momento é justamente este, que hoje não há mais uma Nação que seja o império do mundo, não! O império do mundo que inclusive controla grandes Nações é nada mais nada menos do que as grandes companhias multinacionais. Basta, eu cheguei a duvidar que nem devia depois de tantas orações, graças a Deus todas muito exatas, perfeitas, oportunas, mas eu tinha sede de dizer. Não vamos perder esta oportunidade, vamos aproveitar, vamos segurar com as duas mãos. Nós precisamos de vocês CLACSO, precisamos de vocês Fundação Gilberto Freyre. Nós precisamos de todos os que podem estudar, que podem aprofundar e precisamos também do povão. Vamos unir forças positivas para que, sem ódio e sem violência, possamos criar para as crianças de hoje um mundo sem tanto ódio, sem tanta violência. Um mundo que não desonre a chegada do Terceiro Milênio do Nascimento de Cristo.

.....

*Uma energia, ainda e sempre indispensável*

I – COMO VEJO AS “QUARTAS CULTURAIIS”

**S**alvo engano, “Quartas Culturais” é um movimento que reúne alunos e professores, especialistas e jovens que se abrem ao estudo, à pesquisa, à sede de saber, em clima de total ausência de constrangimento, em clima de camaradagem...

Cada um chega, busca oferecer o que possui de melhor, em atitude de simplicidade autêntica, e de respeito e abertura, para amigos que aqui se reúnem...

II – NESSE CLIMA, QUE MUITO ME AGRADA, EIS O QUE VOS TRAGO, COMO IRMÃO...

Entre outros numerosos assuntos, já foram ou qualquer dia serão aqui apresentadas as várias energias que ajudaram e ainda estão ajudando as criaturas humanas, como o fogo, o vapor, a eletricidade, a energia nuclear, a energia solar...

Hoje, tenho a confiança de falar-vos sobre a fé, energia ainda e sempre capaz de oferecer-nos dimensões novas, desde que saibamos recebê-la e aproveitá-la.

Claro que a energia da fé não responde pelos que a possuem apenas de nome, sem o esforço de recebê-la em plenitude, transformando-a,

sempre mais, na grande propulsora da própria vida e tentando colocá-la a serviço de todos...

### III – A FÉ E AS RIQUEZAS QUE ELA NOS TRAZ

#### *1 – Alargamento de visão*

O Universo ganha, aos olhos iluminados pela fé, um ponto de partida seguro, pessoal, inabalável...

Ao invés de termos que nos contentar com a informação vaga de que o Universo nasceu de uma explosão – sem possibilidade de ir mais longe –, aceitamos, tranqüilamente, a existência de um Criador, um Ser Supremo, de Infinita Sabedoria, de Poder Infinito e de Infinita Bondade...

Tudo o que vemos, tudo o que encontramos em nosso caminho – desde arranha-céus até brinquedos de crianças, desde panelas de barro até aparelhos eletrônicos, desde sambas até músicas de grandes gênios musicais –, há sempre, por detrás do que vemos, do que encontramos, um Criador... Por que seriam exceção os Mundos de Mundos, o Universo, que ainda estamos longe de conhecer, de verdade!?...

Ao invés de termos visão limitada, de quem se contenta com o que vê da própria janela, aprendemos com o horizonte a alargar, o mais possível, a visão...

As astronaves, a uma distância incrível da pequenina Terra, com u'a velocidade que ultrapassa 20/30 vezes a velocidade do som, nos estão revelando trilhões de astros, muitos dos quais milhões de vezes maiores que o nosso humilde e querido Planeta!...

#### *2 – Fundamentação do Amor*

O Criador é e faz questão de ser Pai de todas as criaturas humanas: de todas as raças, de todas as cores, de todas as línguas, de todas as crenças... Que base admirável para firmar a humanidade no amor, na fraternidade!...

Não adianta lembrar que a fé em um Criador e Pai em nada tem ajudado, ao longo dos séculos, a fraternidade entre aqueles que crêem serem irmãos, porque filhos do mesmo Pai...

Tem havido e continua a haver guerras e condições de tremendas injustiças entre os que dizem filhos do mesmo Criador e Pai.

A culpa não é, de modo algum, de Deus: é da terrível fraqueza humana...

### *3 – Força para vencer o egoísmo*

Nunca será demais lembrar a profundidade e a extensão do egoísmo humano. Em nível mundial, há, entre outras, duas estatísticas que merecem estar sempre diante de nossa consciência...

As Nações Unidas proclamam:

– Com todo o progresso técnico e científico, mais de 2/3 da humanidade se encontram em situação subumana, de miséria e de fome, condição de animais...

– 20% da humanidade absorvem 80% dos recursos da Terra e 80% desta humanidade devem contentar-se com apenas 20% desses mesmos recursos da Terra...

E não se pense que ambição seja monopólio de ricos e de países ricos. Basta um olhar para o nosso querido Brasil:

– Nossa Terra é tão vasta que, todos sabemos, poderíamos receber 34 vezes a Alemanha. Ora, segundo estatísticas oficiais, toda essa terra – quase um continente – se acha em mãos de apenas 8% dos habitantes... Daí a importância e a urgência de uma autêntica reforma agrária... Desta vez, ela ainda será possível sem ódio e sem violência. Mas não se pode abusar, indefinidamente, da paciência do povo...

### *4 – A fé e a fragilidade humana*

Uma dúvida muito compreensível e muito justa pode rebentar em nosso espírito: se cremos em um Criador, Sabedoria Infinita e Infinito Poder, como admitir que deste Ser Perfeito venha a criatura humana, física e moralmente tão frágil!?

A criação manifesta admirável humildade do Criador e Pai. Ele sabia como ninguém que lhe seria impossível criar um outro Deus, outra Perfeição Suprema. Criando o homem, ser-lhe-ia necessário aceitar a humildade de criar o imperfeito, o frágil, o limitado...

Sabemos como o ideal de todo verdadeiro artista é atingir a perfeição. E o Artista Supremo teve que aceitar criar o limitado, o imperfeito...

É verdade que a fé ajuda a fraqueza humana a atingir altos níveis de perfeição. Isto nem de longe quer dizer que o ateu é um limitado intelectual e moral. Muitas vezes, o chamado ateu, ou quem se considera ateu, reage à nossa maneira estreita, limitada, não raro deformada de crer... Na medida em que ele possui sede de Infinito, de Absoluto, de Verdade, pode estar muito mais perto de Deus do que nós, os crentes, se nossa religiosidade é simplesmente externa, de exibição, farisaica...

#### *5 - A bons entendedores, meia palavra basta*

Quem considera a fé ingenuidade tolerável apenas para crianças ou pessoas simples, sem a menor profundidade de visão; quem guarda apenas uma lembrança de fé, misturada com a saudade de uma Mãe boníssima e piedosa, deve estar achando que basta, pois já rompi todos os limites da paciência e da generosidade... Permiti, no entanto, ainda um passo adiante...

Estamos, infelizmente, tão acostumados a encontrar a fé farisaica, exigente com os outros, larga consigo; estamos tão afeitos a encontrar uma pseudofé da parte de quem recebeu, por antecipação, o aviso de Cristo: “Façam o que eles dizem, mas não façam o que eles fazem”, que me permito concluir minha Mensagem fraterna, lembrando forças extraordinárias, vividas em consequência de uma fé autêntica, vivida em plenitude. Quem *vive* a própria fé sabe que Deus estando em toda parte, dia e noite vivemos dentro de Deus. São Paulo disse: “Dentro d’Ele nos movemos e somos.” Bastaria isto levar o crente à perfeição:

- Como ter ódio, se vivemos dentro de Deus, que é Amor!?!...
- Como ter orgulho, dentro de Deus, que é Humildade!?!...
- Como ter medo da Natureza ou dos Irmãos Homens, se o que nos pode acontecer de grave, de terrível, de esmagador nos encontra envolvidos pela Força e Grandeza de Deus!?!...

Meus amigos! Permite que, dentro de minha convicção da fé, ao agradecer vossa paciência e vossa bondade, agradeça também a Grande, a Infinita presença de Deus nesta sala, como no Mundo inteiro, presença tão discreta, tão humilde, que não é vista pelos olhos, e facilmente é esquecida, inclusive, mesmo pelos que têm a luz da Fé!...



.....

*Amazônia: patrimônio que é grandeza  
sempre maior e responsabilidade que só faz crescer*

**A** ecologia da Amazônia é hoje tema que apaixonou a opinião pública nos Estados Unidos, na Europa. É manchete em jornais de todo o mundo. Enquanto isto, nós, brasileiros, nos batemos pela defesa da nossa soberania contra interferências indébitas de estrangeiros cujos países, sabemos, poluem mais a atmosfera com os tóxicos emanados de suas fábricas, de seus veículos, que as nossas “queimadas” na Amazônia.

Mas, hoje, aqui em Belém, onde estou a convite de universidades da Amazônia, podemos dar uma trégua ao debate internacional e fazeremos, nós, brasileiros – sem esquecer os pecados dos outros –, um exame de consciência, um exame das nossas faltas: no Brasil e, em particular, na Amazônia.

Se, com lealdade, examinarmos nossas próprias falhas, e procurarmos nos esforçar para corrigi-las, superá-las, maior força moral teremos para o diálogo em nível alto com o exterior.

## I – NOSSA LAMENTÁVEL SITUAÇÃO SOCIAL

Fala-se muito no problema ecológico, realçando a preservação da natureza, de sua fauna, de sua flora. Mas, em que situação vive o ser humano na Amazônia? Ele também não tem de ser preservado?

Sabemos que os habitantes da Amazônia e do Nordeste têm os padrões de vida mais baixos do Brasil. Ora, sabemos, também, que o padrão de vida da maioria esmagadora dos brasileiros está entre os mais baixos do mundo.

É sabido que o desnível entre ricos – a minoria – e pobres, melhor dizendo, os miseráveis, está entre os mais altos do mundo. Há estudos que sustentam ser esta diferença entre ricos e miseráveis a mais iníqua do mundo, situando o Brasil como um tristíssimo campeão. Alguns dados do Banco Mundial, confirmados por fontes brasileiras, ilustram essa terrível mancha que nos envergonha:

- a taxa de mortalidade infantil é muito superior à média dos países do mesmo grupo e, no Nordeste, é mais alta do que a da maior parte dos países situados ao sul do Saara;
- as crianças brasileiras completam menos anos de estudo do que em qualquer outro país da América Latina, com exceção de El Salvador e Nicarágua. Na Coréia 90% dos adolescentes de 15 a 19 anos de idade freqüentam escolas de segundo grau, enquanto no Brasil só 21% dos adolescentes, da mesma idade, estudam nesse nível.

## II – RECURSOS FINANCEIROS MAL-APROVEITADOS

Se esses dados são revoltantes para um país potencialmente tão rico como o nosso, e que já se situa entre as dez maiores potências econômicas do mundo, mais escandaloso é sabermos que o contribuinte brasileiro paga seus impostos, que essa situação social vergonhosa não é, em verdade, por falta de dinheiro!

Dados do Banco Mundial, amplamente divulgados, confirmados por fontes brasileiras, nos informam que o total das despesas sociais do Brasil em 1986 foi estimado em 35% do PIB – Produto Interno Bruto –, compreendendo programas e serviços do Governo Federal (9% do PIB); despesas sociais dos governos estaduais e municipais (9% do PIB); despesas com saúde e educação (não reembolsadas) com famílias de renda alta ou relativamente alta, despesa esta que em valores brutos chega a 7% do PIB.

Mesmo se tomarmos em conta as naturais diferenças entre países, a verdade é que a proporção do PIB brasileiro destinada à prestação de serviços sociais pode até ser mais alta do que a dos outros países em desenvolvimento, de renda média.

O gravíssimo problema social no Brasil, portanto, não pode ser atribuído à falta de recursos financeiros.

### III – A MÁ APLICAÇÃO DOS RECURSOS

A verdade é que os recursos destinados ao social não chegam às camadas mais pobres da população. Os recursos acabam subsidiando direta ou indiretamente as camadas mais altas.

Se os recursos são mal administrados, nem sempre é por má-fé, pois é comum a incompetência, o despreparo dos responsáveis pela gestão dos dinheiros públicos. Falta uma política adequada. E todas essas mazelas culminam com o sórdido clientelismo político, uma das graves chagas que continuam a corroer o nosso país.

### IV – NOVIDADES NA CONSTITUIÇÃO DE 88

Diante desse triste quadro, devemos desanimar, desesperar, “sempre foi assim”, “esse país não tem jeito”? Não! Há sinais de esperança. A nova Constituição de 1988 traz dados novos. Procurou fortalecer o papel do cidadão brasileiro e lhe deu novos poderes diante do Estado.

Se a Constituição se preocupou com direitos da cidadania em geral, com Direitos Humanos, é bem enfática quando se refere ao direito do cidadão de examinar, fiscalizar, exigir prestação de contas claras, compreensíveis por parte dos três níveis de governo: Federal, Estadual, Municipal.

Vejamos só três exemplos, escolhidos entre muitos outros no mesmo sentido:

- A Constituição prevê que a Lei Orgânica dos Municípios trate da “cooperação das associações representativas no planejamento municipal” (art. 29, item X).
- No caso específico da Assistência Social é estabelecida a diretriz de organização das ações governamentais a “participação

por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis” (art. 204, II).

- O artigo 204 determina que: “As Ações governamentais na área da assistência social serão realizadas com recursos do orçamento da seguridade social, previstos no art. 195, além de outras fontes, e organizadas com base nas seguintes diretrizes:
  - I – descentralização político-administrativa, cabendo a coordenação e a execução dos respectivos programas às esferas estadual e municipal, bem como a entidades beneficentes e de assistência social;
  - II – a participação da população, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis.”

## V – CAPACITAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DE DIREITOS

A Lei aí está. É a Constituição brasileira quem determina o papel do cidadão e lhe fornece mecanismos para a fiscalização de qualquer gasto público – ou seja, o contribuinte tem poderes para fiscalizar a forma pela qual o seu dinheiro – do contribuinte – é gasto.

No Brasil, essa mentalidade – a obrigação do contribuinte fiscalizar os gastos públicos – custou a chegar, se compararmos a nossa situação com a de democracias mais enraizadas. Mas chegou: aí está, na Constituição.

Reconheçamos, porém, que essa novidade acarreta problemas: serão muitas as “entidades da sociedade civil organizadas” realmente capacitadas para exercer esse direito fundamental: a devida e competente análise dos programas sociais do governo? dos gastos públicos? E por parte da administração pública, as normas da administração pública, incluindo as formas “rubricas”, foram feitas para facilitar a compreensão por parte do cidadão comum?

## VI – O PAPEL DAS UNIVERSIDADES DA AMAZÔNIA

Foram as universidades da Amazônia que me convidaram para falar neste Fórum. Sinto-me, portanto, à vontade para fazer um convite a essas mesmas universidades.

Por que não promoverem debates, seminários internos para aprofundar o conhecimento sobre o papel destinado pela Constituição ao cidadão brasileiro na fiscalização dos programas sociais do governo, dos gastos públicos em geral?

Por que suas faculdades, departamentos de economia, administração, contabilidade, direito, não aprofundam essas questões?

Por que as universidades não promovem seminários, cursos de esclarecimento aos responsáveis por “entidades da sociedade civil organizada”?

Por que as universidades não se organizam para prestar assessoria, consultoria a entidades geralmente pobres de recursos humanos e financeiros, capacitando-as, com competência, exercer sua cidadania nesse terreno – o social – que representa a vida ou a morte de tantos brasileiros?

Ao se falar em redenção, em soberania da Amazônia, as suas universidades detêm a possibilidade de criar condições para a construção, a partir da Amazônia, de uma sociedade habilitada para o exercício da verdadeira e competente “participação, em todo o Brasil, para a autodeterminação, para o necessário acordo nacional em torno da reforma agrária, da proteção às crianças e aos adolescentes, apoio às iniciativas geradoras de emprego e de renda, recuperação do poder de compra dos salários, aposentadorias e pensões e revisão do processo de pagamento da dívida externa”.

É impossível atender ao convite que faço às universidades da Amazônia? Com fé em Deus e confiança no povo da Amazônia, todos nós brasileiros aprenderemos a respeitar os Direitos de todo e cada um dos cidadãos brasileiros – e com maior respeito seremos tratados pelos não-brasileiros.



Que contradição, que negação clamorosa: cristãos, crentes no papel redentor de um Deus de Vida excluindo do acesso às mais elementares condições de vida muitos daqueles a quem proclamamos admitir como irmãos. Mais inaceitável é que esta situação se verifique – e em proporções estarecedoras – em nosso país.

Será por incompetência?

Será por inconsciência?

Será por alienação?

Ou será por impiedade mesmo?

Afinal, o Brasil possui condições comparativamente privilegiadas para que a miséria não fizesse parte de sua realidade. O Brasil possui uma das 10 ou 11 economias mais fortes do mundo, quando medida pelo valor do seu PNB.

Seu parque produtivo alcançou níveis de consistência e diversificação sem paralelo no ainda chamado 3º Mundo. É muito bem provido de fatores de produção relevantes, tais como recursos naturais, mão-de-obra, inclusive qualificada, e conseguiu avanços expressivos no domínio de certas tecnologias. Mais ainda: em seus limites físicos não se registram problemas étnicos, linguísticos, nem religiosos, que possam constituir entraves significativos ao equilíbrio social. No entanto, para tristeza e vergonha nossa, o País ostenta uma das piores situações quando medida pela escala dos indicadores sociais: mais de 70 crianças em cada 1.000 (mil) nascidas vivas morrem antes de completar o 1º ano de vida, e por causas fáceis e perfeitamente preveníveis, por medidas simples. A expectativa de vida mal chega aos 60 anos, sendo mais de 10 (dez) anos menor em sua região problema: o Nordeste.

Temos milhões de mutilados e incapacitados por causas facilmente preveníveis ou controláveis. Os analfabetos, formais e funcionais, somam dezenas de milhões. Subnutridos, doentes sem resistência, quantos milhões existem?

Há estatísticas aterradoras. Segundo publicações da Pastoral do Menor, de 1989, é de 36.000.000 o número de crianças e adolescentes em estado de carência, com problemas de nutrição, dificuldade de acesso ou permanência de escola, sem assistência médica, vítimas, muitas delas, da violência física e psicológica. Sem poderem vislumbrar um futuro que não

seja a reprodução das tragédias, afinal já incorporadas ao seu cotidiano. Isto é particularmente preocupante, pois é o nosso futuro nacional que não está sendo preparado adequadamente.

Existe uma constatação que não podemos omitir: a parcela de brasileiros situados na base da pirâmide social que detém praticamente o mesmo percentual de renda nacional, que cabe à parcela que está no topo, oito vezes menor.

Mudar qualitativamente esta realidade por meios práticos e legais é dever cristão, reflexo de compromisso com a vida. É também imperativo de orgulho nacional, pois, quando nada, é a imagem do país colocada em jogo.

As preocupações decorrentes deste quadro deram origem a uma idéia, compartilhada com amigos daqui e de outras partes: a de um movimento que sensibilizasse a sociedade brasileira no esforço pela erradicação da miséria em nosso país até o Ano 2000. Surgiu então a *Campanha Ano 2000 sem Miséria*, que não se arroga produtora de fórmula para alcançar tal fim, sugerindo, antes, que as pessoas interessadas pensem suas formas e meios mais adequados. Apesar deste ponto de honra, pensamos que o processo pode ter início com a sensibilização das pessoas, a partir do conhecimento dos dados pertinentes ao quadro de miséria existente. Em seguida cada pessoa ou grupo interessado procuraria identificar casos de miséria perto de si ou de sua cidade, sempre tomando como base a distinção entre pobreza e miséria para, de preferência, em conjunto procurar soluções efetivas para essas situações. A campanha, como insistimos em afirmar, não tem dono, nem padroniza fórmulas. No entanto, é premissa estabelecida que seu sucesso requer o conagraçamento solidário de todos.

Os que fazem esta Casa Legislativa têm um papel, uma responsabilidade redobrada: como cidadãos, como representantes legítimos do povo, investidos da prerrogativa de legislar, portanto, com poderes de fato para modificar essa realidade.



.....

## Índice Onomástico

### A

Aleixo, Pedro – 54  
Alves, Margarida Maria – 304  
Andreazza, Mário – 58  
Antioquia, Inácio de – 43, 69  
Antônio (santo) – 318  
Aquino, Tomás de – 311  
Arcoverde (cardeal) – 22  
Aristóteles – 311  
Arns, Paulo Evaristo (dom) – 261, 268  
Astecas – 207  
Athayde, Tristão de – 308  
Avelar (dom) – 240

### B

Baggio, Sebastião (dom) – 105  
Barbosa, Rui – 110  
Barnabé – 47  
Barros, Raimundo Caramuru – 13, 17, 77  
Becker, João (dom) – 24  
Beethoven – 188  
Benedito (santo) – 318  
Benelli (cardeal) – 61  
Bento (são) – 205, 206, 207, 208, 209  
Bolivar, Simon – 337  
Bolonha, Lercaro (cardeal) – 46  
Bosco, João (são) – 359, 362  
Brahms – 188  
Brentano, Leopoldo (padre) – 24

### C

Cabral, Pedro Álvares – 206, 361  
Caetano (cardeal) – 252  
Caim – 220  
Calixto (são) – 47  
Câmara, Jaime de Barros (dom) – 23, 27,  
28, 29, 47

Camões – 335  
Cardijn, Joseph – 24  
Cardoso, José (dom) – 339, 341, 349  
Casaldáliga, Pedro (dom) – 63  
Castelo Branco – 51, 52, 59, 62, 345  
Castro Alves – 110, 224  
Castro, Fidel – 42  
Cavalcanti, Clóvis – 363  
Cesaréia, Basílio de – 69  
Chaves, Aureliano – 67  
Chaves, Nelson – 243, 290, 299, 361  
Chiarlo, Carlos – 27, 29, 30, 32  
Churchill – 271  
Claúdio (dom) – 308, 312  
Cloin, Tiago (padre) – 31  
Coelho, Carlos (dom) – 48, 85, 105  
Coelho, Nilo (governador) – 119  
Colling, Claúdio (dom) – 291  
Crisóstomo, João – 69  
Cushing (cardeal) – 37, 38

### D

D'Ozeglio, Luigi Taparelli – 252  
Delfim Neto – 58  
Delgado, José (dom) – 26, 48  
Diegues, Manuel – 27

### E

Engelke, Inocêncio (dom) – 26

### F

Ferrari, Antenor (deputado) – 298  
Ferreira, Bibi – 302  
Ferreira, Withaker Francisco – 62  
Figueiredo, João Batista – 51, 52, 65, 66,  
67, 293  
Filho, Lourenço – 20

Francisco de Assis (são) – 17, 68, 269, 321  
 Franco – 20  
 Freire, Paulo – 35, 365  
 Freyre, Gilberto – 369  
 Furtado, Celso – 34

### G

Gaspar, José (dom) – 27  
 Gauthier, Paul – 47  
 Geisel, Ernesto – 51, 52, 59, 60, 61, 62, 65  
 Gerlier (cardeal) – 39, 47  
 Gluck – 188  
 Gomes, Fernando (dom) – 17, 26, 36, 63, 359  
 Gomes, Manuel da Silva (dom) – 312  
 Goulart, João – 17, 40, 42, 47, 48, 53, 54

### H

Henrique (frei) – 206  
 Hipona, Agostinho – 69, 70  
 Hitler, Adolf – 20, 170, 271  
 Hobbes, Thomas – 56

### I

Illich, Ivan – 31  
 Inocêncio (dom) – 322

### J

João – 230  
 João (são) – 319, 367  
 João de Deus – V. João Paulo II  
 João Paulo I (papa) – 300  
 João Paulo II (papa) – 226, 227, 228, 232, 253, 259, 265, 268, 276, 300, 322, 331, 337, 345, 349, 352  
 João XIII (papa) – 92, 93, 96, 105  
 João XXIII (papa) – 28, 39, 40, 41, 44, 62, 69, 76, 77, 93, 200, 253, 279, 300  
 José – 238  
 José (padre) – 355, 356  
 Judas – 297  
 Julião, Francisco – 36  
 Júlio Maria (padre) – 21

### K

Kennedy, John – 38, 40, 43  
 Kubitschek, Juscelino – 16, 32, 33, 34, 35, 40, 72, 359  
 Kunz, Edmundo (dom) – 36

### L

Lacerda, Carlos – 30  
 Lamartine, José (dom) – 94, 348  
 Larraín, Manuel (dom) – 16, 29, 44  
 Leão XIII (papa) – 21, 191, 200, 252  
 Lebret, Louis-Joseph (padre) – 32, 33, 47, 72, 100, 173, 323  
 Léger (cardeal) – 46  
 Leme, Sebastião (dom) – 22, 23, 24, 39, 48, 56, 71, 72, 85  
 Liénart (cardeal) – 46  
 Lima, Afonso de Albuquerque (general) – 52  
 Lima, Alceu de Amoroso – 23, 72, 308  
 Locke – 252  
 Lombardi, Armando (dom) – 29, 31, 32, 41, 48, 49, 105  
 Lucas (são) – 320  
 Ludwig – 266  
 Lula – 66

### M

Macedo, Murilo – 295  
 Maias – 207  
 Maluf, Paulo Salim – 67  
 Manuel (dom) – 15, 71  
 Mao Tse-Tung – 245, 274, 283  
 Maria – 238  
 Maritain, Jacques – 23, 32, 72  
 Masella, Aloísio (dom) – 24, 63  
 Masperô, Françoise – 365  
 Mateus (são) – 69, 320  
 Mc Grath, Marcos – 211  
 McCarthy, Joseph Raymond – 41  
 Médici, Emílio Garrastazu – 51, 52, 53, 54, 59  
 Mendes, Antônio Cândido – 62  
 Miracapillo, Vito (padre) – 340  
 Miranda, Dário (dom) – 29

Montini (cardeal) – 46, 47  
Montini, João Batista (monsieur) – 27, 29, 69  
Mozart – 188  
Mussolini – 20

## N

Nabuco, Joaquim – 110  
Negromonte, Álvaro (monsieur) – 23  
Neves, Tancredo – 67, 341  
Nixon, Richard – 59

## O

Oliveira, Lauro de – 83  
Ondina – 43  
Orlando, Geisel – 58, 59

## P

Padim, Cândido (dom) – 62  
Paiva, Hugo – 31  
Pareto – 33  
Paulo (são) – 47  
Paulo VI (papa) – 30, 33, 69, 72, 85, 93, 95, 97, 105, 123, 125, 130, 131, 132, 191, 200, 205, 206, 207, 221, 297, 300, 304  
Peccei, Aurelio – 276  
Pecci, Gioachino – V. Leão VIII  
Pedro (são) – 297  
Pelegrino (cardeal) – 276  
Pereira Neto, Antônio Henrique (padre) – 340  
Pérgles – 49  
Pierre, Abbé – 40  
Pilatos – 281  
Pio XI (papa) – 20, 21, 22, 24, 253  
Pio XII (Papa) – 24, 29, 253  
Portella, Petrônio – 66

## Q

Quadros, Jânio – 16, 35, 40

## R

Ribeiro, Paulo de Assis – 27, 62

Roncalli (cardeal) – 40  
Roosevelt – 167, 271  
Rosemberg, Ethel – 41  
Rosemberg, Júlio – 41  
Roy, Maurício (cardeal) – 123, 124

## S

Salcedo (monsieur) – 35  
Sales, Eugênio (dom) – 16, 17, 26, 35, 36, 63, 280, 285  
Salgado, Plínio – 28  
Sarney, José – 341  
Scherer, Vicente (dom) – 24, 312  
Schubert – 188  
Severina – 297  
Severino (santo) – 318  
Silva, Golbery Couto e – 62, 66  
Sobral Pinto – 308, 333, 334  
Soljenitsyn – 170  
Sólón – 49  
Stalin – 170, 271  
Stuart (os) – 253  
Suenens (cardeal) – 46

## T

Tapajós (monsieur) – 23  
Távora, José (dom) – 16, 23, 24, 35  
Teixeira, Anísio – 16, 20  
Teresa, de Calcutá (madre) – 219, 222  
Tereza (madre) – 31  
Tomás (santo) – 252  
Truman, Harry – 26, 37

## V

Valério – 71  
Vargas, Getúlio – 21, 28, 33, 56, 63  
Vilela, Teotônio – 308

## W

Walesa, Lech – 277, 278

## Z

Zumbi – 224

SENADO FEDERAL  
SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES  
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900  
Brasília – DF  
OS nº 01109 / 2000